

MARCELA FERREIRA

**INGLÊS DE SOUSA:
imprensa, literatura e Realismo**

ASSIS

2015

MARCELA FERREIRA

INGLÊS DE SOUSA:
imprensa, literatura e Realismo

Tese apresentada à Faculdade de Ciências
e Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista para a obtenção do título
de Doutora em Letras (Área de
Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

ASSIS
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

F383i Ferreira, Marcela
 Inglês de Sousa: imprensa, literatura e realismo / Marcela
Ferreira . - Assis, 2015
 307 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis-
Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr. Álvaro Santos Simões Junior

1. Sousa, Inglês de 1853 - 1918. 2. Realismo. 3. Literatura
brasileira. 4. Periódicos brasileiros. 5. Imprensa. I. Título.

CDD 056.9
869.93

Dedico
*À minha mãe, **Luzeni***
*Ao meu marido, **Wolney***
*À minha filha, **Clarice**.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre presente na minha vida.

Ao professor Dr. Alvaro Santos Simões Junior, pela confiança em mim, pela orientação precisa e dedicada, pela paciência, amizade, compreensão, pela leitura atenciosa dos meus textos, pelos ensinamentos e, principalmente, por ter me apontado um dia o caminho dos periódicos, na Iniciação Científica, durante a graduação.

Aos professores, Dra. Daniela Mantarro Callipo, da Unesp- Assis, e Dr. Giorgio de Marchis, da Università degli Studi Roma Ter, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Ao Instituto Federal de Goiás pela licença concedida nos últimos anos do doutorado, que me possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos arquivos consultados, um especial agradecimento, principalmente pela presteza no atendimento: Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP – Assis-SP; Arquivo Edgard Leuenroth - UNICAMP, Campinas-SP; em Santos-SP: Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio de Santos e Fundação Arquivo e Memória de Santos; no Rio: Biblioteca Nacional, Arquivo da Academia Brasileira de Letras e Bibliotecas da Academia Brasileira de Letras. Agradeço também às Hemerotecas Digitais, importantíssimas para a pesquisa em periódicos, da BN, Fundação Casa de Rui Barbosa e Biblioteca Mário de Andrade.

Aos dedicados e sempre atenciosos professores e funcionários da Unesp-Assis.

À toda a minha família, pelo apoio durante esses anos de estudo. Especialmente, vó Luiza, vó José (*in memoriam*), Danilo e tio Rodnei em Assis, e Rozeli, Sebastião, Giliard e Lara, em Uruaçu.

À minha mãe, pelo apoio incondicional e por estar comigo nos momentos mais difíceis.

Ao meu marido Wolney, por ter me acompanhado nesse atribulado percurso que trilhei. Pela compreensão, apoio, amizade e carinho.

À pequena Clarice, que me faz sorrir sempre, mesmo nos momentos mais difíceis desses últimos anos.

À Maria de Fátima do Nascimento, pela amizade sincera, pelo apoio e por sempre estar presente, mesmo distante geograficamente.

Aos amigos sempre dedicados Daniela Crepaldi e Hugo Lenes, com quem sempre pude contar. Também agradeço pelo apoio dos amigos Fabiana, Fabiane, Adel, Viviane, Lúcia, Luciana, Luiza, Ana Paula, Cleyri e Izenete.

A todas as pessoas que acreditaram em mim e na realização deste trabalho.

Finalmente, agradeço ao prof. Francisco Foot Hardman, da UNICAMP, por um dia ter me desafiado a ler as obras de ficção de Inglês de Sousa, despertando meu interesse pelo autor.

*A verdadeira viagem de
descobrimento não consiste
em procurar novas
paisagens, e sim em ter
novos olhos.*

Marcel Proust

FERREIRA, Marcela. **Inglês de Sousa: imprensa, literatura e Realismo**. 2015. 307f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

RESUMO

Esta tese visa trazer à luz e analisar as obras ficcionais de Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), bem como seus textos de crítica literária, produzidos entre os anos de 1875 e 1877. As apreciações críticas levantadas apontam controvérsias em relação às primeiras obras do autor, as quais o inserem em uma polêmica: a primazia do início do Realismo no Brasil. É sabido que durante os anos de faculdade em Recife, o autor tem contato com as ideias modernas, o que se reflete na escrita de seus textos. A pesquisa em periódicos revela que Inglês de Sousa era um divulgador da estética realista, da forma como ele a compreendeu, escrevendo crítica e literatura. Os artigos de crítica literária publicados no jornal pernambucano *A Autoridade* mostram a relação do escritor com o Realismo, no momento em que compunha seu primeiro romance, *O cacaulista*, em 1875. Os romances *História de um pescador* e *O coronel Sangrado* são publicados na imprensa paulista nos anos seguintes; nela também se encontram os contos “O rebelde”, “O sineiro da matriz”, “Amor que mata” e “O acauã”. A imprensa também noticia a publicação em opúsculo de “A feiticeira”. Os contos citados são revisados para a coletânea *Contos amazônicos*, em 1893, volume que conta com a adição de outros quatro textos. A relação dos textos críticos com a produção literária dos anos de 1876 e 1877 é inevitável, pois o autor não divulga apenas a nova estética realista, mas também tenta experimentar em seus textos as características dela. O objetivo desta tese é evidenciar a consciente construção de uma ficção realista por parte do intelectual paraense. Tal propósito tornou-se possível após a localização de fontes primárias em periódicos. Todos os textos de Inglês de Sousa encontrados nos jornais pesquisados estão disponíveis no anexo desta tese.

Palavras-chave: Inglês de Sousa, Realismo, literatura brasileira, periódicos brasileiros, Imprensa.

FERREIRA, Marcela. **Inglês de Sousa**: press, literature e Realism. 2015. 307l. Thesis (Doctorate in Letters). – Faculty of Sciences and Letters, Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the fictional prose of Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), as well as to analyze his texts of literary criticism, published between the years of 1875 and 1877. The critic appreciations found by this research point out to controversies related to his first works; inserting the writer in the polemic of the authorship of the first Brazilian fictional text molded by the Realistic school of literature. It's known that during the author's college years he had contact with the modern ideas – something that is reflected in his prose. The research in the Brazilian press reveals that Inglês de Sousa was the spreader of the Realism – in the way he understood it –, by the means of both literary criticism and fictional prose. His literary criticism published in the newspaper *A Autoridade* (from Pernambuco), in the right moment the author was writing his first novel, *O cacaulista* (*The planter of cocoa*, in 1875), makes his influences of the Realism emerge. The novels *História de um pescador* (*Tales of a fisherman*) and *O coronel Sangrado* (*The colonel Sangrado*) are published in the following years in the press of São Paulo – as well as the short stories “O rebelde” (“The rebel”), “O sineiro da matriz” (“The church's bellboy”), “Amor que mata” (“Love that kills”) and “O acauã” (“The Laughing Falcon”). The press also notices the publication of “A feiticeira” (“The sorceress”) in booklet. The short stories are revised to be published in the volume *Contos amazônicos* (*Tales from Amazonia*, 1893) – where are also found four other texts. The relations his literary criticism establishes with his fictional prose written between 1876 and 1877 are inevitable. The author not only is a divulgator of the Realism but also tries to experiment in his fictional works the characteristics of the new artistic aesthetic. This thesis aims to evidence the consistent construction of a realistic fiction performed by this writer – a purpose that was fulfilled by the discovery of the primary sources related to him, published mainly in the Brazilian press. All the texts written by Inglês de Sousa can be found in this thesis in volum attached.

Keywords: Inglês de Sousa, Realism, Brazilian literature, Brazilian press, Press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO PRIMEIRO - Inglês de Sousa: trajetória literária e apreciações críticas	18
1 – Modos de valorização	18
2 – As primeiras publicações	19
3 – Requentadas edições: <i>Contos amazônicos</i> e <i>O missionário</i>	41
4 - Crítica póstuma: a necessidade de uma revisão	51
CAPÍTULO II - A produção do jornal e o Realismo	67
1 – A preocupação em construir “Cenas da vida”	67
2 - A imprensa pernambucana.....	69
A - O programa realista de Inglês de Sousa no jornal <i>A Autoridade</i>	70
B - Uma crítica ao teatro	93
3 – Contos na imprensa paulista.....	96
A - Ciência <i>versus</i> tradição: uma possível temática	98
CAPÍTULO III - Prelúdios do Realismo nos primeiros romances	125
1 - Os primeiros romances	125
2 - <i>O cacaulista</i> : o romance de estreia	125
3 – <i>História de um pescador</i> : um romance marcado pela violência	148
4 - <i>O coronel Sangrado</i> : o romance de edições malogradas.....	163
CONCLUSÃO.....	179
REFERÊNCIAS	185
ANEXOS	195
Algumas páginas de periódicos	196
Textos de Inglês de Sousa em diversos periódicos	206
Nota sobre a transcrição dos textos	207
Erckmann-Chatrian	208
Jacina, a Marabá	213
A questão de escola em literatura.....	217
Folhetim: Festa acadêmica	221
Folhetim: A alma do outro mundo	225
Revista teatral	228
O recruta	232
Amor que mata	240

Carta dos editores da <i>Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras</i>	250
Crônica – Julho 1877.....	251
O sineiro da matriz	256
Crônica – Agosto 1877	288
O acauã	290
Iniciação	300
A condição dos índios no Brasil.....	304
O selvagem brasileiro	306

INTRODUÇÃO

[Inglês de Sousa] personalidade que é um
diamante de várias faces.
(Xavier Marques)

No século XIX, a imprensa tem um papel importante para os homens de letras, pois “ela é que lhes permitia a divulgação de seus trabalhos e o contato com o público”.¹ O escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) não foge à regra, pois seus primeiros livros, antes de serem editados, são publicados nos jornais. Além disso, o autor participa como colaborador, fundador e editor de periódicos em Recife (PE), Santos (SP) e São Paulo.

Nascido na cidade interiorana de Óbidos, em 1853, Inglês de Sousa, como ficou conhecido, permanece ali até 1864, quando se muda para o Maranhão a fim de completar os estudos. Também passa uma temporada no Rio de Janeiro e, em 1870, vai para Recife (PE), onde conclui os preparatórios e ingressa na Faculdade de Direito. Entre provas e trabalhos, escreve em 1875 seu primeiro romance, *O cacaulista*, e atua em diversos jornais na capital pernambucana. No ano seguinte, muda-se para São Paulo, termina o curso de Direito na Faculdade de Direito de São Paulo e, envolvido com os acadêmicos, insere-se na imprensa. Além de São Paulo, o jovem também atua na imprensa santista.

Nos anos de 1876 e 1877, Inglês de Sousa publica *História de um pescador* e *O cacaulista*, pela Tipografia do *Diário de Santos*, e *O coronel Sangrado*, nos periódicos *O Constitucional* e *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. A tipografia do *Diário de Santos* também publica em 1891 *O missionário*, já os *Contos amazônicos*² saem somente em 1893, pelos editores Laemmert. Percebe-se que a infância vivida à margem esquerda do rio Amazonas não se apaga da memória do referido escritor, visto que é cenário de suas obras literárias.

As diversas pesquisas realizadas sobre Inglês de Sousa e sua obra não se reportam à produção na imprensa, mas esta é constantemente citada nas notas biográficas sobre o autor. Na “Introdução” do livro *Inglês de Sousa em todas as letras*, Paulo Maués Corrêa afirma que “há notícias de outros trabalhos que ainda não vieram a

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 246.

² O livro é composto pelos seguintes contos: “Voluntário”, “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O donativo do capitão Silvestre”, “O gado do Valha-me-Deus”, “O baile do judeu”, “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”.

lume e que talvez nunca surjam, restando-nos somente a notícia histórica de sua existência”.³ É justamente nessa obra dispersa que se pautava inicialmente o projeto de doutorado “A produção de Inglês Sousa na imprensa (1873-1899)”.

A pesquisa em arquivos e bibliotecas trouxe a lume textos de crítica literária e teatral, crônicas, as primeiras versões dos *Contos amazônicos*, além de informações sobre as obras literárias publicadas. A princípio, somente os textos escritos por Inglês de Sousa na imprensa comporiam o *corpus* da tese. No entanto, por causa da discussão empreendida nos textos, tornou-se inevitável o acréscimo dos livros *O cacaulista*, *História de um pescador*, *O coronel Sangrado* e *Contos amazônicos*.

Os textos de crítica literária de Inglês de Sousa publicados na imprensa pernambucana discutem um assunto delicado, pertinente a todos os estudiosos da obra do autor: o Realismo. É fato que as primeiras publicações datadas de 1876 e 1877, não tiveram uma grande repercussão, mas alguns críticos consideram o romance *O coronel Sangrado* como o inaugurador da corrente realista na literatura brasileira. Essa nova leitura da obra inglesiana é empreendida a partir de 1950, com a renovação dos estudos críticos sobre o autor. Segundo Bella Josef,

devemos a Lúcia Miguel Pereira a renovação dos estudos sobre Inglês de Sousa e a constatação de que foi pioneiro do realismo no Brasil. Até os seus trabalhos em torno do romancista, julgava-se Aluísio Azevedo o iniciador daquele movimento.⁴

Inglês de Sousa escreve “antes da difusão das obras de Zola e Eça de Queirós” e Josef considera que o autor ainda “não apresenta as ousadias da escola; elas existiram apenas na intenção”.⁵ Mauro Vianna Barreto, ao analisar os primeiros romances do autor, mostra que:

[...] não obstante os esparsos excertos românticos, em suas três primeiras publicações patenteiam-se a proeminência do viés realista no que tange a fixação do meio, a retratação dos costumes, a composição dos caracteres e a reconstituição da vida cotidiana, todos elementos integrantes da fidelidade documental com que o Realismo literário pretendia apresentar a realidade social.[...] Em síntese: por apresentarem um realismo de inflexão flaubertiana, com o predomínio da observação sobre a imaginação e da objetividade sobre a fantasia, os volumes da trilogia juvenil inglesiana deixam transparecer uma

³ CORRÊA, Paulo Maués. *Inglês de Sousa em todas as letras*. Belém: Paka-tatu, 2004. p. 16.

⁴ JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa: textos escolhidos*. São Paulo: Agir, 1963. p. 11.

⁵ *Ibidem*. p. 12.

visão panorâmica documental da vida ribeirinha do Baixo Amazonas na segunda metade do século XIX.⁶

Nessa análise, que argumenta a favor do valor documental das obras literárias em questão, o autor defende que ainda há “esparsos excertos românticos” nas obras da primeira fase inglesiana, mas estas apresentam uma “fidelidade documental” própria do Realismo. Esta tendência literária, como explica Coutinho,

[...] procura representar, acima de tudo, a verdade, isto é, a vida tal como é, utilizando-se, para isso, da técnica da documentação e da observação contrariamente à invenção romântica. Interessado na análise de caracteres, encara o homem e o mundo objetivamente, para interpretar a vida. Utilizando-se das impressões sensíveis, procura retratar a realidade graças ao uso de detalhes específicos, o que faz que a narrativa seja longa e lenta e dê a impressão nítida de fidelidade aos fatos. A estética realista procura atingir a beleza sob os disfarces do comum e do familiar, no ambiente local e na cena contemporânea.⁷

Inglês de Sousa intenciona em seus primeiros livros a objetividade, escrevendo em um momento de grande efervescência de ideias, em que se empreendia um ataque ao subjetivismo da estética romântica, principalmente pelos cultores da “Escola de Recife”. Nesse período, como afirma Lúcia Miguel Pereira, “embora já deixasse, aqui e ali, perceber novas tendências, embora fizesse excursões pela história, com Franklin Távora e José do Patrocínio, pelo regionalismo com Inglês de Sousa e Apolinário Porto Alegre, o romance foi então sobretudo sentimental”.⁸

Em *O cacaulista*, os aspectos da literatura realista pululam em cada capítulo. Na continuação desse romance, *O coronel Sangrado*, o autor ultrapassa os limites dos pressupostos do Realismo, inserindo características do Naturalismo em sua narrativa. Ao definir esta tendência, Afrânio Coutinho atesta que “é o Realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade”.⁹

Os vestígios de Naturalismo nessa obra de Inglês de Sousa levam os críticos, principalmente os que escrevem sobre a obra do autor pós-1950, a afirmarem que:

⁶ BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003. p. 48.

⁷ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 4. São Paulo: Global, 2004. p. 12.

⁸ PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 29.

⁹ COUTINHO, *op. cit.*, p.11.

Durante muito tempo, *O mulato*, de Aluísio Azevedo, publicado em 1881, foi tido como a primeira manifestação do Naturalismo em nosso país. Hoje, a tendência é para admitir-se a prioridade de *O cacauleta* e de *O coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa, que em 1876 e 77, respectivamente, já havia moldado essas obras pelos cânones naturalistas. Mas nem Aluísio, nem Inglês de Sousa, com tais romances, tinham chegado às últimas consequências da escola, afrontando o preconceito da maneira por que Zola e Eça de Queirós o fizeram.¹⁰

A crítica em relação às primeiras obras de Inglês de Sousa e a inserção do autor como o inaugurador do Naturalismo, com *O coronel Sangrado*, não é consensual, como se percebe ao confrontar estudiosos da literatura de diversas épocas, que analisaram o período em destaque. Afrânio Coutinho, em *A literatura no Brasil*, afirma que:

Somente em 1888, com *O missionário*, Inglês de Sousa apareceria como o naturalista de intenção e feitio, que se inspirava no figurino imposto à literatura do tempo pelo criador dos *Rougon-Macquart*. Antes dessa data, não denota o romancista brasileiro filiação evidente, senão de modo coincidente ou acidental.¹¹

O crítico literário defende que a filiação de Inglês de Sousa à escola naturalista, com seus primeiros romances, deu-se de modo “coincidente” ou “acidental”. Contrapondo-se a essa ideia, temos Sílvio Romero que afirma em *História da literatura brasileira*, publicada em 1888, que Inglês de Sousa, antes d’*O Missionário*, já tinha compreendido o Naturalismo.¹² Temístocles Linhares opina que Inglês de Sousa “ainda não se deixara influenciar por nenhum postulado resultante de qualquer conhecimento direto das novas teorias em moda”, e mostra que tudo “parecia mais fruto da intuição” do autor.¹³

Em contraste com as críticas que se referem às características realistas presentes nas primeiras obras de Inglês de Sousa como fruto de coincidência, acidente ou intuição, propõe-se aqui repensar a obra do escritor paraense, tendo como amparo as defesas de Sílvio Romero e outros críticos mais recentes, a partir do pressuposto de que

¹⁰ BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991. p. 100-1.

¹¹ COUTINHO, *op. cit.*, p.70.

¹² ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888. p. 1242.

¹³ LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro*. Apud BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003. p. 46.

o autor tem consciência crítica e teórica em relação ao seu fazer literário, ao inserir as características de tendência realista em seus textos.

Esse novo olhar sobre a obra inglesiana torna-se possível pela pesquisa em fontes primárias, cujos resultados são apresentados no primeiro capítulo desta tese. O capítulo traz um levantamento biográfico e bibliográfico sobre Inglês de Sousa, tentando traçar a trajetória literária do autor, além de expor as apreciações críticas escritas sobre sua obra, desde as primeiras publicações até os dias atuais, principalmente no que tange à discussão sobre o Realismo no Brasil.

O segundo capítulo, intitulado “A produção no jornal e o realismo”, traz as produções de Inglês de Sousa nos jornais pernambucanos e paulistas. Encontra-se uma exposição sobre o programa realista traçado pelo autor no ano de 1875, quando era estudante em Recife, e uma análise dos contos “Amor que mata”, “O recruta”, “O acauã” e “O sineiro da matriz”, publicados em periódicos paulistas, e “A feiticeira”, publicado em opúsculo. Nesses contos procura-se revelar os traços do discurso realista e a convergência com as ideias propagadas pelo escritor em seus textos de crítica literária, além de mostrar que esses contos se ligam por uma temática específica.

O terceiro capítulo traz a análise do romance *O cacaulista*, em que se pretende mostrar como Inglês de Sousa dispõe e trabalha em seu romance as características do Realismo de forma consciente. Esse romance, escrito em 1875, é como uma experiência de escrita realista para o autor, visto que é o primeiro de sua série “Cenas da vida do Amazonas”. Nesse capítulo, encontra-se também a análise dos romances *História de um pescador* e *O coronel Sangrado*, tentando mostrar que este último, por suas edições malogradas, põe em xeque todas as considerações relativas à sua antecipação do romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo.

Os textos publicados por Inglês de Sousa na imprensa estão reunidos no anexo desta tese, que contém a transcrição dos textos analisados, a saber: os artigos inéditos de crítica literária “Erckmann-Chatrian”, “Jacina, a Marabá”, “A questão de escola em literatura” e “Revista Teatral”, além das primeiras versões dos contos “O recruta”, “Amor que mata”, “O sineiro da matriz” e “Acauã”. Além desses, há outros textos inéditos de Inglês de Sousa que foram apenas citados ou comentados no decorrer dos capítulos. O anexo também contém algumas reproduções de páginas de periódicos, no intuito de ilustrar os jornais onde Sousa publicava seus textos.

Não é intuito deste trabalho requerer a primazia a Inglês de Sousa como inaugurador do Naturalismo no Brasil e, sim, trazer novos subsídios para a discussão em

torno da obra do referido escritor. Em suma, esta tese pretende mostrar como se processam nos textos de Inglês de Sousa as características do Realismo, relacionando-as com as ideias divulgadas sobre essa estética pelo próprio autor em seus textos críticos. Busca-se compreender qual o real envolvimento do referido escritor com as ideias modernas e o seu empenho em elaborar um projeto literário compatível com a atmosfera intelectual de sua época.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Inglês de Sousa: trajetória literária e apreciações críticas

... há forçosamente na busca da coerência um elemento de escolha e risco, quando o crítico decide adotar os traços que isolou, embora sabendo que pode haver outros. Num período, começa por escolher os autores que lhe parecem representativos; nos autores, as obras que melhor se ajustam ao seu modo de ver; nas obras, os temas, imagens, traços fugidios que o justificam. Neste processo vai muito da sua coerência, a despeito do esforço de objetividade.
(Antônio Candido)

1 – Modos de valorização

A valoração de uma obra literária pode ser questionada. Eagleton aponta que “valor é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos”.¹⁴ A partir desse pressuposto, “o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor” e “as razões que determinam a formação do critério valioso” também podem variar. De toda forma, “não significa que o chamado ‘cânone literário’, a ‘grande tradição’ inquestionada da ‘literatura nacional’, tenha de ser reconhecido como um *construto*”, porque “não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa *em si*, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso”.¹⁵

Ao cânone pode se atribuir o epíteto de mutável, pois seu resultado seletivo depende de diversos fatores e critérios; sendo assim, cada época construirá a sua lista de obras. É fato que mesmo sendo excludente, o cânone é considerado nos estudos literários e nas obras didáticas. Nessas últimas, é praticamente impossível não fazer uso de autores selecionados por critérios estipulados, já que seria difícil apresentar didaticamente todos os autores de um determinado período e lugar. Para os estudos literários, é possível questionar a formação de uma seleção que não inclui autores e obras, que podem ser considerados importantes para uma época.

Inglês de Sousa, o autor em questão nesta tese, foi caracterizado e valorizado de formas diferentes em cada época. Desde a primeira publicação de suas obras aos dias atuais, percebe-se ora a inclusão de determinadas obras, ora a exclusão de outras, ora o

¹⁴ EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.p. 17.

¹⁵ *Ibidem*, p. 17.

completo esquecimento do autor como parte integrante da literatura brasileira oitocentista, ou mesmo o reconhecimento de sua importância para o estudo da literatura nacional. Todas as avaliações são válidas, haja vista que “todas as obras literárias [...] são ‘reescrituras’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”; dessa forma, “nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis”.¹⁶

Para trazer à tona a trajetória literária de Inglês de Sousa e as avaliações atribuídas às suas obras ficcionais, tomou-se como parâmetros não só a biografia, bibliografia crítica e as obras literárias de Sousa, mas também se investigou na imprensa a atuação do referido escritor, visto que essa é uma fonte importante para os estudos literários sobre o século XIX. De toda forma, como afirma Candido, há sempre um “risco” quando se busca a coerência.

2 - As primeiras publicações

Herculano Marcos Inglês de Sousa começa sua carreira literária muito jovem; aos 14 anos, em 1867, morando no Rio de Janeiro, começa a se interessar pelas letras, frequenta teatros e lê literatura de cordel. Nesse ano, termina suas *Obras completas*, uma coletânea que reúne um romance, *Felipe de Monfort*, um drama, *A justiça de Deus*, um poema herói-cômico, *Os Lopíadas*, alusivos aos paraguaios, e um caderno de poesias líricas e heroicas.¹⁷ O intenso envolvimento com a literatura leva o diretor do Colégio Perseverança a confiscar suas *Obras*, que, posteriormente, são restituídas “com um sorriso irônico e o conselho: - Já que completou as suas obras literárias, dê-se agora ao estudo da matemática e da filosofia”.¹⁸ Nessa época, o constante contato com autores como Shakespeare, Hugo e Herculano desperta o senso crítico do menino, que, somado ao sorriso do diretor, talvez pudesse ter influenciado na atitude extrema de rasgar as *Obras completas*.¹⁹ Nessa conduta, percebe-se a mordaz avaliação crítica de Sousa em relação a sua escrita, que sonega aos pósteros estudiosos de suas obras qualquer tipo de avaliação sobre essas obras.

¹⁶ *Ibidem*, p. 19.

¹⁷ JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa*. Rio de Janeiro: Agir, 1963. p. 4.

¹⁸ OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955. p. 21.

¹⁹ *Ibidem*.

Em 1870, com 17 anos, muda-se para Recife (PE), lugar em que completa os preparatórios e ingressa na Faculdade de Direito. Foi, segundo Rodrigo Octavio Filho,

[...] durante esse período de intensíssima vida intelectual, que se processou em seu espírito a maior revolução mental. Vastas leituras, frequência aos teatros, longas conversas e intermináveis discussões sobre religião, filosofia, exegese, história, sociologia e literatura. O romantismo dos seus 18 anos não teria forças para resistir ao choque das novas ideias, cuja pregação, acintosa e inteligente, chegava às plagas brasileiras trazida pelos ventos europeus.²⁰

Na capital pernambucana, Inglês de Sousa tem contato com importantes leituras e novas ideias. Não é para menos, visto que o lugar e o momento são propícios para a formação intelectual do jovem escritor. Em relação à época:

No início da década de 70, o Brasil encontrava-se em plena efervescência renovadora. O Romantismo estava esgotado. A mocidade vanguardista, influenciada pelas ideias francesas, concentrada nas academias recém-fundadas de Direito e Medicina, em Olinda, São Paulo, Bahia, ou em grupos e sociedades intelectuais, como ocorreu no Ceará, desfechou uma campanha cerrada contra tudo o que representava o acervo idealista e romântico da época anterior.²¹

Efetivamente, os agrupamentos no país que discutiam os novos pensamentos têm um papel importante, no sentido de fortalecer e consolidar uma nova concepção estética na literatura, o Realismo. Em Recife, há um grupo denominado de “Escola de Recife”, defendido pelo seu mentor, Sílvio Romero, que:

[...] esforçou-se tenazmente para supervalorizar o papel da, por ele batizada, “Escola de Recife”, no centro da qual colocava a figura de Tobias Barreto. A seu ver, a “Escola” foi, no Brasil, o centro propulsor das “ideias modernas”, que revolucionaram a cena intelectual do país, de norte a sul.²²

As “ideias modernas” difundidas pelos centros intelectuais que pululam pelo Brasil na década de 1870 se caracterizam pelo “predomínio das ideias de materialismo, naturalismo, racionalismo, cientificismo, laicização, anticlericalismo”, dando ensejo para o pensamento moderno: “as doutrinas positivistas, de Comte e Littré, o biologismo

²⁰ *Ibidem*, p. 21-2.

²¹ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 4. São Paulo: Global, 2004. p. 24.

²² *Ibidem*. p. 25. Coutinho ainda afirma que o que a “Escola de Recife” fez também “fizeram paralelamente outros centros intelectuais do Norte e do Sul”. (p. 25). Aqui, queremos demonstrar que o grupo era valorizado e divulgado pelos seus mentores, portanto um influenciador dos jovens da época.

de Darwin, o evolucionismo de Spencer, o determinismo de Taine, a concepção historiográfica de Buckle, o monismo de Kant, Schopenhauer, Haeckel.”²³

Sílvio Romero, na *História da literatura brasileira*, confirma a participação de Inglês de Sousa na “Escola de Recife”, em sua fase crítico-filosófica,²⁴ entre 1870 a 1877-1878. Nesse período começam “as reações da crítica em face do romantismo em geral”²⁵ por Sílvio Romero, que escreve artigos para atacar:

[...] o *sentimentalismo* exagerado e o *indianismo* decrépito dos *Harpejos Poéticos* de Santa Helena Magno, o *huguanismo* retumbante das *Espumas Flutuantes* de Castro Alves, o *lirismo subjetivista*, o *humorismo pretensioso* das *Falenas* de Machado de Assis, e a defesa que das velhas ideias fizera Quintiliano da Silva, um moço de grande talento e má intuição.²⁶

Após esse pontapé inicial, Sílvio Romero afirma que:

Começou então uma grande fermentação de ideias, alimentada pela curiosidade e pela sede de saber de Celso Magalhães, Souza Pinto, Generino dos Santos, Inglês de Sousa, Clementino Lisboa, Lagos, Justiniano de Melo e muitos outros. Tobias foi também do número.²⁷

É nessa época de grande efervescência de ideias que se encontra nosso autor, que lê e apreende as novidades de seu tempo. A vida acadêmica em Recife durante os anos de faculdade é profícua, não só para a formação acadêmica e intelectual de Inglês de Sousa, mas também para a sua reflexão sobre a literatura e o fazer literário. E como tantos outros, aproveita da imprensa para divulgar e discutir suas concepções.

Apesar de muitos serem de vida efêmera, os jornais acadêmicos fundados, dirigidos e editados pelos estudantes são constantemente publicados na capital pernambucana, com discussões sobre literatura, política, artes e filosofia. As primeiras publicações ensaísticas de crítica literária, filosófica e teatral de Inglês de Sousa saem no jornal de crítica e literatura *O Lábaro*,²⁸ em 1873, como apontam as notas

²³ *Ibidem*.

²⁴ A chamada “Escola de Recife” teve três fases: a poética, na década de 60, a crítico-filosófica de 1870-1877-1878, e a jurídica, de 1878 em diante. Cf. COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 4. São Paulo: Global, 2004. p. 24.

²⁵ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888. p. 694. p. 1233.

²⁶ *Ibidem*. p. 1233.

²⁷ *Ibidem*. p. 1233-5.

²⁸ No único exemplar do jornal, pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não consta nenhum texto de Inglês de Sousa.

biográficas de Bella Josef e Rodrigo Octavio Filho. O periódico, que “fez escândalo e durou pouco”,²⁹ é publicado entre os dias 5 e 8 de maio de 1873, tendo como um dos redatores Celso Magalhães e colaboração de Clementino Lisboa, Adolfo Generino dos Santos e Candido de Brito, dentre outros que assinam com pseudônimos.³⁰

Os mesmos escritores, Celso de Magalhães e Generino dos Santos, juntamente com Souza Pinto, são apontados por Sílvio Romero como aqueles que trabalharam “nas fileiras dos adeptos de Hugo”, mas que reagiram, divulgando o Realismo. No entanto, o sistema apregoado por eles não “repousava na vasta intuição monística do mundo e da humanidade, preparado pelo darwinismo e pela crítica”. Romero ainda explica que:

O realismo literário e poético de que se fizeram os corifeus não foi o corolário do *realismo científico* que substituiu as velhas construções metafísicas. Era já depois de 1868; nas poesias de Celso de Magalhães e nas *Ideias e Sonhos* de Souza Pinto já se nos depara esta nova tendência, afirmada mais fortemente nos periódicos acadêmicos aparecidos daí em diante, máxime no *Trabalho*. Era o *realismo* explicável e justo, e não ainda o turbulento atual.³¹

No jornal citado por Romero, *O Trabalho*, percebe-se uma tentativa de divulgação das ideias modernas, com artigos intitulados “Uma nova tentativa no campo da metafísica”, de Lagos Júnior, “A Igreja livre”, de Ferreira e Silva e “A poesia popular brasileira”, de Celso Magalhães. Neste último, exemplo de como se propagam as novas ideias influenciadoras dos jovens da época, seu autor defende o seguinte:

Para nós, em literatura como em política, a questão de raça é de grande importância, e é ela o princípio fundamental, a origem de toda a história literária de um povo, o critério que deve presidir ao estudo dessa mesma história.

Pensando assim, já se vê que, estabelecidos os princípios, as consequências e as conclusões devem ser fatais.

Assim, desde que se reconhecer, quer fisiológica, quer psicologicamente, a fraqueza de uma raça; desde que se examinarem as leis que presidiram ao cruzamento e ao desenvolvimento dessa raça, e concluir-se a sua pouca vitalidade, em razão de defeitos hereditários, do clima, da nutrição, da fecundação e de muitos outros princípios que regem a formação das raças, desde que se reconhecer isto, dizíamos, a conclusão não se fará esperar por muito tempo.

²⁹ OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955. p. 22.

³⁰ NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco*. (1821 – 1954). V. 5. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 364.

³¹ ROMERO, Sílvio. A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 489, out-dez 1879.

Seremos obrigados, em que nos pese muito embora, a reconhecer também a pouca importância ou nenhuma dos produtos intelectuais desse povo, a sua fraqueza, as suas frivolidades e o seu nenhum valor. Será uma raça que se desenvolve e um povo que se desmorona.³²

O excerto é um exemplo de como o autor está contagiado pelas recentes teorias. Para seu texto, Magalhães usa como base o livro *Le darwinisme* de Émile Ferrière, publicado em 1872. Essa fonte, editada apenas um ano antes do artigo, demonstra não só o envolvimento dos jovens acadêmicos com as teorias vindas da Europa, como também que essas chegavam rapidamente nos centros acadêmicos do país.

A leitura dos jornais recifenses também revela a divulgação das novidades literárias europeias. Em uma correspondência de Lisboa, publicada no *Jornal do Recife*, de 31 março de 1875, há menção à publicação de *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós na *Revista Ocidente*. De toda forma, Eça já era conhecido no Brasil, principalmente por suas *Farpas*, publicadas com Ramalho Ortigão. O livro de Antero de Quental, *Considerações sobre a filosofia da história literária portuguesa*, também é vendido em Recife, a partir de 1872, juntamente com *As farpas* e os rocamboles de Ponson du Terrail, revelando a miscelânea de leituras disponíveis nessa época aos habitantes da capital pernambucana. Em 1875, já aparecem em Recife as obras literárias francesas de Daudet e Zola, publicadas em 1874, respectivamente, *Fromont jeune et Risler ainé* e *Nouveaux contes a Ninon*.

Em 1876, os colaboradores dos jornais parecem estar familiarizados com os romances de Zola, a ponto de um folhetinista, ao escrever sobre a atriz Emília Câmara, fazer a seguinte afirmação: “Emílio Zola, esse fotógrafo excelente das sensações humanas, não descreveria de outra sorte fato semelhante se quisesse fazer dele episódio de algum de seus bem acabados romances”.³³

É nesse meio intelectual que se encontra nosso escritor. Inglês de Sousa colabora com seus amigos e, provavelmente, lê as novidades bibliográficas que chegam na capital pernambucana. Infelizmente, os pouquíssimos números do jornal *O Lábaro*, publicados em concomitância com *O Trabalho*, não estão mais disponíveis. De toda forma, é possível conhecer algumas ideias de Sousa sobre a literatura através de sua colaboração em outros jornais de Recife, publicados em 1875. Nos periódicos A

³² MAGALHÃES, Celso de. A poesia popular brasileira. *O Trabalho*, Recife –PE, 30 abr. 1873. O mesmo texto é publicado em 1877, na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, editada por Inglês de Sousa.

³³ REVISTA teatral. Perfis de Artista. Emilia Camara. *A Província*, 4 set. 1876.

Autoridade, *A Lucta* e *A Província*, o escritor publica crônicas sobre a vida na capital pernambucana e textos de crítica literária e teatral,³⁴ reveladores da ligação do escritor com as novas ideias científicas.

Entre os meses de maio e julho de 1875, são publicados no jornal *A Autoridade* os artigos “Erckmann-Chatrian”, “Jacina, a Marabá” e “A questão de escola em literatura”. Os dois últimos também são publicados, respectivamente, no *Diário de Minas*, de Ouro Preto, e no jornal *Brasil Americano*, do Rio de Janeiro, em agosto de 1875, numa provável tentativa de difundir as novas ideias.

Ao mesmo tempo em que escrevia para *A Autoridade*, Inglês de Sousa é convidado por M. Fernandes de Barros,³⁵ por causa de uma indisposição do folhetinista, para substituí-lo no seu espaço no rodapé do jornal *A Lucta*³⁶, em julho de 1875. Inglês de Sousa escreve dois folhetins: “Festa acadêmica”, publicado no dia 20 de julho, e “A alma do outro mundo”, publicado no dia 30 de agosto. A participação na seção rende comentários do folhetinista titular, que escreve um folhetim contando das peripécias e do sucesso de seu substituto. No texto, iniciado com um alerta sobre o “grande perigo” de um “homem substituir o outro”, narra-se uma anedota para exemplificar que a substituição pode ser um inconveniente, pois o substituto pode vir a ser o titular.

Fernandes de Barros, que assina seu folhetim como M.F.B., relata que sua intenção era ser bem representado; por isso escolhe Inglês de Sousa, a quem se refere como aquele de “espírito ateniense que move a pena do folhetim com a maestria e a delicadeza de Miguel Ângelo a imprimir o tom sobre o azul de um olhar de Italiana”.³⁷ Destaca ainda que o texto do substituto causou “uma verdadeira revolução no mundo literário, o que é de pouca importância social, mas houve um grande abalo no mundo

³⁴ Os textos de crítica literária de Sousa, oriundos dos jornais pernambucanos, serão estudados no capítulo 2 da tese.

³⁵ O folhetinista dedica, no dia 30 de junho, um folhetim para Inglês de Sousa, que remete às ideias debatidas nos artigos publicados n’*A Autoridade*.

³⁶ O jornal *A Lucta* era um periódico científico e literário. Em seu primeiro editorial, apresenta-se como uma folha “despida de pretensões, humilde intérprete das ideias do século, nada mais deseja *A Lucta* do que cantar um hino à ciência, erguer uma saudação àqueles que regaram com seu sangue a árvore frondosa da liberdade, fanal a que, em seu incessante caminhar, visa a humanidade. Não nos domina o espírito partidário; como moços empenhados no futuro da pátria, poderemos embrenhar-nos no vasto campo da política, porém sempre aplaudindo as grandes ideias, venham elas donde vierem. Em nossas colunas também acharão apoio às causas do comércio e agricultura, verdadeiras fontes da riqueza e grandeza de um povo, infelizmente desdenhadas pelos nossos governos.” (NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco*. (1821 – 1954). V. 5. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 386)

³⁷ M.F.B. [M. Fernandes de Barros]. Folhetim. *A Lucta*. Recife - PE, 10 set. 1875. p.4.

feminino. Já não se fala mais senão em H.M.". O folhetinista, que "se sentiu ferido no seu amor próprio",³⁸ ainda comenta o texto de Inglês de Sousa nos seguintes termos:³⁹

Os escritos são finos, porém pequenos, curtos, microscópicos, H.M. faz sua glória desta espécie de avareza.

A sensação da Circassiana olhando a fumaça azul, quando nas horas do ócio nacional, fuma o seu cachimbo, de âmbar e coral é o seu folhetim.

E perdida a fumaça no ambiente embriagador daquele mesmo céu da Grécia findou-lhe o folhetim.⁴⁰

Com imagens metafóricas, situadas no âmbito do elogioso, dá-se a apreciação de Barros, reveladora de impressões positivas sobre o ato de escrever de Inglês de Sousa no início efetivo de sua carreira. A rápida participação do escritor paraense no jornal *A Lucta*,⁴¹ visto que foram apenas dois folhetins publicados, fez com que o autor principal da coluna comentasse sobre o sucesso de seu suplente.

Em outubro de 1875, Inglês de Sousa, já assinando com o pseudônimo Luiz Dolzani, colabora no jornal *A Província*, publicando um texto de crítica teatral na seção "Revista Teatral", comentando as peças encenadas na capital pernambucana, já empreendendo sua análise com olhar realista. Luiz Dolzani⁴² é o pseudônimo assumido pelo autor na imprensa e também permanece nas publicações em livro. No mesmo período das participações nos jornais de Recife e das aulas na Faculdade de Direito, Inglês de Sousa escreve, ainda em 1875, o romance *O cacaulista*, que é publicado em livro em dezembro de 1876, pela Tipografia do Diário de Santos, começando o que ele intitularia de "Cenas da vida do Amazonas".

No ano de 1876, Inglês de Sousa muda-se para São Paulo e na Faculdade de Direito dessa cidade termina o curso jurídico. O jovem escritor rapidamente se insere na

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ O folhetim a que se refere o folhetinista foi publicado no dia 30 de agosto de 1875 e se encontra em anexo a essa tese.

⁴⁰ M.F.B., *op. cit.*, p. 4.

⁴¹ O exemplar consultado, pertencente ao acervo do AEL, mas organizado pela Fundação Joaquim Nabuco de Recife, possui poucos números. Não encontrei outros exemplares, em consulta à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e ao Catálogo de coleções de periódicos raros do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, digitalizados e microfilmados pela Fundação Joaquim Nabuco.

⁴² Vicente Salles explica que "Os Sousa se encontraram com os Dolzani pelo casamento de Silvestre José de Sousa com Carlota Dolzani, avós do romancista. Carlota era filha de Pedro e Maria Dolzani, oriundos do norte da Itália, estabelecidos em Óbidos no final do século XVIII. Quando Inglês de Sousa adotou o pseudônimo Luiz Dolzani, com que assinou toda a sua obra de ficção, evocou certamente essa ascendência italiana". (SALLES, Vicente. Introdução. SOUSA, Inglês de. *História de um pescador: cenas da vida do Amazonas*. Belém: Fundação Cultura do Pará Tancredo Neves/ Secretaria de Estado de Cultura, 1990. p. 9).

imprensa acadêmica paulista e obtém a publicação de seus textos no periódico *A Academia de São Paulo*, que pertencia aos estudantes da Faculdade de Direito e cujo redator era Antônio Figueira. De Recife, Pedro do Amaral põe em destaque a importância do movimento acadêmico em São Paulo e a participação do periódico *A Academia*, no artigo “Atualidades”, publicado em junho de 1876, na *Revista de Ciências e Letras*. O jornal paulistano *A Academia de S. Paulo* está entre os que não pregavam o ensino como uma necessidade, mas exigia-o como direito.⁴³

O primeiro capítulo d’*O cacaquista* é publicado no dia 30 de abril de 1876 na “Seção Literária” da *Academia de S. Paulo*; já o segundo capítulo assume o rodapé da primeira página, na seção “Folhetim”, e nesse espaço permanece até o último número do jornal.⁴⁴ No periódico, Inglês de Sousa, usando o pseudônimo de Luiz Dolzani, ainda publica alguns contos, que seriam revisados e publicados posteriormente na coletânea *Contos Amazônicos* (1893). Os contos “Voluntário” e “Amor de Maria” são publicados respectivamente em 2 de abril de 1876⁴⁵ e 8 de maio de 1876,⁴⁶ entretanto com outros títulos, a saber: “O recruta” e “Amor que mata”. O confronto entre os contos do jornal e do livro permite aferir que o fio narrativo é o mesmo, mas há mudanças nos títulos, que no caso de “O recruta” passa para o “Voluntário”, tornando-se irônico,⁴⁷ quanto a “Amor que mata”, que recebe o novo título de “Amor de Maria”, cria-se outra expectativa no leitor, visto que “Amor que mata” já remete ao desfecho da história. No número 13 do periódico também há a publicação do conto “O acauã”, republicado em 1880 na *Revista Brasileira*.⁴⁸

Os contos publicados primeiramente em periódico demonstram que a produção literária do autor em questão centra-se basicamente entre os anos de 1876 e 1877. Nesse período, os jornais também noticiam a publicação em avulso de outro conto, “A feiticeira”, que estava sendo vendido na livraria do sr. Garraux, em São Paulo.⁴⁹

⁴³ AMARAL, Pedro. Atualidades. *Revista de Ciências e Letras*, Recife, jun.-jul.1876. p. 149.

⁴⁴ O texto publicado na imprensa é o mesmo do livro, confirmando a nota de abertura de *O cacaquista*: “entregando-o no estado em que foi escrito ao juízo da crítica” (SOUSA, Inglês. *O cacaquista*: cenas da vida do Amazonas. Belém: Editora da UFPA, 1973. p. IX).

⁴⁵ O conto termina com a data de “São Paulo, 28 de março de 1876”.

⁴⁶ No caso de “Amor que mata”, o conto teria sido escrito em São Paulo, no dia 1º de maio de 1876.

⁴⁷ Paula Maués Corrêa encontra nas palavras da personagem Padre Pereira, a ironia expressa no título: “—Voluntários de pau e corda! disse causticamente o vigário padre Pereira fumando cigarros à porta de uma loja”. (CORRÊA, Paulo Maués. *Inglês de Sousa em todas as letras*. Belém: Paka-tatu, 2004. p. 119.)

⁴⁸ Da publicação do conto “Acauã” na *Academia*, só restaram as notícias em jornais da época. O número d’*A Academia de S. Paulo* não está disponível nas coleções consultadas.

⁴⁹ Conforme nota do *Correio Paulistano*, publicada no dia 13 de abril de 1876.

Durante o ano de 1876, ainda acadêmico da Faculdade de Direito, Inglês de Sousa assume a redação do *Diário de Santos*, a partir do dia 10 de novembro. Como redator, consegue publicar seus romances pela tipografia do *Diário*. Dessa maneira, o romance *História de um pescador*, que vinha sendo publicado pela *Tribuna Liberal* em outubro de 1876, sai em volume em 1877, conforme anúncio do *Diário de São Paulo*:

Luiz Dolzani acaba de publicar mais uma belíssima produção – *A história de um pescador, cenas da vida do Amazonas*.

Recomenda-se este romance de 300 páginas pela fidelidade e naturalidade com que são descritos os costumes dos habitantes daqueles lugares, como fez com *O cacaulista*, descrevendo em linguagem singela e amena o caráter de cada um dos personagens dessa mimosa obra, que recomendamos aos leitores.

Agradecendo o exemplar com que nos obsequiou, desejamos que o ilustrado literato continue a enriquecer as letras pátrias que tanto esperam de seu cultivado talento.⁵⁰

Em junho de 1876, concomitante com a publicação de *O cacaulista* na imprensa, Inglês de Sousa publica no periódico acadêmico *O Constitucional*, a continuação desse primeiro romance, isto é, *O coronel Sangrado*. Como o jornal tem vida efêmera, como tantos outros periódicos da época, publicam-se apenas os primeiros capítulos da referida obra. Os três romances *O cacaulista*, *O coronel Sangrado* e *História de um pescador*, compõem a série que o autor denominou de “Cenas da vida do Amazonas”. A predileção de Inglês de Sousa por sua terra natal, refletindo na temática de suas obras, é comentada em um folhetim do *Correio Paulistano* de 15 de outubro de 1876, do folhetinista que assina apenas como C.:

Há muito movimento pela cidade e às vezes chego a teimar com o meu amigo Dolzani sustentando que a faceira Pauliceia está hoje muito melhor do que qualquer capital do norte do império.

O meu amigo Dolzani que é muito bairrista, e que tem tanto de bom romancista como de teimoso, põe-me logo o Pará e o Maranhão nas nuvens, mas não pode deixar de confessar que em questão de movimento de população São Paulo leva a palma!⁵¹

⁵⁰ HISTÓRIA... *Diário de São Paulo*, São Paulo, 9 fev.1877. p.2.

⁵¹ C. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 out. 1876. p.2.

Na época dessas primeiras publicações, Carlos Ferreira⁵² escreve na seção “Folhetim”, do jornal *Correio Paulistano*,⁵³ no dia 28 de maio de 1876, um texto importante, pois põe em foco o “aparecimento” do romancista Luiz Dolzani:

Em todo e qualquer país civilizado, o aparecimento de um romancista como esse, cujo pseudônimo deixo no alto destas linhas, é caso que merece sempre especial menção da imprensa e dos que prezam a honra das letras nacionais.

Entre nós, porém, onde por enquanto é costume não se ligar grande valor a cometimentos literários, e onde o escritor luta com todo o horror da indiferença pública, pode muita gente não ler este folhetim, por não conhecer absolutamente a distinta entidade que assina os seus escritos com o referido pseudônimo.

Em Portugal, por exemplo, se Luiz Dolzani aparecesse, escrevendo com a mesma perícia ao molde das cousas e costumes de lá como atualmente o faz fotografando com rara habilidade o viver e os curiosos costumes do norte do império americano, é bem provável que lhe dessem o valioso diploma de, pelo menos – sucessor de Julio Diniz.⁵⁴

Carlos Ferreira destaca a luta pelo reconhecimento dos escritores do período, principalmente dos novos homens de letras. Em relação à apreciação do poeta sobre a obra de Inglês de Sousa, realça aspectos da escrita do autor paraense, como um fotógrafo que captura o “viver e os curiosos costumes do império americano”. Quando o compara com o escritor português Júlio Diniz,⁵⁵ mostra que Inglês de Sousa é uma revelação importante para as nossas letras e que, se estivesse em Portugal, poderia ser considerado o “sucessor” do famoso escritor português, que representa a transição entre o Romantismo e o Realismo nesse país. O modo como Inglês de Sousa escreve sobre os costumes de sua região faz com que Carlos Ferreira perceba que há algo de diferente e interessante em suas obras, mostrando uma certa originalidade do escritor no âmbito literário. O comentário segue, revelando quem era Luiz Dolzani, e apontando o acadêmico do curso de Direito.

A apreciação de Carlos Ferreira tem um papel importante, pois apresenta o autor, que, já conhecido nos “periódicos acadêmicos”, merecia uma apresentação na imprensa diária. Dessa forma, nada melhor do que o artigo no *Correio Paulistano*, folha

⁵² Carlos Augusto Ferreira (1844-1913), gaúcho, dedicou-se ao conto, ao romance, à poesia e ao teatro, sua produção concentrou-se entre os anos de 1865 e 1908. Seus principais livros foram *Cantos Juvenis* (1865), *Rosas Loucas* (1871) e *Plumas ao Vento* (1908). (MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 550.)

⁵³ O *Correio Paulistano* era uma folha “liberal, noticiosa, industrial e literária”, sendo de propriedade de Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

⁵⁴ FERREIRA, Carlos Ferreira. Luiz Dolzani. *Correio Paulistano*, São Paulo, 28 maio 1876.

⁵⁵ Júlio Diniz (1839-1871), escritor português.

que circula em São Paulo desde 1854. Ao se deter nos romances *O cacaulista* e *O coronel Sangrado*, Carlos Ferreira expressa a seguinte opinião:

Tanto um como outro são dois trabalhos dignos de nota, dois cometimentos de fôlego que trazem em si a tríplice bondade do interesse no entrecho, de verdade no desenho dos costumes do norte, e da simplicidade e naturalidade do diálogo e no estilo em geral!

Ambos são admiráveis fotografias da natureza opulenta do Amazonas, caráter especial do povo e cunho pitoresco de seu viver íntimo e digno de ser devidamente poetizado.

Luiz Dolzani, a meu ver, promete ser, dentro de pouco tempo, o romancista por excelência nacional, mais pronunciado que o sr. Alencar, mais abundante que o sr. Juvenal Galeno, mais verdadeiro e correto que o dr. Bernardo Guimarães.⁵⁶

Ao analisar os dois romances recém-lançados nas páginas dos jornais paulistas, Carlos Ferreira ressalta que ambos apresentam a “verdade no desenho dos costumes do Norte” e a “simplicidade e naturalidade do diálogo e no estilo em geral”. Além disso, caracteriza-os como “fotografias” que mostram não só a natureza, mas também o caráter pitoresco do povo. Percebe-se uma relação íntima entre a apreciação crítica do poeta e as características do Realismo, que ainda não estavam totalmente sistematizadas no Brasil. Já no século XX, explicando o termo “Realismo”, Afrânio Coutinho afirma que:

[...] em crítica literária, como refere M. C. Beardsley, no *Dictionary of World Literature*, de J. T. Shipley, o termo designa as obras literárias modeladas em estreita imitação da vida real e que retiram seus assuntos do mundo do real, encarado de maneira objetiva, fotográfica, documental, sem participação do subjetivismo do artista.⁵⁷

O objetivo de “fotografar” a realidade é sempre reforçado na crítica de Carlos Ferreira, destacando essa característica na escrita de Inglês de Sousa. Elemento que é valorizado pelo poeta, mas que se constitui um fator de depreciação por aqueles que atacavam as ideias realistas na época. Anos depois, o mesmo desprezo sobre o aspecto ainda é relatado por Zola, quando tenta sistematizar as características do Naturalismo em *O romance experimental*:

Uma crítica estúpida que nos tem sido feita, a nós escritores naturalistas, é de querermos ser unicamente fotógrafos. Por mais que declaremos que admitimos o temperamento e a expressão pessoal, continuam a nos responder com argumentos imbecis sobre a

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 4. São Paulo: Global, 2004. p. 9.

impossibilidade de ser estritamente verdadeiro, sobre a necessidade de arranjar os fatos para constituir uma obra de arte qualquer.⁵⁸

A questão de “fotografar” a realidade é uma característica cara aos realistas e, de certa forma, os romances de Inglês de Sousa, como podemos perceber pela apreciação de Carlos Ferreira, apresentam as características dessa estética; que já são aferidas e averiguadas pelos escritores contemporâneos, mesmo sem inserir as obras como pertencentes à nova estética. Isso se deve, é claro, ao momento, em que as “ideias modernas” ainda estão em discussão, sem sua devida consolidação. Carlos Ferreira é um homem de seu tempo, estudioso das ideias modernas e percebe as novidades da obra inglesiana, prevendo um futuro promissor para o jovem escritor.

Em dezembro de 1876, Inglês de Sousa muda para Santos e lá publica em livro os romances *O cacaulista* e *História de um pescador*, pela tipografia da *Tribuna Liberal* e do *Diário de Santos*. Os livros são vendidos na secretaria do *Diário* e também no Rio de Janeiro, na Garnier; em São Paulo, na Garraux; e em Campinas por Gaspar da Silva, amigo de Inglês de Sousa.

Em 1877, Inglês de Sousa, agora recém-formado bacharel em Direito, dedica-se tanto ao jornalismo, quanto também à advocacia. Em abril, envolve-se em uma confusão política e acaba sendo preso, mas é solto rapidamente. Nesse momento, intensifica-se a participação do autor no partido liberal, divulgando o ideário deste na imprensa. Em julho, juntamente com Antônio Carlos Ribeiro, Sousa funda, em Santos a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*,⁵⁹ que é amplamente divulgada nos jornais do Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Campinas. Há um esforço por parte dos editores de divulgar a *Revista* pelo Brasil, fato que pode ser atestado pelas propagandas persistentes nos jornais.

A *Revista* era publicada uma vez por mês e tinha de 64 a 150 páginas. Propunha-se, conforme o anúncio publicado na *Gazeta de Campinas* em 31 de julho de 1877, a “reunir e dar a lume as melhores produções inéditas dos homens de letras do Brasil, tanto no campo da ciência, como no da literatura e das artes”.⁶⁰ Com assinaturas de 5.000 réis por ano para Santos e São Paulo e, de 6.000 réis para “qualquer ponto do Brasil ou do estrangeiro”, os editores também prometiam que em cada número apareceria “uma crônica do movimento literário, científico e artístico do mundo

⁵⁸ ZOLA, Émile. *O romance experimental e o Naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 34.

⁵⁹ Impressa na Tipografia a vapor do Diário de Santos, instalada na Rua de Santo Antônio, 34. Mesma tipografia que publicou os romances do autor.

⁶⁰ A REVISTA de. *Gazeta de Campinas*. Campinas – SP, p. 4, 31 de jul. 1877. p. 4.

civilizado e um boletim bibliográfico do que de mais importante se publicasse na Europa e na América”.⁶¹

O texto de abertura da revista começa com “União e progresso”, palavras que remetem tanto ao positivismo quanto à maçonaria, apesar dos editores afirmarem que a revista era “despida de pretensões”. Segundo Inglês de Sousa e Antônio Carlos Ribeiro, a proposta do periódico era:

[...] proporcionar uma arena aos escritores do nosso país, àqueles poucos que se ainda não deixaram assoberbar pela onda política e dos negócios, e acreditam na possibilidade de uma regeneração para as nossas letras; agrupar os talentos espalhados por todo o Brasil, reunindo os seus escritos sem distinção de ideias políticas, mas somente com distinção do mérito em uma publicação mensal; eis o programa modestíssimo da nossa Revista, programa que se contém todo no seu título.⁶²

O primeiro número da *Revista*, de julho de 1877, era composto por um arrolamento da propriedade territorial de Santos, intitulado “Santos d’outrora”; uma lenda popular, “Jacaré-ig”, pelo dr. Hypolito de Camargo; “Lembrança”, documento histórico por um Velho Monge; “Calvários”, introdução do poema inédito de Carlos Ferreira; “Cristo”, soneto de Generino dos Santos, e uma “Crônica” de Inglês de Sousa. Já o segundo número, de agosto de 1877, era composto por um conto de Luiz Dolzani, “O sineiro da matriz”, que é a gênese do conto “O rebelde”, publicado posteriormente no livro *Contos Amazônicos*, uma introdução ao poema inédito “Os escravos”, de Castro Alves, intitulado “Vozes d’África”, uma fantasia, intitulada “Hino das trevas”, de Afonso Celso Júnior, um estudo histórico de Clementino Lisboa, intitulado “Beckman, Marinha”, um poema de Celso de Magalhães e, encerrando a edição, a crônica de Inglês de Sousa.

O primeiro número do segundo volume da *Revista*, correspondente ao mês de Setembro de 1877, traz um drama histórico de Aprigio Guimarães, um estudo da ortografia fonética por F.S., um poema de Celso de Magalhães, intitulado “Pororoca”, o 1º e o 2º atos do drama *Alberto*, por Pedro de Oliveira, o soneto “Urubu” de Fernandes Barros e a Crônica do mês de setembro por Carlos França.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² SOUSA, Inglês; RIBEIRO, Antônio. UNIÃO e... *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos – SP, p.4, jul. 1877.

Na crônica publicada no primeiro número da *Revista*, de autoria de Inglês de Sousa, os assuntos tratados foram as teorias de Darwin, a poesia de Victor Hugo, o livro *O Rio de Janeiro, sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades* de Moreira de Azevedo, a divulgação do novo livro de Emílio Erckmann e Alexandre Chatrian, *Maitre Garpar Fix*, encerrando-se o texto com a divulgação do livro de Lafayette Rodrigues Pereira, *Direito das Coisas*.

As crônicas de Inglês de Sousa na *Revista* têm um caráter intencionalmente divulgador das últimas publicações. O autor não se detém apenas no âmbito literário, circunda também entre as publicações científicas, jurídicas e históricas, formando uma miscelânea. O que separa um assunto do outro é apenas um espaço e um travessão e, dessa forma, começa o próximo assunto. Segundo o cronista ainda faltava espaço para tratar de outras “publicações de interesse”. O teor das crônicas muitas vezes é laudatório; ao comentar, por exemplo, a obra de Victor Hugo, escreve que a Europa e o mundo inteiro ouviram “deliciosamente encantados as estrofes desses simples diálogos”, além de se referir ao poema como “quadros maravilhosos” e também “magníficos versos”.

Na crônica de abertura da *Revista*, Sousa se posiciona como um divulgador das ideias científicas, ao reproduzir em seu texto um excerto retirado de outro periódico, explanando detalhes da publicação de Charles Darwin:

Fruto de mais de dez anos de experiências, e experiências como as sabe fazer o autor da *Origem das espécies*, a última obra de Darwin (“Efeitos do cruzamento e fertilização própria do Reino Vegetal”), ocupa-se, como o mostra o título, dos fenômenos da geração espontânea das plantas, e envolve a grande questão da influência que pode ter o cruzamento sexual dos indivíduos afins sobre a sua descendência comum. É fácil de ver a importância da questão estudada.

No entanto, Inglês de Sousa teve contato com esse discurso científico na Faculdade de Direito de Recife, que desde 1870 exigia no exame de admissão noções de antropologia, revelando a “aproximação com os estudos de antropologia física, e com ela a frenologia e o determinismo social”,⁶³ além de sua efetiva participação na “Escola do Recife”. Mas, o autor paraense não é o único divulgador do discurso científico; observa-se que frequentemente um jornal recolhia de outro, textos referentes ao assunto.

⁶³ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 183.

No Rio de Janeiro, a partir de 1870, vários homens também discutem o tema nas conferências populares da Glória.⁶⁴

Não é possível precisar uma data em que as ideias modernas estavam totalmente cristalizadas no meio intelectual brasileiro. No entanto, percebe-se uma intensificação da divulgação dessas durante a década de 1870. Muitos fatos influenciaram a mudança de percepção dos críticos e escritores e, por conseguinte, na compreensão e aceitação das novas ideias. A mudança foi sentida de forma gradual, com adeptos e adversários.

Na imprensa, encontram-se casos como o de Carlos Ferreira, que, ao tentar escrever o drama *O marido da doida* seguindo os moldes realistas, precisa justificar as suas intenções e concepções:

Nesse drama, que é a minha quarta tentativa e não a primeira, como por engano disseram os meus honrados colegas, eu voltei-me exclusivamente para um só ponto: a educação da mulher.

Difícil e profundo como é o problema, tive necessidade, para discuti-lo à luz plena do realismo hoje em voga na literatura universal, de marchar por um caminho escabroso onde eu mesmo por vezes recuei horrorizado.

Para a confecção desse trabalho literário e de certo alcance social, tomei este elemento indispensável: a corrupção de uma consciência de mulher, a aberração, a anomalia de costumes em consequência da falta absoluta de educação.

[...]

Eu quis provar, e neste ponto caminhei de mãos dadas com abalizados professores de medicina legal, que a falta dos conhecimentos da moral na mulher, ocasiona a *enfermidade física*, por isso que afetando diretamente o centro nervoso, transtorna a razão, e daí uma série de atos monstruosos cujas consequências a sociedade todos os dias assinala nas grandes cidades.

Eu quis provar, em suma, que a *nevrose* é uma doença execrável, e que a sua origem está quase sempre no modo de educar a criança.

Não inventei uma novidade, confesso, e é claro portanto, que não cabe a censura do inverossímil ao drama.⁶⁵

Para escrever sua peça, o escritor utiliza o tratado do psiquiatra inglês Henry Maudsley, *Crime et folie*, publicado em 1874, na França. Além do tratado, Carlos Ferreira também cita o nome de Ernesto Feydeau, a quem atribui ter escrito um romance com o mesmo assunto de *O marido da doida*. Provavelmente, Ferreira se refere ao romance *Fanny*, publicado em 1858, que trata do adultério. Ao se relacionar com os

⁶⁴ Cf. CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 189P. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

⁶⁵ FERREIRA, Carlos. *O marido da doida*. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 nov. 1877.

“professores de medicina legal”, Ferreira está tentando escrever uma peça aos moldes do que seria chamado, posteriormente, de Naturalismo.

Naquele momento, romancistas como Theophile Gautier, Flaubert, Edmond About, Zola, Dumas Filho e Balzac são todos inseridos como pertencentes à “escola do realismo”.⁶⁶ Com a popularização das teorias de Zola, por volta de 1880, é que se passa a usar o vocábulo Naturalismo, para diferenciar e caracterizar os escritores.

O fato é que, em 1878, Carlos Ferreira é criticado por tentar escrever com as novidades da época, chegando um folhetinista do *Correio Paulistano* a afirmar que “é deplorável que se atirasse no realismo ‘à outrance’, que alguns, severos demais, podem qualificar de imoral”. Além disso, o crítico afirma que espera a representação do drama “para aplaudir as belezas da forma”, mas que vai fechar “os olhos sobre o realismo imoral que desdoura o fundo da sua composição”. Ao terminar a apreciação da peça, faz um apelo com uma previsão: “Carlos Ferreira, para honra sua, e glória do teatro nacional, que tanto espera do seu talento, abandonará o realismo asqueroso [...] É um voto que faço, é uma esperança que nutro”.⁶⁷

As discussões sobre as ideias modernas, e nessas, o darwinismo, são um elemento importante para que a “camada letrada, ao ler o romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, em 1881, percebesse os argumentos de cunho darwinista utilizados pelo autor”.⁶⁸ É claro que também concorreu para esse entendimento uma série de fatos que ocorreu na década de 1870, principalmente a publicação dos primeiros romances em língua portuguesa de tendência realista: *O crime do padre Amaro* (1875) e *O primo Basílio* (1878), ambos do escritor português Eça de Queirós. Esse último, que teve no Brasil uma repercussão maior do que o primeiro, causa um grande rebuliço no meio intelectual, por causa da “imoralidade” da obra. Da ocasião, ficaram amplamente conhecidos dois textos de Machado de Assis, publicados no jornal *O Cruzeiro*, em abril de 1878.

Machado de Assis aponta, na apreciação de *O primo Basílio*, que seu autor é um “fiel e aspérrimo discípulo do realismo propagado pelo autor de *Assomoir*”. Machado assinala um fato importante, ao tratar de *O crime do padre Amaro*:

⁶⁶ ZIG-ZAGs através de Paris. *A Província*, Recife-PE, 20 maio 1875.

⁶⁷ E. P. Folhetim. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 jan. 1878.

⁶⁸ CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 189P. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. p. 114.

Era realismo implacável, consequente, lógico, levado à puerilidade e à obscenidade. Víamos aparecer na nossa língua um realista sem rebuço, sem atenuações, sem melindres, resoluto a vibrar o camartelo no mármore da outra escola, que aos olhos de Eça de Queirós parecia uma simples ruína, uma tradição acabada. Não se conhecia no nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das coisas mínimas e ignóbeis. Pela primeira vez, aparecia um livro em que o escuso e o [...] torpe eram tratados com um carinho minucioso e relacionados com uma exação de inventário.⁶⁹

A literatura eciana marca o início da literatura realista em língua portuguesa. No segundo artigo, em resposta às críticas sofridas pelo primeiro, Machado ainda sustenta que a doutrina realista já não é tão nova “que não conte já, entre nós, mais de um fervido religioso”.⁷⁰ Comentando essa passagem escrita por Machado, Josué Montello afirma que “os mestres do movimento eram aqui comentados e discutidos embora sem provocar até então, em nossa literatura, prosélitos ou discípulos, em obras merecedoras de atenção”.⁷¹

Na *Gazeta de Notícias*, em 12 de abril de 1878, um folhetinista que assina como L., provavelmente Ferreira de Araújo, afirma que “muita gente fazia ideia do romance *O primo Basílio*” por causa da apreciação crítica de Ramalho Ortigão. Além disso, L. mostra o posicionamento dos leitores do romance:

Os que o leram dividiram-se em duas classes; os que exclamaram: - Isto é um escândalo; outros que o apontaram como a obra mais profunda, mas digna e meritória da moderna literatura portuguesa. [...]
Nós não pertencemos a nenhuma das tais escolas ou confrarias, onde encontramos o bom e o belo – aplaudimo-lo, quer ele se diga filiado na escola de Lamartine, Victor Hugo ou Flaubert, quer não tenha filiação, nem pontos de contato, com qualquer dessas chamadas – escolas.⁷²

Entre louvações e condenações, situam-se as opiniões dos intelectuais da época. Estes, sem dúvida, absorviam as novas ideias vindas da Europa, não só de Portugal, mas

⁶⁹ ELEAZAR [Machado de Assis]. Literatura realista. *O Cruzeiro*, 16 abr. 1878. I: AZEVEDO, DUSILECK, CALLIPO (org.). *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 468-469.

⁷⁰ ELEAZAR [Machado de Assis]. Literatura realista. *O Cruzeiro*, 30 abr. 1878. I: AZEVEDO, DUSILECK, CALLIPO (org.). *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 475.

⁷¹ MONTELLLO, Josué. *Feição polêmica do naturalismo brasileiro* apud OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955. p. 36.

⁷² L. *O primo Basílio*. *Gazeta de Notícias*, 12 abr. 1878.

também da França com a leitura de romances de Flaubert e Zola, dentre outros. Todavia, no momento em que Inglês de Sousa publica suas primeiras obras, apesar dessas leituras já serem conhecidas antes de 1876, - ano de publicação dos primeiros romances de Sousa - mas que se intensificaram com a publicação de *O primo Basílio*, as intenções inglesianas de incorporar o cientificismo em suas obras passam despercebidas dos leitores.

É possível questionar quais foram os leitores das primeiras obras de Sousa na época, principalmente de *O coronel Sangrado*. Apenas os amigos de Inglês de Sousa? Os leitores dos jornais de Santos e São Paulo? Alguns editores dos jornais para onde os editores enviaram a publicação? O romance teve uma publicação malograda. A primeira tentativa foi em 1876, no jornal *O Constitucional*, a segunda na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, em que há apenas a publicação de sete capítulos, ou seja, não se leu o romance completo em 1877. Uma terceira tentativa foi em 1882, agora em livro, pela Tipografia do *Diário da Manhã*, em São Paulo, mas sem muito sucesso, já que não há menção dessa publicação nos jornais paulistanos.

De toda a forma, *O coronel Sangrado* foi conhecido por causa da publicação dos primeiros capítulos no segundo volume da *Revista*, que compreende os meses de outubro a dezembro de 1877. A edição da *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* era requintada, pois os volumes podiam ser encadernados como um livro. Em seu último número, também é a publicada a continuação do drama de Pedro de Oliveira, *Alberto*, um poema de Xavier da Silveira, dedicado a Carlos Ferreira, uma crônica de Carlos França, estudos de poesia popular por Celso de Magalhães, um elogio acadêmico do dr. Vicente Pereira, feito por Aprígio Guimarães, um poema de Antônio de Souza Pinto, intitulado “O trabalho”, uma crônica, um texto sobre José de Alencar e o discurso da abertura da Sociedade Emancipadora Onze de Agosto, por Aprígio Guimarães.⁷³

Durante a publicação da *Revista Nacional*, precisamente em outubro de 1877, Inglês de Sousa deixa a redação do *Diário de Santos*. Nas diversas folhas da capital paulista figura o nome do autor entre os candidatos a deputado do Partido Liberal. Nesse ano não é eleito. Em novembro, funda a *Tribuna Liberal*, divulgadora das ideias do partido, e muda a redação da *Revista Nacional* para essa tipografia. A atuação do escritor na folha liberal gera comentários na imprensa paraense e paulista; um exemplo é a nota publicada n’*O Liberal do Pará*, de 28 de novembro de 1877:

⁷³ Não há notícia de outros números.

A *Tribuna* é dedicada aos princípios liberais, e dirigida pelo distinto escritor o sr. dr. Herculano Marcos Inglês de Sousa, seu principal redator.

O sr. dr. Souza, já é vantajosamente conhecido no império por seus trabalhos jornalísticos em sustentação das ideias democráticas; e acaba de deixar a redação do *Diário de Santos*, à qual prestou relevantes serviços, para tomar sob seus ombros o novo campeão, de que são proprietários os srs. J.J.Teixeira & C., a quem também pertence o *Diário de Santos*.

No *Correio Paulistano*, de 12 de dezembro de 1877, na seção intitulada “Colóquio íntimo”, de autor não identificado, é publicado um diálogo em que conversam Inglês de Sousa e um amigo, comentando a participação do autor em questão na *Tribuna*:

- Ora, deixa-te disso, meu Sousa. Pensas acaso que se o lugar de redator do tal órgão liberal, honrasse alguém, lembrar-se-ão de ti? Não estás vendo que se a *Tribuna* fosse considerada um jornal sério, traria inscrito como diretor da redação, o nome de um chefe prestigioso que o recomenda-se?

- Cala-te amigo, estás um pessimista intolerável. Tu não compreendes os segredos da alta política. Tenho fé no meu futuro, hei de fazer carreira. A imprensa jornalística já me tem feito conhecido...

- Nisso tens razão. Tu e o *Pessoinha*, cuja sina é andarem unidos como os irmãos siameses, já são duas celebridades. D. Quixote e Sancho Pança também o são. Continuem, hão de ir longe... muito longe!...

No dia seguinte, o *Correio Paulistano* caracteriza Inglês de Sousa como um redator “ostensivo”, crítica exposta em uma nota explicativa sobre o conflito entre a *Tribuna* e o *Correio* por causa de opiniões divergentes, apesar do *Correio* também ser uma folha liberal. Conflitos à parte, parece que Inglês de Sousa aspirava a um cargo público. Na seção “Variedades” do *Correio Paulistano*, denominada “O que há de novo”, do dia 9 de abril de 1878, há uma anedota sobre a situação do autor paraense:

Dolzani espera ainda sua fatia.

Quando subiu o gabinete 5 de janeiro, sonhou o homem com uma presidência de província, uma secretaria, pelo menos, e... nada!!...

Observa a situação política, a ver se desponta no horizonte algum emprego, mas, por enquanto, de balde...

“Quien mas mira menos ve”

D. Gigadas querendo consolá-lo diz:

“Yo te pondré en buen camino
Hijo, si tienes buen sino
Pan te queda que róer...”

Em maio de 1878, Inglês de Sousa é nomeado secretário da relação de São Paulo. Começa a deixar a carreira literária em segundo plano, dedicando-se efetivamente à política. Os jornais divulgam a atuação como jurista nessa secretaria, relatando os documentos e as causas expedidos por ele. Em 1879, tenta novamente a deputação, consegue se eleger e participa da comissão de redação de Bento de Paula Sousa. Em fevereiro de 1880, Inglês de Sousa apresenta um projeto educacional, que denominou de Escola Normal, mas que não é bem aceito pela câmara.

O interesse do autor pela educação continua, com discussões sobre o ensino e a reforma da instrução primária. Em janeiro de 1881, Inglês de Sousa sai da secretaria da relação. Nesse ano, propõe outro projeto relacionado ao ensino, que consistiu na criação da Escola Popular de Belas Artes para homens e mulheres. Em março, deixa a redação da *Tribuna Liberal*, e no *Jornal da Tarde* se comenta essa decisão:

A reconhecida vocação do dr. Inglês pelo jornalismo, nos autoriza a crer que jamais s.s. poderá se conservar frio ante as lides da imprensa, e a esperar que dentro em pouco vê-lo-emos ocupando de novo o seu lugar entre os colegas que o consideram.⁷⁴

Em março de 1881, lança a revista *Ilustração Paulista*, como se divulga pela imprensa, mas deixa a direção do periódico logo no terceiro número. Nesse mês, também é nomeado inspetor da instrução pública do distrito sul e da Freguesia da Sé de São Paulo. Em maio, é nomeado presidente da província de Sergipe, deixando todas as colaborações dos jornais para assumir seu cargo.

Durante esse período de efervescência política na vida de Inglês de Sousa, no campo da literatura, publica apenas o conto “O acauã” na *Revista Brasileira*, em janeiro de 1880. A *Revista* é um importante periódico de divulgação literária, que foi editada nessa época por Nicolau Midosi. Nessas páginas também apareceram a primeira publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e a “Introdução à história da literatura brasileira” de Sílvio Romero.⁷⁵

Sílvio Romero, partindo de suas concepções e de acontecimentos da época, também publica em 1879 na *Revista Brasileira* o ensaio “A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro”, no qual ao explicar como as ideias modernas eram

⁷⁴ *Jornal da Tarde*, São Paulo, 10 mar. 1881.

⁷⁵ Disponível em: < www.academia.org.br/revistabrasileira/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br > Acesso em: 11 fev. 2015.

entendidas em Recife, afirma que “o moderno naturalismo do romance brasileiro, qual o compreenderam Franklin Távora e Herculano Inglês, é também um produto do Norte”.⁷⁶

Na verdade, a tendência e a compreensão naturalista de Inglês de Sousa e Franklin Távora, afirmada por Romero, nada mais é do que um “tipo *sui generis* de realismo”.⁷⁷ Os dois escritores mantêm estreitas ligações com a *Escola de Recife*, onde se percebe:

[...] a formação de um “realismo científico” na prosa de ficção, particularizado pela influência da filosofia positiva, pelo determinismo taineano e pelas teses evolucionistas de Darwin e Spencer. Esta produção literária é influenciada sobremaneira pelo movimento recifense da Faculdade de Direito, que forma escritores envolvidos com tais correntes científicas e impulsiona o enfoque ficcional nas regiões sertanejas do Brasil e na relação do espaço natural e selvagem com o “primitivismo” dos seus costumes locais.⁷⁸

Ribeiro ainda explica que a partir da década de 70 há um espaço crítico maior e mais determinante na literatura:

[...] o que caracteriza as respectivas produções dos anos 70 por um tipo de realismo mais ligado aos preceitos de “ordem e progresso”, do determinismo e da evolução social. Trata-se, portanto, de uma espécie de naturalismo ainda diferente do que seria sistematizado por Emile Zola, o qual transfere o método experimental da medicina para o romance. Nesse contexto, as pesquisas folclóricas entram como coadjuvantes.⁷⁹

É a esse naturalismo que podem ser relacionadas as obras tanto de Távora como de Sousa, produzidas até aquele momento. No ano seguinte à publicação de Romero, Urbano Duarte em artigo publicado na mesma *Revista Brasileira*, situa o leitor em relação ao momento literário e às tendências naturalistas:

O período literário que atravessamos não tem acentuação definida, é de transição, de laboração, para assim dizer, química. Desse ecletismo, dessa mistura, há de surgir, após longa e incruenta luta, a combinação de todos os elementos bons dos sistemas estéticos, que nos precederam, e os pontos de vista hão de ir reunindo num só, grande,

⁷⁶ ROMERO, Sílvio. A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, out-dez 1879, p. 490.

⁷⁷ RIBEIRO, Cristina Betioli. *Um norte para o romance brasileiro: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.p. 15

⁷⁸ *Ibidem*, p. 15.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 51.

verdadeiro e elevado. O espírito científico do século fecundará a inteligência dos homens de letras, e dessa benéfica hematose provirá a literatura *naturalista*, o reino da *verdade escrita*, o estudo racional, verídico, e sobretudo *inteiro*, do homem e da sociedade, com a explicação das causas e dos efeitos. É isso o que entendemos por *naturalismo na arte*. Um livro será um livro. Não mais confundir-se-á o trigo com o joio, e para se fazer uma obra será preciso mais alguma coisa que pena, papel, tinta e *uma* ou mesmo *nenhuma* ideia. Diminuirá a quantidade, mas em proveito da qualidade.⁸⁰

Franklin Távora, que é posto ao lado de Sousa por Romero, escreve sobre o autor paraense na *Nueva Revista de Buenos Aires*, dirigida por Ernesto Quesada, em 1882. No artigo “La literatura brasileira – escritores del Norte del Brasil”, o escritor cearense traz uma biografia de Sousa, além de comentários sobre as suas obras. Antes da biografia, Távora expõe a situação enfrentada pelos novos escritores, os quais são desconhecidos porque são “escritores de província”, esclarecendo também que o desejo, com seus artigos, é “protestar contra la injusticia, desdén ó indiferencia con que la Corte suele tratar a las inteligencias formadas lejos de su influencia”.⁸¹

Para este trabalho, o mais importante do texto é o posicionamento de Távora em relação às obras de Inglês de Sousa. O escritor cearense afirma que “la novela *naturalista, fisiológica y experimental* fue recién iniciada en el extremo norte del Imperio por Luiz Dolzani”.⁸² Continuando sua crítica, explica como se forma o pensamento de Sousa para a concepção de seus livros:

Cuándo dejó la región natal para venir a graduarse en Derecho en la Facultad de Recife, solo le faltaba el precepto estético que estudios posteriores le dieron; tenía ya la intuición naturalista; y su imaginación traía grabados como una bella galería de cuadros, los paisajes y las costumbres que durante los primeros años se sucedieron ante sus ojos.

[...] El centro literario, el centro académico donde, en aquella época, estaban repercutiendo las primeras vibraciones del positivismo de Comte, y los novísimos métodos críticos de Taine, le indicó la dirección de la que en adelante no se apartó jamás en la carrera de las letras.

Fué bajo la influencia de esta escuela literaria que Luiz Dolzani escribió su *Cacaulista*, su primer novela, perteneciente a la serie que intituló: *Cenas da vida do Amazonas*.⁸³

⁸⁰ DUARTE, Urbano. O naturalismo. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 28-9, jul.-set. 1880.

⁸¹ TAVORA, Franklin. La literatura brasileira – escritores del Norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires, Buenos Aires – Argentina, Ano II, Tomo V, p. 222, 1882.

⁸² *Ibidem*, p. 234. (grifo do autor)

⁸³ *Ibidem*, p. 235. No texto, Távora grafa Dolzani com *m*, Dolzami.

Távora destaca que Sousa tinha uma “intuición naturalista”, corporalizada no centro literário de Recife, a partir das teorias de Comte e Taine, e refletida em suas obras. Para o autor de *O Cabeleira*, intuição naturalista é uma característica da literatura praticada por Balzac e Zola, sobre diversos pontos de vista, mas usando a descrição dos costumes de um povo e de uma época, além de revelar seu caráter típico. Portanto, esta intuição de Sousa nada mais é do que a forma por que ele captura as particularidades e os costumes dos povos e da natureza amazônica, valorizada pelo crítico que defende uma literatura do Norte. Este ainda lista todas as características literárias de Sousa ao incluí-lo como representante dessa literatura:

Luiz Dolzami es, sin embargo, un escritor eminentemente nordista. – Su inspiración, su observación, su estilo, su terminología, los temas de sus novelas y cuentos, las descripciones, sea de la naturaleza, sea de las costumbres, que imprimen un sello tan particular a sus libros, son reflejos y manifestaciones reales de aquel gran medio. Considero esos libros como una poderosa prueba instrumental en favor de mi tesis.⁸⁴

Ao mencionar *O coronel Sangrado*, Távora ainda expõe as formas pelas quais o romance é escrito, afirmando que é “una evolución que recomienda el escritor al examen del futuro historiador de la literatura brasileira”.⁸⁵ Valorizando os primeiros romances de Sousa, sustenta que são “libros de mérito”, mas que o próprio autor os considera “meros ensayos”.

Sousa não se pronuncia sobre os comentários de Távora. Na época, sua preocupação maior é com a política, visto que exercia o cargo de presidente da província do Espírito Santo. Quando volta a Santos, em 1882, dedica-se à advocacia, deixando de lado a imprensa e a literatura. Nem mesmo a publicação em volume de *O coronel Sangrado*, nesse mesmo ano, pela Tipografia do *Diário da Manhã*, de São Paulo, é divulgada pelo autor. Esse fato provavelmente concorreu para o romance cair no esquecimento.

3 - Requentadas edições: *Contos amazônicos* e *O missionário*

Em 1888, Inglês de Sousa é inserido entre os importantes romancistas da época em *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, mesmo antes da publicação de *O missionário*:

⁸⁴ *Ibidem*, p. 238.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 236-7.

O romance teve uma fase embrionária no velho Teixeira e Souza; assumiu as proporções de estudo social em Joaquim Manoel de Macedo; multiplicou-se, para atender a todas as cambiantes da nossa população, em José de Alencar; adstringiu-se às populações campestres em Franklin Távora; tomou feições naturalistas em Aluísio Azevedo. Em torno destes têm girado, em suas respectivas épocas, Manuel de Almeida, Machado de Assis, Escragnolle Taunay, Inglês de Sousa, Bernardo Guimarães, Carneiro Vilela e Araripe Júnior.⁸⁶

Inglês de Sousa é colocado em posição secundária, reservando-se o protagonismo a Aluísio Azevedo. Contudo, o reconhecimento literário do autor paraense dá-se efetivamente com a publicação do livro *O missionário*, em 1891, em que finalmente e efetivamente, o autor incorpora a estética naturalista e, dessa forma, é reconhecido pela crítica da época. Entre a publicação de suas primeiras obras e a de seu último romance, muitas mudanças ocorreram na literatura, em termos estéticos, como já se apresentou anteriormente.

O primeiro romance brasileiro avaliado pela crítica da época seguindo os moldes de Zola foi *O mulato*, em 1881. A partir deste momento, os romancistas, como Inglês de Sousa, que escreveram nesses parâmetros foram postos em relevo e o autor paraense foi reconhecido com *O missionário*. Em 1882, também ocorreu a publicação de *O naturalismo em literatura*, de Sílvio Romero, numa tentativa de explicar e sistematizar as teorias de Zola, a partir da leitura de *O romance experimental*, para o público brasileiro.

No romance *O missionário*, apresenta-se a história do Padre Antônio de Moraes, que chega a Silves, cidade interiorana do Amazonas, para cuidar da vida religiosa desse lugar, que estava sem um padre desde a morte do padre José. No começo, o padre Antônio quer fazer muitas missas e benfeitorias para a cidade, mas começa a perceber que a população não estava acostumada com tanta religiosidade. Assim, tomado por sua vaidade, tenta realizar uma expedição para catequizar os índios de Mundurucânia, conhecidos por serem arredios e antropófagos. Parte então para as terras indígenas. No caminho, o padre e o sacristão Macário são abandonados por seus remeiros depois desses tomarem conhecimento das intenções do padre; mas mesmo assim o padre Antônio não desiste, partindo com Macário em uma pequena canoa. Em terra, quando

⁸⁶ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888. p. 694.

deparam com dois índios, Macário foge deixando padre Antônio. Na verdade, esses eram índios civilizados que acabam acolhendo Antônio, no antigo sítio do missionário padre João da Mata. Nesse local, padre Antônio conhece Clarinha e acaba apaixonando-se por ela e cedendo aos desejos da carne. Quando descobre que todos em Silves pensam que ele morreu, volta para seu povo, mas carrega consigo sua amada, a quem deixa em um pequeno sítio perto da cidade. Assim, ele acaba sendo como outros padres que vivem na região, mantendo uma vida dupla.

O romance foi escrito em 1888, desenvolvido a partir do conto “O sofisma do vigário”,⁸⁷ mas publicado em Santos, com o pseudônimo de Luiz Dolzani, somente em 1891, pela tipografia do *Diário de Santos*. O romance não é muito bem recebido no Rio de Janeiro, como se nota na seção “Livros que chegam”, da *Revista Ilustrada*, em artigo assinado por “Nós dois”:

Não se pode dizer que o trabalho do Sr. Dolzani é uma manifestação artística, no sentido em que os artistas encaram um assunto de arte. Não há nele apuro de forma e o tema que o autor se propõe a estudar é vulgar e simplório, e mesmo assim deixa muito a desejar o estudo psicológico dos personagens que apresenta. Não é nosso intento deixar patenteado que o trabalho é absolutamente mau.⁸⁸

O crítico afirma que no romance, ao apresentar uma sequência de termos técnicos, estes são utilizados “sem aquele *savoir faire* que distingue Balzac, Flaubert e Zola”, nesse tipo de descrições, e continua:

No seu livro o que encontramos foi uma boa descrição de costumes de aldeia, fielmente observados, e alguns trechos de descritiva menos maus. Depois que se acaba de ler aquelas 424 páginas, fechando-se o livro, não se sente uma impressão emocionante, não se guarda uma lembrança suave. Pode ser que lá pelo norte, já que alguns querem que ele tenha uma literatura, o livro faça sucesso, mas aqui no Rio é difícil. A gente está acostumada a ler coisa boa porque sabe felizmente fazer seleção. E aí de nós se não fora assim!⁸⁹

⁸⁷ Os estudiosos do autor citam o conto, mas sem indicar se o mesmo foi publicado na imprensa ou em outro meio.

⁸⁸ Nós dois. Livros que chegam. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 6, Ago. 1891.

⁸⁹ *Idem*.

Percebe-se que “Nós dois” conhece a defesa de Távora pela literatura do Norte e a inclusão de Sousa como representante desta. Para o crítico da *Revista Ilustrada*, o que sobressai de positivo do livro de Sousa são apenas as descrições. Rebaixa todo o resto. Apesar da contundência dessa apreciação, não há defensores do livro de Sousa. Com efeito, somente depois da refinada publicação de *Contos amazônicos*, pela Laemmert, em 1893, é que o livro receberá uma avaliação, no caso positiva, na pena de Araripe Júnior, escritor do Norte. O crítico escreve sobre o romance na revista carioca *A Semana*, em 1894, sob o título “O romance brasileiro – O missionário”.

O texto começa de forma elogiosa, pois revela que o livro “entontece, embriaga e farta como bebida forte do Amazonas”, e segue no mesmo tom, revelando as particularidades da obra com observações contundentes sobre sua forma escrita e sobre a relação com a estética naturalista, que nessa obra Inglês de Sousa eleva ao extremo. O texto é finalizado com a exposição das características do estilo do autor:

A arte do Dr. Inglês de Sousa, como romancista, é simples, e a fatura dos seus livros, destituída de pretensão.

O sistema de narrar por ele adotado resulta de uma feliz combinação da “maneira” de E. Zola com a de P. Bourget.

Como todos sabem, o autor do *Assommoir* não discorre nem se ocupa em descrever estados de alma. O seu processo cifra-se em indicar o caráter dos personagens pelas manifestações exteriores, como se se tratasse de um drama posto no teatro, tudo isto por meio de épuras sucessivas, sem referências nem explicações, cujos hiatos são preenchidos pelo espírito do leitor. P. Bourget, em sentido oposto, desprezando as épuras, faz realçar o drama explorando e explicando os estados de alma, em sua sucessão, de cada um dos personagens e complementando-os pelo diálogo.

Pois bem, o autor d’*O Missionário* funde os dois processos. Dispõe convenientemente as épuras, depois de escolhidas as situações, e liga-as por meio de recapitulações que se estampam, a título de análises psicológicas, no espírito de cada personagem.⁹⁰

Ao descrever o processo narrativo de Sousa em *O missionário*, Araripe Jr. mostra a ligação do escritor com dois estilos distintos, mas que são combinados de forma harmônica. Esses estilos são os de Zola e Paul Bourget. O primeiro é o principal representante do Naturalismo, o segundo, um romancista francês, que justamente combate essa estética, produzindo romances psicológicos. Ser comparado aos escritores franceses é nesse período um fator importante para a elevação de um escritor, como

⁹⁰ ARARIPE JR.. *Obra crítica de Araripe Jr.* V. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Casa de Rui Barbosa, 1966. p. 381-2.

aponta Flora Sussekind: “é difícil que na análise de alguma obra naturalista brasileira não surja, em algum momento, uma comparação com outro texto estrangeiro”; dessa maneira, na crítica de Araripe, “os recursos narrativos [...] são passíveis de elogio apenas porque comparáveis à ‘maneira’ de Zola e de Bourget”. A estudiosa ainda chega à seguinte conclusão sobre esse tipo de comparação: “ser digno de um Zola ou de um Flaubert torna-se argumento mais do que suficiente para falar bem de um romance de autor brasileiro”.⁹¹

O texto de Araripe Jr. que, em 1899, comporá o prólogo da segunda edição d’*O Missionário*, é reflexo da publicação, em 1893, de *Contos Amazônicos*, pois nesse período o autor ganha novamente um destaque na imprensa por causa da publicação do seu livro de contos. Publicado pela famosa e bem conceituada casa Laemmert & C, o livro também é avaliado pelo crítico no “Movimento literário do ano de 1893”,⁹² quando escreve sobre os “contistas e fantasistas” do ano, afirmando que:

De todos os contistas, que deram arras de sua atividade durante o ano, nenhum se afastou tanto da arguida linha de conduta como Inglês de Sousa.

Nos *Contos Amazônicos* não encontro um só esboço de mulher, que arme à voluptuosidade, nem uma cena em que o autor se mostre preocupado com a pimenta moderna da pornografia.

O autor do *Missionário*, que possui excelentes dotes de narrador, é um naturalista e um grande observador. As suas qualidades mais notáveis são o amor da natureza, a perfeita identificação artística com o meio em que se agitam os seus personagens, e a compreensão exata do movimento histórico da região, aonde se desenrolam as cenas dos seus contos. O seu talento impregnou-se de um modo singular da paisagem e da vida amazônica; de sorte que as suas narrações, sem artifícios e muito despretensiosas, desenrolam-se com volubilidade e, encantadoras, inspiram ao leitor o mesmo interesse que inspirariam trechos de memórias sobre acontecimentos clássicos da história do Pará. Os costumes nacionais se esboçam com relevo, e o caráter do povo e dos personagens lendários das ribeiras nada deixa a desejar pelo lado estético.⁹³

O livro de contos de Inglês de Sousa é recebido com estranheza, haja vista o crítico demonstrar a voluptuosidade como uma tendência da contística em 1893. Antes da análise de *Contos Amazônicos*, o crítico avalia as obras de Vírgilo Várzea e de Viveiros de Castro. Neste último aponta que, em *Chiquinha Mascote*, “trespalam a cada

⁹¹ SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 55.

⁹² O texto foi publicado em 1894, n’ *A Semana*.

⁹³ ARARIPE JÚNIOR. Movimento literário do ano de 1893. *Obra crítica de Araripe Jr.* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966. p. 163-4.

passo a mais capiosa volúpia. Há neles uma preocupação contínua da mulher carnal; e as formas da Vênus moderna constituem o fundo próprio da sua estética. O sexo persegue-o”.⁹⁴ Sobre Várzea, ao se referir ao livro *Rose Castle*, afirma que ele é outro “voluptuoso”.

Araripe Jr. aponta o afastamento do autor da “linha de conduta”, mostrando o não-Naturalismo da obra, pois não se encontram nos contos a “pornografia” e a “volúpia” características da escola. Mas afirma que Sousa é um “grande observador”, sabendo identificar o “meio” em que estão inseridas suas personagens, além de possuir uma “compreensão exata do movimento histórico” e eleva o trabalho do escritor com os costumes nacionais e o caráter do povo. A falta de enquadramento da obra na escola naturalista se dá pelo fato, provavelmente desconhecido do crítico, de que boa parte dos contos reunidos no livro foram publicados em periódicos entre os anos de 1876 e 1877.

A publicação dos *Contos amazônicos* é divulgada intensamente na imprensa carioca, principalmente na revista *A Semana*, na qual se encontra a crítica de Araripe Júnior. A exemplo de outros periódicos, um texto d’*O Álbum*, revista de Artur Azevedo, faz a divulgação do livro de contos:

O sr. Dr. Inglês de Sousa, mais conhecido na literatura nacional pelo pseudônimo ilustre de *Luiz Dolzani*, tem no prelo os *Contos amazônicos*, livro a que sem dúvida está destinado um grande êxito artístico.

O autor, cedendo graciosamente ao nosso pedido, consentiu que regalássemos os leitores do *Álbum* com o seguinte fragmento inédito de um dos melhores contos da coleção.⁹⁵

Em decorrência da publicação dos *Contos amazônicos*, aparecem outras apreciações críticas, como a publicada pelo poeta e crítico literário Osório Duque Estrada, na primeira página do jornal *O País*, no dia 23 de maio de 1893. Entre suas considerações, destaca-se o seguinte:

[...] depois de lê-lo cuidadosamente não nos sentimos cansados em folhear de novo as suas magníficas páginas, em que se acentua definitivamente o talento do escritor, revelando as qualidades de um bom estilo despretensioso e as magníficas descrições em que vive a

⁹⁴ ARARIPE JÚNIOR. Movimento literário do ano de 1893. *Obra crítica de Araripe Jr.* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966. p. 160.

⁹⁵ AZEVEDO, Arthur. *O Álbum*, Rio de Janeiro, abr 1893.

verdade da paisagem, justa e combinada, sem exageros coloristas, mas também sem os desmaios românticos da velha prosa delambida.⁹⁶

Em seu texto, Osório Duque Estrada também evidencia uma qualidade peculiar do livro: é “brasileiro” até a raiz dos cabelos e, por essa “simples qualidade”, atrai a simpatia do crítico. Este aspecto é valorizado pela crítica defensora do Naturalismo, em que “não é o romanesco, o literário, o que importa”, mas a possibilidade da literatura retratar “com ‘verdade’ e ‘honestidade’ aspectos da ‘realidade brasileira’”.⁹⁷ Aspectos que podem ser percebidos na definição de literatura naturalista de Osório, apontando que, “sendo a fotografia mais ou menos exata da natureza, deixa mais aos requintes da forma e às exigências do estilo, não só o principal trabalho da crítica, como a tradução medida da quantidade de sensibilidade artística do autor, se assim se pode dizer”.⁹⁸ Osório acredita que a obra de arte deve:

[...] estar subordinada a estes dois fenômenos: o estado geral dos espíritos e os costumes que observamos em roda de nós, mesmo quando ela tenha defeitos de execução, vale já por si alguma coisa quando obedece àquele conjunto de circunstâncias.⁹⁹

Para o crítico, a obra de Inglês de Sousa apresenta os dois requisitos. Define o autor paraense como aquele escritor que “vê apenas a natureza, observa-a, procurando firmar a mão para reproduzi-la fielmente”, contudo aponta que “não é perfeito o trabalho do seu pincel; há talvez cores que estejam mal combinadas, leves faltas que aqui e ali desmerecem do quadro, mas equilibradas por muitas qualidades por si só bastantes para que ele tenha um nome respeitado e seja discutido como um verdadeiro artista, que é”. Sintetizando sua crítica, define:

Inglês de Sousa é mais um paisagista do que um psicólogo; esta especialidade pode tornar mais fácil a tarefa dos críticos encarregados de examinar-lhe pesadamente a obra literária. Ele deu sempre à frase o tom quente da paisagem; relatou em meia dúzia de fotografias despretensiosas os principais tipos da sua terra natal.

Não os dissecou, como Balzac, mas apresentou-os já seminus, como os foi encontrar à beira das cabanas, dos ranchos pobres que bordam

⁹⁶ ESTRADA, Osório Duque. Contos amazônicos. *O País*, p.1, 23 maio. 1893.

⁹⁷ SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. p. 38.

⁹⁸ ESTRADA, Osório Duque. Contos amazônicos. *O País*, p.1, 23 maio. 1893.

⁹⁹ *Ibidem*.

as margens do grande rio, por onde navegam incessantemente as pirogas selvagens.¹⁰⁰

Osório não deixou de comparar Inglês de Sousa com um autor estrangeiro, nesse caso Balzac. Mostrando a diferença entre ambos, mostra que Sousa não dissecou suas personagens, mas apresentou-as seminuas. Além disso, revela o lado “paisagista” de Sousa e mostra que ele relatou com “fotografias” os tipos, numa tentativa de associar o autor às características naturalistas.

Depois do lançamento de *Contos Amazônicos*, Inglês de Sousa não publica mais textos literários e se dedica a escrever obras de cunho jurídico, como *Títulos ao portador no direito brasileiro*, que foi publicada em 1898 em livro, mas cujos capítulos já haviam sido publicados na *Revista Brasileira* no ano anterior. Essa obra de grande fôlego circulou pelos cursos de direito durante muito tempo, por causa de sua importância no meio jurídico. Outra obra foi o *Projeto de código comercial*.

As obras jurídicas são frutos, em grande parte, do seu trabalho como advogado, mas principalmente da sua atuação como professor na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, onde atuou desde 1894. Em 1902, é nomeado diretor dessa faculdade, justamente por sua importância como jurista e produtor de material, de certa forma, didático para o curso de direito.

Nesses anos de maior dedicação ao ensino e ao direito, as letras acabam ficando de lado, no quesito de produção literária, muito embora o autor continuasse participando dos meios literários e artísticos. Conforme Brito Broca, os salões de Inglês de Sousa, Sousa Bandeira e Coelho Neto eram “mais literários do que mundanos”.¹⁰¹ Sobre o do escritor paraense, informa:

No salão de Inglês de Sousa, à rua São Clemente, reuniam-se os intelectuais mais jovens, componentes da chamada *jeunesse dorée*. Alceu Amoroso Lima, Carlos de Ouro Preto, Renato Lopes, que depois iria fundar *O Jornal*, figuravam entre os mais assíduos. Fazia-se música: Inglês de Sousa tocava flauta e o filho, Carlos, violino. Improvisavam-se concertos. Representavam-se charadas animadas, que divertiam muito os convivas e, certa vez, encenaram a comédia de Machado de Assis *Não consultes médico*, ensaiada pelo próprio Inglês de Sousa.¹⁰²

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympo/ Academia Brasileira de Letras, 2005. p. 65.

¹⁰² *Ibidem*.

As reuniões nos salões não permitiam que Inglês de Sousa ficasse longe das recentes discussões sobre a literatura e também da nova geração de escritores da época. Nesse tempo, especificamente em 1896, o autor também se envolve com a fundação da Academia Brasileira de Letras, redigindo o projeto do estatuto. No ano seguinte é nomeado o tesoureiro da instituição.

Inglês de Sousa ocupou na Academia a cadeira de nº 28 e escolheu como seu patrono a Manuel Antônio de Almeida, autor de *Memórias de um sargento de milícias*. A escolha do referido autor parece ser proposital, porquanto as *Memórias* de Almeida constituem uma obra de transição, que não se prende somente às convenções da estética romântica; da mesma forma que as primeiras obras de Inglês de Sousa, já apresentam certas novidades em termos estéticos.

Em 1899, sai a lume a segunda edição de *O missionário*, agora pela casa Laemmert, com prefácio de Araripe Júnior, na verdade, o mesmo texto publicado em 1894, n'A *Semana*. Sobre os aspectos da publicação de *O missionário*, José Veríssimo comenta:

Este romance do sr. Inglez de Souza não é talvez, sem embargo de se republicar agora em segunda edição, tão conhecido quanto merece. Apareceu há nove anos, em Santos, num formato impróprio e incômodo a este gênero de literatura: foi certamente lido pelos, não mui numerosos, que leem livros brasileiros; estimado pelos que o leram, louvado pela crítica ou pelo noticiário; com tudo isto, porém, se não me engano, não penetrou propriamente no público, se não divulgou, ficou injustamente meio desconhecido. Se não é inexata esta minha impressão, a nova e boa edição que dele acaba de publicar a casa Laemmert, revista pelo autor e precedida de um estudo do sr. Araripe Júnior, é quase um livro novo. E, não hesito em afirmar, um dos melhores ao meu parecer, da nossa ficção em prosa.¹⁰³

Veríssimo critica o formato pelo qual se publicou a primeira edição de *O missionário*. Essa saiu encadernada em brochura pela tipografia do Diário de Santos e, na época, era incompatível com uma edição da Laemmert, totalmente valorizada pelos leitores. Para o crítico, o formato é tão importante, que transforma *O missionário* em “quase um livro novo”. Ao analisar o romance, não deixa de compará-lo às obras de escritores estrangeiros:

¹⁰³ VERISSIMO, José. Um romance da vida amazônica. *Suplemento literário d'A manhã*, Rio de Janeiro, p. 52, 07 set. 1941.— Publicado originalmente em 1903, pela Garnier, nos *Estudos de literatura brasileira* — 3ª série.

Filia-se estreitamente à corrente geral do naturalismo, e mais de perto do naturalismo zolista, divulgado em a nossa língua pelo sr. Eça de Queirós [...] Não creio que o naturalismo tenha produzido no Brasil obra superior a esta; mas nela mesma, estou em que o reconhecerá o próprio autor, deixou os vícios inerentes aos preconceitos das escolas.¹⁰⁴

No início do século XX, Sousa, “recolhido ao silêncio”,¹⁰⁵ começa a ter uma visão pessimista da relação entre a literatura e o jornalismo e parece descrente dos benefícios do jornalismo para a literatura nacional, conforme resposta dada à pergunta de João do Rio — “O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?” — em *O momento literário*:

Fazer literatura e fazer jornalismo são coisas diversas, como fazer arquitetura e fazer engenharia. Está demonstrado que se pode ser ótimo jornalista sem saber ler nem escrever. Em compensação, há redatores de periódicos que se contam entre os melhores literatos. Também há diretores e amanuenses de secretaria, escrivães e outros rabiscadores de papel, que são excelentes poetas e grandes romancistas. O que não quer dizer que a *burocracia* seja bom fator para a arte literária.¹⁰⁶

Esse posicionamento, segundo Cristiane Costa, revela que “a frustração com a impossibilidade de se tornar escritor profissional no Brasil não é exclusiva dos jornalistas”.¹⁰⁷ Inglês de Sousa separa o jornalista do escritor, posicionando-os em parâmetros diferentes. Sua visão cética do jornalismo nos leva a compará-la com a abertura de sua *Revista Nacional*, em que ele acreditava nesse veículo como proporcionador de uma “arena” para os escritores que acreditavam em uma “regeneração para as nossas letras”. Na verdade, “o mal não seria o jornalismo em si, mas a falta de mercado para a literatura”.¹⁰⁸

Inglês de Sousa também confessa a João do Rio sua predileção pelo romance *O missionário* e se autoavalia:

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 53.

¹⁰⁵ A afirmação foi feita por Clóvis Beviláqua, em resposta a João do Rio para o livro *Momento Literário*, comentando sobre “a nova feição do romance nacional”. RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994. p. 36.

¹⁰⁶ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994. p. 74.

¹⁰⁷ COSTA, Cristiane. *Penas de aluguel: escritores e jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. P. 23.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 28.

Das poucas obras que hei publicado, prefiro *O Missionário*, ainda que a sua fatura não corresponda ao meu modo atual de ver e sentir a natureza. *O Missionário* é espesso e palavroso; tem, pelo menos, cem páginas a mais. Todavia ainda hoje escreveria alguns capítulos, como o da viagem do Padre, o dia do Nico Fidêncio, o enterro do Totônio Bernardino.¹⁰⁹

Na entrevista, Inglês de Sousa ainda revela quais foram os autores que mais contribuíram para a sua “formação literária”, a saber: Erckmann-Chatrian, Balzac, Dickens, Flaubert e Daudet. Esses autores, participantes da formação de Sousa, constituem um misto de tendências estéticas. Em linhas gerais, Erckmann-Chatrian e Balzac foram lidos e apreciados por Sousa em sua estada em Recife e podem ser considerados influência marcante na obra do autor. Dickens, Flaubert e Daudet são nomes consagrados na literatura mundial, que, provavelmente inspiraram e fizeram com que o autor repensasse sobre suas obras e sua escrita.

4 - Crítica póstuma: a necessidade de uma revisão

Muitos autores se pronunciaram sobre a obra e a vida de Inglês de Sousa em razão de seu falecimento ocorrido no dia 6 de setembro de 1918. Nesse dia e nos dias subsequentes, os jornais relatam o grande número de pessoas¹¹⁰ presente no sepultamento do escritor, político e jurista, que ficou conhecido por seus trabalhos e realizações nessas áreas. Oscar Lopes, n’A *Semana*, pronunciou-se sobre o autor fazendo diversos elogios e comentando os seus trabalhos literários:

Não menos luminosa era a feição de Inglês de Sousa nos domínios da literatura. A cadeira em que se sentava na Academia Brasileira de Letras, ele amplamente a honrava, como autor que era de vários livros excelentes, entre os quais avulta *O missionário*, o belo romance que tão vasta influência trouxe à formação literária das classes cultas do Brasil.¹¹¹

Depois de algum tempo, a cadeira de nº 28 da Academia Brasileira de Letras é ocupada por Xavier Marques, que, ao entrar, faz protocolarmente, o elogio do antecessor Inglês de Sousa. No seu discurso, realizado na sessão solene do dia 17 de setembro de 1920, afirma que:

¹⁰⁹ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994. p. 74.

¹¹⁰ Conforme relato do jornal *O Paiz* sobre o acontecimento.

¹¹¹ LOPES, Oscar. Inglês de Sousa. *Suplemento literário d’A manhã*, Rio de Janeiro, p. 53, 07 set. 1941. Texto publicado em 1918, no jornal *A Semana*, em decorrência do falecimento de Inglês de Sousa.

[...] Inglês de Sousa não foi mero pintor de esplendorosas paisagens. A vida com a sua harmonia superior, nas energias cegas ou conscientes do instinto e da razão, igualmente lhe pôe em jogo as robustas faculdades representativas. Evocando-a com intensidade, em toda a extensão e multiplicidade dos fenômenos respectivos, é que ele se privilegiou com os foros da grande arte e se fez um revelador de almas ou, como se diz na República de Platão, um criador de fantasmas. Apesar da simplicidade dos seus processos literários, justo é se lhe reconheça, com Araripe Júnior, o vigor da imaginação. Tratando-se de literatura, é comum associar-se a essa palavra a idéia de translação metafórica e quase reduzir a imaginação àquela que se manifesta no estilo por uma profusa eflorescência de imagens verbais. A linguagem de Inglês de Sousa, correntia e singela, clara e luminosa, não se priva em absoluto desses recursos transláticos, de que nos dá espécimens fortemente pitorescos.¹¹²

Xavier Marques aponta para a “simplicidade” dos processos literários de Sousa, mas reconhece o “vigor da imaginação” do escritor. Caracterizando a linguagem, mostra que esta não é plenamente isenta do que ele chama de “translação metafórica” comum à literatura. Da produção literária do autor, Xavier Marques apenas cita *O missionário*, classificando-o como naturalista, mas sem se aprofundar no assunto. Nas palavras de Marques, “*O missionário* ficou sendo o mais sazonado fruto do Naturalismo brasileiro. Sem as perversões e os exageros em que se desnaturou a escola, Inglês de Sousa reivindicava os devaneios de um padre visionário a dura realidade do determinismo.”¹¹³

Na década de 30, Humberto de Campos escreve sobre o autor em *Carvalhos e Roseiras*, tentando encontrar um lugar para ele entre os escritores da literatura brasileira:

Inglês de Sousa não era, sem dúvida, dos nossos grandes escritores modernos. A obra que nos legou não apresenta, positivamente, uma feição definitiva. Ele próprio reconhecia essa falha do seu esforço, quando confessava, em 1910, na sua resposta ao sr. Paulo Barreto [...]. Seria injustiça, no entanto, negar-lhe a vocação literária, o mérito do trabalho, embora irregular e dispersivo, o destaque, enfim, que lhe cabe entre os melhores escritores.

Ele possuía, para ser escritor, as qualidades essenciais. Os assuntos que fixou no romance, ou no conto, eram dignos do conto ou do romance e documentam, de modo inequívoco, a sua capacidade na escolha dos motivos. Usava boa língua e era sóbrio, sem sacrifício da verdade, na descrição dos cenários e das figuras. Era, em suma, um talento que esperava, apenas, a colaboração do tempo e a continuidade

¹¹² MARQUES, Xavier. Discurso do sr. Xavier Marques. I: *Discursos Acadêmicos*. Tomo II. Rio de Janeiro: ABL, 2006. p. 90-91.

¹¹³ *Ibidem*, p. 98.

do trabalho, como os esperam, sem pressa e sem revolta, os frutos que amadurecem.¹¹⁴

Pelo seu comentário, percebe-se que a análise se concentra em como Sousa compôs *O missionário* e *Contos amazônicos*, sem citar as primeiras publicações do autor paraense. Na sequência do texto, Campos põe em destaque o posicionamento dos críticos da época, comparando-os à parábola do vinicultor, que paga a todos os trabalhadores o mesmo salário, independente da hora que começaram a trabalhar. O critério da crítica, segundo Campos, é de que “ela não recusa efetivamente, às vezes, o justo salário do talento. Como, porém, se vê constrangida a distribuir esse mesmo salário aos vindimeiros que pouco fazem, há, naturalmente, revoltas e protestos, não contra a sua injustiça, mas, em geral, contra a generosidade a que obrigam”. Inglês de Sousa “tinha consciência do próprio valor, na sua relatividade”, mas “valeria a pena, porém, trabalhar, penar, mortificar-se, para ter, ao fim, o mesmo prêmio que se conferia a pequenas inteligências douradas?”.¹¹⁵ Nessa pergunta retórica, Campos reafirma que a crítica não valorizava os bons escritores.

Ainda na década de 1930, Agrippino Grieco em *Evolução da prosa brasileira* cita Inglês de Sousa, afirmando sobre obra do romancista paraense o seguinte:

[...] no *Missionário*, mostrou-se, como o Veríssimo da primeira fase, atraído pela vida amazônica. O cacaulista era um dos seus tipos prediletos. Suas personagens marcham realmente através das cenas, os episódios articulam-se artisticamente. Não perdia ele páginas e páginas a envernizar uma paisagem que, para não interromper a ação, lhe cumpria gizar em poucas linhas, e nem perdia tempo contando minuciosamente os fios da barba do modelo ou medindo-lhe a circunferência dos botões.¹¹⁶

O crítico compara Sousa a Veríssimo no quesito temática, visto que ambos escreveram sobre a Amazônia. Percebe-se, como nos outros textos críticos citados, que o crítico se refere apenas aos últimos trabalhos de Sousa publicados: *O missionário* e *Contos amazônicos*. Em geral, nas apreciações críticas, a obra do escritor paraense que se sobressai é *O missionário*, que apresenta características naturalistas vindas do mestre

¹¹⁴ CAMPOS, Humberto de. *Carvalhos e roseiras: figuras políticas e literárias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 131.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 134.

¹¹⁶ GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1933. p. 98.

Zola.¹¹⁷ Os livros publicados no início da carreira do autor são praticamente esquecidos e em alguns textos críticos nem mesmo são mencionados. O esquecimento pode ser pela inacessibilidade das primeiras obras. Caso diferente aconteceu com *O missionário* que teve duas edições, ainda no século XIX, a primeira publicada pela tipografia do Diário de Santos, e a segunda, em 1899, foi publicada em dois volumes pela casa Laemmert, mesma tipografia que publicou os *Contos amazônicos*.

Em 1941, sob a direção de Mucio de Leão, ocupante da cadeira de nº 20 da Academia Brasileira de Letras, publica-se no suplemento “Autores e Livros” do jornal *A Manhã*, um dossiê sobre a vida e a obra de Inglês de Sousa. A intenção da publicação é “trazer à tona os valores autênticos das nossas letras, que estejam sepultados no esquecimento, ou apenas na indiferença do público”. Na apresentação do número, provavelmente feita por seu organizador, expõe-se primeiramente sobre a omissão do nome de Inglês de Sousa nos compêndios de História Literária, exemplificando com *Pequena história da literatura brasileira* de Ronald de Carvalho, em cuja primeira edição se cita o nome do autor, mas desaparece nas edições posteriores. A culpa recai sobre o próprio Inglês de Sousa, que nas palavras do editor, “parece ter descrito singularmente da conveniência de realizar a sério uma obra literária”. No entanto, o autor paraense “representa uma das primeiras realizações do romance naturalista nacional e parece ser precisamente o escritor que primeiro descobriu o imenso campo aberto à ficção que havia na região amazonense”.

A publicação reúne textos do próprio Inglês de Sousa, artigos de importantes críticos, depoimentos e um texto biográfico escrito por Paulo Inglês de Sousa, filho do autor. Com autoria de Inglês de Sousa, há o conto “O gado do Valha-me-Deus”, publicado no livro *Contos amazônicos*, e os textos “O selvagem brasileiro” e “A condição dos índios no Brasil”, fruto de conferências feitas no início do século XX. Também está publicada uma carta de Inglês de Sousa a Afonso Celso, de dezembro de 1912, agradecendo pelo artigo do amigo publicado no *Jornal do Brasil*, analisando de forma positiva o livro *Projeto do Código Comercial*. No dossiê, há a republicação da crítica de Araripe Júnior sobre o romance *O missionário* e *Contos amazônicos*, depoimentos de João do Rio e Humberto de Campos, além de textos de José Veríssimo,

¹¹⁷ Apesar de Inglês de Sousa não se referir a Zola como um dos autores que contribuíram para a sua formação literária, é clara a relação entre *O missionário* e o romance *La faute de l'abbé Mouret*.

José Lins do Rego, Virgílio de Sá Pereira, Oscar Lopes, Olívio Montenegro e Xavier Marques.¹¹⁸

No artigo “Inglês de Sousa e os naturalistas”, José Lins do Rego expõe sobre o entusiasmo do jovem Inglês de Sousa, quando ainda era estudante em Recife. Nessa época, para o escritor, “a vida andava mistificada, o escritor preso a convenções”, e os jovens “estavam cansados de morrer aos vinte anos; os românticos haviam enchido o ambiente com os seus hábitos de tísicos. Queria-se a vida, queria-se viver”. Para o crítico, o escritor “voltava-se para os homens que queriam mais analisar do que sentir. Ele seria um de nossos primeiros naturalistas”.

Já Virgílio de Sá Pereira faz um “Elogio de Inglês de Sousa”, por ocasião da sua morte, na Corte de Apelação, elevando em seu texto as qualidades do autor como advogado e jurisconsulto. Em sua fala associa a escrita jurídica à escrita literária, ao afirmar que:

Nos seus livros, como esse magnífico *Tratado dos títulos ao portador*, que ficará clássico em nossas letras jurídicas, nos seus trabalhos de codificação, como os projetos que estão no Congresso, nos seus libelos e arrazoados, tão numerosos e dispersos, se encontra esse mesmo estilo apurado que denunciaria o homem de letras, se como um dos mais notáveis já o não tivessem consagrado alguns fortes e sadios volumes com que enriqueceu a nossa literatura de ficção.

No artigo “Um estudo de Olívio Montenegro sobre o romancista do *Missionário*”, Montenegro começa com uma crítica a Veríssimo, acusando-o de não deixar claro o seu verdadeiro posicionamento crítico ao analisar *O missionário*. Montenegro disserta sobre o romance e as características naturalistas da obra, expondo sua opinião a respeito do anticlericalismo presente nela, afirmando que é um “fundo mais ímpio, de um sentimento mais furioso contra a religião do que o dos mestres mesmos da sua escola”. Na análise do crítico, sobre *O missionário*:

[...] não há exagero em dizer que é o romance mais organicamente vivo e completo de quantos podemos filiar à escola naturalista do Brasil. A visão dramática da vida que o autor nos descreve ultrapassa, nas cenas mais características, os ângulos retos da sua visão científica. O leitor não sente facilmente que o romancista premeditou uma experiência como de laboratório com os seus personagens. Eles ordinariamente movem-se, agem, falam e pensam, com uma

¹¹⁸ Os textos de Araripe Jr., João do Rio, José Veríssimo, Oscar Lopes, Xavier Marques e Humberto de Campos são os mesmos comentados anteriormente.

espontaneidade tão natural, que ninguém os dirá servilmente tutelados por uma ideia instrumentos de uma tese.

Montenegro também relata a situação vivida por Sousa ao ser escritor e advogado no Brasil e como esta última profissão é mais valorizada do que a primeira:

Com Inglês de Sousa verifica-se um caso que não é comum na história dos literatos brasileiros – foi literato, jurista e homem de Estado ao mesmo tempo, tendo exercido o governo das províncias do Espírito Santo e de Sergipe. E ainda hoje o seu nome é mais conhecido como jurista do que como autor de ficção. Talvez porque a ficção no Brasil nunca fosse levada tão a sério como as letras jurídicas. Até pelo contrário: no homem político do Brasil o gosto pela ficção literária sempre foi olhado com as maiores reservas, quase depreciado como uma falta de compostura, uma espécie de boemia de espírito que não casasse bem com a circunspeção e a dignidade das altas funções administrativas. Ele deve ter vencido na vida pública pelo seu senso jurídico e a obra mesmo que mais o consagra é a sua obra de Direito. Os seus romances “O Cacaulista”, “Coronel Salgado”, os seus contos “Contos Amazônicos”, e também “O Missionário”, são pouco ou quase nada lidos hoje. E ao tempo em que apareceram, não consta que tivessem feito grande ruído.¹¹⁹

Ainda em 1941, a *Revista do Brasil* publica em maio uma série denominada “O romance brasileiro”, que é depois reunida em um volume de mesmo título, publicado em 1952. Sobre Inglês de Sousa se encontra nessa última edição dois textos, um de autoria de Sergio Buarque de Holanda e outro de Oswald de Andrade. O artigo intitulado “Inglês de Sousa: ‘O Missionário’”, de Sergio Buarque de Holanda, traz uma periodização em que a obra de Inglês de Sousa é dividida em duas fases:

[...] Inglês de Sousa não ousou endossar plenamente seus escritos enquanto não teve mão assentada.

O pseudônimo de Luis Dolzani serviu para essa primeira fase, em que o escritor devia exercitar suas capacidades e aparelhar seus recursos. Imaginou a princípio uma obra cíclica, intitulada *Cenas da Vida do Amazonas*, e começou a escrevê-la quando ainda estudante de Direito. Dessa obra ficaram-nos a *História de um pescador*, *O cacaulista*, e *Coronel Sangrado*. Mas de seus livros de ficção, além de *O Missionário*, editado em 1888, apenas os *Contos Amazônicos* saíram mais tarde sob o nome do autor.

A propósito de Luiz Dolzani basta-nos dizer que seu mérito foi sobretudo o de um pioneiro. Até as *Cenas da Vida Amazonas*, bem anteriores em data ao livro quase homônimo de José Veríssimo, esse mundo equatorial, que desde Humboldt inspirara tantos quadros

¹¹⁹ O nome da obra *O coronel Sangrado*, manteve-se como no original da crítica de Montenegro, *O coronel Salgado*. Seria apenas um erro de composição ou erro do autor da crítica?

deslumbrados, ainda não tinha conseguido provocar nossos novelistas. Cabe notar, em seu desabono, que a desordem da natureza tropical é demasiado tumultuosa e violenta para um desenhista sóbrio; sua intromissão nos livros de Inglês de Sousa, mesmo os da primeira fase, só é explicável por exigência do assunto e como tela de fundo.¹²⁰

Na divisão feita, a primeira fase seria composta por *História de um pescador*, *O cacaulista* e *O coronel Sangrado*; já a segunda por *O missionário* e *Contos amazônicos*. Holanda estabelece essa divisão tendo como critério principalmente a data de publicação das obras, sem analisar o conteúdo, visto que todas as obras podem ser encaixadas na série “Cenas da Vida do Amazonas”. O crítico também chama a atenção para o uso do pseudônimo Luiz Dolzani, pelo qual Inglês de Sousa assina seus trabalhos. Com efeito, Sousa assina com seu nome somente as edições da Laemmert, *Contos amazônicos* e *O missionário*, e os primeiros capítulos do *Coronel Sangrado*, publicados em volume na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*.

Já Oswald de Andrade, no artigo “Dois emancipados: Júlio Ribeiro e Inglês de Sousa”, comenta os romances *A carne* e *O missionário*, dos respectivos romancistas, afirmando que os dois romances “valem muito mais como atitude e como aventura intelectual do que propriamente como cometimento literário. Qualquer desses dois livros, desligado das condições imediatas de tempo e de espaço, não constitui propriamente um movimento de fundo ou de forma capaz de representar uma literatura.”¹²¹ Oswald, que é parente consanguíneo de Inglês de Sousa, defende que os livros analisados dos dois autores só se promoveram por causa do “escândalo que eles contêm”, posicionamento que revela o pensamento de Oswald contra o Naturalismo, expresso anteriormente no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, publicado no *Correio da Manhã*, em 1924.¹²²

Em 1946, a editora José Olympio publica a terceira edição de *O missionário*, que aparece com o prefácio crítico de Aurélio Buarque de Hollanda, que destaca

¹²⁰ HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Inglês de Sousa: “O missionário”. I: HOLLANDA, Aurélio Buarque. *O romance brasileiro* (De 1752 a 1930). Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952. p. 168.

¹²¹ ANDRADE, Oswald. Dois emancipados: Júlio Ribeiro e Inglês de Sousa. Hollanda (org.) *O romance brasileiro* (de 1752 a 1930). Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1952. p. 177.

¹²² No “Manifesto” citado encontra-se: “houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes do mundo. Instituíra-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lâ mesmo, não prestava. A interpretação do dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho... [...]”, e depois institui “o trabalho contra o detalhe naturalista – pela *síntese*; contra a morbidez romântica – pelo *equilíbrio* geométrico e pelo *acabamento* técnico, contra a cópia, pela *invenção* e pela *surpresa*”. (ANDRADE, Oswald. O manifesto antropófago. I: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976)

principalmente as características da escrita de Inglês de Sousa, como se pode observar pelo trecho transcrito:

Do seu processo de estilista – melhor, talvez: de romancista – é o repetir expressões, sentenças, períodos inteiros, sem alteração nenhuma ou apenas levemente modificados – para impor mais seguramente à atenção do leitor um traço de caráter de personagem, uma declaração importante, um fato que, doutra maneira, com menos dificuldade se diluiria no conjunto.¹²³

Hollanda não se pronuncia abertamente sobre a inserção de Inglês de Sousa na história da literatura brasileira, como fizeram a maioria dos críticos anteriores, tentando encaixar o autor dentro de uma estética. O crítico apenas afirma, na ocasião em que analisa *O missionário*, que no estilo de Inglês de Sousa “transparece viva a influência do realismo”.¹²⁴ Ao citar a palavra “realismo”, coloca em nota de rodapé: “Foi Inglês de Sousa, com o *Coronel Sangrado*, aparecido em 1877, ‘quem primeiro escreveu aqui segundo as regras realistas’”.¹²⁵ O trecho entre aspas refere-se a afirmação de Lúcia Miguel Pereira sobre a obra inglesiana e, de certa forma, Hollanda deixa para a estudiosa o julgamento da posição de Inglês de Sousa, no quesito escola literária, porquanto seu intuito maior é de analisar a linguagem de *O missionário*. No decorrer da crítica, em aspecto comparativo, Hollanda relaciona Inglês de Sousa a Eça de Queirós, tentando valorizar as características da literatura inglesiana, ao afirmar que o romancista brasileiro tem:

[...] o mesmo andamento, o mesmo ritmo sereno e ondulante, o mesmo espriamento das palavras com breve estação nos incidentes ora curtos, ora longos, para terminar, muitas vezes, com dois adjetivos de sentido e efeito sônico bem contrastantes, ou casados ao arpejo do uso comum; aquela mesma aliança do trivial e do raro; aquele mesmo jogo de elementos díspares que fez a boa fortuna da maneira eciana.¹²⁶

O artigo de Lúcia Miguel Pereira citado por Hollanda foi publicado em 1945, no jornal *Correio da Manhã*. Nesse texto, a crítica confere às primeiras obras uma “má sorte”, pois saíram “precedendo de pouco a introdução do naturalismo”. Detendo-se em

¹²³ HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Prefácio. I: SOUSA, Inglês de. *O missionário*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1946. p. 15.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 9.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 9. O texto a que Aurelio Buarque de Holanda faz referência é “Inglês de Sousa versus Luiz Dolzani”, de Lúcia Miguel Pereira, publicado no *Correio da Manhã* em 17 de junho de 1945.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 11.

O coronel Sangrado, afirma que o livro não encontrou um “ambiente preparado” para recebê-lo; assim não teve repercussão e Inglês de Sousa ficou como “precursor de um movimento de que deveria ter sido o iniciador”. Ainda sobre este romance, inserindo-o no Naturalismo, aponta que:

Aparecido antes da grande voga de Zola e Eça de Queirós entre nós, antes mesmo de se haver generalizado em França o nome de naturalismo, a novela, se nas linhas gerais obedecia rigorosamente aos novos cânones, não empregava nenhum dos tiques, das fórmulas que ficariam depois inseparáveis da escola que sucedeu ao romantismo. E não só o público, mas também a crítica e os próprios escritores, deixam-se em regra levar mais pela forma, pela aparência, do que pela estrutura, pela essência.¹²⁷

Dando sequência ao artigo do *Correio da Manhã*, em um processo revisionista das primeiras obras, a crítica expõe que:

[...] o mesmo Inglês de Sousa, recebendo depois o influxo do meio, já então afeito aos maneirismos do naturalismo, adotou-os no *Missionário*, achando talvez que as primeiras novelas, compostas mais pelo exemplo de Flaubert, cujos processos, justamente por serem mais artísticos, eram menos marcantes, haviam ficado fora de moda. Não falavam em temperamentos, nem em hereditariedade, não recorriam a dogmas científicos, e por isso não eram bastante modernas. Haviam de qualquer modo envelhecido prematuramente, não mereciam a reedição.

Não sei se será verdadeira a explicação que alvitro, mas parece-me plausível, e é a única que encontro para o pouco caso do autor para com livros de tanta importância.¹²⁸

Nesse importante artigo para os estudiosos de Inglês de Sousa, Lúcia Miguel Pereira tenta encontrar uma explicação para a não reedição das primeiras obras do autor. Pode-se concordar com a autora em partes, pois provavelmente o autor paraense não teve oportunidade para uma republicação e também por causa do rumo dado a sua profissão, visto que se dedica depois da década de 1890, muito mais ao direito do que às letras. Outro ponto é que *Contos amazônicos* são escritos, em sua maior parte, ao mesmo tempo que os primeiros romances, e o autor os publica em 1893, com algumas alterações. Sobre o posicionamento do próprio Sousa, sabe-se apenas que prefere *O missionário* e considera suas primeiras obras como meros ensaios. Mesmo assim, provavelmente, o autor pensava sobre a importância de seus primeiros escritos como

¹²⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. Inglês de Sousa versus Luiz Dolzani. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 jun. 1945.

¹²⁸ *Ibidem*.

indícios de um momento de transição de tendências literárias, haja vista ter escolhido o nome de Manuel Antônio de Almeida como seu patrono na Academia Brasileira de Letras.

De toda forma, é possível discordar da crítica em relação ao uso das “fórmulas” da escola nas primeiras obras, em virtude do uso de certas características da estética naturalista, como o a hereditariedade e os temperamentos, não de forma convicta, mas de forma tênue, com sutileza. É como se essas características estivessem, naquele momento, sendo experienciadas pelo autor. Sousa não tem nenhum modelo naturalista para seguir em 1875, então aproveita as leituras dos romances realistas e de transição, juntamente com as ideias, concernentes ao Naturalismo, para compor seus primeiros escritos.

Na década de 1950 renasce a crítica e a discussão sobre a obra de Inglês de Sousa, provavelmente por causa da comemoração do centenário de nascimento do autor. Lúcia Miguel Pereira aprofunda a crítica publicada no *Correio da Manhã* em seu livro *Prosa de ficção de 1870 a 1920*, constando que, se considerada em conjunto, a obra do escritor obidense:

apresenta-se como um documento social, fixando aspectos vários da Amazônia, da Amazônia do cacau e da pesca, região meio selvagem onde a vida era sempre uma luta [...] luta do homem contra o homem, e contra a natureza que o ameaça física e moralmente, pelos animais que o atacam, pela água que o afoga, pelo sol que o queima, pelo amolecimento que lhe derreia a energia.¹²⁹

Lúcia Miguel Pereira discorre sobre os romances *O cacaulista* e *História de um pescador* e destaca que Inglês de Sousa era “um autor realista quando todos ainda eram românticos”,¹³⁰ tema delicado ao se classificar Sousa dentro de um tendência, sem consenso entre os críticos. Especificamente sobre *O coronel Sangrado*, aborda a questão do início da estética naturalista no Brasil:

Livro nítido, humano, bem concebido e bem realizado, parece-me não só o melhor de Inglês de Sousa, como um dos melhores no gênero, entre nós. Pelo seu valor, e pela sua importância, como marco denunciador de novas tendências na nossa história literária, exige um destaque que lhe foi até hoje negado. [...] Aparecido antes dos triunfos do naturalismo, *O coronel Sangrado* foi, por assim dizer, um livro

¹²⁹ PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957.p. 160.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 161.

premature; introduziu aqui os novos métodos antes do momento propício.¹³¹

Observa-se que ao classificar as obras de Inglês de Sousa, Lúcia Miguel Pereira usa os dois termos: “Realismo” e “Naturalismo”. Contudo, a estudiosa deslinda um posicionamento mais ponderado, ao afirmar que Inglês de Sousa é precursor do Realismo e *O coronel Sangrado*, destaca-se por ser “inteiramente liberto do romantismo”, e que o autor será um “naturalista completo” com *O missionário*.

Com a comemoração do Centenário de Inglês de Sousa, a *Revista da Academia*, de 1954, publica um discurso de Barbosa Lima Sobrinho a respeito do autor e também uma conferência de Rodrigo Octávio Filho, que no ano seguinte publica uma biografia de Inglês de Sousa, a qual serve de base para todos os estudiosos do autor.

Na biografia de Rodrigo Octávio Filho, faz-se um comentário sobre a situação dos primeiros romances de Inglês de Sousa:

Dos romances da mocidade – *O cacaulista*, a *História de um pescador* e o *Coronel Sangrado*, que escreveu em 1876, e publicou sob o título de *Cenas da Vida Amazônica*, é quase impossível hoje encontrar-se um exemplar, o que é de lamentar-se. A sua reedição se impõe não só pelo seu próprio mérito intrínseco, mas porque representam as primeiras manifestações da escola naturalística no Brasil, precedendo de quatro anos a publicação de *O mulato*, de Aluisio Azevedo.¹³²

Rodrigo Octávio ainda usa o artigo de Lúcia Miguel Pereira e de Josué Montello para defender sua argumentação, afirmando que, “se fixarmos o ponto de que o romance naturalista no Brasil tem para as suas origens, duas datas: 1877 e 1881, que correspondem, respectivamente à publicação de *O coronel Sangrado*, e de *O Mulato* – temos que dar primazia cronológica a Inglês de Sousa”.¹³³

A década é profícua, com a republicação das críticas de Oswald de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, em *O romance brasileiro* (1752-1930), pela editora Cruzeiro. O nome de Inglês de Sousa também aparece na *História da literatura brasileira* de Antônio Soares Amora, de 1954, onde se lê o seguinte:

Ainda estudante em São Paulo, ligado mais à influência do romance regionalista de José de Alencar, que ao Realismo, a que ia aderindo

¹³¹ *Ibidem*, p. 160.

¹³² OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955. p. 36.

¹³³ *Ibidem*, p. 36-7.

como intelectual e político, iniciou, sob o pseudônimo de Luis Dolzani, uma obra cíclica, escrita com material de reminiscência [...] Só em 1888, quando o movimento realista chegava ao auge do seu desenvolvimento e eram muito vivas as influências do romance experimental, publicou *O Missionário*, romance intencionalmente naturalista, se bem que, como os anteriores, fruto exclusivamente de reminiscências, e de leituras sobre o “inferno verde” da Amazônia.¹³⁴

Amora liga as primeiras obras de Inglês de Sousa ao regionalismo de Alencar e mostra a adesão e influência das novas estéticas nas obras do escritor paraense. Em geral, nas críticas do século XX, o tema da relação de Sousa com as estéticas realista e naturalista é reforçado pelos críticos, com diversos posicionamentos e comparações com Aluísio Azevedo, autor de *O mulato*. Não há uma análise das obras propriamente dita, somente o esforço em enquadrar em determinada escola literária.

No ano de 1956, Francisco de Assis Barbosa publica o livro *Retratos de família*, que reúne relatos familiares de personalidades literárias, como Alphonsus Guimaraens, Clóvis Bevilacqua, Rui Barbosa e Mário de Andrade, dentre outros, escritos por algum parente desses autores. Para essa publicação, coube a Paulo Inglês de Sousa escrever sobre seu pai. Apesar da data de publicação da obra, o texto foi escrito em outubro de 1944.

Em 1960, edita-se *Inglês de Sousa* – textos escolhidos de Bella Josef, publicado pela editora Agir, publicação com caracterizações e afirmações sobre todas as obras de Sousa, trazendo ainda excertos. Nesse livro encontram-se as seguintes considerações:

Inglês de Sousa move-se em seu tempo, observa e descreve a sociedade em cujo âmbito vive; focaliza os elementos representativos, pontos frequentes de reuniões, ruas, praças, estabelecimentos. Pretendeu dar um espelho fiel quanto possível do homem e do mundo que o rodeia. Neste sentido, consideramo-lo precursor do romance nordestino contemporâneo: descontadas as diferenças de época e personalidade, corresponde à linha sociológica que configura o ciclo do Nordeste, assimilando sua temática, na luta e relação do indivíduo e o meio, com as situações decorrentes. Querendo escapar ao documento regional e ao caricaturesco, manifesta preferência pelas formas genéricas sem no entanto carregar nas cores.¹³⁵

Josef ressalta a relação do autor com o romance regionalista, ao afirmar que Inglês de Sousa é o “precursor do romance nordestino contemporâneo”, por causa das lutas sociais travadas nos romances. O posicionamento da crítica é fruto da assimilação

¹³⁴ AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1977. p. 132.

¹³⁵ JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa: textos escolhidos*. São Paulo: Agir, 1963. p. 14.

de leituras de estudos, como o de Lúcia Miguel Pereira e Amora, que também observam o “regional” na obra de Sousa. Josef também entra na discussão sobre a estética literária, ao considerar Sousa como o “autor do primeiro livro realista aparecido entre nós”, e dizer que “ainda não apresenta as ousadias da escola; elas existiram apenas na intenção. Seu estilo é, na maioria das vezes, escoreito e sóbrio, compraz-se na escolha do termo justo e do vocábulo preciso que lhe dá encanto e espontaneidade”.¹³⁶

Em 1968, a editora da Universidade Federal do Pará reedita *O coronel Sangrado*, com apresentação de José da Silveira, prefácio de Josué Montello, “Nota à margem” de Raymundo de Souza Moura e orelha de Rodrigo Octávio Filho. É consenso entre esses estudiosos que a obra se tornou uma raridade bibliográfica, não sendo encontrada por aqueles que desejam pesquisar a respeito do autor. *O cacaulista* e *História de um pescador* também tiveram o mesmo infortúnio, sendo o primeiro reeditado em 1973, pela editora da UFPA, e o segundo somente em 1990, pela Secretaria de Estado de Cultura do Pará.

Por ocasião da publicação da nova edição do romance *O cacaulista*, pela editora da UFPA, um artigo publicado na *Folha do Norte*, de Belém (PA), na seção “Literatura”, sem a devida autoria, reforça a ideia de Inglês de Sousa como inaugurador do Naturalismo:

A primeira [edição de *O cacaulista*] data de 1876, e foi lançada em São Paulo, situando o autor, como um dos precursores do naturalismo em nossa literatura. Na verdade, não fora a polêmica suscitada pela publicação de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, caberia a ele a qualidade de iniciador desse movimento literário no Brasil, com um romance mais definido no novo estilo, *O coronel Sangrado*, que antecedeu à publicação do livro consagrado do romancista maranhense. É que o romance de Aluísio Azevedo atendia mais ao gosto temático urbano de uma época, enquanto que o regionalismo amazônico de Inglês de Sousa, ainda não contava com a expectativa em torno de uma temática do extremo norte.¹³⁷

A opinião é reforçada, num provável intuito de valorizar a obra paraense no cenário da literatura brasileira oitocentista. No entanto, outros críticos preferem não se pronunciar sobre a polêmica inserção do autor no Naturalismo, como Raymundo de Souza Moura, que apenas faz comentário sobre a vida e a obra de Sousa, no *Correio Braziliense*, em 1974.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 12.

¹³⁷ O CACAULISTA. Literatura. *Folha do Norte*, Belém, 22 jul. 1973.

Em 20 de julho de 1989, Oscar Dias Corrêa tomando posse da cadeira de nº 28 da Academia, pronuncia seu discurso e, nesse, como é de praxe, remete aos seus antecessores. O autor declara abertamente sua opinião sobre o lugar que Inglês de Sousa deve ocupar na historiografia brasileira:

Inglês de Sousa é naturalista consciente, o primeiro, por direito de precedência e de fato, a adotar no Brasil os princípios estéticos da escola, no seu romance *O coronel Sangrado*, de 1877, embora os manuais de História da Literatura Brasileira insistam na atribuição da primazia a Aluísio Azevedo e seu romance *O mulato*, publicado em 1881, no mesmo ano das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.¹³⁸

Oscar Dias não só reafirma o posicionamento de Inglês de Sousa na literatura brasileira, mas mostra que ele é um “naturalista consciente”, revelando que o autor tinha consciência do que fez, quando escreveu seus primeiros romances; não sendo apenas, em termos estéticos, fruto do acaso. Apesar de não argumentar ou trazer novos dados sobre a obra de Inglês de Sousa, o discurso de Oscar Dias é importante para se pensar sobre a consciência literária de Sousa ao compor suas primeiras obras e a necessidade de serem revistas.

Anos depois, José Aderaldo Castello em seu livro *A literatura brasileira: origens e unidade* insere Inglês de Sousa no capítulo “O último quartel do século XIX – A narrativa ficcional”, e nomeia o subcapítulo como “Inglês de Sousa – Um caso de revisão”. O historiador da literatura insere Inglês de Sousa como um escritor “representativo da narrativa ficcional da segunda metade do século XIX”, mas não o escritor “tradicionalmente conhecido pelo romance *O missionário*, mas o Inglês de Sousa também das obras anteriores e posteriores, quando ele é verdadeiramente expressão destacada das transformações do nosso realismo interno caracterizado pela preocupação de representar a diversidade da realidade e da paisagem brasileiras”.¹³⁹ Nesse momento, Castello valoriza e incentiva a pesquisa sobre as primeiras obras do autor paraense.

Nos anos seguintes, a crítica permanece em silêncio, mas há um interesse pela republicação das obras de Inglês de Sousa fora do ambiente acadêmico. A obra do

¹³⁸CORRÊA, Oscar Dias. Discurso do sr. Oscar Dias Corrêa. I: *Discursos acadêmicos*. 1981-1994. Tomo VI. Rio de Janeiro: ABL, 2010. p. 422-423.

¹³⁹ CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 399.

escritor ganhou destaque com a publicação de *Contos de Inglês de Sousa* (2008) pela editora Difusão Cultural do Livro. O livro, ilustrado por Dave Santana e Maurício Paraguassu, contém a seleção de cinco¹⁴⁰ contos de Inglês de Sousa e é destinado ao público infanto-juvenil. Com o mesmo propósito, a editora lançou uma edição ilustrada, em volume exclusivo, do conto *A feiticeira* (2007).¹⁴¹ Dentre outros, o crescente interesse pela obra do escritor obidense pode ser explicado pelo destaque dado à região amazônica, que anteriormente se concentrava exclusivamente nos aspectos ambientais, mas, hoje, a nova tendência é ampliar os horizontes.

Academicamente, a produção crítica no século XXI sobre a obra de Inglês de Sousa é composta de publicações de livros, como *Inglês de Sousa em todas as letras*, de Paulo Maués Corrêa (2005), *Cenas da vida amazônica: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa*, de Marcus Vinnicius Cavalcante Leite,¹⁴² e *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*, de Mauro Vianna Barreto.¹⁴³ Também é possível encontrar diversos trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, principalmente na UFPA e na PUC-Rio.¹⁴⁴

Em sua maioria, esses recentes trabalhos reforçam as ideias de críticos anteriores, creditando a Inglês de Sousa o título de inaugurador da estética naturalista na literatura brasileira e usando, determinadas vezes, o termo composto “Realismo-Naturalismo”. Mauro Vianna Barreto, em *O romance da vida amazônica*, sustenta que, “numa época em que o Realismo-naturalismo ainda não se fazia presente na literatura nacional, o jurista e romancista Inglês de Sousa afigura-se como o precursor desse estilo

¹⁴⁰ Os contos que compõem o livro são “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O gado do Valha-me-Deus” e “O baile do judeu”, retirados dos *Contos Amazônicos*.

¹⁴¹ O mercado editorial também lançou edições dos *Contos Amazônicos* (Martins Fontes, 2004), e o nome de Inglês de Sousa também aparece no livro *Histórias de Fantasia e Mistérios* (Scipione, 2006), que reúne contos e crônicas de Rubem Braga, Origenes Lessa, Lima Barreto e Raimundo Magalhães.

¹⁴² O livro foi publicado em 2002, pela editora da UNAMA, fruto da dissertação de Mestrado defendida na UFPA.

¹⁴³ Publicado em 2003, pela editora Letras à Margem, também fruto de dissertação de Mestrado da UFPA.

¹⁴⁴ Lista de algumas dissertações defendidas na UFPA encontradas: *Sobre alguns temas em Inglês de Sousa: um ensaio caleidoscópico*, de Marcus Vinnicius Cavalcante Leite (1998); *O romance da vida amazônica: uma leitura sociológica da obra literária de Herculano Marcos Inglês de Sousa*, de Mauro Vianna Barreto (2000); *Os romances da mocidade ‘Cenas da vida do Amazonas’* (um discurso narrativo da obra de Inglês de Souza) de Elaine Ferreira de Oliveira Cruz (2003); *Literatura e história na recepção crítica do conto de Inglês de Sousa*, de José Mourão de Araújo (2006); *A narrativa curta em Inglês de Sousa: uma análise de ‘A feiticeira’*, de José Sousa (2006); *Vozes da Cabanagem: os discursos da literatura e da história na construção de O rebelde*, de Lívia Sousa da Cunha (2010). Em São Paulo, encontra-se na PUC a dissertação intitulada *A personagem Miguel e o contraste matutice X civilidade em O Coronel Sangrado de Inglês de Sousa*, de Lucimeire Ferraria Dotto (2008); e na, área de educação, as teses: *República, escola e cidadania: um estudo sobre três reformas para a educação no Espírito Santo (1882 – 1908)*, de Isabel Cristina Novaes (2001), e *A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do segundo império*, de Omar Schneider (2007).

em seus romances *O cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1876) e *O coronel Sangrado* (1877)”.¹⁴⁵ A reafirmação de todos os autores em relação ao enquadramento estético da obra inglesiana, constitui sempre uma tentativa de valorizar e trazer a lume as obras literárias de Sousa. No entanto, os estudiosos não se debruçaram sobre as publicações de Inglês de Sousa na imprensa, que mostram que o próprio autor discutia as teorias referentes ao Realismo, ao analisar obras de autores estrangeiros e nacionais, além de escrever contos experimentando as novas ideias. No próximo capítulo mostrar-se-á a atuação de Inglês de Sousa na imprensa pernambucana e paulista, revelando que ele era um divulgador das novas tendências.

¹⁴⁵ BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003. p. 31.

Capítulo II

A produção do jornal e o Realismo

[...] não será mais de desejar que a poesia
deixasse a velha flor azul do sentimentalismo, na
frase de Guerra Junqueiro, para cantar o
sentimento íntimo e verdadeiro?
(Inglês de Sousa)

1 – A preocupação em construir “Cenas da vida”

A *Comédia Humana* de Balzac é dividida em três grandes partes: “Estudos de costumes”, “Estudos filosóficos” e “Estudos analíticos”. A primeira parte comporta “Cenas da vida privada”, “Cenas da vida da província”, “Cenas da vida parisiense”, “Cenas da vida política”, “Cenas da vida militar” e “Cenas da vida do campo”. Alguns admiradores do renomado escritor francês propuseram construir “Cenas da vida”. Como um exemplo, tem-se o escritor português Eça de Queirós, que, em Carta a Teófilo Braga, teria ambicionado, em *O primo Basílio*, “pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 e mostrar-lhe como num espelho, que triste país eles formam - eles e elas. É o meu fim nas Cenas da vida portuguesa”.¹⁴⁶

Inglês de Sousa, leitor de Balzac,¹⁴⁷ também lança seu projeto literário e intenta escrever as “Cenas da vida do Amazonas”, subtítulo de seus livros e contos. Em *História de um pescador*, no prefácio escrito pelo próprio autor, intitulado “Ao leitor”, remete-se o texto a sua “série”:

A *História de um pescador* é um episódio das CENAS DA VIDA DO AMAZONAS, coleção de romances escritos e por escrever; por isso há de o leitor notar certa falta de necessária descrição de caracteres, e há de ver aparecerem personagens, sem que os preceda o retrato físico e moral. Verá também aludir-se durante o correr da ação a fatos, narrados em outros romances. Apesar disto a *História de um pescador* forma uma ação distinta, embora ligada à dos outros romances da série.

Os outros romances da “série” são *O cacaulista*, publicado no mesmo ano de *História de um pescador*, e *O coronel Sangrado*, publicado em 1877, na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. No prefácio em questão, é possível notar dois tópicos de importância para Inglês de Sousa: a inserção do livro em uma coleção ou

¹⁴⁶ QUEIRÓS, Eça de. Carta a Teófilo Braga. Disponível em: <<http://www.livros-digitais.com/eca-de-queiros/o-primo-basilio/413>>. Acesso em: 2 jul. 2014.

¹⁴⁷ É possível fazer essa afirmação por causa do texto “Eckmann-Chatrian”, publicado em 1875, no jornal *A Autoridade*, que é analisado neste capítulo.

série e as características da obra. Do segundo tópico, destaca-se, principalmente, a “descrição dos caracteres” que, segundo o autor, não é bem executada. Provavelmente, as preocupações são frutos do intuito de imitar Balzac, escrevendo uma coleção que mostrasse a sociedade, no caso, a amazônica.

Com um sentimento de humildade em relação aos “defeitos” da obra, Inglês de Sousa também inicia *O cacaulista*, dando explicações sobre a incompletude do romance, inserindo-o na sua “série”:

Fazendo parte da coleção – CENAS DA VIDA DO AMAZONAS – não é completo, como verá o leitor, e os episódios que nele se narram hão de ter o seu complemento no *Coronel Sangrado*, romance que brevemente sairá à luz.

Wilson Martins afirma que Inglês de Sousa “inicia uma série balzaquiana ou zolaesca que, como se sabe, permaneceria fragmentária e pouco sistemática”.¹⁴⁸ Alguns estudiosos também inserem *O Missionário* e *Contos Amazônicos* nessa “série”, por pertencerem à mesma temática, ou seja, retratarem a vida amazônica.¹⁴⁹ São aspectos pertinentes ao se analisar e pensar a obra publicada em volume do escritor como um todo. É provável que a ideia da “série” tenha surgido em Recife em 1875, momento em que o autor é acadêmico em Direito, visto que *O cacaulista* é escrito na capital pernambucana nesse ano, como consta no prefácio do livro.

O período passado em Pernambuco é de formação da consciência literária do autor, como se pode perceber por meio de seus escritos de crítica literária publicados na imprensa pernambucana e de seu envolvimento com a Escola do Recife, em que se digeriu e ingeriu ideias e livros europeus.¹⁵⁰ O aprendizado sobre as novidades literárias da época é efetivado com a escrita de romances e contos que saem a lume somente em 1876, nos periódicos de São Paulo e Santos.

¹⁴⁸ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. p. 562.

¹⁴⁹ Dentre esses críticos estão Mauro Vianna Barreto, Marcus Vinnicius Cavalcante Leite e Paulo Maués Corrêa.

¹⁵⁰ Saldanha, em *A escola do Recife*, afirma que “no Recife de então, a importação de coisas europeias se fazia corriqueira e generalizada. Então importaram-se também livros e ideias, em quantidade maior. Parte digeridos, parte ingeridos, esses livros e essas ideias resultaram, de alguma forma, na Escola do Recife”. (SALDANHA, Nelson. *A escola do Recife*. São Paulo: Convívio; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p. 5).

2 – A imprensa pernambucana

Em 1872, Inglês de Sousa entra para a Faculdade de Direito de Recife. No ano seguinte, escreve artigos de crítica literária e filosófica para o jornal *O Lábaro*.¹⁵¹ Além desse periódico, participa em 1875 da imprensa em outros jornais, como *A Província*, *A Autoridade* e *A Luta*. Nestes, publica artigos de crítica literária, crônicas e crítica de teatro.

O jornal *A Autoridade*, impresso com o subtítulo “Órgão conservador acadêmico, política, direito e literatura”, é lançado na capital pernambucana no dia 14 de maio de 1875, contendo quatro páginas de quatro colunas e epígrafe de autoria de Victor Hugo: “Ce n’est rien sans l’esprit, c’est tout avec l’idée”. Os principais redatores são Frederico A. Borges, Salvador A. Moniz e J. Moreira Alves.

O jornal combate as ideias do órgão liberal *A Escola*, sempre defendendo as ideias do Partido Conservador¹⁵² e polemizando com outros periódicos da época. Inglês de Sousa, assinando como H. Marcos de Souza, é um dos colaboradores, publicando três artigos de crítica literária na seção “Literatura”, a saber: “Erckmann-Chatrion”, “Jacina, a marabá (Crônica do século XVI)” e “A questão de escola em literatura”.

Concomitante com os artigos de crítica literária n’*A Autoridade*, Inglês de Sousa, já usando o pseudônimo de Luiz Dolzani, colabora na seção “Revista teatral” do jornal *A Província*, ligado ao Partido Liberal. A crítica, que é uma análise de várias peças, é contestada por outro articulista do mesmo jornal.

Além do texto de crítica teatral, Inglês de Sousa também escreve para o jornal *A Luta*, denominado de “científico” e “literário”, como substituto de um dos folhetinistas. Nessa situação, escreve dois folhetins intitulados “A alma do outro mundo” e “Festa acadêmica”, que também gerou comentário do folhetinista oficial.¹⁵³

Os textos publicados na imprensa pernambucana, principalmente os de crítica literária, ajudam a entender o processo de formação literária de Inglês de Sousa. As ideias sobre o Realismo transmitidas nos artigos d’*A Autoridade* levam a uma reflexão sobre a escrita dos primeiros livros do autor, os quais já demonstram afinidades com a estética realista, que começava a ganhar força naquela época.

¹⁵¹ O único exemplar remanescente do jornal, pertencente à Biblioteca Nacional, não contém nenhum texto de Inglês de Sousa.

¹⁵² Inglês de Sousa não se declara partidário do Partido Conservador, apesar de ser colaborador do jornal. Em 1878, é sabido que o autor se filia ao Partido Liberal em Santos.

¹⁵³ Situação descrita no primeiro capítulo.

A – O programa realista de Inglês de Sousa no jornal *A Autoridade*

Apesar de sua efemeridade, o jornal *A Autoridade* pode ser considerado como um importante veículo para a divulgação dos textos críticos de Inglês de Sousa. Ele causa polêmica em seus primeiros números ao se pronunciar “conservador” e combater as ideias de jornais liberais, como *A Escola*. Na *História da imprensa de Pernambuco*, Luis Nascimento mostra que:

Em longo artigo de apresentação, focalizando ideias, formas de governo e teorias políticas, o editorialista aludiu aos ‘nobres intuitos’ dos dois grandes partidos militantes no país, para adiantar que a folha assentava sua tenda nos arraiais conservadores, em atenção ‘às suas tradições e os seus fins’, frisando: ‘À sombra benéfica, pois, da bandeira deste partido, temos nós jurado defender a sua causa simpática’.¹⁵⁴

Os artigos da folha são divididos entre “política”, “direito” e “literatura”. Esta última seção fica a cargo de J. Moniz e Inglês de Sousa – assinando seus artigos como H. Marcos de Souza. Também são publicadas poesias de D. Juan, de Antônio de Sousa Pinto, de Generino dos Santos, além de crônicas-folhetins assinadas pelo pseudônimo Stenio. Foi a partir desse jornal que o evolucionismo de Spencer começou a ser divulgado. Saldanha relata que “o artigo ‘Palestra científica’ de Jerônimo Muniz, publicado na *Autoridade* em 1875, foi um dos passos iniciais da divulgação da obra de Spencer no Recife”.¹⁵⁵

Inglês de Sousa publica seu primeiro texto n’*A Autoridade* no dia 29 de maio de 1875, com o título de “Erckmann-Chatrian”. Neste, o escritor comenta as diversas obras dos escritores franceses Émile Erckmann e Alexandre Chatrian,¹⁵⁶ que escrevem juntos. As obras citadas na crítica são: *Ilustre Doutor Mateus* (*L’Ilustre Docteur Mathéus* – 1856), *História de um mestre* (*Histoire d’un sous-maitre* – 1871), *Os dois irmãos* (*Les Deux-frères* – 1871), *Mestre Daniel Rock* (*Maître Daniel Rock* – 1861), *O conscrito de 1813* (*Historie d’un conscrit de 1813* – 1864), *Waterloo* (1865), *A senhora Theresa* (*Madame Thérèse* – 1863), *Bloqueio, a guerra* (*La guerre* – 1866), *Uma campanha na Kabília* (*Une campagne en Kabylie* – 1873), *História do plebiscito* (*Histoire du*

¹⁵⁴ NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco*. (1821-1954). v. 5. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 391.

¹⁵⁵ SALDANHA, Nelson. *A escola do Recife*. São Paulo: Convício; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p. 25.

¹⁵⁶ Erckmann-Chatrian era o nome usado pelos escritores Émile Erckmann (1822-1899) e Alexandre Chatrian (1826-1890).

plébiscite – 1871), *Confidências de um tocadador de clarineta* (*Confidences d'un joueur de clarinette* – 1863), *Os namorados de Catarina* (*Les amoureux de Catherine* – 1863), *Taverna do presunto de Mayença* (*La taverne du jambon de Mayence* – 1863), *Brigadeiro Frederico* (*Brigadier Frédéric* – 1874) e *Contos fantásticos* (*Contes fantastiques* – 1857-1860).

Antes de analisar as obras de Erckmann-Chatrian, Inglês de Sousa faz uma introdução, alegando que há uma mudança literária em termos de escola. O primeiro escritor que aparece em sua crítica é Balzac,¹⁵⁷ tido como o “primeiro que deu um profundo golpe no romantismo”. Em *A comédia humana*, ele conseguiu apresentar um “mundo real”, em que “os personagens tiveram uma existência íntima”; “a sociedade moderna espelhou-se ali com a sua poesia à parte, com tudo o que ela tem de bom ou de mau”. Assim, a obra criava “grandes caracteres” e “pintava a sociedade”.

Inglês de Sousa mostra o foco que Balzac dá aos seus personagens e aos assuntos de seus livros, revelando a mudança de postura na literatura. Ressalta que os personagens de Balzac não são os nobres, mas sim pessoas que trabalham, observando que “o tabelião tornou-se um ente mais interessante que Antony ou Lélia”. Aqui ele remete a dois personagens famosos da época: o Antony, da peça homônima de Alexandre Dumas, de 1831, e Lélia, do romance romântico de George Sand, de 1833. As duas personagens são ligados ao sentimentalismo, ao romance e às paixões. Antony é um filho bastardo e, por isso, não pode concretizar seu amor; já Lélia é uma iconoclasta e tem muitos amantes. Ambos são, de certa forma, nobres. O que Inglês de Sousa quer ressaltar com seus exemplos é que Balzac consegue fazer com que um tabelião seja mais interessante do que os dois personagens românticos; outro ponto enfatizado é que os assuntos do cotidiano, como uma simples demanda, podem tomar “proporções de uma epopeia”. O crítico põe em evidência uma das características da representação da realidade, apresentando personagens da vida cotidiana e da classe média ou baixa com seriedade.¹⁵⁸ Sidney Barbosa, ao relacionar a obra e a biografia de Balzac, menciona as pretensões do autor e a que ponto chegou com sua representação da sociedade francesa:

¹⁵⁷ Honoré de Balzac (1799-1850), romancista francês. Escreveu a *Comédia humana*, composta de 95 romances.

¹⁵⁸ Cf. AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 417.

A moral de fachada, o endeusamento do dinheiro e, principalmente, a falta de ética na consecução dos objetivos, foram os aspectos que mais o chocaram. [...] Ao final, o que restou foi o mais completo e perfeito retrato, uma verdadeira fotografia, um registro privilegiado da França da primeira metade do século XIX, pois que detalhadíssimo, não da sociedade como um todo como pretendia, mas da classe dominante burguesa.¹⁵⁹

Após citar Balzac, Inglês de Sousa refere-se a outro escritor francês, Stendhal,¹⁶⁰ afirmando que este se ocupa “mais particularmente do homem”, conseguindo “criar tipos, que, por serem novos e grandemente originais, não deixaram de ser verdadeiros”, preocupando-se com a “análise lógica do caráter dos seus personagens”. Baseando-se em autor não nomeado,¹⁶¹ afirma que Stendhal “narra os maiores acontecimentos com a frieza do observador impassível”. Auerbach, em *Mimesis*, mostra a importância de Stendhal para a literatura e as particularidades de *O vermelho e o negro*:

Os caracteres, as atitudes e as relações das personagens atuantes estão, portanto, estreitamente ligados às circunstâncias da história da época. As suas condições políticas e sociais da história contemporânea estão enredadas na ação de uma forma tão exata e real, como jamais ocorrera anteriormente em nenhum romance, aliás em nenhuma obra literária em geral, a não ser naquelas que se apresentavam como escritos político-satíricos propriamente ditos. O fato de encaixar de forma tão fundamental e consequente a existência tragicamente concebida de um ser humano de tão baixa extração social, como aqui a de Julien Sorel, na mais concreta história da época, e de desenvolvê-la a partir dela, constitui um fenômeno totalmente novo e extremamente importante.¹⁶²

Inglês de Sousa faz um balanço entre Stendhal e Balzac, afirmando que a “grandiosa” obra de Balzac não teve um continuador, visto que Stendhal, “colocado em terreno desigual limitara-se a mostrar, com o seu admirável talento de psicólogo, quanto era possível tentar fora da senda batida do romantismo”. Mas Sousa ainda afirma que os dois escritores “são os verdadeiros fundadores da moderna escola realista em França” – contradizendo alguns críticos – e que, depois deles, o Realismo apresenta uma face nova.¹⁶³ Auerbach, por sua vez, explica que:

¹⁵⁹ BARBOSA, Sidney. Ensaio sobre as relações entre biografia e obra de um escritor: o caso singular de Honoré de Balzac (1799-1850). *Lettres françaises*, Araraquara, SP, UNESP, n. 4, p. 39, 2001.

¹⁶⁰ Stendhal é o pseudônimo do escritor francês Henri-Marie Beyle (1783-1842).

¹⁶¹ No texto não revela quem é o escritor da citação.

¹⁶² AUERBACH, *op. cit.*, p. 408.

¹⁶³ Auerbach afirma que Balzac “tomou a representação da vida contemporânea como uma tarefa pessoal e pode ser considerado, juntamente com Stendhal, como o criador do realismo moderno”. (AUERBACH, *op. cit.*, p. 419).

Na medida em que o realismo moderno sério não pode representar o homem a não ser engastado numa realidade político-sócio-econômica de conjunto concreta e em constante evolução – como ocorre agora em qualquer romance ou filme – Stendhal é o seu fundador. Contudo, a ideologia, segundo a qual Stendhal apreende o acontecer e procura reproduzir as suas engrenagens, apresenta ainda pouca influência do historicismo: este último penetrou, durante o seu tempo, na França, mas pouco o afetou.¹⁶⁴

Deixando de “pintar grandes caracteres” e de “encarnar os vícios e virtudes sociais”, Inglês de Sousa afirma que naquele momento os sectários da nova escola “afastam-se do ponto de vista de Balzac” e começam a “retratar os costumes da sociedade em que vivem, a vida de um povo, as situações e cenas mais íntimas da família”. Com essa mudança, o crítico considera que a literatura perde em “elevação”, mas ganha “incontestavelmente em verdade”, e exemplifica com Adolphe Belot,¹⁶⁵ que “põe sob os nossos olhos a podridão francesa”, e Auguste Barbier,¹⁶⁶ que “riu acerbamente nos lances e nas Sátiras”; estas últimas são obras de 1831 que têm como temática os problemas políticos e sociais da Itália e da Inglaterra.

A argumentação a favor da escola realista segue com réplicas aos românticos, já que estes consideram o Realismo “incapaz de poesia”. São apontados na crítica exemplos de poetas realistas que conseguem fazer poesia “brilhantemente”, como o escritor francês François Coppée,¹⁶⁷ com a sua obra *Humildes (Les Humbles)* de 1872. Outro poeta citado é Guerra Junqueiro,¹⁶⁸ que consegue acabar com “a vitória do bom senso, cantando em versos riquíssimos a morte dos Antonys”.

Ao falar na morte dos Antonys, Inglês de Sousa refere-se novamente ao personagem de Alexandre Dumas do drama romântico *Antony*, que mata sua amada, a pedido dela, no final da história, pronunciando a fala célebre: “elle me résistait, je l’ai assassinée!”. Inglês de Sousa compara a personagem Antony com a personagem D. João, de Guerra Junqueiro, em *A morte de D. João*, de 1874. A comparação é possível por causa das características de D. João, totalmente contrastantes com as características

¹⁶⁴ AUERBACH, *op. cit.*, p. 414.

¹⁶⁵ Adolphe Belot (1829-1890), dramaturgo e romancista francês, conhecido por escrever literatura popular.

¹⁶⁶ Henri-Auguste Barbier (1805-1882), poeta, tradutor e crítico de arte francês.

¹⁶⁷ François Édouard Joachim Coppée (1842-1908), poeta, dramaturgo e romancista francês, de grande sucesso popular.

¹⁶⁸ Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923), político, jornalista e poeta português.

de Antony, como se observa na explicação do poeta no prefácio da segunda edição de seu livro:

E queres que te diga, ó honradíssimo burguês, quem era no fim de contas esse devasso célebre — D. João?
É aquele que tu tens visto a entrar pela janela, às duas horas da noite, no quarto da filha do teu vizinho.
És casado? Amas a tua mulher? Ela é bonita? Mau!... Desconfia de D. João... A mulher é essencialmente fraca, nervosa, imaginativa... Depois, repara bem, tu tens calos, tens um joanete hediondo, vestes mal, e, francamente, desculpa-me, tu não és bonito.
D. João, pelo contrário, é um rapaz galante e formosíssimo, joga as armas, tem espírito, monta a cavalo, e possui, como Satanás, o diabólico privilégio de tomar todos os disfarces, todos os aspectos, para melhor seduzir as criaturas adoráveis, as quais criaturas podem muito bem ser ou a tua mulher ou as tuas filhas.¹⁶⁹

O que Sousa demonstra com sua afirmação comparativa das duas personagens é que, com a sua poesia, Guerra Junqueiro consegue “matar” não só D. João, mas todos os Antonys. Essa “morte” não foi aceita de forma pacífica pelo público, e o poeta português recebeu várias acusações em relação à sua obra, como ele próprio explica no prefácio:

Tem versos, tem páginas, que uma senhora virtuosa de forma alguma poderia ler.
Deve evitar-se este poema, como se evitam as ruas imundas cheias de meretrizes. Há, nele, passagens indecorosas onde a brutalidade da expressão ultrapassa todos os limites do descaramento. Não é uma obra de arte: é um cano de esgoto.
O autor é inimigo de Deus, da família, da sociedade. Canta com entusiasmo coisas que um médico tem nojo de examinar com o escalpelo. Mostra predilecção por tudo o que é feio, por tudo que é sórdido. Às vezes, dentro de uma quadra há mais lepras que dentro duma enfermaria dum hospital.
Enfim, *A Morte de D. João* é uma impudência desenfreada: lodo e petróleo.
Eis a acusação.¹⁷⁰

Guerra Junqueiro é o exemplo escolhido por Inglês de Sousa, por revelar a possibilidade de se fazer poesia dentro da estética realista. O escritor português participou do grupo chamado de “Geração de 70”, cultivador do Realismo em Portugal.

¹⁶⁹ JUNQUEIRO, Guerra. *A morte de D. João*. Disponível em: <<http://artes.ucp.pt/guerrajunqueiro/revisitardescobrir.html>>. Acesso em: 16 jun. 2014. p. 4.

¹⁷⁰ *Ibidem.*, p. 3.

No posfácio de *A morte de D. João*, Guerra Junqueira mostra sua intenção de combater os românticos com seu poema:

Eu tirei a D. João todos os encantos poéticos, todas as belezas românticas, todos os prestígios legendários para o entregar como qualquer vadio, à polícia correccional. Fi-lo partir do idealismo, do sentimentalismo, para o conduzir à dúvida, ao tédio, à indiferença, ao espírito, ao deboche, à falta de carácter.¹⁷¹

Na sequência da crítica de Inglês de Sousa, este registra como característica realista o “princípio de utilidade”, mostrando que *A cabana de pai Thomaz e Minha mulher e eu*, ambos de Beecher Stowe,¹⁷² contribuíram, respectivamente, para a “emancipação dos escravos nos Estados Unidos” e a “emancipação do sexo” feminino. Além de Stowe, afirma que o livro de contos *Vítimas algozes*, de Manuel de Macedo,¹⁷³ mostra “verdades amargas”, e, apesar de atribuir o epíteto de “romântico” a Macedo, insere-o como executor do “princípio de utilidade” em seu livro.

A partir dessas considerações, é possível inferir que na visão de Inglês de Sousa os escritores realistas devem tratar de assuntos verdadeiros e que tenham “utilidade” para a sociedade. Os escritores partem, de certa forma, de uma verdade, ou, mais precisamente, de um fato ou momento histórico, tomando-se histórico como equivalente de verdadeiro. É claro que as afirmações de Inglês de Sousa se casam com o ideal da estética realista e com a:

[...] posição incômoda do intelectual em face da sociedade tal como esta se veio configurando a partir da Revolução Industrial. Agredindo na vida pública o *status quo*, ele é ainda um rebelde e um protestatário [...] mas, introjetando-o nos meandros de sua consciência, reificando-o como *lei natural* e como seleção dos mais fortes, ele acaba depositário de desencantos e, o mais das vezes, conformista.¹⁷⁴

Os exemplos apresentados por Inglês de Sousa revelam a relação da literatura realista com a tentativa de apresentar fatos relacionados à realidade histórica. O livro de Beecher Stowe, *A cabana do pai Tomás*:

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 38.

¹⁷² Harriet Elizabeth Beecher Stowe (1811-1896), escritora e abolicionista estadunidense.

¹⁷³ Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882), médico, romancista e dramaturgo brasileiro. Sua obra mais famosa é *A moreninha*, de 1844.

¹⁷⁴ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 187.

[...] é um romance realista que recria, poderosamente, toda uma sociedade [...] Stowe transformou, em grande tema nacional, o que até então não passava de uma preocupação de pequenos grupos abolicionistas. É um mérito e tanto, especialmente, naquela época, para uma mulher. E não considero que ela lide apenas com estereótipos ou que tenha falsificado a realidade da vida escrava nos EUA. Aquele foi um país sem terreiros e sem quilombos. E é o que vemos no Pai Tomás. Não há disposição para o enfrentamento armado do sistema.¹⁷⁵

Já o livro de Manuel de Macedo, *Vítimas algozes*, é visto por Sousa como um dos representantes na literatura brasileira, porque trabalha com os problemas sociais do seu tempo. Sobre a obra de Macedo, a crítica Suzy Sperber afirma que o escritor “denuncia a escravidão em diversos de seus textos, mais do que outros autores de renome da ficção em prosa do período, fala na pobreza e desigualdade social”,¹⁷⁶ e, dessa forma, em seus romances, “a crítica à sociedade, a seus valores, ao constrangimento em que coloca a mulher e até mesmo – tortamente – em relação à escravidão, faz de Macedo um realista – não de todo coerente, mas ainda assim realista *avant la lettre*”.¹⁷⁷

Depois de introduzir a escola realista e algumas de suas características, Sousa entra definitivamente no ponto-chave de sua crítica, as obras de Erckmann-Chatrian, observando que os escritores franceses sabem “compreender a missão da literatura” e apresentam em suas obras “originalidade” e “simplicidade de estilo”. Os escritores são considerados como influenciadores das obras de Inglês de Sousa, como ele mesmo revelou em uma entrevista para João do Rio em *O momento literário*, em 1904.¹⁷⁸

Como característica realista, as obras de Erckmann-Chatrian trazem os costumes “pintados com toda a verdade”, e os “personagens têm uma frescura e viveza que os gravam indelevelmente na imaginação do leitor”. Zola, em *Mes Haines*, afirma que:

La méthode d’Erckmann-Chatrian est simple: il prend un enfant il lui fait conter une bataille qui a eu lieu devant lui; il écrit les mémoires d’un soldat et il décrit seulement les scènes auxquelles ce soldat a assisté. Il arrive ainsi à une puissance de description extrême ; il ne s’égare pas dans l’aspect de l’ensemble, il concentre toutes ses forces

¹⁷⁵ RISERIO, Antônio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007. p. 256.

¹⁷⁶ SPERBER, Suzi Frankl. Joaquim Manoel de Macedo e a noção de liberdade. I: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 435, 1º sem. 2003. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta12/Conteudo/N12_Parte04_art01.pdf. Acesso em: 13/02/2014.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 437.

¹⁷⁸ Como ficou expresso no capítulo 1, os escritores que fazem parte da “formação literária” de Sousa foram Erckmann-Chatrian, Balzac, Dickens, Flaubert e Daudet.

d'observation sur un point, et il réussit à nous donner un tableau exact, grand comme la main, qui, par une force merveilleuse, nous fait deviner tout ce qui devait l'entourer. Il n'est pas jusqu'à la naïveté du récit qui ne soit ici un attrait de plus ; la vérité brutale des détails, l'impitoyable réalité prend je ne sais quel air de franchise qui en grandit encore l'horreur.¹⁷⁹

Inglês de Sousa ainda se refere aos tipos que “aparecem com toda decência e com prévia apresentação” e ao modo de narrar dos autores, que não poupam um “pormenor, uma palavra que possa representar melhor um objeto”. De forma geral, ainda faz elogios sobre a *vis cômica* e a ironia presentes nas obras dos escritores.

A análise segue revelando o modo de descrever dos dois autores, que não descrevem com “muitas palavras e extensos pormenores: mas rapidamente e como de passagem aí as vão deixando cintilantes de poesia realista”. Valorizando o talento dos autores, Inglês de Sousa aponta o “interesse que sabem dar a entrecos vulgares por si – completamente despidos de romanesco”, exemplificando com o romance *Les Deux frères*, que é muito semelhante ao *Romeu e Julieta* de Shakespeare, pois o enredo trata da “rivalidade de duas famílias, sendo que o filho de uma delas ama perdidamente a filha da outra e é correspondido”.

Ao comentar os romances *O conscrito de 1813* e *Waterloo*, Inglês de Sousa faz menção novamente à questão da “verdade”. As obras têm como enredo dois fatos históricos: a batalha de Waterloo, comandada por Napoleão Bonaparte, e a conscrição de 1813, empreendida pelo mesmo comandante. Os dois livros mostram um outro lado das batalhas, revelando a miséria da população com uma “verdade admirável dos caracteres, situações e costumes”. Por essas características, o crítico considera que os dois romances merecem “tomar um lugar distinto na literatura destes últimos anos”.

Outros romances dos autores franceses são elogiados, mas a análise se detém em *Brigadier Frédéric*. Esse romance publicado em 1841 impressiona o crítico com a “verdade” da história do velho alsaciano, sendo atribuídos à obra diversos epítetos, como riqueza, força de expressão e sentimento real, íntimo e profundo. O elogio termina conclamando os “detratores” da escola realista a ler o romance.

Inglês de Sousa destaca características importantes em Erckmann-Chatrian: o fato de serem republicanos e a missão da literatura escrita por eles “instruir o povo”, visto que pensam que “a causa de todas as misérias da França é a ignorância das classes

¹⁷⁹ ZOLA, Émile. Mes haines. In: BORNECQUE, J.H ; COGNY, P. *Réalisme et naturalisme*. Paris: HACHETTE, 1958. p. 31.

baixas”. Como afirma o crítico, os romances dos autores franceses sempre são amparados por “lições utilíssimas”, com a finalidade de “abrir os olhos do povo sobre seus direitos e seus verdadeiros interesses”. Os autores se preocupam mais com as lições de seus romances do que com a estética artística deles.¹⁸⁰ Para exemplificar, cita o romance *Historie d’un sous-maître*, que aborda a instrução religiosa nas escolas e critica “os meios práticos do melhoramento da instrução primária”.

A crítica de Inglês de Sousa se encerra com uma ressalva: a de que há uma “falta de variedade no assunto e até nos personagens” das obras dos escritores franceses, observando que nas histórias os “costumes são os mesmos, parecem episódios da vida de um homem que existisse sempre na mesma sociedade”. Ainda, mostra que o talento dos escritores é “mais descritivo do que inventivo”, contrastando que brilham no gênero que eles produzem.

Em resumo, as características da escola realista apresentadas por Inglês de Sousa no artigo “Erckmann-Chatrian” são: apresentar um mundo real, com personagens de existência íntima, trazendo assuntos do cotidiano (que assumem proporções de epopeia), retratar os costumes da sociedade em que vivem, tudo sempre pautado na “verdade” do entrecho. Mas há um fator muito importante nessa literatura, que é a sua missão: instruir o povo, com lições úteis.

O segundo artigo publicado no jornal *A Autoridade* é “Jacina, a marabá (Crônica do século XVI)”. Publicado no dia 12 de junho de 1875, o texto traz uma análise do romance de Araripe Júnior,¹⁸¹ publicado também em 1875. Seguindo os moldes do artigo “Erckmann-Chatrian”, o autor não começa diretamente com a crítica, mas disserta, primeiramente, sobre a literatura brasileira e seu atual estado.

Em “Jacina”, Inglês de Sousa lamenta o desconhecimento da história brasileira, conhecida apenas pelos “fatos principais, narrados em um estilo pesado e mau nos compêndios de Macedo ou de Pinheiro”. Os famosos autores de materiais didáticos do século XIX são criticados por Sousa por causa do estilo e do conteúdo. Provavelmente, o crítico se refere a livros como *Lições de história do Brasil para uso das escolas de instrução primária*, publicado na década de 1860 por Joaquim Manuel de Macedo, e

¹⁸⁰ Urbano Duarte afirma, em 1880, que “a arte não pode viver sem a liberdade [...] Todo o problema está em transformar a Realidade em Verdade estética: problema que só poderá ser resolvido pelos homens de verdadeiro talento, esteados pelo estudo e pela observação acurada e constante. A mediocridade habilidosa e conhecedora da arte do *savoir faire* nunca conseguirá resolvê-lo. Todos os gêneros possuem obras feitas por esse preceito, mas sempre de escritores que em tempo souberam livrar-se das estéticas acanhadas e sistemáticas da maldita raça dos retóricos”. (DUARTE, Urbano. O naturalismo. *Revista Brasileira*, p. 28, jul.-set. 1880.).

¹⁸¹ Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), escritor, crítico literário e advogado brasileiro.

também os *Episódios da história pátria contados à infância* do Cônego Fernandes Pinheiro. Os manuais escritos por esses dois autores circularam pelas escolas de instrução primária do país entre os anos de 1860 e 1880. O autor sente falta nesses compêndios de informações sobre “o que fosse a vida dos nossos avós, as suas condições de existência, as suas glórias, os seus crimes, as causas geradoras da nossa civilização atual”. Sílvia Romero tem a mesma opinião de Sousa:

Não é por certo a retórica do cônego Pinheiro, do professor Sotero, do conselheiro Pereira da Silva, ou do visconde de Porto Seguro e outros, que poderá nos explicar a significação de uma época ou de um tipo qualquer de nossa história.¹⁸²

Inglês de Sousa defende a literatura nacional, a qual, em sua concepção, é a que reflete “a marcha da civilização da nossa sociedade que conservando esse elo entre o que já foi e o que é, nos desse o que nos falta, isto é, um caráter próprio, uma personalidade à parte, que é só o que faz a grandeza de um povo”. Assim, é possível estabelecer um laço entre o presente e o passado, e entre o futuro e o presente. Argumenta ainda que um “escritor de talento” conseguiria prestar serviços à história e à literatura nacional se fosse inspirado pelo “sentimento do real e do verdadeiro, estudando a nossa história, no que ela tem de mais íntima e mais desconhecida”, para encontrar “tesouros inexauríveis de poesia”. Nesse intuito, dá exemplos de fatos da história brasileira que poderiam “despertar o interesse” dos escritores. João Pacheco, ao estudar a literatura realista, resume qual o posicionamento de Romero em relação à literatura nacional, que resvala nas considerações de Sousa:

Entendia Sílvia Romero que literatura compreende todas as manifestações de inteligência de um povo e, em particular quanto à literatura brasileira, que ‘deve ser a expressão positiva do estado emocional e intelectual, das ideias e sentimentos’ do povo brasileiro. Ao escritor cabe captar esse ‘estado emocional e intelectual’, não de uma maneira externa, mas de um modo subjetivo, colhendo-o em seu próprio íntimo, de jeito a expressar ‘o caráter nacional, esse *quid* quase indefinível’. O seu ideal não deve ser a imitação, nem o Nacionalismo a capricho, quando obrigatoriamente se ocupe de assuntos indígenas ou sertanejos, ‘deve aceitar o fato da civilização e não querer se por fora dela’.¹⁸³

¹⁸² ROMERO, Sílvia. *A literatura brasileira e a crítica moderna*: ensaio de generalização. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880. p. 169.

¹⁸³ PACHECO, João. *O realismo* (1870-1900). São Paulo: Cultrix, 1971. p. 168-169.

Em defesa da literatura nacional e elevando a literatura regional, Inglês de Sousa faz uma crítica, em forma de pergunta retórica, aos romances folhetins franceses publicados no jornal com características rocambolescas:

Em uma palavra o que fez Cooper na América do Norte, e o que em parte fez Alencar nas *Minas de prata*, no *Garatuja* e no *Gaúcho*, deverá ceder o passo aos romances de Ponson, aos Rocamboles e Princesa dos Ursinos, aos quais os mais importantes jornais da terra são os primeiros a consagrar os folhetins?

O crítico cita Ponson du Terrail,¹⁸⁴ o criador da série *Rocambole* e do famoso estilo rocambolesco. Além de Ponson, é citado o romance *A princesa de Ursinos*, de 1864, de autoria do escritor espanhol Fernandes y Gonzales. Este último, por causa do grande sucesso, ganha tradução para o português, sendo publicado na seção “Folhetim” de diversas folhas.

Inglês de Sousa enquadra os romances franceses em uma “literatura doentia”, afirmando que seria da competência dos “órgãos de imprensa educar o vulgo, e desacostumá-lo” desses romances. Os *Rocamboles* são marcados por imprevistos e aventuras e, na época, caíram no gosto do público, sendo de praxe a publicação deles na maioria dos jornais do século XIX. No trecho a seguir, pode-se perceber como um crítico da época analisava os romances rocambolescos:

‘Até onde irá o leitor?’, interroga um crítico de 1868, que dá ele próprio a resposta: ‘Cabe ao público interromper o curso dessas inesgotáveis epopeias da leitura corredia – e enquanto ele não der um basta, o sr. Ponson du Terrail sempre haverá de achar episódios emocionantes, homens assassinados, crianças raptadas, mulheres seduzidas, casas queimadas’.¹⁸⁵

Julio Diniz aponta para as causas dos romances de imaginação estar em decadência e o gênero ter chegado às “indigestas e escandalosas produções de Ponson du Terrail”:

Exatamente por não pretenderem prender o leitor senão pela sucessão rápida das peripécias e dos lances imprevistos. Nem uma análise de caracteres, nem um curto olhar lançado ao íntimo do coração humano a devassar o que lá é de costume encontrar-se e não nenhuma dessas monstruosidades, que poderiam ter existido num

¹⁸⁴ Pierre Alexis de Ponson du Terrail (1829-1871), escritor francês, que escreveu mais de 200 folhetins.

¹⁸⁵ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 106.

ou noutro coração, mas por exceção, e que o leitor não tem de certo no seu.¹⁸⁶

Carlos Ferreira comparou Inglês de Sousa com Julio Diniz em 1876, afirmando que o escritor paraense, se tivesse publicado suas obras em Portugal, poderia ser o sucessor do escritor português. No entanto, a comparação de Ferreira poderia ser reafirmada quando se relacionam as ideias dos dois escritores, as quais mantêm correlações, apesar da distância geográfica de ambos – fato possível, visto que as ideias estavam circulando entre a Europa e a América. Observa-se como Diniz aborda o papel do romance, concernente com as ideias publicadas no artigo “Jacina, A Marabá”:

O romance é um gênero de literatura essencialmente popular. É necessário que na leitura dele as inteligências menos cultas encontrem atrativos, instrução e conselho e que, ao mesmo tempo os espíritos cultivados lhe descubram alguns dotes literários para que se possa dizer que ele satisfaz à sua missão. [...] A verdade parece-me ser o atributo essencial do romance bem compreendido, verdade nas descrições, verdade nos caracteres, verdade na evolução das paixões e verdade enfim nos efeitos que resultam do encontro de determinados caracteres e de determinadas paixões.¹⁸⁷

Após criticar o estilo dos romances franceses publicados no Brasil, Sousa começa sua crítica aos românticos, tomando como parâmetro Pinheiro Chagas,¹⁸⁸ que escreve, em *Novos ensaios críticos*, um texto sobre José de Alencar.¹⁸⁹ Segundo o autor paraense, Chagas afirma “que o índio deve ser todo o nosso estudo, e que só será escritor brasileiro o que escrever uma *Iracema*”. Na visão de Inglês de Sousa, para se ter uma nova literatura, uma literatura que seja “verdadeira e completa”, é necessário despir “o selvagem desse caráter falso e de empréstimo de que o tem revestido os românticos desde Chateaubriand até Franklin Távora, e desde Gonçalves Dias até Santa Helena Magno”. Deve-se também determinar o “papel limitado e pouco brilhante” do selvagem na sociedade brasileira, que, segundo Sousa, é um “papel que tende a desaparecer com a extinção provável da raça ou com a absorção dela pela conquistadora”. Além desses dois fatores, também é necessário, para uma nova literatura, estudar “o que nós fomos, os aventureiros portugueses, e o que somos, isto é, os *brasileiros*”, e assim, ao estudar

¹⁸⁶ DINIZ, Júlio. *Inéditos e esparsos*. Lisboa: A Editora, 1910. p. 30.

¹⁸⁷ DINIZ *op. cit.*, p. 33.

¹⁸⁸ Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895), escritor e jornalista português.

¹⁸⁹ José Martiniano de Alencar (1829-1877), romancista e dramaturgo brasileiro.

os portugueses, escrever-se-ia o “romance histórico”, e os brasileiros, o “romance de costumes da atualidade”.

Em *A literatura brasileira e a crítica moderna*, Romero é bem enfático ao dizer que “a raça selvagem está morta” e acrescenta: “não temos nada mais a temer ou a esperar dela”. Sobre a representação do índio na literatura nacional afirma:

O índio não deixou uma história por onde procurássemos reviver sua fisionomia perdida. Não pode dar-nos, por exemplo, o romance histórico propriamente tal. Não conhecemos a sua vida *íntima*. E o que hão no fundo revelado sobre ele quantos os têm estudado nos seus romances, nos seus poemas? O que têm dito se reduz a uma exposição de usanças meramente exteriores, conhecidas desde o século XVI, e que todos trajam de um só modo!!¹⁹⁰

Ainda criticando Pinheiro Chagas, Inglês de Sousa ataca a forma idealizada pela qual o crítico quer ver os “nossos selvagens” e ironiza a questão, afirmando que os selvagens, “faltando-lhe estas condições salvadoras” (revestimento de um estilo mágico e inexcedível delicadeza de sentimentos e de traço), acabariam morrendo de “frio ao desamparo”. Indo além, cita o próprio romance de Chagas, a *Virgem Guaraciaba*, publicado em 1866, como exemplo da incompatibilidade da idealização dos selvagens.

Para a nova literatura, Sousa sugere o estudo da história, mostra que, apesar de ser um povo recente, “temos o nosso ontem como o nosso hoje”. Exemplifica o ontem com as colônias portuguesas e holandesas, os franceses no Rio de Janeiro e os paulistas ardentes e aventureiros, além da “turba imensa do gentio brasileiro”; para o hoje, põe em foco as lutas de independência, das facções provincianas e dos sertões, além dos costumes “originais e estranhos”, como dos gaúchos, dos fazendeiros de Minas, dos matutos e dos senhores de engenho da Bahia e de Pernambuco e dos tapuias semicivilizados das províncias ribeirinhas do Amazonas. É nesse “terreno” que, segundo o autor, deve-se “assentar” a “nossa” literatura.¹⁹¹

¹⁹⁰ ROMERO, Sílvio. *A literatura brasileira e a crítica moderna*: ensaio de generalização. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880. p. 43-44. Apesar de ser publicado em 1880, o livro traz textos publicados em Pernambuco entre os anos de 1869 e 1876, por isso que utilizamos aqui para mostrar como Sousa é participante de algumas ideias de Romero e, por conseguinte, das discussões da Escola de Recife.

¹⁹¹ Esses exemplos mostram a coerência de Sousa com as ideias postuladas na época. Posteriormente, Artur Orlando e Sílvio Romero se inclinaram definitivamente para os padrões metodológicos da Escola de Le Play e Tourville, que reforçavam o estudo do mesologismo geográfico “tanto no tocante ao zoneamento regional do país, visto em termos novos, como no tocante ao exame dos *tipos* físicos ou antropológicos nacionais – o tapuio amazônico, o sertanejo nordestino, o pernambucano (desdobramento talvez bairrista e desnecessário), o baiano, o paulista, o gaúcho, o mineiro e o teuto-brasileiro”. (SALDANHA, Nelson. *A escola do Recife*. São Paulo: Convívio/ Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p. 47-48).

Inglês de Sousa postula que os escritores estudem, portanto, o nosso “hoje”. Esse conceito é patente nos pressupostos do Realismo moderno, como define Auerbach:

O tratamento sério da realidade quotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial, por um lado – e, pelo outro, o engarçamento de personagens e acontecimentos quotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea, do pano de fundo historicamente agitado – estes são, segundo nos parece, os fundamentos do realismo moderno, e é natural que a forma ampla e elástica do romance em prosa se impusesse cada vez mais para uma reprodução que abarcava tantos elementos.¹⁹²

Inglês de Sousa não nega que o índio seja um elemento da sociedade brasileira. Em termos literários, questiona o seguinte: se o selvagem fosse o herói do romance, como deveríamos “estudá-lo e apresentá-lo ao leitor despido das exagerações costumeiras?”. Para responder, faz outra pergunta mostrando que não é da forma como os românticos fazem:

Quem o conhece? Será o verdadeiro tipo da raça o índio estoico, inteligente, discursador, poeta, espécie de Rocambole das selvas, que nunca encontra obstáculos que não vença, e cuja inteligência nunca está em falta?

E segue atacando mais uma vez os românticos:

Por certo que não; e, no entanto tal é a figura que nos apresentam sempre os romancistas, que tomam para assunto o índio, esse ente taciturno, impenetrável, e digamo-lo francamente, embora isso desagrade a muitos, desconfiado e estúpido.

Após criticar o modo de compor o índio nos romances românticos, Inglês de Sousa inicia sua crítica ao romance de Araripe Júnior, *Jacina, a marabá*. Primeiramente, considera como o escritor cria o índio: “O sr. Araripe Júnior pensa, e pensa bem, que o caráter do índio não pode deixar de ser falseado, que a linguagem traduzida nos romances não pode deixar de ser empática”. O crítico reconhece a “dificuldade” e a “impossibilidade da empresa” ao compor o personagem principal “Urutágua” sem o falseamento.

¹⁹² AUERBACH, *op. cit.*, p. 440.

Provavelmente, Inglês de Sousa apresenta sua crítica e pensa sobre a idealização do índio nos romances românticos, por causa da nota de abertura de *Jacina, a marabá*. Alexandre Nodari, no artigo “Modernismo Obnubilado”, expõe a seguinte explicação sobre o romance:

Em uma nota quando da publicação em livro de *Jacina, a marabá* em 1875 - romance histórico que já havia sido publicado em folhetim cinco anos antes e que trata da retomada pelos portugueses da França Antártica, tendo como protagonista Urutágua, um indígena que, do modo que é retratado, poderia muito bem ser substituído por um cavaleiro de armadura -, o autor pede desculpas ao leitor, pois ali ‘o caráter do selvagem estará mais do que muito falseado’: ‘Quanto à linguagem, ainda que buscássemos a sintaxe e a poética indígenas, foi-nos impossível escapar a ênfase que neste gênero de composições torna-se mais que repreensível’ [...] O indígena, o selvagem, o primitivo, figura deixada tanto tempo a sombra, não encontrava um modo de se expor.¹⁹³

Em seu artigo, Sousa reconhece a dificuldade de escrever sobre o índio, sem ser de forma idealizada. Apesar de expor os parâmetros de como o índio não deve ser retratado, não deixa claro como ele deve ser descrito nos romances, ou seja, como deixar de ser idealizado e como deve aparecer nos romances de costumes.

Os elogios à *Jacina* continuam perpassando pela narração e a descrição. Enfoca que o leitor “caminha [...] para um desenlace que faz esperar muito, e que em alguns pontos parece ser espaçado de propósito. Parece-nos ser isto o resultado de um plano, concebido por inteiro de antemão”. Sobre as descrições, Inglês de Sousa analisa pelo prisma do Realismo, mostrando que elas são “vivas” e dispostas de um “estilo seguro, estudado, mas sem afetação”, conseguindo desenrolar as “magníficas paisagens” com facilidade e com um “sentimento real das belezas da natureza virgem da nossa terra”. Ainda, situando o romance na estética realista, afere que Araripe “soube dar ao seu romance um interesse mais real e seguro”, e alguns personagens como os portugueses, foram “fielmente reproduzidos”.

A partir da concepção de personagens retirados da vida “real”, sendo descritos fielmente em seu caráter e linguagem, além dos “personagens vivos” que aparecem em *Jacina, a marabá*, ou seja, foi pela “parte histórica” sugerida no romance, que Inglês de Sousa pôde conceber as observações “a respeito da riqueza que uma literatura esclarecida arrancaria do seio da nossa história”. Sousa termina sua crítica esclarecendo

¹⁹³ NODARI, Alexandre. *Modernismo obnubilado*: Araripe Jr. precursor da antropofagia. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/NodariPUC.pdf>>. p. 5.

que, por suas qualidades, Araripe Júnior pode “desmentir-nos em tudo o que porventura dissemos de desfavorável do seu talento”.

Inglês de Sousa, ao analisar o romance, pensa nas características do Realismo – apesar de a obra de Araripe não ser totalmente coerente com a estética –, que, segundo Afrânio Coutinho:

[...] procura a verdade por meio do retrato fiel de personagens. As personagens do Realismo são antes indivíduos concretos, conhecidos, do que tipos genéricos. Os incidentes do enredo decorrem do caráter das personagens, e os motivos humanos dominam a ação. São seres humanos completos, vivos, cujos motivos, razões de ação, emoções, o Realismo retrata e interpreta.¹⁹⁴

O último artigo de Inglês de Sousa no jornal *A Autoridade* é “A questão de escola em literatura”, publicado no dia 24 de julho de 1875. O mesmo artigo foi republicado no jornal carioca *Brasil Americano* nos dias 13 de agosto de 1875 e 28 de outubro de 1875, na seção “Ciências e Letras”. Nesse artigo, Sousa definitivamente lança seu programa para a literatura nacional, defendendo o Realismo como tendência e escola. Para isso, critica os escritores românticos e seu ideal, bem como seus defensores, mostrando-se como um cultor das ideias da Escola de Recife.

O autor não é o único a escrever sobre o Realismo na época, como ele próprio expõe, visto que outros artigos são publicados na imprensa pernambucana comentando o tema. Sousa estabelece um diálogo com o artigo de Altino de Araújo, publicado no periódico *A Escola*,¹⁹⁵ e com A. Saldanha, que escreve “A arte o realismo”, publicado em duas partes no periódico *A Luta*, nos dias 30 de junho de 1875 e 20 de agosto de 1875, antes da publicação de “A questão de escola em literatura”.

No início da crítica, Inglês de Sousa mostra ao leitor a situação da estética romântica naquele momento. Além de relatar que o tempo da glória da escola romântica já passou, Sousa ataca:

[...] os que têm mal compreendido o verdadeiro espírito daqueles que pugnam pela marcha da ideia literária, de acordo com o progresso científico e material que se realiza por toda a parte, daqueles que preferem a crítica sã da vida social às estéreis divagações de uma imaginação enferma.

¹⁹⁴ COUTINHO. *op. cit.*, p. 10.

¹⁹⁵ Segundo a *História da imprensa pernambucana*, o jornal *A Escola* é um “semanário acadêmico – política e literatura – Tendo como redatores Isaias Guedes de Melo e Altino de Araújo, publicou sua primeira edição a 6 de maio de 1875”. Infelizmente, não tivemos acesso ao artigo em questão.

Nesse momento de sua crítica, Inglês de Sousa cita um ponto-chave que marca a inserção do Realismo no Brasil: “o progresso científico e material”. Afrânio Coutinho afirma que “o lençol comum de ideias da época materialista, aberta no Brasil na década de 70, frutificou em um corpo de doutrinas de explicação e crítica do fenômeno artístico e literário”. Além disso, Coutinho mostra que:

A palavra de ordem que invadiu a vida intelectual foi a *ciência*. Esgotado o Romantismo, a crítica romântica tendo atingido uma crise insuperável, o culto da ciência toma posse dos espíritos, de um lado negando todo transcendente e, de outro, proclamando com Renan que ‘o futuro da ciência’ é o próprio futuro do pensamento humano. Desta maneira, se conhecer é a função primordial do espírito, cabe-lhe conhecer por processos que só a ciência controla, porque se baseiam, antes de tudo, na investigação das causas dos fenômenos e suas leis de funcionamento.¹⁹⁶

Sousa mostra que nem todos compreenderam as novas ideias literárias relacionadas com a ciência, preferindo ainda as “divagações de uma imaginação enferma”. Além disso, não deixa de mostrar como os realistas são vistos naquela época, sendo:

[...] acusados de quererem matar toda a inspiração, sepultar o ideal debaixo das ruínas da velha escola, matar com o frio positivismo a poesia, alheia às pequenas e prosaicas coisas da vida real. São eles, os realistas, os acusados de pretenderem banir inteiramente o ideal do domínio da arte.

Inglês de Sousa traz um ponto relevante para a discussão das ideias realistas na época: o positivismo.¹⁹⁷ A doutrina é influência na geração de Sousa, sendo uma das bases do desenvolvimento da estética realista, confirmada por Sílvia Romero, ao expor

¹⁹⁶ COUTINHO, *op. cit.*, p. 21.

¹⁹⁷ Angela Alonso afirma que “de uma perspectiva, digamos, ideológica, em consonância com as demais correntes científicas, o positivismo procura trazer o discurso legitimador da nacionalidade do campo da literatura romântica para o da ciência, postando-se do lado dos cientistas contra os bacharéis e literatos. No entanto, à diferença delas, se apresenta como uma ideologia modernizadora, moralmente orientada, que se opõe ao liberalismo. Esses vários níveis de disputa apontam para a vocação modernizadora do positivismo brasileiro, o que já o distingue do positivismo francês ou latino-americano; uma modernização monitorada por uma vanguarda em que são privilegiadas as transformações evolucionárias e graduais”. (ALONSO, Angela. De positivismo e de positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. *Revista Brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais* – BIB, Rio de Janeiro, n. 42, p. 124, 2º sem. 1996.

que o positivismo se propagou desde 1868 no Recife.¹⁹⁸ Afrânio Coutinho explica que “para a geração que entrava na maioria intelectual em 1870, o positivismo de Augusto Comte, que vinha dos anos 30 e 40, oferecia singular atração, sintônico que era com o espírito da época”. Ainda sobre o positivismo, José Murilo de Carvalho afirma que:

O positivismo via a história da humanidade como marcha contínua em direção ao progresso sob o impulso da ciência. Ao mesmo tempo, no entanto, de acordo com as visões finais de Comte, salientava os aspectos afetivos e religiosos da ação humana, colocando-os acima da razão e da ciência.¹⁹⁹

Voltando ao texto de Inglês de Sousa, há um interessante diálogo com o artigo de Altino de Araújo, em que o crítico mostra o que o articulista entende por “real” e “ideal”, e a diferença que faz entre os dois termos, que determinaria um “realista” e um “idealista”. Altino afirma, segundo Sousa, que:

O real é o objeto fora de nós; o ideal é o objeto tal qual nós percebemo-lo e sentimos-lo... segundo o artista ou o poeta tender mais à pintura da realidade em si mesma, ou conforme a seus sentimentos, conforme ela aparece ao seu espírito, ele será realista ou idealista.

Inglês de Sousa defende um posicionamento contrário ao do articulista, afirmando que há diferença entre a “pintura da realidade em si mesma” e a “pintura conforme os sentimentos do artista”, e também entre “os dados da observação” e “da imaginação”, bem como do “objetivismo” e do “subjetivismo”. O crítico chega a fazer uma ressalva, enaltecendo a escola realista:

Qual das duas escolas deve sobrepujar a outra, qual dos dois artistas esteja mais de acordo com o progresso da arte, que o diga a vitória universal das ciências de observação sobre as ciências de invenção, da ciência positiva sobre a metafísica, que o diga a tendência eminentemente crítica do século.

A partir dessa comparação, o autor defende o Realismo e mostra a seguir uma comparação entre a arte e a ciência, afirmando que “a arte não deve ficar envolta nas

¹⁹⁸ ROMERO, Sílvia. *Zeveirissimações ineptas da crítica* (Repulsas e desabafos). Porto: Oficinas do Comércio do Porto, 1909. p. 87.

¹⁹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 122.

faixas do que é puramente ideal quando a ciência se liberta por uma vez delas”. Dessa forma, o artista que continuasse no “ideal estaria em perfeito antagonismo com a sociedade em que vive”. Sousa mostra-se totalmente envolto nas “ideias modernas” veiculadas em seu tempo e as usa para conceituar a nova escola literária: o Realismo. Sílvio Romero, contemporâneo de Inglês de Sousa, em *História da Literatura Brasileira*, reafirma seu papel também como propagador das ideias da nova escola. Veja seu relato:

Continuavam os poetas a sacrificar ao romantismo ou ao estreito realismo, quando o autor destas linhas ofereceu a ideia de uma poesia, que, firme na moderna intuição crítica, edificada pelos estudos históricos, de um lado, e pelas ciências naturais e filosóficas, de outro, fosse a cristalização das vistas mais adiantadas do espírito contemporâneo.²⁰⁰

Sousa fixa sua crítica na literatura, afirma que esta “ainda que influa grandemente sobre os costumes, não deixa também de ser o espelho da vida e pensamento de uma época, de um povo” e mostra como ele entende que deva ser a literatura:

Há de ser *sábia*, há de conhecer os meios de ação, as condições de existência dos homens, há de fazer um profundo estudo do coração humano, assim como da vida social [...] há de ser realista, porque o mundo não é exclusivamente habitado por poetas, porque, os dramas obscuros, mas comoventes da vida comum, são dignos de estudo, porque nunca se poderá formar ideia exata de um século, de um povo, somente pelo que está à flor deles, somente pelas grandes ideias, grandes sentimentos e caracteres, que entusiasma o poeta, mas que não podem verdadeiramente representar esse século, esse povo.

Como nos outros artigos críticos estudados, Sousa impõe à literatura uma finalidade: a de ser portadora de um valor histórico, sendo representativa de uma época e de um povo. Quando escreve a palavra “sábia” em itálico, provavelmente está se referindo à razão e à ciência, que devem, na visão de Inglês de Sousa, compor os textos literários. Sousa refere-se a uma das características do Realismo, quando se importa com “dramas obscuros”, mostrando a importância deles e que era necessário o poeta deixar de lado a literatura elevada, ao se referir às “grandes ideias” e aos “grandes

²⁰⁰ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888. p. 1241.

sentimentos e caracteres”. Estes últimos não conseguem representar o povo; para isso, é preciso buscar os “dramas obscuros”, e a literatura voltar-se para a vida comum.

Em *Mimesis*, Auerbach, ao analisar o prefácio da obra *Germinie Lacerteux*, de 1864, dos irmãos Goncourt, mostra os aspectos pelos quais o povo deveria aparecer nas obras realistas:

Vivemos, dizem os Gouncourt, na época do sufrágio universal, da democracia, do liberalismo [...]; portanto, é injusto excluir as assim chamadas classes mais baixas da população, o povo, do tratamento literário sério, tal como ainda acontece, assim como é injusto conservar na literatura uma aristocratização dos objetos, que não mais corresponde ao nosso quadro social; deve-se admitir que não há nenhuma forma de desgraça que seja demasiado baixa para ser representada literariamente. [...] Fundamenta-se, aqui, o direito de tratar qualquer objeto, mesmo o mais baixo, de forma séria, isto é, a extrema mistura de estilos, simultaneamente com argumentos político-sociais e científicos.²⁰¹

A crítica de Sousa segue mostrando que o escritor deve encarar a “realidade de um ponto mais geral, deixando a exceção para seguir a regra, sendo, assim, mais verdadeiro”. E o crítico Inglês de Sousa lança o seu programa para o Realismo:

[...] o *realismo*, no sentido em que comumente se toma esta palavra, não é incompatível com a arte. Pois não haverá na vida de todos os dias, na vida real, dramas que interessem ao leitor, caracteres dignos de estudo, situações cheias de vida e de interesse? Serão os costumes e relações sociais tão desprezíveis, que neles não se possa encontrar uma poesia vigorosa e sã, livre de exageros? E se encaramos a questão pelo lado prático e utilíssimo (que não façam careta os poetas) não será mais de desejar que a poesia deixasse a velha flor azul do sentimentalismo, na frase de Guerra Junqueiro, para cantar o sentimento íntimo e verdadeiro? Não seria preferível que a arte fosse mais deste mundo, que deixasse dormirem em paz os cavaleiros andantes, e se ocupasse do homem moderno, o homem do trabalho, estando assim mais de acordo com o século?

Inglês de Sousa luta por uma literatura que esteja mais próxima do povo, que não se detenha mais nos “cavaleiros andantes” e, por conseguinte, retrate o homem que trabalha.²⁰² Julga que é possível encontrar, na vida real, situações de interesse para o

²⁰¹ AUERBACH, *op. cit.*, p. 445-446.

²⁰² Na última página de *A literatura brasileira e a crítica moderna*, Romero afirma que “‘o romancista, o poeta, deve estudar o homem no seu trabalho’. Fecundas palavras de autor germânico, que exprimem o grande, o bom *realismo*. Mas... isto não nos veio de Paris, e nós preferimos trajar ainda à francesa”. ROMERO, Sílvio. *A literatura brasileira e a crítica moderna: ensaio de generalização*. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880. p. 206.

público. Após lançar seu programa para a escola realista, continua sua defesa perguntando: “julgarão talvez que o artista que conseguir reproduzir na tela a verdade com cores vivas e profundas nada terá feito?”; “julgarão que o escritor realista é alheio à inspiração?”; “Que na escolha dos caracteres, das situações, do enlace, na contextura, em tudo enfim, não se possa revelar o que convencionou-se chamar inspiração?”.

A crítica segue citando os nomes de Coppée, Beecher-Stowe, Erckmann-Chatrian, Macedo, Alencar, Bernardo Guimarães,²⁰³ Generino dos Santos,²⁰⁴ Delaberge, Theodore Rousseau,²⁰⁵ Leleux,²⁰⁶ Balzac e grandes mestres da Escola Flamengo, que representam um paradigma.

Reverendo o que cada um desses escritores e pintores fez, podemos perceber que: François Coppée, poeta francês, influenciou os poetas da época com o Realismo na sua poesia; Beecher-Stowe escreveu *A cabana do pai Tomás*, que é um romance realista que recria uma sociedade; em relação à obra de Erckmann-Chatrian, Inglês de Sousa se deteve em seu artigo homônimo, mostrando a contribuição desses escritores para o Realismo; a importância de Macedo já foi citada em outro artigo de Sousa por causa de *Vítimas alagozes*; Alencar, apesar de ser um escritor ligado ao Romantismo, filia-se, de certa forma, “à linha forte do Realismo de seu tempo, ligada, justamente, ao esforço de figurar o presente em suas contradições”;²⁰⁷ em Bernardo Guimarães, como aponta Sílvio Romero, “todos os seus escritos versam sobre assuntos brasileiros; mas há neles alguma coisa mais do que a simples escolha do assunto; há o brasileirismo subjetivo, espontâneo, inconsciente, oriundo d’alma e do coração”;²⁰⁸ Generino dos Santos era um poeta ligado ao Realismo e participante da Escola de Recife junto com Sílvio Romero e Inglês de Sousa; Théodore Rousseau é um pintor francês participante da Escola de Barbizon, de cunho realista; Adolphe Pierre Leleux também é um pintor realista francês; Sousa considera Balzac como um dos fundadores da “moderna escola realista” na França; e a Escola Flamengo representa uma revolução na pintura ao focar o cotidiano em suas pinturas.

De forma geral, esses escritores e pintores citados na crítica de Inglês de Sousa tratam em seus escritos e pinturas dos costumes de regiões diversas, muitas vezes

²⁰³ Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825-1884), escritor brasileiro, conhecido, principalmente, pelo livro *A escrava Isaura*, de 1875.

²⁰⁴ Adolfo Generino Rodrigues dos Santos, (1848-1928), jornalista e poeta brasileiro.

²⁰⁵ Étienne Pierre Théodore Rousseau (1812-1867), pintor francês.

²⁰⁶ Adolphe Pierre Leleux (1812-1891), pintor francês.

²⁰⁷ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000. p. 44.

²⁰⁸ ROMERO, *op. cit.*, p. 946.

abordando a história, usando da descrição como elemento constitutivo de suas artes, além da mistura entre ciência, arte e filosofia. Note-se que nem todos são partidários da estética realista e que são citados porque aparece em suas obras alguma característica não necessariamente própria, mas próxima da nova tendência, chamando a atenção de Sousa. Os brasileiros Manuel de Macedo, José de Alencar e Bernardo Guimarães estão ligados à escola romântica e são mencionados por Sousa por causa de características peculiares em suas obras. No entanto, Sousa aponta, quando cita os nomes, que estas apareceram “algumas vezes”. De certa forma, em literatura, há uma proximidade entre o Romantismo e o Realismo:

O interesse pelo homem tomado em sua essência, pela natureza e pela condição humana dá lugar, no romantismo, ao interesse pelo homem situado em seu tempo e em seu espaço, melhor dizendo, em sua comunidade utópica. Desse modo, nessa grande mudança de enfoque, vemos que a ótica romântica e a realista estão próximas, pois ambas ‘divisam o indivíduo dentro de seu *habitat* sócio-econômico’ [...] Desde Platão e Aristóteles pelo menos, o realismo é uma corrente estética vigorosa que só apresenta modificações em função de alterações que são introduzidas, através dos tempos, no conceito de realidade.²⁰⁹

Ao analisar a obra *Le Père Goriot* de Balzac, a estudiosa Guacira Marcondes Machado mostra como se processa na obra do escritor francês a iminência entre as duas estéticas:

E se, por um lado, para Balzac, como para os realistas do final do século, a documentação deve ser o primeiro trabalho do romancista, por outro, enquanto romântico, ele deixa claro que esse trabalho deve ser realizado sem humilhar a imaginação. Assim, em Balzac, o realismo é decorrência de uma visão romântica do mundo que, aliás, é responsável, ainda, por esse realismo positivista francês do final do século XIX, desde que Auguste Comte, leitor e admirador de Balzac, tirou de seu romantismo a teoria de meio e do momento.²¹⁰

Em seu texto, Sousa ainda ataca os que gostam de “más poesias” e “maus romances”, situando o leitor na grande “rixa” entre os realistas e os românticos. O crítico vai além, exemplificando o que pode ser considerado “mau” no Romantismo: o

²⁰⁹ MACHADO, Guacira Marcondes. Romantismo e realismo em *Le Père Goriot*. *Lettres françaises*, Araraquara, SP, UNESP, n. 4, p. 58, 2001.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 67-68.

romance *Cascabulho louro* de A. Holanda e as poesias de Joana Tiburtina da Silva Lina, poeta romântica pernambucana, autora do livro *Meus sonhos*, publicado em 1870.

Dando continuidade ao seu pensamento, o crítico descreve como seria uma balança para “pesar” de um lado Chateaubriand, Madame Staël, Lamartine e Dumas Pai, e, do outro, Balzac. Na visão de Inglês de Sousa, o autor da *Comédia humana* pesaria mais. Percebe-se nesse instante o ataque à literatura romântica representada pelo conjunto de escritores citados em um mesmo bloco.

Em defesa de Balzac, Inglês de Sousa traz primeiramente um trecho da crítica de A. Saldanha, “A arte e o realismo”, publicada no jornal *A Luta*:

Balzac é quase sempre interessante; mas a curiosidade com que acompanhamos muitas das suas profundas análises é antes a avidez científica de um investigador do que o inefável arroubo do coração que sente e admira.

Após a citação, Sousa rebate de imediato argumentando:

Não; não é isto o que nos sucede com a leitura de Balzac. Ainda que seja uma das suas virtudes incontestáveis, talvez a sua maior glória, a análise lógica dos caracteres, contudo ele é também artista, e para nós a cena de agonia do *Père Goriot* é um dos quadros mais artísticos e mais comoventes que temos encontrado. *A Moça dos olhos de ouro*, a *Duquesa de Langeais* e a maior parte dos romances de Balzac possuem cenas que em nada cedem as dos maiores artistas; e a prova de que o interesse que ele desperta não é, como diz o colega, a avidez científica de um investigador é que muito antes de ser compreendido no seu país o autor de *Eugenia Grandet* era imensamente lido.

Inglês de Sousa eleva as qualidades artísticas de Balzac, defendendo-o de qualquer acusação. O crítico também cita a análise lógica das personagens como uma das características de Balzac. Essa é uma das características que Inglês de Sousa tentará seguir em seus romances e contos publicados no ano seguinte, 1876. A partir dos textos estudados, é possível conhecer o pensamento crítico de Inglês de Sousa em relação à literatura nacional, percebendo que o autor já defende o Realismo em 1875 da forma como ele compreendeu, visto que as ideias sobre a estética estavam sendo discutidas na época, usando escritores não propriamente ligados ao movimento.

B – Uma crítica ao teatro

Um texto de crítica teatral escrito por Inglês de Sousa suscita reações na imprensa recifense. Publicado no jornal *A Província* no dia 7 de outubro de 1875, na seção “Revista teatral”, a crítica apresenta como sumário o seguinte: a estreia da Companhia Vicente, *O viveiro de Frei Anselmo*, *Vaz Telles & Cia*, *A estátua de carne*, um protesto, *O paralítico*, o ator Bahia.

Entre os comentários sobre as estreias teatrais em Recife, está a crítica à comédia *O viveiro de Frei Anselmo*. Segundo Inglês de Sousa, que assina o artigo como Luiz Dolzani, o que a salva é apenas a música, nada valendo: nem caracteres, nem costumes, nem intriga. Já sobre a peça *Vaz Telles & Cia*, aprecia a sua graça e suas cenas recheadas de situações cômicas, além de afirmar que o enredo é de quebrar a cabeça e de pouca verossimilhança. Também ressalta as características da peça *O paralítico* e, finalmente, a atuação do ator Xisto Bahia.

A crítica feita à peça *A estátua de carne* merece atenção especial, pois, além de criticar um texto publicado na mesma coluna, “Revista Teatral”, do dia 30 de setembro de 1875, assinado pelo pseudônimo Stenio, revela o posicionamento de Sousa em relação à adoção das características realistas também no teatro. O drama em questão é de autoria de Teobaldo Cicena, em um prólogo intitulado “Morrer por amor” e cinco atos sob os seguintes títulos: 1º ato, “O baile da ópera”; 2º ato, “A declaração”; 3º ato, “O desespero”; 4º ato, “O desafio”; 5º ato, “A Madalena”.

Contestando a crítica de Stenio, para quem a peça possuía “belezas de pensamento e de estilo” e superava os “defeitos de forma”, Inglês de Sousa enfatiza a gravidade de suas deficiências:

Para nós a *Estátua de carne* vale pouco quer como concepção, quer como execução. Parece-nos de pouco mérito mesmo na escola a que se filia. Aquela ideia de discutir questões filosóficas em cena, aquele caráter falso e sem razão de ser do conde Paulo, a ideia velha da regeneração da mulher pelo amor, aquele brinde à morte, a linguagem pedantesca e guindada, parece-nos muita coisa junta, e isto sem falar da falta de verossimilhança de algumas cenas, dos maus diálogos e de mil coisas mais.

A crítica de Inglês de Sousa desmerece a peça do autor italiano, principalmente em relação à escola que ela segue, no caso, o Romantismo. Ressalta vários pontos falhos, com a “ideia velha da regeneração da mulher”, a concepção das personagens, a

linguagem pomposa, além dos maus diálogos. Os problemas apontados não são apenas da forma que a peça é composta, mas também do conteúdo que ela exhibe.

Como Inglês de Sousa cita e contesta a apreciação crítica de Stenio, o articulista escreve uma resposta ao autor, publicada no dia 12 de outubro de 1875, na seção “Revista teatral”, do jornal *A Província*. O texto tem como título “A estátua de carne” e é endereçado a Luiz Dolzani. Nele, Stenio rebate todas as contestações de Inglês de Sousa sobre sua crítica publicada anteriormente.

Sousa aponta defeitos na análise de outras peças e de artistas feita pelo articulista. No entanto, é sobre *A estátua de carne* que ambos discordam explicitamente, principalmente no quesito escola literária. Dessa forma, ao responder à crítica, Stenio rebate como Sousa observa a atuação da artista D. Manuela, além de outras questões divergentes, e só depois centraliza seu texto no drama de Cicena, escrevendo:

As tendências materialistas do meu amigo levam-no a desmerecer a concepção, donde eu concluo que a crítica feita não é ao drama em si, mas à escola a que se filia o autor italiano.

Ainda mais. Não julgo de nenhum modo velha a ideia de regeneração da mulher pelo amor, antes pelo contrário é uma tese ainda hoje muito debatida e cuja verdade ainda não chegou a muitos espíritos iluminados.²¹¹

A postura de Stenio revela o quanto Inglês de Sousa usa das tendências realistas para julgar as peças e escrever sua crítica. A questão da “regeneração da mulher pelo amor” é um dos temas-chave da literatura romântica do período, e Stenio a defende ao afirmar, além do citado anteriormente, não conhecer “nada de mais velho do que o amor como assunto das peças de teatro, e, no entanto, só Voltaire lembrou-se de excluí-lo uma vez, e com isso foi infeliz”. Stenio continua sua crítica, afirmando ser Inglês de Sousa um realista e que essa condição o impede de reconhecer o valor da peça em questão:

O seu positivismo em filosofia e o seu realismo em literatura não se compadecem com a produção de Teobaldo Cicone, é verdade; mas desde que colocar-se no ponto de vista em que ela foi concebida, não poderá deixar de harmonizar-se comigo, e de reconhecer-lhe o merecimento.²¹²

²¹¹ STENIO. Revista teatral. *A Província*, Recife-PE, p. 2, 12 out. 1875.

²¹² *Ibidem*

A discussão sobre o Romantismo e o Realismo não fica apenas na crítica à peça *A estátua de carne*, visto que Inglês de Sousa, em seu texto, acusa Stenio de “réu convicto do romantismo”. O articulista responde à afirmação de Sousa nos seguintes termos:

Não sou réu convicto do romantismo, como disse.
Entendo que a literatura acompanha a evolução social; mas não posso ser realista *pur-sang*, porque banir o ideal do domínio da arte importa matá-la. Pertença à escola de transição, e Octave Feuillet é o meu modelo.
Ao realismo peço a verdade, e ao romantismo vou buscar o ideal para colori-la. Daí a minha escola, que é a do *juste milieu*.²¹³

Novamente aparece a discussão tão presente nas críticas de Inglês de Sousa, publicadas n’*A Autoridade*, sobre o ideal e a verdade, relacionados, respectivamente, ao Romantismo e ao Realismo. Stenio se autointitula um escritor de transição, citando como modelo o escritor francês Octave Feuillet, que teve vários folhetins traduzidos e publicados no Brasil.

Os escritores da época acreditam que o Realismo queria “banir da arte o ideal”.²¹⁴ O artigo de A. Saldanha, intitulado “A arte e o realismo”, publicado no periódico *A Luta* no dia 30 de junho de 1875, traz uma discussão sobre o tema, explicando o que é o Realismo e o que os escritores estão fazendo com a arte. O artigo, já discutido por Inglês de Sousa em “A questão de escola em literatura”, faz uma diferenciação entre o que é o Romantismo e o que é o Realismo:

O romantismo tinha de ser efêmero. Planta exótica, crescia-lhe ao lado uma outra planta, que devia expulsá-lo dos domínios da popularidade. Era aquilo a que mais tarde chamou-se realismo. Este era calmo, indiferente, analítico. Apresentava-se como um anatomista: tinha o escapelo e a sonda. Propunha-se a revelar tudo, desde a úlcera até a pústula. O seu fim era dizer a verdade inteira. Explorou as salas, as alcovas, as ruas, descia às sentinas sociais; chegou a ser tão verdadeiro, que causava náuseas; demais definhava de tédio, e ainda hoje continua em sua lenta decomposição.²¹⁵

Em outro momento de sua crítica, Saldanha descreve como o poeta trabalha com o ideal:

²¹³ *Ibidem*.

²¹⁴ SALDANHA, A. A arte e o realismo. *A Luta*, Recife, 30 jun. 1875.

²¹⁵ *Ibidem*.

Individualidade descontente do presente, ele sobrepõe muitas vezes, aos interesses reais e imediatos, não sei que sonhos de beleza e perfeição.

Assim influenciado, se ele procura dar uma forma externa ao que pensa e sente, dá-nos a imagem de um mundo maravilhoso, onde a vida exuberava e transbordava em paixões sobre-humanas, em alegrias olímpicas e dores profundamente sentidas.²¹⁶

Nesses termos, mostra como o poeta trabalha com o ideal e, em outro momento, mostra como o escritor realista trabalha com a verdade:

Certos literatos deste século se distinguem por um sentimento do pitoresco, por uma verdade de detalhes, que antes pertencem às artes plásticas do que à literatura. Este sistema tem o grande mérito de tornar, por assim dizer, palpáveis os objetos e as personagens, dando mais vida e veracidade aos caracteres.

[...]

Limitada a função do poeta à seleção e reprodução dos fatos reais, exigia a coerência que esse fato, uma paixão, por exemplo, fosse reproduzido de um original realmente existente, ou antes que esse original fosse copiado com todos os caracteres que lhe são próprios.²¹⁷

Os escritores nos jornais em Recife põem em discussão a dicotomia entre o ideal e a verdade, revelando um momento de transição entre os estilos. Inglês de Sousa acredita que a arte deve-se libertar do que é “puramente ideal”, e sua crítica à peça *A estátua de carne* revela seu pensamento realista, bem como sua interação com os debates em torno das novas ideias e concepções literárias.

3 – Os contos na imprensa paulista

No ano de 1876, Inglês de Sousa muda-se para São Paulo e se matricula na Faculdade de Direito, para enfim terminar o curso de bacharelado. Atuante na imprensa pernambucana durante sua estada em Recife, logo se envolve com os acadêmicos paulistas e começa a publicar seus textos.

Nesse primeiro momento, o jornal *A Academia de São Paulo* torna-se o principal veículo de divulgação dos seus trabalhos. O periódico, pertencente aos estudantes de São Paulo, tem Antônio Figueira como redator-chefe e mais 24 alunos do curso de Direito em sua redação parcial. Mesmo não estando na lista dos redatores parciais, Inglês de Sousa publica já no primeiro número, do dia 2 de abril de 1876, o conto “O recruta”, que é republicado posteriormente como “Voluntário”. Além desse conto,

²¹⁶ *Ibidem.*

²¹⁷ *Ibidem.*

Inglês de Sousa também publica na seção “Folhetim” o romance *O cacaulista* e o conto “Amor que mata”, que se tornará “Amor de Maria”.

No número 12 da *Academia*, Inglês de Sousa publica o conto “Acauã”²¹⁸; no mesmo período publica, em opúsculo, o conto “A feiticeira”²¹⁹. Os quatro contos citados compõem, posteriormente, o livro *Contos Amazônicos*, de 1893. Os estudiosos do autor desconhecem a publicação dos contos nos jornais paulistas e uma primeira edição do livro,²²⁰ mas a imprensa da época noticia o fato conforme nota da revista carioca *Ilustração Brasileira*, na seção “Boletim bibliográfico”, do dia 15 de julho de 1876:

Da província de S. Paulo chega-nos uma pequena coleção de histórias intituladas *Contos Amazônicos*.

Quem quer que seja o autor de tão pitorescas páginas (apenas firmadas por um pseudônimo) é com certeza escritor de gosto, e que tem paixão pelas coisas de seu país.

As descrições de lugares, de costumes, e de fisionomias são tão apropriadas, há tanta verdade no colorido, tanta abundância de seiva em todos aqueles quadros, que, além de revelarem um belo e prometedor talento, formam um lindo álbum de paisagens amazônicas, com toda a cor e sabor local.

Seja bem vindo o novo romancista; ocupará por certo posição distinta quem concebe tão bem, e ainda melhor se exprime dispondo de primoroso estilo.²²¹

Os apontamentos feitos no “Boletim” remetem o escritor às características da estética realista, principalmente ao se observar que as “descrições” são feitas com “tanta verdade”.

Em agosto de 1877, o autor publica a gênese do conto “O rebelde”, na sua *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. O conto, intitulado “O sineiro da matriz”, aparece assinado por Luiz Dolzani e com o subtítulo de “Conto do Amazonas”.

Os contos se adaptam perfeitamente às características dadas por Lúcia Miguel Pereira: “rapidez e vivacidade”. Segundo a crítica, os *Contos Amazônicos* “parecem escritos com muito mais liberdade do que *O Missionário*”.²²² O aspecto libertário

²¹⁸ Conforme nota do *Correio Paulistano*, de 4 de agosto de 1876. Não há disponível no acervo da BN a edição informada pelo periódico.

²¹⁹ Conforme nota do *Correio Paulistano*, de 13 de abril de 1876. Não há disponível no acervo da BN a edição informada pelo periódico.

²²⁰ Uma explicação: apesar de a imprensa noticiar o fato, não foi encontrada a edição a que se refere o jornal; somente os contos publicados de forma esparsa.

²²¹ DA PROVÍNCIA.... Boletim Bibliográfico. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1876.

²²² PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 166.

provavelmente se deve à não filiação obrigatória dos textos ao estilo realista, visto que foram, a maior parte, escritos antes do advento dessa estética no Brasil, em um momento em que Inglês de Sousa experimenta em seus contos as características da nova estética, pois os traços da escola já aparecem nitidamente nos textos. Miguel-Pereira, não conhecendo as primeiras publicações dos contos, faz as seguintes considerações:

É interessante notar como neste livro, o último que publicou, Inglês de Sousa volta por vezes ao tom panfletário de *História de um pescador*. ‘O rebelde’ e ‘O voluntário’ – este mais fraco – pertencem à literatura de combate, o autor tomando sempre o partido dos fracos, dos oprimidos. Aliás, menos de vinte anos separam-lhe a estreia da despedida.²²³

O “tom panfletário” dos contos deve-se ao ano em que foi escrito, 1876, mesmo ano de publicação de *História de um pescador* – daí a relação entre os estilos das obras. Nos próximos tópicos, encontrar-se-ão a análise dos contos encontrados nos jornais e, em certos momentos, o cotejo com os contos publicados em livro. O objetivo é o de verificar como Inglês de Sousa realizou/executou em suas primeiras publicações as ideias realistas já defendidas em seus textos críticos.

A – Ciência versus tradição: uma possível temática

Os contos publicados nos jornais apresentam o mesmo fio narrativo quando comparados com os publicados nos *Contos Amazônicos*. Na revisão, Inglês de Sousa fez algumas alterações de ordem sintática e ortográfica, acrescentou descrições de paisagem e de personagens e retirou alguns parágrafos. No entanto, a leitura dos primeiros textos revela não só a tentativa do escritor de escrever contos realistas, mas também uma ligação mais imbricada entre as histórias, nas quais se observa uma discussão sobre a ciência, trazida pela civilização, e as crendices da região amazônica. Esse aspecto não é claramente perceptível na versão final dos contos, publicada em 1893.

Nos anos de 1876 e 1877, Inglês de Sousa publicou os contos “O recruta”, “A feiticeira”, “Amor que mata”, “O acauã” e “O sineiro da matriz”, em diversos jornais paulistas, salvo “A feiticeira”, que foi publicado em opúsculo. O conto “O baile do judeu” foi publicado somente em 1887 na revista *Indicador Santista*, organizada por Adauto Lima, Vicente de Carvalho e Moraes Júnior, com assinatura de Luiz Dolzani; a indicação de local e o ano da escrita aparecem: “Praia do Embaré – 1886”. Os contos

²²³ *Ibidem*.

“O donativo do capitão Silvestre”, “O gado do valha-me-deus” e “A quadrilha de Jacó Patacho” foram publicados apenas no livro *Contos Amazônicos*.

Apesar dos últimos quatro contos citados, em pouquíssimos momentos, deterem-se na discussão levantada, a análise aqui empreendida será apenas dos primeiros contos publicados, por apresentarem parágrafos excluídos pelo autor na versão em livro, que esclarecem a relação intrínseca entre as histórias. Nos cinco contos, é perceptível que as histórias são contadas para outras pessoas; no caso, em uma roda de amigos, reunida na cidade de Óbidos, em uma sala sem sua devida localização. O dr. Silveira, o velho Estevão e o procurador são os porta-vozes dos contos, cada um com uma convicção diferente.

O conto “O recruta” foi escrito no dia 28 de março de 1876 na cidade de São Paulo, como consta na data publicada no final do conto. A publicação na imprensa, como citado anteriormente, é do dia 2 de abril de 1876 no periódico *A Academia de São Paulo*. Como nos outros contos publicados, aparece o subtítulo de “Conto do Amazonas”, circunscrevendo o texto à série elaborada por Inglês de Sousa.

Dezessete anos após a publicação no jornal, o conto é transposto para o livro com o título de “O voluntário”, mas se preservando o fio narrativo, que trata da história de Pedro, filho da tapuia Rosa, que é recrutado pelo Capitão Fabrício, mesmo sendo filho único de viúva, para participar da guerra entre o Brasil e o Paraguai, no ano de 1866. A história é parecida com um conto de José Veríssimo, “O voluntário da pátria”, publicado pela primeira vez em 1886, em *Cenas da vida amazônica*. Acredita-se que o fato do recrutamento, pela forma que é relatada em ambos os contos, é característico da época retratada; no entanto, permanece a primazia de Sousa, que publicou o conto antes de Veríssimo, mas que pode ter alterado o título por causa do livro de seu conterrâneo.

Em “O recruta”, há um narrador que conta a história, mas também participa dela como uma personagem secundária. Dessa forma, é possível considerá-lo como um narrador-testemunha. Essa personagem é o dr. Silveira, que aparece no primeiro parágrafo do conto de forma explícita, em que uma voz em terceira pessoa revela quem é o contador da história: “Foi então que o doutor Silveira começou”. Essa estratégia narrativa confere ao conto maior verossimilhança. Não há essas indicações em “O voluntário”, e o narrador só se revela como personagem no final do conto.

O dr. Silveira é o narrador explícito, que se apresenta, primeiramente, como o contador da triste história e, no final, como um advogado que vai interceder pela tapuia, tentando impedir que Pedro viaje como recruta da guerra. O narrador aparece nos

primeiros parágrafos – “que como eu tão bem conheceis” –, interferindo na história, com diversas considerações e posicionamentos sobre os acontecimentos, a exemplo, chamando as pessoas influentes de “mandões de aldeia” e “ridículos”. Esse narrador deixa bem claro quais são os propósitos da história: “é minha intenção contar-vos apenas alguma coisa da história de uma mulher infeliz, história simples e triste que narro somente para satisfazer o vosso pedido”.

O dr. Silveira narra os fatos para alguém, mas não sabemos no decorrer do conto de quem se trata; somente com o cotejo com os outros contos é que se torna possível a inferência sobre a presença da personagem em uma reunião entre amigos. Mas é fato que ele conta a história de Rosa e Pedro para satisfazer o pedido de alguém, com diversas intromissões do narrador ao longo do conto remetendo a um ouvinte. Ao criar esse narrador e suas circunstâncias de aparecimento no conto, Inglês de Sousa tenta estabelecer um “contrato de enunciação”, processo característico do discurso realista, conforme elucida Philippe Hamon:

À escala global da narrativa completa, podemos também assistir a uma concretização narrativa (álibi) da realização do discurso: o autor delegará o conjunto do seu texto num personagem de narrador, [...] em que um *contrato de enunciação* (mandamento+aceitação, do tipo: ‘Conte-nos a sua história! - Seja! Pois bem, eis que, etc.’) lança a narrativa [...] trata-se de autenticar um ato de fala, de justificar um conteúdo garantindo-lhe a origem.²²⁴

Esse recurso utilizado de forma explícita por Inglês de Sousa na primeira versão do conto é abrandado na versão em livro, pois o narrador só se autodefine no final do conto, momento em que se apresenta como advogado. Provavelmente, o fato se dá pela estranheza da inserção desse narrador no início do conto, que não é bem realizada pelo autor na primeira versão, visto que há apenas a frase solta no início da história; depois há as intromissões por meio de comentários do narrador, sem referências ao dr. Silveira, e é somente no final do conto que o doutor aparece de forma expressiva, mas sem ser nomeado. Na versão em livro, temos a impressão de que é um narrador onisciente que conta a história, a não ser por alguns lapsos em que o “eu” aparece.

De forma geral, o narrador apresenta-se como uma personagem que rememora um tempo passado, em tom memorialístico. Lembra-se da tapuia Rosa e de seus infortúnios passados, do que vai acontecer com o Capitão Fabrício em um futuro

²²⁴ HAMON, Philippe. Um discurso determinando. In: BARTHES, Roland et al. *Literatura e realidade* (que é realismo?). Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984. p. 161-162.

próximo – “não há ainda muito tempo, recebeu o justo castigo de todos os seus crimes”²²⁵ – e também com Inácio Mendes, vizinho de Pedro – “o mesmo que morreu afogado o ano passado perto de Faro, tentando salvar um filho”.

Na versão em livro, com o quase desaparecimento do “eu” em boa parte do conto, provavelmente revela o interesse de Inglês de Sousa em manter-se apenas como um narrador onisciente, participando das concepções das narrativas realistas, em que:

[...] aboliu-se a presença do ‘eu’ narrativo [...] o emprego da terceira pessoa traduz a certeza de que se trata duma imperiosa necessidade a reforma do homem em suas bases éticas, duma necessidade que independe de ser este ou aquele o escritor a denunciá-la: ela é, por si, uma evidência que exclui qualquer sombra de erro ou de relativismo. A terceira pessoa corresponde ainda à impessoalidade do laboratório onde o cientista se despoja do seu ‘eu’ para se transformar no ser anônimo que procura a verdade e depois entra a divulgá-la como ‘coisa’ já existente fora dele; a ele coube o irrisório papel de revelá-la e comunicá-la.²²⁶

Apesar de o narrador aparecer no conto, o efeito da narrativa é de um narrador-personagem que apresenta a onisciência. Em relação ao engajamento, o conto tem um ar de denúncia, mostrando os casos de abuso de poder dos recrutadores da guerra, que usam o recrutamento como motivo de vingança em relação aos habitantes da região, que não têm outra escolha a não ser cumprir o que lhes é ordenado. Mostra que a justiça muitas vezes é ditada por aqueles que têm influência e dinheiro.

As descrições mostram o olhar do narrador sobre o povo da região amazônica, sobressaindo, principalmente, os costumes populares. Por essa característica, é possível caracterizar o conto “O recruta” como realista, visto que aborda uma “representação séria da realidade social cotidiana contemporânea, fundamentada na constante movimentação histórica”.²²⁷ Essa característica também pode ser considerada própria do discurso realista. Sobre a história no discurso realista, Hamon afirma que:

[...] o herói realista viaja, sem dúvida, perto do seu meio: a História vem ter com ele, em vez de ir ele, para longe, procurar a História (as histórias). Com este ‘engate’ sistemático num cenário de fundo histórico e político, o texto constitui-se como previsível, e reduz a sua ‘capacidade’ combinatória [...] Os nomes próprios históricos ou geográficos [...] que remetem para entidades semânticas estáveis, que

²²⁵ A morte do capitão Fabrício é relatada em *História de um pescador*.

²²⁶ MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 268-269.

²²⁷ AUERBACH, *op. cit.*, p. 464.

aliás não se trata tanto de compreender como de reconhecer como nomes próprios [...] funcionam assim um pouco como as *citações* do discurso pedagógico: asseguram pontos de fixação, restabelecem a prova (garantes-*autores*) do enunciado referencial ‘engatando’ o texto num extratexto valorizado, permitem que não seja necessário um enunciado descritivo, e asseguram um efeito de real global que acaba até por transcender qualquer descodificação de pormenor, efeito de real que é muitas vezes acentuado.²²⁸

A história narrada aborda a situação dos caboclos da Amazônia, que eram recrutados, no ano de 1866, para lutar na Guerra da Paraguai. No conto, cita-se uma personalidade real, Solano López. O militar paraguaio era visto pelo povo da região como um “monstro devorador de carne humana”. Nas cidades, segundo o conto, a notícia da guerra foi recebida com grande entusiasmo, mas entre o povo causou grande alarde, fazendo com que muitos tapuios fossem se esconder no meio da mata com medo de serem recrutados.

Inglês de Sousa mostra a fragilidade dos tapuios da Amazônia diante dos mais fortes, na figura de Rosa e Pedro, evidenciando o comportamento das autoridades diante do recrutamento. O autor chega a criticar, na primeira versão, o próprio fato que é realizado pelo governo:

Este meio infame de preencher os quadros do exército (que hoje felizmente o governo pretende abolir), era no tempo da guerra posto em prática com horrível barbaridade e com um despotismo e tirania, indignos de um povo que se diz civilizado!

Suplícios tremendos esperavam aqueles que ousavam preferir a paz e o sossego do lar às misérias de uma guerra que eles não compreendiam. Todos os dias se liam nos jornais casos espantosos e reclamações violentíssimas contra as arbitrariedades das autoridades locais, mas o governo a tudo cerrava os ouvidos, porque precisava de gente que fosse morrer de peste e guerra nas terras paraguaias.

Foi então que se mostrou em toda a sua hediondez a tirania dos mandões de aldeia de que eu vos falava há pouco. Em Alenquer o capitão Fabrício praticou as maiores atrocidades, tendo por única lei o capricho.

Essa indignação do narrador mostra a preocupação do autor com o modo pelo qual os ribeirinhos eram recrutados naquela época, sem ter escolha e controle sobre seu destino. A mudança no título da primeira versão para a segunda, em que passou de “O recruta” para “O voluntário”, gera uma ironia, pois os caboclos não eram de forma

²²⁸ HAMON, *op. cit.*, p. 148-149.

nenhuma voluntários da pátria, mas sim obrigados a lutar em uma guerra de que desconheciam os motivos.

Em tom de denúncia, Inglês de Sousa mostra, nas duas versões, a incapacidade do povo diante dos fatos na luta contra o sistema. Rosa e Pedro são impotentes diante dos mais fortes – no caso, diante do Capitão Fabrício. Em suas caracterizações, Pedro e Rosa são mostrados como pessoas simples que vivem suas vidas sem fazer mal a ninguém. Em “O recruta”, Pedro aparece da seguinte forma:

Pedro era em 1865 um rapagão de 19 anos, bem constituído e robusto; tinha pequenos os olhos, mas negros e vivos, a cor tirando à do cobre, as feições achatadas e grosseiras mas com um cunho de candura e bondade que atraía a simpatia dos que o contemplavam pela primeira vez. Era de índole jovial, e sempre pronto em prestar todos os serviços que dele requisitavam. Os viajantes que tocavam no sítio da velha Rosa seguindo para Alenquer ou voltando de lá, saíam penhorados pela doçura e afabilidade de Pedro, que nunca deixava de oferecer-se para acompanhá-los à vila próxima, nem de dar-lhes os melhores avisos sobre a direção a seguir, sobre as horas de viagem, sobre tudo enfim que podia concorrer para minorar os incômodos da navegação em canoa. Nunca sucedia arpoar um pirarucu que não desse a ventrecha aos vizinhos mais pobres do lugar; e no dia em que o filho de Rosa tinha a felicidade de matar algum peixe-boi no lago próximo podia-se dizer que havia festa em casa; todos os vizinhos recebiam o seu pedaço, e voltavam para os seus sítios alegres e contentes, fazendo votos pela felicidade do jovem tapuio.

Sousa eleva a bondade do caboclo, aproximando-o de uma personagem romântica. O moço tinha uma “pureza de consciência” e não acreditava que uma “coisa tão horrível”, uma “tal desgraça” como o recrutamento poderia acontecer em sua vida. Somente com o fato consumado nas palavras do capitão Fabrício, “você está recrutado”, é que a postura de “bom moço” se modifica, mostrando sua reação:

[...] os olhos injetados de sangue, pareciam querer saltar-lhe das órbitas; os lábios entreabertos deixavam ver os alvos dentes cerrados por um esforço violento; o corpo todo tremia-lhe como se tivesse febre, e as unhas enterravam-se-lhe no peito descoberto.

Essas descrições revelam que a bondade desaparece de sua personalidade quando é submetido a uma situação extrema, mostrando o lado humano de Pedro. Dessa forma, dá-se a ilusão ao leitor, ou mesmo se faz acreditar, que se trata de uma pessoa real, um homem comum, um pescador da região amazônica, que reage aos fatos como todo ser humano.

Com efeito, nas duas publicações, Pedro é a personagem que sofrerá pelo seu recrutamento. O desfecho do conto é realista, pois Pedro é levado no pacote como recruta para lutar na Guerra do Paraguai, e o narrador-advogado nada pode fazer em relação à sentença dada a ele. Nesse ponto, evidencia-se a impotência das personagens do conto diante do sistema. Apesar dos acréscimos da segunda versão, o cerne dos dois contos, em relação ao seu desfecho, permanece o mesmo.

Em “O recruta”, desde o início do conto, insinua-se quem era a personagem responsável por causar os males na vida dos tapuios da Amazônia: o capitão Fabrício,²²⁹

[...] um dos mais importantes fazendeiros do Baixo-Amazonas, e um dos homens a quem a política liberal dera maior número de ocasiões de exercer tiranias e barbaridades de todo o gênero no distrito em que habitava. Era o capitão um desses perigosos e ridículos mandões de aldeia, que o mau tino do nosso governo deixa subsistir, dando-lhe até forças, contra os interesses bem entendidos do partido.

Essas descrições, excluídas em “O voluntário”, são destacadas pelo narrador como informações do conhecimento dos leitores, revelando que não se ignorava a tirania do temido capitão, o qual futuramente receberá “o justo castigo de todos os seus crimes”.

Com Pedro já recrutado, Rosa tenta por meio do dr. Silveira conseguir reverter a situação. Mas a frase “manda quem pode”, proferida pelo juiz a quem se pediu o *habeas corpus*, revela a fragilidade do sistema, no qual o recrutamento realizado por um capitão da região vale mais do que a sentença de um juiz. Inglês de Sousa mostra a fragilidade dos povos da Amazônia diante dos mais fortes. Ao tratar de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, Bosi mostra uma característica do Realismo que pode ser aplicada ao conto analisado: “a natureza humana afigura-se-lhe uma *selva selvaggia* onde os fortes comem os fracos.[...] Essa, a explicação das vilanias e torpezas que ‘naturalmente’ devem povoar a existência da gente pobre”.²³⁰

Ao tentar lutar contra o sistema, a tapuia Rosa, que fica sozinha na vida e sem dinheiro, pois seu único filho vai para a guerra, torna-se louca, vaga pela cidade, “murmurando com voz trêmula” uma quadrinha popular, em tom irônico, referindo-se a Dom Pedro II, evidenciando que levaram o bem mais precioso de sua vida. Esse final do conto revela a vitória dos mais fortes diante dos mais fracos, pobres e desvalidos, mas

²²⁹ Em *História de um pescador*, há um capítulo do livro dedicado a essa personagem, contando suas atrocidades.

²³⁰ BOSI, *op. cit.*, p. 213.

mostra também o destino das personagens femininas da literatura realista: a solidão e a demência.

Até mesmo Pedro se conforma com o seu destino. Ele tem consciência de que não adianta lutar contra o sistema. Na prisão, como é relatado na primeira versão, “o tapuio estava mergulhado num silêncio apático, de que nada o fazia sair.” Já em “Voluntário”, o narrador revela que “ninguém se atrevia a levantar a voz contra a autoridade”.²³¹ Essa frase incisiva aparece no meio de uma imagem plástica, reveladora de que os fortes venceram:

Os recrutas caminhavam sob um sol ardente, seguidos das mães, das irmãs e das noivas, que soluçavam alto, numa prantina desordenada, chamando a atenção do povo. Os homens iam silenciosos como se acompanhassem um enterro. Ninguém se atrevia a levantar a voz contra a autoridade. Se a fuga fosse possível, nenhum daqueles homens deixaria de facilitá-la. Mas como fugir em pleno dia, no meio de tantos guardas nacionais armados e prevenidos? Nada, mais valia resignar-se e sofrer calado, que sempre se lucrava alguma coisa.²³²

De toda forma, a impotência diante dos mais fortes é visível quando Inglês de Sousa reescreve o conto para publicar em *Contos amazônicos*, em que há mais cenas, como a citada, mostrando os recrutados e o caminho percorrido na cidade, durante o dia, para chegar até a embarcação que os levará para a participação na guerra. São cenas que não aparecem em “O recruta”, pois o narrador se concentra apenas em Pedro e em sua mãe. Outra cena de “Voluntário” é a reação do advogado no final do conto:

A indignação fez-me ultrapassar os limites da conveniência. Perguntei, irado, ao juiz como se deixara ele assim burlar pela polícia, expondo a dignidade do seu cargo ao menosprezo de um funcionário subalterno. Mas ele, sorrindo misteriosamente, bateu-me no ombro e disse em tom paternal:
- Colega, você ainda é muito moço. Manda quem pode. Não queira ser palmatória do mundo.²³³

Em ambos os contos, não há a descrição minuciosa da paisagem amazônica, principalmente de forma exótica. O que há é uma descrição dos costumes da região amazônica, da pesca e da hospitalidade dos habitantes da região, mostrando uma “vida pura e simples dos pobres lavradores do Amazonas”. Nesse aspecto, é possível

²³¹ SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 21.

²³² *Ibidem*, p. 22.

²³³ *Ibidem*, p. 22.

relacionar com as características da literatura realista postuladas por Inglês de Sousa, nas quais os costumes devem ser “pintados com toda a verdade”, além de retratar a “vida de um povo”.

Sousa traça, por meio das personagens e de digressões generalizadas, as características dos típicos habitantes da região. A principal delas era a melancolia, gente que, “vivendo isolada e fora do burburinho social”, “acostuma-se a alma a um estado de apatia”. Na segunda versão do conto, Inglês Sousa deixa clara até mesmo a falta de “expressão comunicativa” dos caboclos, que é “atrofiada pelo silêncio forçado da solidão”. As mulheres são tristes, principalmente por causa da situação em que vivem, sozinhas em meio aos sítios.

Os caboclos viviam uma vida “pura e simples” nos sítios da Amazônia, como se pode observar na cena em que Rosa é descrita, em “O recruta”:

A tapuia passava os dias ordinariamente sentada em um banquinho diante do tear trabalhando em redes e fumando num cachimbo de taquari; quando vinha a tarde, depois de ter comido com o prato sobre os joelhos a sua lasca de peixe assado com farinha d’água, ia sentar-se à soleira da porta, donde contemplava o magnífico espetáculo do cair da tarde, o sol escondendo-se por entre os aningaís da margem do rio, e ouvia o canto prolongado da cigarra e a verde tananá.

O narrador conduz o olhar do leitor para a bondade do caboclo, descrevendo seus aspectos físico e psicológico, construindo personagens que beiram a tipificação. Temos a viúva, que é lavradora, vivendo naquelas paragens, e o pescador, como tantos da região amazônica. Inglês de Sousa, dessa forma, descreve as personagens em seu meio. Mostra também como a natureza interfere na personalidade da gente do Amazonas, afirmando que o caboclo não ri e, em uma espécie de letargia, “revela-se por um olhar fixo e vago em que se lê um mundo de devaneios; devaneios íntimos que não se extenuam por palavras”, mas simplesmente por um olhar. Nesse estado, relata que é possível encontrar pessoas sentadas olhando fixamente “para as águas do rio, para um bem-te-vi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu”, e nessa contemplação pode “levar horas e horas como que esquecido de tudo, imóvel e mudo como numa espécie de êxtase que não sabeis explicar”. O dr. Silveira “daria tudo para saber que pensam constantemente aquelas cabeças”. Em “O voluntário”, descreve no que poderiam pensar:

No encanto misterioso da mãe d'água, cuja sedutora voz lhe parece estar ouvindo no murmúrio da corrente? No curupira que vagabundeia nas matas, fatal e esquivo, com o olhar ardente cheio de promessas e de ameaças? No diabólico saci-pererê, cujo assovio sardônico dá ao corpo o calafrio das sezões?²³⁴

Percebe-se que são apenas superstições e lendas relacionadas com a cultura popular amazônica. Não exemplifica da mesma maneira na primeira versão. Em “O recruta”, o narrador se posiciona como um “branco” e “civilizado” e caracteriza o pensamento do caboclo formado por “ideias tão faltas de senso”. Ao se autodefinir, usando o pronome “nós”, aponta que todos da roda participam da mesma categoria de raça e de condição. É a partir dessa visão e posição que o dr. Silveira conta, relata e analisa os fatos. Dentro da temática, ciência *versus* tradição, é possível aferir que o conto quer mostrar, principalmente, a inocência dos tapuios diante das circunstâncias da vida.

O dr. Silveira também se revela incrédulo em relação às instituições judiciárias, já que estas não seguem às leis, deixando o veredito para a gente poderosa da terra. As falhas no sistema judiciário também serão apontadas na segunda história da personagem em “O sineiro da matriz”.

Na sequência,²³⁵ chega a vez do velho Estevão contar a sua história sobre a gente do Amazonas, no conto “A feiticeira”, que foi publicado em opúsculo em abril de 1876 em São Paulo.²³⁶ A história é sobre Antônio de Sousa, um incrédulo e zombador das crenças e superstições do povo, que, certo dia, visitando o tenente Ribeiro, morador próximo de uma feiticeira, aproveita a oportunidade para perguntar a esta sobre a veracidade de seus feitos.

A situação do narrador é a mesma de “O recruta”. O conto começa com a frase “Chegou a vez do velho Estevão, que falou assim”; na sequência, há a fala da personagem e a narração em primeira pessoa. O narrador não participa da história, mas conhece todos os pormenores, revelando-se como um narrador testemunha.

O velho Estevão inicia sua história informando sobre a incredulidade de Antônio de Sousa, que zombava das “coisas mais sérias” e ria “dos santos e dos milagres”. O moço “costumava dizer que isso de almas do outro mundo era uma grande mentira, que

²³⁴ SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 7.

²³⁵ Usamos a sequência apresentada em *Contos Amazônicos*, que parece coerente com algumas indicações de continuidade dadas pelos próprios contos.

²³⁶ Como não localizamos a edição, usamos a edição em livro, objetivando mostrar apenas os fatos concernentes à discussão empreendida nos contos analisados.

só os tolos temem a lobisomem e feitiçadeiras”. Além disso, “jurava ser capaz de dormir uma noite inteira dentro do cemitério, e até passear às dez horas pela frente da casa do judeu, em sexta-feira maior”.²³⁷ O narrador também põe em foco as atitudes de Antônio perante às crendices populares:

Apontava à lua com o dedo, deixava-se ficar deitado quando passava um enterro, não se benzia ouvindo o canto da mortalha, dormia sem camisa, ria-se do trovão! Alardeava o ardente desejo de encontrar um curupira, um lobisomem ou uma feitiçeira. Ficava impassível vendo cair uma estrela e achava graça ao canto agoureiro do acauã, que tantas desgraças ocasiona. Enfim, ao encontrar um agouro, sorria e passava tranquilamente sem tirar da boca o seu cachimbo de verdadeira espuma do mar.²³⁸

O narrador sente-se horrorizado ao contar as atitudes do moço, sentindo um aperto no coração e um calafrio correndo a espinha. Não é para menos, visto que o narrador se mostra como um homem que se habitou a “venerar os decretos da Providência” e relata: “a lição da experiência demonstra a verdade do que os avós viram e contaram”, por isso custava para ele “ouvir com paciência os sarcasmos com que os moços tentam ridicularizar as mais respeitáveis tradições, levados por uma vaidade tola, pelo desejo de parecerem *espíritos fortes*”.²³⁹

Como homem de sua terra que respeita as tradições, o velho Estevão critica o ensino nas capitais, nas quais se aprende o “desrespeito da religião”, sendo incisivo em mostrar como as “crenças velhas” estão indo por “água abaixo”:

A tal civilização tem acabado com tudo que tínhamos de bom. A mocidade imprudente e leviana afasta-se dos princípios que os pais lhe inculcaram no berço, lisonjeando-se duma falsa ciência que nada explica, e a que, mais acertadamente, se chamaria charlatanismo. Os maus livros, os livros novos, cheios de mentiras, são devorados avidamente. As coisas sagradas, os mistérios são cobertos de motejos.²⁴⁰

Essa visão e esse posicionamento de Estevão podem ser tomados como a ideia que a gente do Amazonas fazia dos estudos nas capitais, quando mudavam a cabeça dos jovens e os faziam esquecer as tradições, não acreditando mais em agouros, feitiçarias e milagres, tudo em nome da ciência. Antônio de Sousa é mostrado como um homem

²³⁷ SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 25.

²³⁸ *Ibidem*, p. 26.

²³⁹ *Ibidem*, p. 27.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 27.

bom e respeitável, mas sua “mania de duvidar de tudo”, que adquiriu nas rodas de estudantes do Rio de Janeiro e Pará, era um “lastimável defeito”.

Na história, o oficial de polícia, Antônio de Sousa, visita o Paranamiri de cima para conhecer a vida do lavrador da beira do rio, João Torres, que fora assassinado. Hospeda-se na casa do tenente Ribeiro, a mesma personagem que aparece nos livros *O cacaulista* e *O coronel Sangrado*. Em suas andanças pela região, conversa com os moradores, que contam casos extraordinários, tendo como reação do oficial a zombaria das “crenças do povo”. No entanto, quando relatam os casos, citam o nome da feiticeira Maria Mucoim, o que aguça a curiosidade de Antônio.

Estevão descreve a feiticeira com olhos sinistros, boca negra, sorriso horroroso, com um dente só. Além disso, afirma que “trazia ao pescoço um cordão sujo, de onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar ao próximo, para ocultar a sua verdadeira natureza”. O narrador tenta reafirmar a veracidade de sua história, afirmando que “só desejo dizer a verdade para o bem-estar da minha alma”, além de que “pessoas respeitáveis” afirmaram ter visto a “tapuia transformar-se em uma pata” e, em noite fechada, “sentirem tremer a terra sob os seus pés”, ouvindo “a feiticeira berrar como uma cabra”.²⁴¹

Antônio de Sousa não se conteve e visitou a feiticeira duas vezes. Na primeira visita, tentou caçoar dela, obtendo como resposta apenas um olhar diabólico e terrível. Nesse dia, o tenente Ribeiro tomou como agouro a morte de um de seus cães, por um tiro errôneo em uma caçada, quando voltavam da casa de Maria Mucoim. No outro dia, apesar de ser uma tarde feia, anunciando uma tempestade, que, segundo o narrador, também era um agouro fornecido pela natureza, Sousa sai novamente para mais uma visita à feiticeira para “tirar a limpo” suas feitiçarias.

O moço entra forçosamente na casa de Maria Mucoim, apesar de a velha senhora pedir para que ele fosse embora. Ao entrar no quarto, o oficial vê o seguinte:

Ao fundo, uma rede rota e suja; a um canto, um montão de ossos humanos; pousada nos punhos da rede, uma coruja, branca como algodão, parecia dormir; e ao pé dela, um gato preto descansava numa cama de palhas de milho. Sobre um banco rústico, estavam várias panelas de forma estranha, e das traves do teto pendiam cumbucas rachadas, donde escorria um líquido vermelho parecendo sangue. Um enorme urubu, preso por uma embira ao esteio central do quarto,

²⁴¹ *Ibidem*, p. 34.

tentava picar a um grande bode, preto e barbado, que passeava solto, como se fora o dono da casa.²⁴²

A entrada de Antônio causou um movimento geral, que cessou somente com uma invocação religiosa do moço: “Jesus, Maria!”. Após as “palavras mágicas”, a feiticeira atirou-se sobre ele, tentando arrancar-lhe os olhos com as unhas. Escapando da mulher, foge assustado para a mata e tenta chegar ao sítio de Ribeiro, apesar da forte chuva que caía durante aquela noite. Na casa do tenente, não vê ninguém, mas entra e, da mesma forma que chegou, todo molhado, atira-se na rede ardendo em febre. Ouve depois um ruído e percebe que a água vinha enchendo o quarto. Nesse instante, escuta um grito anunciando a cheia.

Tudo estava inundado. O delegado não encontra ninguém da família do tenente Ribeiro. Grita desesperado por socorro e depois nada até uma canoa, sua única salvação, pensando ser de seu amigo. Mas quem estava na embarcação era Maria Mucoim. Nesse momento da narrativa, Estevão é interrompido por uma “gargalhada nervosa” do dr. Silveira. Não se sabe o que aconteceu com o delegado, mas tudo poderia ser fruto de seus delírios por causa da febre.

Contradizendo o velho Estevão, no próximo conto, “Amor que mata”, um procurador vai demonstrar e tentar provar aos ouvintes, por meio de sua história, um “fato real”, distanciando da fantástica história de seu antecessor, sobre o que acontece com aqueles que acreditam em feitiços e em feiticeiras.

No mesmo periódico em que Inglês de Sousa publica “O recruta”, sai no dia 8 de maio de 1876 “Amor que mata”, que será republicado, posteriormente, como “Amor de Maria” nos *Contos amazônicos*. Em resumo, o conto traz a história de Maria (ou Mariquinha, como é chamada muitas vezes), que acredita nos feitiços para conseguir o amor de um homem. Ela, que consegue conquistar facilmente a atenção de todos os homens da cidade, não consegue obter a atenção do frívolo Lourenço, que vem passar as férias em Vila Bela. Por isso tenta fazer um tajá, uma espécie de poção, para fazer com que Lourenço se apaixonasse por ela, mas, na verdade, a poção era um veneno e Mariquinha acaba matando seu amado.

Antes de começar sua história, o narrador conserta os óculos, escarra, cruza os braços sobre a mesa e depois encara o velho Estevão. Pelos fatos que irá narrar, quer provar “o quão pernicioso é a crença que tem a nossa gente nos feiticeiros, e nos

²⁴² *Ibidem*, p. 36.

feitiços”. Para o narrador, Lourenço é uma das “desgraçadas vítimas da ignorância das nossas mulheres e filhas”. Por causa desses fatos, o procurador tem vontade de viver em uma “capital civilizada”, mas, ao experimentar os ares de São Luís, no Maranhão, prefere a “vida livre e descuidosa da nossa gente”. De toda forma, o procurador lamenta que o povo da Amazônia “esteja tão eivado de crenças absurdas” e, dirigindo-se ao velho Estevão, afirma que teme as feiticeiras não porque acredita no seu poder sobrenatural, mas porque não é muito “amigo de venenos”.

Essas explicações do narrador-testemunha são excluídas do conto publicado em livro, excluindo também a possibilidade de uma leitura interligada estreitamente com os outros quatro contos. Provavelmente, o autor faz essa alteração por causa dos outros contos que não fazem parte da discussão sobre as tradições e a ciência, apesar de alguns lapsos remetendo ao tema, ou mesmo porque abandona seu projeto literário inicial.

É preciso ressaltar que ocorreram outras mudanças na transposição do conto do jornal para o livro, sendo uma delas explícita: o nome do conto. “Amor que mata” torna-se “Amor de Maria”. O primeiro título consegue antecipar o final da história; já o segundo o deixa em suspenso. Mas as antecipações do conto no jornal não estão apenas no nome no conto; elas também aparecem durante o texto. No início de “Amor que mata”, o narrador afirma que o filho do Capitão Amâncio morrerá, ou seja, o leitor sabe previamente o que irá ocorrer no final da história. Ainda ficaria em suspenso “como” o fato ocorreria, mas isso também de certa forma é revelado, pois o narrador remete aos feitiços da gente da terra. As antecipações não terminam apenas nesses fatos, pois o narrador sempre reforça aludindo ao “triste fim da história”, como na expressão “oxalá não tivesse voltado nunca”, para se referir a Lourenço. Portanto, na edição em livro, a supressão de uma parte do início da história também elimina as antecipações do desfecho.

Em “Amor de Maria”, para estabelecer mais contraste e destaque para as personagens, o autor modifica algumas de suas características. Maria e Lourenço são personagens que, por suas características físicas, destacam-se das demais personagens que habitam Vila Bela. Mas, na primeira versão, apesar de o narrador reforçar que Mariquinha chama a atenção de todos, suas características são peculiares às moças da terra. Provavelmente é por isso que Inglês de Sousa faz algumas alterações.

Mariquinha, na primeira versão, é descrita como uma rapariga de dezenove anos, baixa e robusta; já, na segunda, o autor não usa a palavra “rapariga”; troca-a por “donzela”. A moça passa a ter 18 anos e não mais 19 e aumenta de estatura, passando

assim de baixa a alta. A única palavra da primeira versão que permanece é “robusta”. Além dessas mudanças, em “Amor de Maria”, a personagem é descrita com mais sensualidade. A boca da personagem no primeiro texto é descrita como “boca mimosa”; já no segundo texto, como uma “boca úmida e rubra, parecendo feita de polpa de melancia”; de “pequenas mãos” (“Amor que mata”), passa para “mãos de princesa”, dando um toque de delicadeza à menina; de “pés de raça”, para “pés de Borracheira”. Além das modificações, a descrição da menina que terminava “sem ficar uma pessoa encantada” (“Amor que mata”) passa para “sem ficar de queixo no chão, encantado e seduzido”. Mariquinha, em sua primeira descrição, não chama a atenção de todos, mas principalmente dos homens da terra. O autor, no texto em livro, confere à personagem mais sensualidade e mais particularidades que a diferem das mulheres de Vila Bela.

Em relação à personagem Lourenço, a caracterização não sofre grandes alterações. Inglês de Sousa, que, na primeira versão, atribui a ele ser “alto, alvo e loiro”, na segunda versão, opta por caracterizá-lo apenas como “alto e loiro”, estabelecendo um contraste mais objetivo com os homens do lugar, que eram morenos e baixos. Em “Amor que mata”, esses homens também tinham a característica de pálidos, retirada na passagem para o livro. O autor consegue, dessa forma, deixar claro como Lourenço chama a atenção da população, principalmente por causa da oposição de características entre ele e os homens da terra.

Como recurso estilístico, Inglês de Sousa, em “Amor que mata”, quer reforçar a ideia de que a história é verdadeira, estabelecendo, como em “O recruta”, um contrato de enunciação. Quem conta a história é um procurador que narra os fatos que presenciou para o “velho Estevão”. Esse narrador tenta a todo momento confirmar a veracidade do conto, como quando, ao tratar das moças da terra, assegura: “não vos admirareis de certo do que vos conto, que além disso vos afianço que é verdade”. Esse recurso aparece de forma mais tênue em “Amor de Maria”, visto que na primeira versão é quase exaustivo, já que, na verdade, o narrador tenta provar a sua tese sobre o perigo em acreditar em feitiços.

Pode-se dizer que, ao caracterizar o narrador como um “procurador”, que é uma pessoa importante na sociedade, a quem devemos acreditar como o detentor da verdade, Inglês de Sousa confere de certa forma uma legibilidade ao seu conto, e a personagem pode ser considerada uma “fonte-garantia da mensagem”.²⁴³

²⁴³ Segundo Hamon, a “fonte-garantia da informação é [...] encarnada na narrativa num personagem delegado, portador de todos os signos da respeitabilidade científica”. (HAMON, Philippe. Um discurso

Outra característica do discurso realista que também aparece no conto em questão é a história paralela. Há citações de lugares reais, como o Instituto de Humanidades do Maranhão, Vila Bela, Belém e Recife. O autor também situa o ano em que ocorreu a história, 1866. Não é a mesma situação que ocorre em “O recruta”, em que se remete a um episódio histórico, como a Guerra do Paraguai, mas o narrador critica a política da região em tom de denúncia, falando das intrigas da população depois da filiação aos partidos e a divisão entre conservadores e liberais.

A história narrada se passa rapidamente: Lourenço chega para desfrutar suas férias e depois já é narrado o final delas, quando irá na casa de Mariquinha se despedir e acontece o fato trágico. A descrição final, quando Lourenço sente em seu corpo os efeitos do tajá preparado pela moça, é típica de uma cena naturalista, na qual se descrevem os fatos com pormenores:

O moço sentiu fogo vivo abrasar-lhe o peito, e deitou-se a correr pelas ruas como um doido. O rosto tornou-se lhe roxo, os olhos injetados de sangue, o corpo cobriu-se-lhe de chagas hediondas. No meio de um suplício horroroso, supliciou sem exemplo, que enchia de indizível pavor os que o viam, ora tentando subir pelas paredes do quarto em que o prenderam, ora mordendo as carnes com uma voracidade de fera, soltando gemidos que se ouviam em toda a vila, penava Lourenço Amâncio.

Em suma, nas duas versões do conto, Inglês de Sousa dá ênfase para a descrição da paisagem circundante, mostrando como se caracterizava um povoado da Amazônia no século XIX. Além disso, mostra o que essas pessoas faziam para se divertir, com os bailes e reuniões em casa de família, os passeios por entre as matas, principalmente para chegar aos vizinhos, e no rio, dentre outros. Focaliza os costumes da região amazônica, principalmente a crença do povo em feitiçeiros e em feitiços. A morte de Lourenço é a prova usada pelo procurador para mostrar o mal que os feitiços podem causar, indo contra as ideias do velho Estevão, defensor das tradições. De toda forma, a reflexão sobre a “sujeição do homem às crendices e superstições” demonstra o “intuito de promover o saber científico”.²⁴⁴

O velho Estevão não concorda com o posicionamento do procurador e será novamente o narrador de outro conto fantástico: “O acauã”. Esse conto foi publicado em

determinado. In: BARTHES, Roland et al. *Literatura e realidade* (que é realismo?). Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984. p. 152.

²⁴⁴ PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Introdução. In: SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. XX.

1876, no periódico *A Academia de S. Paulo* e, depois, no início de 1880, na *Revista Brasileira* do Rio de Janeiro.²⁴⁵

No início do conto, um narrador onisciente, antes de passar a voz para o velho Estevão, mostra como os ouvintes ficaram após a história de Mariquinha. Todos estavam em silêncio, os “corações pareciam oprimidos pela compaixão” e alguns ainda “tinham lágrimas nos olhos”. A única pessoa que não tinha se comovido era Estevão, que “encolhia os ombros em sinal de indiferença e desprezo”, “agitava-se” e “olhava para o dr. Silveira, espichando o lábio inferior”. Em um ímpeto, “como se não pudesse resistir ao desejo de dizer algumas coisas que lhe estavam a fazer cócegas nos gorgomilos”, começou a falar.

O velho Estevão, primeiramente, afirma que “isto de não acreditar nos feitiços, dizendo que são venenos, é história velha” e reforça: a “incredulidade teimosa guerreia a mesma evidência, adulterando os fatos”. Admira-se pelo fato de o procurador, que ele considerava um “homem de juízo e de religião”, fazer-se de “órgão dos ateus e dos pedreiros livres”, já que nascera e se criara ali, “devia ter presenciado muitos fatos que provam a existência dos feitiços e dos feiticeiros”. Depois rebate a história do procurador:

O que prova a história do filho do capitão Amâncio? Prova, quando muito, ou que a tapuia velha do Lago da Francesa não era feiticeira ou que Mariquinha enganou-se no *tajá* que deu a beber ao namorado. Isto nada tem que ver com os mistérios que não sabemos explicar, e que devem merecer o nosso respeito.

Além disso, mostra com grande pesar a sua visão sobre a época, pois vê as “santas crenças dos nossos avós caírem uma a uma sob os ataques dos maçons e *espíritos fortes*, perseguidores do nosso santo bispo”. Nesse ponto, cita um nome histórico, D. Antônio de Macedo Costa, bispo que “assumiu posição declarada ao lado de D. Vítal Oliveira, bispo de Pernambuco, na condenação das irmandades influenciadas pela maçonaria, donde teve origem o conflito entre Igreja e Estado conhecido como Questão Religiosa”.²⁴⁶ Durante os anos de 1872 e 1875, “cada vez mais o governo passou a defender as posições da maçonaria contra as atitudes do

²⁴⁵ Aqui se utiliza a edição da *Revista Brasileira*, pois não tivemos acesso à edição da *Academia de S. Paulo*, na qual o conto foi publicado.

²⁴⁶ AZZI, Rioldo. A concepção da ordem social segundo D. Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará (1860-1890). *Síntese: revista de filosofia*, v. 7, n. 20, p. 99, 1980.

episcopado, a tal ponto de se chegar ao processo e condenação” tanto de D. Macedo como também de D. Vital.²⁴⁷ O bispo paraense foi condenado a quatro anos de prisão.

O narrador também se refere ao castigo que os cearenses estavam recebendo por terem “deitado ao mar o Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos”. Depois, tenta atestar a veracidade de um fato extraordinário que irá contar: “a minha história é a pura expressão da verdade nos seus pormenores todos. Não há um só desses pormenores que tenha sido inventado por mim”.

Após todas essas explicações, que não aparecem no conto publicado em livro, é que o velho Estevão contará a história de Aninhas, para justificar a existência de feitiços e de feiticeiras. Nesse conto, o velho Estevão se posiciona novamente como um narrador testemunha, mas diferente do conto “A feiticeira”, sua participação é mais ativa, tentando mostrar esta situação a todo momento, afirmando que viu com os próprios olhos o que está contando para seus amigos.

Estevão estava presente no dia do nascimento de Aninhas, quando todos da vila de Faro foram visitá-la. Somente o velho nota alguns fatos que ocorreram nesse dia, como uma laranjeira que caiu de repente e sem barulho, a mudança brusca do tempo e, principalmente, o feitiço lançado por uma velhinha. Esta, que é uma feiticeira, diz à pequena criança as seguintes palavras: “Tupã não te dê lágrima, e a cobra grande seja tua amiga”. O narrador explica para os presentes quais são os efeitos do feitiço:

Sem dúvida todos vós sabeis o que seja a *cobra grande*, a imensa sucuriçu, e a pernicioso influência que exerce sobre os organismos nervosos e delicados das mulheres enfeitçadas, postas em relação com ela, como fora a filha do capitão pela imprecação da velha. Uma vez lançado o feitiço, estabelece-se entre a cobra, o pássaro acauã e a padecente uma infernal relação, que produz os efeitos misteriosos e estranhos que vereis.

O narrador também deixa claro que a vila de Faro é uma “terra dos prodígios infaustos”, “lugar mais deserto e abandonado”, de “aspecto de triste solidão” e destaca: “parece que um fado mau pesa sobre Faro, e a torna inabitável, já pelos malefícios, que ali constantemente tem lugar, já pelo abandono em que caiu”. Mas o povo desse lugar guarda “santamente as tradições dos nossos avós e os ditames da religião de Cristo”. Baseado em suas considerações sobre a vila, narra os infortúnios vividos por seus habitantes.

²⁴⁷ AZZI, Riolando. D. Antônio de Macedo Costa e a posição da igreja do Brasil diante do advento da República em 1889. *Síntese: revista de filosofia*, v. 3, n. 8, 1976.

O pai de Aninhas fica viúvo e tem que cuidar da filha de dois anos sozinho. Um dia, ao voltar de uma caçada, para distrair-se, perde-se e só consegue voltar à noite. A vila estava escura, como era de costume, com trovoadas e relâmpagos. Jerônimo ouviu um clamor aterrorizante, a voz da cobra grande, saiu correndo e caiu, sem sentidos. Quando chegou à sua porta, espanta um grande pássaro escuro, o acauã. Ao acordar, a tempestade já tinha findado e o homem observa um objeto estranho no rio. Era uma criança, a quem deu o nome de Vitória e criou como sua filha.

Aos quinze anos, as meninas que cresceram juntas, apresentam fisionomias bem diferentes. Aninhas, que prometia ser robusta, era uma jovem franzina, pálida, com ar doentio e triste. Vitória era alta, magra, mas com músculos de ferro. Aninhas quando ficava perto de sua irmã era acanhada, revelando uma espécie de sofrimento, repulsão e terror vago. Vitória era sempre imponente.

O semblante de Aninhas se modifica quando é pedida em casamento pela primeira vez, mas, dentro de pouco tempo, pede para desfazer o compromisso. Depois de um tempo, um novo pedido, seguido de uma nova desistência, mas agora Jerônimo obriga sua filha a casar, porque acreditava que “o sagrado laço não podia deixar de produzir um efeito benéfico sobre Aninhas”. Contrariada, encerra-se em seu quarto, recebendo várias vezes ao dia a entrada de Vitória. Esta, em certas horas do dia, ausentava-se e ia para o mato, além de dar gargalhadas que “metiam medo”.

No dia do casamento, Vitória desaparece e Aninhas fica feliz pela irmã não ter aparecido na cerimônia. No momento em que o padre faz as perguntas de praxe para a noiva, a moça começa a tremer e vê Vitória “hírtica como uma defunta, com os cabelos transformados em horrendas cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra”. Fixa um olhar horrível em Aninhas, que solta um grito, e depois desaparece. A moça chora pela primeira vez e depois começa a padecer de convulsões, descritas com minúcia pelo velho Estevão:

Então, convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninhas. Retorcia-se a pobre criança como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes, cerrados com uma força sobre-humana, rangiam furiosamente; as mãos arrancavam os lindos cabelos e espatifavam os enfeites do belo vestido de noivado; os olhos reviravam-se lhe nas órbitas, os pés batiam no solo. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente.

No chão, depois das crises, posicionou os braços como se fossem asas e gritou “lugubrememente” pela igreja: “Acauã”. Todos esses fatos são narrados sob a apreçoada reafirmação: “dir-vos-ei que ainda que eu viva cem anos não me esquecerei do que então vi”. A cena para Estevão era “um espetáculo sem nome”, e sua história reforça toda uma credence, característica do povo e dos costumes amazônicos. O velho Estevão prefere continuar preso às suas tradições; não acredita na ciência difundida e defendida pelos “espíritos-fortes”. Então explica a situação de Aninhas pelo viés da fantasia e do fantástico. Há fatos que somente ele viu e que só foram confidenciados exclusivamente para ele, e deixa isso claro, ou seja, não há como contestar o velho, que é uma testemunha ocular.

A transformação de Vitória, em que se viu uma “língua fina, partida em duas, como a língua das serpentes”, além de uma “fumaça azulada” que sai da boca e “subia até o teto da igreja”, revela a relação com a mitológica figura de Medusa, que é “moldada como encarnação do horror frente ao sexo feminino, de sua dimensão inapreensível, fugidia, misteriosa”.²⁴⁸ Dessa forma, Inglês de Sousa sugere uma relação homossexual entre as duas moças, que é escancarada naquele momento na igreja. Em livro, ao reescrever o conto, o autor traz mais dois elementos que reforçam essa leitura: as feições masculinas de Vitória e o comentário de algumas pessoas que falavam que o estado de Aninha, sua doença, era na verdade “paixão recalcada”, embora a opinião mais aceita fosse que ela estava enfeitiçada.²⁴⁹

No texto publicado no jornal, Estevão reforça que Aninhas tinha recebido o feitiço quando ainda era bebê, com a cena da feitiçeira determinando o destino da moça. Essa cena é retirada do conto publicado em 1893. A tristeza e o estado doentio da moça são explicados por meio do mito, mas, na verdade, como se percebe pelo ápice da crise, com as convulsões, os sintomas descritos no conto determinam a histeria como diagnóstico. A moça tem conflitos de natureza sexual, mas estes são reprimidos pela sociedade. Os autores do artigo “Acauã, o lendário amazônico e suas interseções com a psicanálise” explicam que:

Como a relação afetiva do histérico com o outro se baseia na fantasia, Aninha se apresenta sempre infeliz e insatisfeita, evitando a qualquer custo um estado de plena satisfação, com funcionamento regredido e recalcado em sua sexualidade infantil. Há um paralelo entre a fantasia

²⁴⁸ AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 55.

²⁴⁹ SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 65; 67.

da personagem criada pelo escritor, com a fantasia vivida pelos sujeitos fora da ficção, identificados pela Psicanálise.²⁵⁰

A desgraça de Aninha é externada e concretizada por seu grito lúgubre, “Acauã”, que é respondido da mesma forma. O desejo é tão insuportável, que grita e tem convulsões, “numa clivagem do eu, para fugir ao estranhamento de si mesma”.²⁵¹ Para contar esses fatos, Estevão usa mitos que, na verdade, podem ser considerados como “relatos que o homem constrói para explicar aquilo que ele ignora”.²⁵² Vitória vence no final, apesar de todo o horror que causaria se olhassem para ela. Portanto, seu nome não é impróprio, como aferiu o velho Estevão.

Inglês de Sousa explora um tema tabu, estudado pelos cientistas da época, mas apontando como as pessoas, presas às tradições e crendices, recebiam e lidavam com a histeria no interior da Amazônia. Elas preferiam se pautar no imaginário, no fantástico para lidar com os problemas. Ao trazer essa temática, o autor mostra-se como um autêntico escritor realista de seu tempo.

O velho Estevão que defende as tradições e acredita piamente nelas não é rebatido. Não há outro conto que interaja e discuta suas concepções abertamente, como ele fez no início de “O acauã”. Esses detalhes provavelmente fizeram com que Sousa retirasse a exposição argumentativa do velho do início do conto publicado em livro.

O próximo conto, “O sineiro da matriz”, apesar de continuar a discussão sobre o cientificismo, não tem argumentos exacerbados, pois seu narrador, o dr. Silveira, mostra-se como um homem ponderado e não tem os ânimos exaltados como o velho Estevão.

Publicado no início da carreira literária de Inglês de Sousa, “O sineiro da matriz” é a gênese de “O rebelde”, presente nos *Contos amazônicos*. Esse conto foi publicado em diversos periódicos: em 1877, na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, na cidade de Santos (SP), e em *A Província do Pará*, de Belém; em 1878, na *Tribuna Liberal*.

Na *Revista* aparece, como os contos analisados anteriormente, com a legenda “Conto do Amazonas”. Trata-se da história de Paulo da Rocha, que ajuda Luís, filho de Guilherme da Silveira, a fugir dos revoltosos da Cabanagem, que queriam matá-lo por

²⁵⁰ TRAVASSOS, Maria do Rosário; MAGALHÃES, Alex; LEVY, Elizabeth. Acauã, o lendário amazônico e suas interseções com a psicanálise. *Trilhas*, Belém, v. 11, n. 22, p. 43, jan./dez. 2009. Nesse artigo, os autores se debruçam sobre o conto e sua relação com a psicanálise freudiana.

²⁵¹ *Ibidem*.

²⁵² CECCARELLI, Paulo Roberto. Mitologia e processos identificatórios. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 39, p. 181, 2007.

causa de seu pai, que era português e exercia o cargo de juiz em Óbidos e em Santarém, desenvolvendo atividades contra os movimentos populares.

“O sineiro da matriz” começa com uma intrigante confissão do dr. Silveira, que faz o leitor pensar sobre quem é essa personagem. A história é narrada por Luís – na verdade, Luís Silveira –, em primeira pessoa, que faz, como ele mesmo nomeia, uma “confissão” no início da história. A confissão, que é como um adendo ao conto, é excluída da versão em livro. Na verdade, ela não é necessária para a compreensão do conto, mas traz uma discussão importante para compreender a inserção do jovem escritor na literatura realista. Tal explicação, provavelmente, não seria necessária na publicação de 1893, haja vista que a estética já estava, de certa forma, consolidada entre os escritores. Outro fato é a interligação com outros contos publicados na mesma época.

O dr. Silveira inicia sua confissão com uma hipótese – “o nível dos caracteres tende a baixar cada vez mais à medida que progride a corrupção geral” –, que pode ser tomada como uma tese naturalista, mostrando que o comportamento do indivíduo é fruto do meio em que ele vive. Apesar da hipótese naturalista, a personagem acredita que “ainda se encontram de tempos em tempos almas de uma têmpera rigidíssima”. Essas “almas”, para os “espíritos desprevenidos e superficiais”, passariam por criação de uma “imaginação doentia” de um poeta romântico. Assim, a personagem principal do conto é, de certa forma, tão inacreditável e extraordinária que poderia ser tomada como apenas uma criação romântica.

A confissão segue descrevendo o ceticismo dos homens, que foi engrandecido com “aparências de razão”, e afirmando que a “descrença absoluta dos homens e das coisas apodera-se da mocidade logo ao sair da escola” e a segue até o túmulo. Nesse ponto, apesar de não ter uma referência explícita, pode-se pensar nas declarações do velho Estevão em “A feiticeira”, por meio das quais critica o ensino com bases científicas, que altera o pensamento dos jovens em relação às crendices.

Em certo momento, o dr. Silveira chega a denominar a civilização de “bastarda” e faz uma avaliação dela, mostrando que o “poder de dominar as próprias paixões é o mais difícil e raro dos privilégios do homem” e que é uma “grande virtude” saber “vencer-se a si mesmo”. O narrador acredita que há “ainda pelos recantos na sociedade brasileira um ou outro caráter, uma ou outra alma capaz de resistir a todas as desgraças, aos embates do mundo externo como aos do mundo interno, aos homens como ao próprio coração”, ou seja, ter autocontrole. Esses pressupostos fazem parte das “ideias modernas”, elevando a razão e a objetividade.

Quando dr. Silveira fala das paixões e das situações de autocontrole, pode estar se referindo a Aninhas, personagem de “O acauã”, que não consegue controlar os seus desejos, chegando a uma situação de extremo descontrole. Essa inferência é possível porque o narrador tenta defender que ainda existe, apesar de quase inacreditável, pessoas que conseguem pautar “todos os atos da vida” por uma “obrigação imposta à cabeça”.

Apesar de a confissão do dr. Silveira parecer apenas parágrafos soltos no início do conto, a história narrada é uma explicação, ou exemplificação, das ideias defendidas no início do conto. A atitude de Paulo da Rocha é surpreendente, pois, por ter afirmado que protegeria o pequeno Luís, deixa a própria filha nas mãos dos cabanos. A personagem é dotada de grande virtude e abdica da própria família (no caso, Júlia) para salvar pessoas que nem confiam nele de forma plena.

O “discurso”, se assim o podemos chamar, do dr. Silveira, parece um monólogo no início da história, expressivo e pincelado de tons realistas e naturalistas, falando de um ceticismo que se aprende na escola com “aparências de razão”. Apesar disso, o confitente ainda acredita em um homem extraordinário, o que será relatado no conto com ares românticos. O próprio dr. Silveira, apesar de suas ideias, ainda tem traços da estética romântica, pois no final da confissão afirma amar “tudo o que é grande e belo”.

O confitente tenta convencer o leitor da veracidade da personagem, que ela pode mesmo existir, apesar de parecer irreal para a civilização. Ele explica que essas pessoas são cantadas pelos poetas como um “grande ideal da humanidade” e para os filósofos como uma “doença”, confrontando o comportamento da personagem entre a emoção e a razão. O dr. Silveira praticamente se exime de tomar um partido nessa contradição, dizendo que apenas “admira”, pois é “extremamente impressionável” “por tudo o que é belo e por tudo o que sobressai às vulgaridades”. Além disso, não distribui a “caracteres dessa ordem nem o louvor nem a censura”, afirmando de forma categórica: “não sou moralista”.

Essa não tomada de posição do dr. Silveira leva a refletir sobre o posicionamento do autor em relação ao seu próprio ato de escrever. Ainda estão presentes no conto em questão traços da estética romântica, mas não se pode classificá-lo como tal, pois também há traços da estética realista. O autor situa-se no meio das duas, podendo seu conto ser classificado como um texto de transição. Só que, nesse momento, Inglês de Sousa ainda está como dr. Silveira, eximindo-se de tomar partido, ou mesmo tentando imitar Stenio, d’*A Província*, seguindo a escola do *juste milieu*.

A história do dr. Silveira se passa quando ele ainda era criança. Ele se descreve como um menino curioso, de contradições de sentimentos e que se interessava pelo maravilhoso, como feiticeiras e lobisomens, além de se arrepiar com o pio da coruja. Simpatizava-se por Paulo da Rocha, principalmente, por causa dos epítetos atribuídos a ele.

Paulo é excluído da sociedade por causa de sua origem (é pernambucano) e por ter sido um rebelde. Era chamado de “velho do outro mundo”, pois a “imaginação do Amazonense” construiu nele uma personagem misteriosa, fatal e perigosa, “cuja alma já estava de posse o diabo”. As crianças fugiam dele e os roceiros se benziam quando ele passava. Quando o padre o colocou como sineiro da matriz, as pessoas acreditavam que o religioso estava enfeitiçado.

O narrador-personagem põe em destaque, ao descrever Paulo, a superstição costumeira das pessoas da terra. Percebe-se que o ponto-chave da história do dr. Silveira, dentro da discussão global dos contos, é que o povo deve se preocupar com a realidade que está a sua volta. As pessoas temiam o sineiro sem motivos reais, até mesmo o pai de Luís acha que ele traz um mau presságio, quando o encontra em sua porta. Mas Silveira destaca um medo real, que aterroriza a “melhor gente do Amazonas”, a cabanagem.

Nesse ponto, Inglês de Sousa trabalha com uma característica da literatura realista: a remissão a um fato histórico, partindo do mesmo princípio de “O recruta”, isto é, como a notícia chega ao Pará e como as pessoas a recebem e são atingidas pelo fato. Só que em “O sineiro da matriz” enfoca-se o que acontece com algumas pessoas nesse período. No conto em questão, mostram-se o como os cabanos viviam e quais as suas atitudes. Também são citados nomes históricos como Domingos Teotônio, que foi governador de Pernambuco em 1817.

Silveira relata os horrores da cabanagem. Pessoas queimadas vivas, mulheres esfoladas e o “correio”, que “consistia em mutilar os membros da vítima e embarcá-la com uma pedra ao pescoço em uma canoa, que depois de alguns minutos de viagem abria água em pleno rio”. O narrador também se reporta ao momento em que os cabanos chegam a sua casa; ele ouve o grito horripilante de sua mãe, que denotava desespero e ânsia de morte, fazendo-o ficar “estúpido de medo”. Naquele instante, o pequeno Luís, que ansiava por encontrar algo “maravilhoso”, sentiu o verdadeiro medo, e não era por causa de uma superstição.

O narrador se refere ao tempo presente, o que ele vive; sendo assim, há os dois lados, no caso da história, entre duas raças: a conquistadora e a indígena, que significam, respectivamente, “a civilização, a ordem, a luz, a abundância” e “a ignorância, a significação da rebelião constante do pobre contra o rico”. Nesse momento, Inglês de Sousa levanta a bandeira da classe oprimida na figura de Mathias Paxiúba, revelando nele o “longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre rebelde. Como um protesto contra a civilização egoísta e interesseira dos brancos, era a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heroicos”.

Em relação ao episódio narrado para os leitores, o narrador-personagem explica a inimizade entre Mathias Paxiúba, o cabano, e seu pai Guilherme da Silveira, que “naqueles tempos de fortes paixões em que todos os sentimentos tinham uma força e uma pureza extraordinários, e eram levados ao extremo, um ódio imenso assim como uma amizade entranhável era muito comum de ver-se muito diferente do que sucede nestes nossos tempos de apatia moral”. Dessa forma, no tempo passado, o amor e o ódio eram vividos ao extremo, o que não acontecia mais no tempo presente, de apatia moral. O tempo passado, o da memória do narrador, é descrito como um tempo melhor; tempo em que as pessoas conheciam os inimigos.

As descrições de “O sineiro da matriz” partem dos costumes da região amazônica, não se detendo na paisagem. Mostram-se como as pessoas vivem, como se comportam, o que comem e como se vestem. De forma geral, os costumes são mais visíveis ao leitor do que a própria paisagem, dando enfoque para o terror da cabanagem na visão da “gente do Amazonas”. A cidade de Vila Bela é descrita em sua “aparente” decadência, visto que é parecida com qualquer outra cidade ribeirinha do Amazonas. O narrador assim a apresenta: “Vila Bela estava muito longe de ser naqueles tempos calamitosos o que foi depois e o que ainda é hoje. Meia dúzia de casas de palha e duas ou três de telha, pequenas, feias e não caiadas, eis o que formava toda a população”.

Inglês de Sousa descreve o caboclo e sua vida, mostrando, como bem expressa em “O sineiro da matriz”, que o caboclo levava uma “vida contemplativa que soem levar os povos do Amazonas”, mesmo posicionamento apresentado em “O recruta”. Exemplifica com a velha Rosa, que é encontrada “sentada à porta da casinha, com o cachimbo na boca e o olhar perdido na imensidade do céu azul”. Essa imagem do caboclo também é descrita em “O recruta”: “ia sentar-se à soleira da porta, donde contemplava o magnífico espetáculo do cair da tarde, o sol escondendo-se por entre os aningais da margem do rio, e ouvia o canto prolongado da cigarra e a verde tananá”.

De toda forma, aparecem no conto traços da paisagem amazônica, como a vida no rio, além de árvores e plantas que circundam os sítios e as paragens por onde passam as personagens. No conto, é mostrada tanto a paisagem urbana como a rural, como a cidade de Vila Bela e o sítio da tapuia Rosa.

O narrador do conto, em diversos momentos, deixa claro que está contando a história para alguém. Por exemplo, em determinado momento, pergunta: “compreendeis como era terrível a nossa situação?”. Em outro momento, fala “senhores” para se referir à roda de amigos – “Eu vi, senhores, com estes olhos, os cabanos” (p. 30-31) –, mostrando que conversava com diversas pessoas, e acaba usando o mesmo epíteto em outros momentos do texto.

O narrador de “O sineiro da matriz”, com olhar realista, trata de seu processo de escrita descritivo, afirmando que “é assim que sou capaz de descrever-vos o cacau da velha Rosa em todas as particularidades, exatamente como se o tivesse visitado ontem”. Essa afirmação do narrador remete ao modo de descrever dos realistas, ao destacar as particularidades das imagens vistas e, no caso do narrador do conto, vividas e sentidas por ele, que foi salvo dos cabanos.

Paulo da Rocha é um herói raro de se encontrar como destaca implicitamente o narrador. Apesar de salvar Luís e cumprir a palavra dada a Guilherme da Silveira, não participa de um futuro promissor. A história para ele não tem um *happy end*. É tomado pela justiça da época como um cabano e depois condenado; vive na prisão e só depois de muito tempo de sofrimento que Luís consegue libertá-lo. Nessa ocasião, já não é mais o pequeno Luís, e sim o dr. Silveira. Novamente, na visão deste, há uma condenação injusta, o que confirma que a justiça é falha. Não se averiguam os fatos, já que Paulo estava com os cabanos somente para tentar salvar sua filha e, naquele momento, não lutava nem mantinha relações com eles.

Com “O sineiro da matriz”, Inglês de Sousa fecha a discussão sobre o cientificismo, mostrando os medos reais passados pelos habitantes do Amazonas. Doutor Silveira tornou-se um homem ponderado, mas era um garoto supersticioso como os meninos de sua terra. Ele acreditava nas superstições, mas não as temia; pelo contrário, tinha curiosidades sobre elas. Sua lucidez, ao abordar a história, é participante de sua estada em Belém e em Olinda, ou seja, ele conviveu com os rapazes de “espírito-forte”, mas, de certa forma, tenta elucidar para seus ouvintes e amigos quem são as pessoas que podem ser seres “sobrenaturais”. O “velho do outro mundo” o salva e tem atitudes de um homem honrado e de palavra, mantendo um autocontrole, característica

encontrada em poucos homens, o que supera as expectativas. No entanto, seu fim não é louvável, já que não recebeu nenhuma condecoração como herói. Essa é a realidade da vida que ele quer mostrar.

Os contos analisados podem ser considerados realistas, pois Inglês de Sousa observa em suas composições as características defendidas em seus textos críticos na imprensa pernambucana. Assim, o autor tenta trazer para os seus leitores um mundo real, pintando a sociedade e seus costumes. Além disso, pensando na “utilidade” da literatura manifestada por Sousa, os contos “O recruta” e “O sineiro da matriz” abordam fatos históricos e são, de certa forma, “úteis” para a compreensão de um momento histórico daqueles lugares longínquos. Outro fato é que Inglês de Sousa tenta estabelecer um núcleo de personagens, provavelmente com a intenção de dar “corpo” a sua série “Cenas da vida do Amazonas”, que se complementará com os romances *O cacaulista*, *História de um pescador* e *O coronel Sangrado*, publicados na mesma época dos contos e que serão analisados no capítulo seguinte.

Inglês de Sousa também tenta promover o saber científico, mostrando os dois lados da moeda: os defensores da ciência e os das tradições. Mas deixa nas entrelinhas que o fantástico serve para explicar fatos que não seriam aceitos e compreendidos, por causa das convenções estabelecidas pela sociedade. A ligação entre os cinco contos torna-se interessante por causa desse diálogo travado pelas personagens, que estão reunidas em Óbidos, e cada uma tem algo a falar sobre os costumes e a vida na Amazônia. Provavelmente, o autor tirou justamente os parágrafos que ligavam os contos, por causa das outras narrativas da coletânea *Contos Amazônicos*. Em livro ainda há dois contos que remetem ao fantástico: “O gado do Valha-me-Deus” e “O baile do judeu”. O primeiro é narrado por Domingos Espalha, um homem da terra que nunca frequentou a escola, o que poderia justificar a sua história do gado que nunca foi encontrado, apesar dos sinais deixados por ele. O segundo conto fala do aparecimento do boto em uma festa, remetendo às crendices do povo, mas também deixando nas entrelinhas que o boto era um homem que leva sua amada embora.

Em “O donativo do capitão Silvestre”, apenas cita algo sobre a “exagerada imaginação amazonense”, mas em “A quadrilha de Jacó-Patacho” não há menção sobre o tema. A publicação em livro dos contos liga-se pelo universo dos costumes amazônicos, mas não pela discussão empreendida nas primeiras versões dos contos analisados aqui.

CAPÍTULO III

Prelúdios do Realismo nos primeiros romances

... e se considerarmos a palavra *realismo* mais rigorosamente, devemos dizer: não poderá ser literariamente levado a sério qualquer ofício, qualquer posição social quotidiana [...] qualquer cenário quotidiano [...] qualquer costume quotidiano[...] numa palavra, o povo e sua vida.
Erich Auerbach

1 – Os primeiros romances

Inglês de Sousa conclui seu primeiro romance, *O cacaulista*, em junho de 1875, na cidade de Recife, como consta do final da obra. O romance só sai em volume no final de 1876, mas antes é publicado na imprensa santista. No mesmo ano, aparece *História de um pescador*, publicado pela tipografia do *Diário de Santos*. Em 1877, sai a lume *O coronel Sangrado*, que constitui a continuação da história de *O cacaulista*. Nesses romances,

[...] o naturalismo está latente mas não ocupa o escopo da obra, é mais sugerido do que evidenciado, daí porque neles a redação é mais livre e a vida social é fixada com mais nitidez e espontaneidade, pois a preocupação do autor é descortinar imagens da vida cotidiana na sociedade cacauzeira do Baixo Amazonas e não realizar romances de tese.²⁵³

Somente em 1891, Inglês de Sousa adere definitivamente às ideias do Naturalismo e lança o romance *O missionário*, que se torna mais conhecido do que os primeiros textos. Neste capítulo, analisam-se as características do Realismo presentes nas primeiras publicações, em consonância com as características já elencadas por Inglês de Sousa em seus textos críticos publicados na imprensa pernambucana.

2 – *O cacaulista*: o romance de estreia

O cacaulista é o primeiro romance escrito para a série inglesiana “Cenas da vida do Amazonas”. Como consta do último capítulo, o autor escreveu a obra em Recife, terminando no dia 24 de junho de 1875. A publicação em volume ocorre apenas em

²⁵³ BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003. p. 47.

dezembro de 1876, em Santos, com uma tiragem de apenas 600 exemplares. Antes da publicação em livro, o romance, composto de 24 capítulos apenas numerados, é publicado na seção literária d'A *Academia de S. Paulo*, em abril de 1876, e no *Diário de Santos*, na mesma época.²⁵⁴

Em suma, no romance, que narra a história de Miguel, o leitor presencia o amadurecimento da personagem, com a passagem de adolescente para adulto ou, segundo as palavras utilizadas na narrativa, “era já agora um homem”.²⁵⁵ A história é datada de 1866 e tem como cenário os sítios situados na margem do Paraná-Mirim, acima de Óbidos, no Pará. Aliás, essa, que é a cidade natal de Inglês de Sousa, também é palco de algumas cenas.

Antes da “grande mudança”²⁵⁶ em Miguel, concretizada no final da narrativa, acontece a briga entre ele e o tenente Ribeiro por causa de um pedaço de terra, chamado de Uricurizal, situado entre as fazendas das respectivas personagens. Fato que circunda toda a história com um agravante: a paixão de Miguel por Rita, a filha do tenente. A narrativa se encerra com Miguel indo embora em um vapor, desolado pela perda do terreno e, mais profundamente, de sua amada Rita, que casa com o alferes Moreira.

A estreia literária de Inglês de Sousa com *O cacaulista*, tanto na imprensa paulista quanto na publicação em volume, passa, quase totalmente, despercebida da crítica, encontrando-se apenas esparsas notas nos jornais da época. É preciso mencionar que, geralmente, essas são publicadas porque os jornais receberam o livro impresso e por isso noticiam a publicação recente.

Em São Paulo, o livro é divulgado pelo *Diário de São Paulo*, que publica uma nota no dia 17 de janeiro de 1877, com informações contidas na apresentação do romance feita por Inglês de Sousa, que nela dá explicações a respeito da obra. Acrescenta-se apenas que a obra “está escrita em linguagem agradável, e com muita naturalidade são descritos os erros e as expressões locais”.²⁵⁷

²⁵⁴ Conforme nota da *Gazeta de Notícias*, do dia 18 de dezembro de 1876: “O *Diário de Santos* diz que vai ser publicado brevemente em volume o bonito romance de Luiz Dolzani, *O cacaulista*, que tem sido dado em folhetim nessa folha”.

²⁵⁵ No penúltimo capítulo do romance tem-se o seguinte: “O rapaz vinha pálido, mas altivo, e mostrando que estava possuído de uma resolução firme. Não tinha mais aquela contração da boca de quem está prestes a chorar, contração que lhe era habitual, quando alguma coisa o contrariava. Tudo nele revelava grande mudança; era já agora um homem” (p. 181). Aqui utilizamos a seguinte edição de *O cacaulista*: SOUSA, H. Inglês de. *O cacaulista*. 2. ed. Belém: EDUFPA, 2004.

²⁵⁶ *Ibidem*. p. 181.

²⁵⁷ O CACAULISTA. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 17 jan. 1877.

Tralgadagas, pseudônimo de José Serra, jornalista e poeta abolicionista,²⁵⁸ comentando as últimas publicações, faz uma apreciação do romance no artigo “Ao acaso”, publicado na seção “Folhetim” no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, no dia 21 de janeiro de 1877:

Luiz Dolzani é um paisagista, um narrador, e um verdadeiro filho das florestas americanas.

No seu livro há o mais perfeito e acentuado brasileirismo: cores, sons, perfumes, é tudo desta natureza virgem, da terra onde sussurra o Amazonas.²⁵⁹

A *Ilustração Brasileira* também traz no seu “Boletim Bibliográfico” do dia primeiro de fevereiro de 1877 uma nota, expondo que *O cacaulista* é “cintilante de cor local, de originalidade, e de interesse”, além de augurar um bom futuro para o romancista:

Não há no *Cacaulista* coisa que se pareça com essas cediças descrições da natureza equatorial: o narrador conhece os quadros que pinta, e por isso dá-lhes um colorido e esplendor que tornam inteiramente novas as suas descrições.

Acreditamos que Luiz Dolzani será um dos mais opulentos escritores do norte do Brasil, e que lhe está destinado um brilhante papel se persistir cultivando o romance nacional.²⁶⁰

Publicam-se constantemente nos periódicos comentários²⁶¹ esparsos que não constituem propriamente uma crítica ao romance e, sim, uma divulgação dele, feita pela imprensa paulista e carioca. Além desses comentários e dos já descritos no primeiro capítulo, a crítica não se detém sobre a nova publicação que circulava timidamente entre as cidades de Santos, Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro. Mas os anúncios da publicação persistem, sendo encontrados nos jornais até o ano de 1879, indicando a venda do romance a 2.000 réis na tipografia da *Tribuna Liberal*, em Santos.

Mesmo com a publicação de *O missionário* em 1891, a crítica não retoma os primeiros romances de Inglês de Sousa, que continuam sem suas devidas apreciações.

²⁵⁸ As informações sobre o pseudônimo foram retiradas do artigo “A vida carioca nos jornais: *Gazeta de Notícias* e a defesa da crônica” de Clara Miguel Asperti, publicado na revista *Contemporânea*, n. 7, 2006.2.

²⁵⁹ TRALGADAGAS [José Serra]. Ao acaso. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1877. Folhetim, p. 1.

²⁶⁰ BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 247, 1º fev. 1877.

²⁶¹ Outros comentários, que tratam não só d’*O Cacaulista* como dos outros romances publicados na mesma época, foram transcritos no capítulo 1.

Somente no século XX, encontram-se estudiosos citando as primeiras publicações, como Lúcia Miguel Pereira, que faz considerações importantes sobre elas. Sobre *O cacaulista* expõe que as “figuras humanas são mais livres e reais” quando comparadas com *História de um pescador*, afirmando ainda que:

Todas existem, todas se harmonizam com o meio em que vivem. E o episódio sentimental que constitui o centro da ação, o namoro de dois adolescentes, é cheio de poesia, sem sentimentalismo. O verdadeiro tema, porém, é outro, e mais vasto, abrange todo o esboço de sociedade daquela zona meio deserta, com as suas ambições, as suas vaidades, os seus preconceitos; mas essa presença do meio em nada prejudica as reações individuais. Estudo ao mesmo tempo de caracteres e da formação de um grupo humano, dos conflitos peculiares ao começo de exploração de uma zona e dos choques constantes nas relações entre homens [...] Quase não se fala da natureza amazônica, mas ela está presente, condicionando os homens. Aqui não existem mais romantismo e convenção; a vida é captada diretamente por um escritor de espírito livre e sentidos aguçados.²⁶²

Como se nota, as considerações revelam que *O cacaulista* apresenta características distantes do Romantismo; mesmo o relacionamento entre Miguel e Rita está ausente do sentimentalismo próprio da literatura romântica. Põem-se ainda em evidência a composição dos personagens e o estudo realizado pelo autor dos “caracteres”, “conflitos” e relações humanas.

José Aderaldo Castello também analisa as primeiras publicações do autor paraense, dando destaque aos personagens e espaços encontrados na narrativa, deixando transparecer alguns pontos da história. Nesses termos, afirma que *O cacaulista*:

[...] apresenta-se como uma miniatura de quadros rurais e urbanos nas suas inter-relações. Vários tipos, do pescador e da feiticeira aos pequenos proprietários, se distribuem pelos sítios de cacau, que se sucedem mal delimitados, favorecendo as ambições do adventício. Passa-se do igarapé à lagoa de pesca; das terras de cultura e criação aos casebres e às “vivendas” – casas maiores dos fazendeiros –, da imensa monotonia às convulsões fantásticas da natureza, ou à serenidade das águas e às longas horas de pesca. Chega-se finalmente ao universo urbano pela sequência dramático-amorosa da ação, com a fuga do herói, que afrontado e vencido, reaparecerá no romance seguinte.²⁶³

²⁶² PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 159 – 160.

²⁶³ CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 402-3.

Ao analisar os primeiros romances de Inglês de Sousa, Mauro Vianna Barreto, no livro *O romance da vida amazônica*, discorre sobre o enquadramento desses no Realismo, afirmando que essas obras não se filiam aos moldes ortodoxos dessa estética, apresentando “intercorrentemente – e em doses fluidas – matizes românticas, realistas e naturalistas, ainda que indubitavelmente predomine o veio realista com carregadas cores regionais e com um leve tom documental”.²⁶⁴ Além disso, afirma que os primeiros romances rompem com o “romantismo piegas e lacrimajante”; especificamente sobre *O cacaulista*, faz a seguinte ponderação:

É um romance com cor local e onde a observação do mundo exterior é evidenciada pela maneira como apresenta a vida cotidiana rural obidense e as inter-relações entre diferentes grupos sociais, com destaque para o choque político-racial que colocou em lados opostos o mulato tenente Ribeiro, representante de uma categoria social em ascensão, e o altivo branco Miguel Faria, membro de uma tradicional família de cacaulistas.²⁶⁵

A questão racial presente no romance também é exposta por Jean-Yves Mérian, em *Aluísio Azevedo: vida e obra*, manifestando que “Inglês de Sousa aborda, antes de Aluísio Azevedo, os problemas do mulato na sociedade do norte do Brasil”²⁶⁶ e isso torna o romance interessante. O crítico ainda explica que o autor paraense coloca “em cena um mulato novo-rico que se impõe numa sociedade na qual se integra e assimila e onde não mais questiona nem o sistema de valores, nem os fundamentos econômicos”.²⁶⁷

É possível afirmar que *O cacaulista*, por conter características da estética realista, mas sem apresentar todas as fórmulas para ser classificado como tal, é um romance de transição. Por outro lado, pode-se considerá-lo como uma primeira experimentação das características da nova escola literária, visto que é escrito em concomitância com a publicação dos textos críticos no jornal *A Autoridade*, que tem como essência a tentativa de explanação de um programa realista. Os artigos “Erckmann-Chatrian” e “Jacina, a Marabá” são publicados antes da finalização do romance, ocorrida em 24 de junho de 1875; já “A questão de escola em literatura” é publicado um mês depois, em 24 de julho.

²⁶⁴ BARRETO, *op. cit.* p. 46.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 45.

²⁶⁶ MÉRIAN, Jean Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988. p. 215.

²⁶⁷ *Ibidem*.

Tanto n’*O cacaulista*, como nos outros romances da considerada primeira fase, ainda estão ausentes “estudos de temperamento e determinismos genéticos”, percebendo-se que estão mais próximos da “objetividade impessoal de Flaubert do que do cientificismo de Zola”.²⁶⁸ No romance em análise não há o “estudo” propriamente dito do “determinismo genético”, somente a menção às origens de Miguel e no que ele era parecido com seu pai:

— Sou um tolo, pensava, em ter tido até agora considerações para com quem não as tem para comigo...
Esteve ainda assim algum tempo, assaltado por este pensamento, e mordendo os beijos com ar carrancudo; afinal parece que o gênio pronto e decidido do pai despertou-lhe n’alma.²⁶⁹

As origens da família de Miguel são narradas no início do romance e o leitor tem conhecimento de quem era o avô materno e o pai do menino. Este último, chamado de João Faria, morreu em 1861, de doenças adquiridas no tempo de regatão. Deixa, para a mulher e o filho, uma herança suficiente para que ficassem ao “abrigo da necessidade”. Após a morte do pai de Miguel, este é levado pelo tio, o padre José Fernandes, para Óbidos com a finalidade de estudar, rompendo com sua vida na fazenda:

[...] enquanto seu pai viveu foi Miguel criado à lei da natureza; nunca conseguiu o padre licença de João Faria para ensinar sequer uma palavra latina ao sobrinho; o português, como homem ignorante que era, votava profundo desprezo às letras, e costumava dizer que o cacau para crescer, e o gado para produzir não precisavam de padres nem de doutores. Por isso o pequeno Miguel passava o dia inteiro a flechar lagartixas e a pescar de caniço na beira do rio, a montar nos bezerros, que frequentemente faziam-no cair no meio do capinzal.²⁷⁰

O menino é criado livremente, brincando o dia inteiro sem estudar, recebendo influência do meio. Esse é o modo por que o pai permite que o menino vivesse, pensando que o cacau e o gado são mais importantes para a vida do pequeno. Se João Faria pensa dessa maneira sobre a educação do filho, para a mulher reserva outros preceitos. Ela é reduzida à “passividade completa”, sendo deixada “entregue às suas orações e às suas mulatas”.²⁷¹ Para João Faria, “o papel da mulher neste mundo é rezar e

²⁶⁸ PEREIRA Apud BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003. p. 47.

²⁶⁹ SOUSA, H. Inglês. *O cacaulista: (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2004. p. 78.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 32.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 30

remendar meias”; “por isso D. Ana resignou-se à completa inatividade, tanto mais quanto este modo de proceder do marido quadrava perfeitamente à sua índole”.²⁷²

Após a morte de João Faria, o irmão de D. Ana, o padre José Fernandes, é quem administra os bens, visto que a senhora Faria desconhece, por causa das regras do marido, o andamento dos negócios da fazenda. Quanto a Miguel, que viveu a infância do modo descrito, quando o pai falece, é levado pelo tio para Óbidos. Mas o menino não consegue se adaptar à nova vida e depois de três anos retorna para a fazenda, pois “o fogo da liberdade selvagem não estava extinto no coração do pupilo”.²⁷³

O modo como Inglês de Sousa compõem suas personagens, principalmente Miguel, leva Mauro Vianna Barreto a afirmar que:

[...] verifica-se que o Realismo inglesiano não se deslinda apenas por sua matiz documental. Ele também fica evidente na configuração de suas principais personagens, pois, ainda que de maneira atenuada, percebe-se que nos protagonistas atuam veladamente fatores mesológicos, endoculturais e um certo determinismo psicofísico – este mais ou menos explícito – que parecem condicionar ou direcionar suas atitudes, sugerindo assim que sua conduta e índole derivam-se de influências do meio social e natural em que foram criadas. Temos, então, um Realismo com laivos de Naturalismo.²⁷⁴

Para confirmar sua argumentação, Barreto ainda cita a cena em que Miguel sente a falta do sítio, revelando a inclinação do menino “com toda a força natural”.²⁷⁵ Outra cena citada corresponde ao momento em que o padre compreende que “o sobrinho jamais seria um bom aluno devido à sua ‘natureza independente e altiva’”.²⁷⁶

Há outros momentos da obra que revelam a vertente naturalista da mesma. Por exemplo, na cena em que Miguel recebe o consentimento da mãe para dar prosseguimento na justiça à questão do Uricurizal:

Miguel, natureza virgem, caráter indomável, dificilmente veria com tranquilidade as insolências do mulato; por isso, quando a mãe lhe disse consentir na demanda, atirou os arcos para um lado, e deitou a correr pelo terreiro como uma criança; precisava significar a alegria de que estava possuído por algum ato exterior; pegou uma pedra, e

²⁷² *Ibidem*, p. 31.

²⁷³ SOUSA, *op. cit.*, p. 33.

²⁷⁴ BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003. p. 49

²⁷⁵ SOUSA, *op. cit.*, p. 34.

²⁷⁶ BARRETO, *op. cit.*, p. 50.

arremessou-a contra uma piaçoca (jaçanã) que voava perto do curral. O pobre pássaro ferido na cabeça caiu imediatamente.²⁷⁷

Esse trecho revela a instintividade do garoto, mostrando o seu temperamento, formado a partir do meio em que ele vive.

Os detalhes da descrição, que são marca dos naturalistas,²⁷⁸ também estão ausentes em *O cacaulista*. Provavelmente, o fato acontece em decorrência do modelo de escrita realista seguido e enaltecido por Inglês de Sousa, que é o dos escritos de Erckmann-Chatrian. Segundo o próprio autor paraense, ao analisar as descrições presentes nas obras dos escritores franceses, estes não fazem longas descrições, com muitas palavras e extensos pormenores, mas rapidamente.

As cenas da narrativa ocorrem em diversos lugares, peculiares à zona rural amazônica. Por exemplo, têm-se os encontros entre Miguel e Rita no meio do cacau, embaixo dos pés das goiabeiras, ou mesmo no quintal do sítio do Tenente Ribeiro, além, é claro, dos bailes promovidos nos sítios.

Os bailes são acontecimentos muito importantes na narrativa, porquanto revelam um retrato da vida social amazônica, com as diversas pessoas da região e seus costumes. No baile oferecido pelo tenente Ribeiro, o narrador apresenta os convidados explicando quem são, além de mostrar o que levam para a festa:

A gente que enchia agora a casa de Ribeiro era composta na sua quase totalidade de cacaunistas vizinhos, que (não perdendo uma ocasião de dançar à custa alheia) tinham vindo com suas mulheres, filhos, mulatas e moleques mais queridos, e traziam trouxas de roupas necessárias para mudar durante a noite, o cachimbo da senhora velha, e uma ou duas redes conforme o número de crianças que tinham. Além dos vizinhos lá estavam dois sujeitos de Óbidos, que tinham vindo acompanhar o Moreira; um deles, o Chico Oliveira, era um enorme rapaz de ares abrutalhados e cara redonda e imberbe; o outro, Manoel Amâncio, era um velhinho magro e descarnado, sempre a rir. Estes dois figurões exerciam o comércio de regatão, e eram adamadíssimos pelo seu gênio folgazão; sem eles não havia festa que prestasse, também eles não perdiam ocasião de divertir-se.²⁷⁹

²⁷⁷ SOUSA, *op. cit.*, p. 39.

²⁷⁸ Paixão afirma, ao analisar os *Contos Amazônicos*, que “não podemos dizer que o autor se desdobra nos detalhes da descrição, marca dos naturalistas; aqui, o importante é o destaque conferido às forças naturais que amedrontam e tornam o homem sujeito ao domínio de temores e superstições”. (PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Introdução. I: SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. XIV).

²⁷⁹ SOUSA, *op. cit.*, p. 66.

Fora os bailes, as descrições se detêm na vida cotidiana e nos costumes da região, característica própria dos romances realistas. Inglês de Sousa tenta capturar para seu quadro as mais diversas cenas da rotina naquela região. Em um dos casos, narram-se os hábitos após o almoço:

O clarão do sol abrasava; tudo estava silencioso, nem a menor aragem balouçava as folhas das árvores; o gado repousava à sombra das embaúbas, e só ao longe nos aningaís se ouvia a voz do unicorne, de espaço a espaço cortando o silêncio.

Em casa começara a sesta. D Ana dormia na varanda, as mulatas cochilavam, e até os moleques, tão barulhentos de ordinário, deitavam-se calados no regaço das mães, que, sentadas no chão da cozinha, conversavam em voz baixa e preguiçosa.

No Amazonas o tempo que medeia entre as doze horas do dia, e as três e meia da tarde é tempo perdido; o calor acabrunha, homens e animais entregam-se ao sono ou ao menos à imobilidade e ao silêncio.²⁸⁰

A paisagem rotineira das noites nos sítios, em que reinava um tenebroso silêncio, também é descrita:

Nada há mais triste do que a noite nos sítios; a casa fecha-se e em breve as últimas luzes se apagam; o terreiro fica deserto, os pássaros calam-se, e o cão uiva melancolicamente; as rãs da beira do rio e os sapos dos capinzais começam o seu concerto alternado, e o grilo canta desenxabidamente no teto da casa.²⁸¹

A apresentação dos costumes da região não está compactada em um único capítulo, está dispersa por todo o romance. No capítulo III, o leitor conhece a organização da festa de Reis rural e, por conseguinte, a típica dança dos negros:

Naquela noite fez-se uma grande fogueira e os negros e negras dançaram em torno dela até a meia-noite; as mulatas, porém, chamadas de casa, não tomaram parte do folguedo; estavam de longe assistindo por trás da senhora; um africano velho e cego tocava uma gaita acompanhando-se com um pequeno tambor, e um crioulo dos mais saídos botava os versos que os outros repetiam em coro.²⁸²

Essa festa dá ensejo para se comentar o modo como a comida é servida em grandes almoços nos sítios:

²⁸⁰ *Ibidem*, p. 44.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 57.

²⁸² *Ibidem*, p. 85.

José Fernandes foi o primeiro a lembrar que o almoço tardava. Foi-se para a mesa da varanda, onde estava toda a prata que possuía a viúva de João Faria, daquela boa prata velha, que dantes era comum no Amazonas, e que hoje vai se tornando rara.²⁸³

Em outras cenas, apresenta-se a recepção nas casas da cidade, bem como os trajes usados pelos empregados, no momento em que servem os convidados. No fragmento a seguir, o tenente Ribeiro chega com Moreira na casa de seu correspondente em Óbidos:

Entraram os três para a sala, onde lhes foi servido café com tapioca e manteiga; uma linda mulata de vinte anos, de vestido decotado e mangas curtas, segundo a intransigente moda das mulatas paraenses, calçando uns pequeninos chinelos de marroquim encarnado, e recendendo a trevo e a manjerona, segurava a bandeja sobre que estava o açucareiro. Redes novas foram armadas, um moleque trouxe uma grande porção de tabaco moído, e quatro ou seis cachimbos de taquari com cabeças de barro. De noite saíram o tenente e Moreira, recolhendo-se pela volta das nove horas.²⁸⁴

As descrições do cotidiano estão concatenadas com as características da estética realista apresentadas por Inglês de Sousa em seus textos críticos. Em “Erckmann-Chatrian”, por exemplo, o autor argumenta que Balzac tenta apresentar um mundo real; pode-se dizer que a intenção do autor paraense é a mesma quando escreve seu romance, mostrando como é a vida e os costumes na região amazônica. Ainda nesse artigo, ressalta-se que Balzac consegue transformar pessoas simples, como um tabelião, em pessoas interessantes. Na análise do romance *O cacaulista*, percebe-se que as personagens são pessoas simples, os matutos e caboclos da região amazônica, além do romance constituir-se em torno da questão da briga por um terreno sem relevância pecuniária.

Ainda no artigo crítico em questão, Sousa afirma que os realistas almejam “retratar os costumes da sociedade em que vivem, a vida de um povo, as situações e as cenas mais íntimas da família”. Nota-se que o autor paraense mostra a sociedade e a vida de um povo e intenciona retratar, a seu modo, as cenas íntimas não só da família, mas as individuais. Fato perceptível no seguinte fragmento, em que as personagens são flagradas em suas intimidades:

²⁸³ *Ibidem*, p. 86.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 96.

A canoa em que iam o tenente e Moreira descia rapidamente o Paraná-
 mirim, remada por dois negros vigorosos; um tapuio segurava o
 jacumã, e Ribeiro e o hpede, abrigados por uma tolda falsa de japa,
 conversavam preguiçosamente. O oficial penteava as barbas e
 arrancava de quando em quando uma palha da tolda para limpar as
 unhas ou tirar a cera do ouvido.²⁸⁵

O registro das atitudes do oficial confere um efeito mimético interessante para o
 romance. Essa não é a única cena em que se flagra a intimidade, ainda um pouco velada
 e não escancarada como nas obras naturalistas. Pode-se considerar, como exemplo, a
 aparição do velho Capucho  vontade em seu sítio:

Quando Miguel chegou ao sítio do velho Capucho, eram quase cinco
 horas da tarde. Os cães saíram-lhe ao encontro ladrando, e pouco
 depois apareceu o dono da casa, com a camisa por fora das calças, e
 descalço.²⁸⁶

É certo que na obra já ocorre a “descida de tom no modo de o escritor
 relacionar-se com a matéria de sua obra”.²⁸⁷ Inglês de Sousa segue a tendência dos
 escritores “antirromnticos” de “acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E
 uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos
 nas últimas décadas do século”,²⁸⁸ impulsionado, possivelmente pelas teorias
 apreendidas em Recife.

Para revestir a narrativa de um efeito real, em vários momentos as personagens
 são atacadas pelos mosquitos, característicos da região amazônica:

A converso dos dois fora longa. O dia ia acabar, e já as portas da
 casa estavam fechadas por causa dos carapanãs; o velho Capucho
 tirara a camisa e pusera-se a dar grandes palmadas pelo corpo, para
 ver se assim se via livre daqueles insetos malfazejos.²⁸⁹

Miguel também  atacado pelos carapanãs quando tenta se aventurar  noite
 pelos cacauais:

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 91.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 50.

²⁸⁷ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 167.

²⁸⁸ *Ibidem*.

²⁸⁹ SOUSA, *op. cit.*, p. 53.

Os carapanãs, atraídos pela claridade, atormentavam-no com a constância que lhes é própria, e a cabeça do nosso caminhante estava cercada de uma nuvem deles. Apesar disto ia Miguel com toda a presença de espírito que podia ter numa tal ocasião; empenhado naquela caminhada noturna por vontade própria e para satisfação da sua vaidade, não via os dissabores da viagem, mas somente pensava no que diriam dele. Para ele os carapanãs e as cobras eram coisas de todos os dias, e não seria isso que havia de fazê-lo recuar.²⁹⁰

Benedita, criada da casa do tenente Ribeiro, ao tentar contar uma história para Rita, para fazê-la dormir, também recebe as picadas dos terríveis mosquitos:

— Sim, essa sim, conta a história do Dão Barão.

— Era uma vez um rei, - começou a mulata - que tinha três filhas fêmeas, e nenhum filho macho... Ora os carapanãs, - disse interrompendo-se - é que não são da história. Espera aí.

E levantando-se, foi para junto da candeia, moeu às pressas uma porção de tabaco, que embrulhou num papel, tomou uma caixa de fósforos, apagou a luz com um sopro, e foi deitar-se dizendo:

— Agora eles não vêm... não me enxergam no escuro. Daqui da minha rede conto melhor.²⁹¹

A observação do cotidiano é mostrada n’*O cacaulista* de forma objetiva, revelando o modo de vida e os costumes nas cidades interioranas da Amazônia, privilegiando assuntos corriqueiros do cotidiano, tentando apresentar um mundo real.

De toda forma, Inglês de Sousa trabalha em seu romance com técnicas intencionais para provocar um efeito de real, próprias do discurso realista, como a articulação com a história paralela, o uso de palavras do dialeto da região, a configuração das personagens e sua sociabilidade, o *flash-back* e o *flash-forward*, a tendência a tudo explicar do narrador,²⁹² além da tematização realista presente na obra. É claro que alguns desses pressupostos aparecem de forma tênue, sem aprofundamento da técnica.

A articulação com a história paralela, característica do discurso realista, aparece de forma ligeira no romance. Ressalta-se que esta também é defendida no artigo crítico de Sousa, “Jacina, a Marabá”, em que o autor mostra que é possível trabalhar com a história e a literatura ao mesmo tempo, se o escritor for inspirado pelo “sentimento poderoso do real e do verdadeiro”.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 57.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 110.

²⁹² Pressupostos do discurso realista, sistematizados por Hamon em HAMON, Philippe. Um discurso determinado. In: BARTHES, Roland et alii. *Literatura e realidade* (que é realismo?). Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

Contando a história do pai de Miguel, João Faria, o narrador cita a grande cheia de 1859, que “reduziu a maior parte dos lavradores do Baixo-Amazonas à penúria” e atingindo o “ativo português [que] sofreu grandes perdas”.²⁹³ Esse fato é lembrado no artigo “As enchentes do Amazonas”, por Romualdo de Souza Paes de Andrade, publicado no livro *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*, do cônego Francisco Bernardino de Souza:

As festas móveis, porém, não podem servir de regulador; porque se a cheia de 1859 foi grandíssima, caindo a páscoa a 25 de abril, a de 1866 foi também muito grande, caindo a páscoa no 1º de abril. De sorte que bem se pode dizer aos lavradores do Amazonas: *acautelai-vos todas as vezes que o repiquete de novembro surpreender os igapós ainda ensopados ou cheios, e que se sigam grandes e continuadas chuvas.*

Ao governo, que tem o dever de promover o aumento da fortuna pública, ajudando o desenvolvimento das particulares, cabe sair ao encontro da imprevidência do povo do Amazonas, mandando estudar os meios de evitar-se a perda de centenares de contos de réis, que traz cada uma cheia grande.²⁹⁴

Associando a narrativa ao fato histórico, Inglês de Sousa tenta estabelecer um efeito de real. A personagem João Faria representa as pessoas que perdem muito dinheiro por causa das enchentes, um fator natural da região. Outra forma utilizada é a citação dos lugares; no caso de *O cacaulista*, privilegia-se a cidade de Óbidos. Em uma das descrições dessa cidade, o narrador revela as características da mesma, ao descrever o caminho percorrido por Miguel durante à noite:

A rua estava deserta, e as últimas lojas fechavam-se. O rapaz pôs-se a andar vagorosamente, cosido às paredes até o lugar em que está hoje edificada a capelinha do Bom Jesus, que é o lugar mais elevado da cidade. Alguns bois soltos naquela campina vagavam por ali, ou ruminavam deitados na relva. O luar estava magnífico; do lugar em que parara Miguel, goza-se de um panorama soberbo. A seus pés tinha ele a cidade, em que só se ouvia o latir de um ou outro cão ou o som metálico da flauta do alfaiate Rebelo: diante de si o Amazonas, como um lençol grande, corria mansamente com as águas prateadas pela lua, e abria-se em certo ponto, parecendo rodear toda a cidade; perto, a montanha que domina Óbidos, e por trás, por entre as árvores, apareciam as águas do pequeno lago, formado pelo rio, em cujas

²⁹³ SOUSA, *op. cit.*, p. 30.

²⁹⁴ ANDRADE, Romualdo de Souza Paes de. As enchentes do Amazonas. In: SOUZA, Francisco Bernardino de. *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*. Belém-PA: Tipografia do Futuro, 1873. p. 227-8.

margens estão algumas casinhas de pescadores, com o seu teto de pindoba e suas paredes de barro escuro.²⁹⁵

Essa descrição apresenta um panorama típico da paisagem encontrada nas cidades do interior da Amazônia no século XIX, conferindo à narrativa inglesiana um efeito de real. Em outro momento, o narrador mostra a cidade em seus aspectos geográficos:

Em breve Óbidos ofereceu um lindo panorama: acima corre o Trombetas, perto de cuja foz ficava a malfadada Colônia Militar, e abaixo da cidade uma montanha eleva-se dominando as casinhas que a cercam.

É ali o Amazonas mais estreito do que em outra qualquer parte: oitocentas e poucas braças mediam entre uma margem e outra, e a corrente rápida é, no inverno e nos dias em que há tempestade, um perigo iminente para as fracas embarcações que tentam forçá-la. Os nossos viajantes porém tiveram uma soberba tarde, e não tardaram em encostar no porto chamado de cima.²⁹⁶

Outro lugar característico da Amazônia descrito no romance são os sítios que ficam às margens dos rios. Como se observa na descrição do sítio de Capucho, vizinho e amigo de Miguel:

O seu sítio era como todos os sítios daqueles lugares; cacaua, pequeno terreiro com a sua laranjeira, a casa de vivenda, coberta de pindoba, e cujas paredes eram de barro negro batido, o tendal, o galinheiro, onde dormiam duas ou três galinhas, e um velho forno, que já nenhum serviço prestava.

A um canto da varanda um alto banco de pau, cheio de buracos redondos nos quais assentavam os baldes de água fresca, e das traves do teto pendiam os tipitis, as cuiambucas, e outros utensílios caseiros.²⁹⁷

Ainda para conferir um efeito de real à narrativa, Inglês de Sousa cita um periódico português, famoso na época, o *Arquivo Pitoresco*,²⁹⁸ lido pelo tenente Ribeiro,

²⁹⁵ SOUSA, *op. cit.*, p. 183.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 95.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 49.

²⁹⁸ Segundo Esteves, o *Arquivo Pitoresco* foi um “semanário ilustrado de qualidade gráfica notável. Publicou-se em Lisboa de 1857 a 1868 e teve boa aceitação em Portugal e no Brasil. Inseriu centenas de gravuras e textos de escritores nacionais populares na sua época. [...]Pertenceu à empresa Castro Irmão e C.^a Lda., cujos proprietários foram considerados, no tempo, os mais dedicados promotores da gravura em madeira. Os redatores foram José de Torres (1827-1874), Francisco Pereira de Almeida (1827-1898), F. A. Nogueira da Silva (1830-1868), António Feliciano de Castilho (1800-1875) e António da Silva Túlio (1818-1884) que dirige o periódico até ao fim de 1865. Seguem-se Inácio de Vilhena Barbosa (1811-1890) e Pedro Venceslau de Brito Aranha (1833-1914)”. (Esteves, Rosa. *Dicionário do Romantismo*

que “dava gostosas gargalhadas” com os artigos. O autor também faz citação de um poema de Casimiro de Abreu, “Segredos”, que é cantado pelas filhas de José Lopes no baile de aniversário. A poesia romântica fazia muito sucesso na época e as moças costumavam recitá-la.

As palavras usadas pelo povo da região também aparecem no romance, para dar um efeito de real, retratando os costumes da região. O narrador chega a elucidar o sentido de palavras empregadas pelo povo — “Intimaan, tomou o tapuio com essa palavra cheia de dúvidas e incertezas, de que se usa a gente baixa do Amazonas quando quer responder negativamente a uma pergunta ou pedido”.²⁹⁹

Em outra passagem, em uma conversa de Miguel com o velho Estevão, percebe-se a utilização de diversas palavras características do linguajar amazônico:

- Indaué (boa-tarde), começou.
- Boa tarde, tio Estevão; então teve hoje boa pesca?
- Assim, namasque.³⁰⁰

Indaué e namasque, como outras que aparecem na história, são palavras características da fala regional da Amazônia e estão na boca das personagens, em várias passagens da narrativa. O uso desses vocábulos é próprio do discurso realista; Hamon afirma que “qualquer manifestação de idioleto tem como tarefa provocar um efeito de real”.³⁰¹ Parece que Inglês de Sousa tenta mostrar o dialeto da região, tentando capturar não só as palavras, mas o modo como as pessoas conversam, como se pode observar nas falas seguintes:

- Antônia foi ter com Miguel e com a mesma pantomima:
- Sua benção, disse.
- Deus te abençoe.
- Nhá Zefa mandou saber como vuncê passou.
- Passei bem, obrigado; todos estão bons?
- Estão, sim senhor. Ela disque vuncê fosse lá domingo, disque para vuncê não faltar....
- Domingo? e o que há lá?
- Não sei. Nhá Zefa faz anos, disque.
- Ah! está bom. E quem mais vai?
- Paresque é seu Amaral, D. Rosa.

Literário Português (Coord. de Helena de Carvalhão Buescu). Lisboa: Editorial Caminho, 1997, pp. 23-24.

²⁹⁹ SOUSA, *op. cit.*, p. 76.

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 122.

³⁰¹ HAMON, Philippe. Um discurso determinado. In: BARTHES, Roland et alii. *Literatura e realidade* (que é realismo?). Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984. p. 153.

- O tenente vai?
 — Paresque vai, e vai aquele moço também.³⁰²

Antônia, que conversa com Miguel no excerto, é uma “caboclinha de doze anos da casa do José Lopes”. Naquele dia, ela tem como missão convidar os vizinhos para a festa de aniversário de Zefa. Quando a menina chega para conversar com D. Ana e seu filho, primeiro pede a bênção para a senhora e depois começa a perguntar por cada uma das pessoas da casa. O modo pelo qual pergunta Antônia é considerado pelo narrador como uma pantomima. Em outro momento, quando Miguel conversa com Martinho sobre a questão do Uricurizal, enceta-se a seguinte conversa, aparecendo novamente a língua regional:

- Era tal o homem que acabava de sentar-se à mesa com o fazendeiro de S. Miguel.
 — Indaué, cariuá puranga... disse afetando falar a língua geral, expediente de que se servia quando se tratava de algum negócio delicado.
 — Indaué, tio Martinho, como vai isso?
 — Assim, namasque.³⁰³

Inglês de Sousa, ao focar a fala regional, aduz os costumes das pessoas nos encontros do dia a dia. Além disso, descreve-se no romance a maneira por que as pessoas pronunciam as palavras – “Hum, hum! – disse Capucho com esse acento gutural daquela gente quando quer exprimir uma negativa”.³⁰⁴

No artigo “A questão de escola em literatura”, em que Inglês de Sousa lança seu programa para a escola realista, publicado um mês depois de finalizar o romance que ora se analisa, o autor mostra que os realistas se empenham em apresentar as “pequenas e prosaicas coisas da vida real”.

O autor paraense tenta se ocupar do “homem moderno”, o “homem do trabalho”, contudo, nesse momento, não consegue alcançar esse objetivo de forma plena. As descrições das pessoas trabalhando, ainda não são suficientemente concentradas no ofício em si. Como exemplo, uma cena da fazenda S. Miguel:

As mulatas todas metidas na cozinha, cuidavam de diversos misteres. A viúva estava só com o filho; Miguel, sentado em um banco de pau, tinha junto a si um grande feixe de paxiúbas, e acabava de dar a última demão num grande arco que destinava à pesca da tartaruga.

³⁰² SOUSA, *op. cit.*, p. 123.

³⁰³ SOUSA, *op. cit.*, p. 76.

³⁰⁴ SOUSA, *op. cit.*, p. 50.

[...]

—Olá, se é! – acudiu Miguel, sem interromper o trabalho – aquela cara nunca me enganou.³⁰⁵

Ressalta-se que os cacaunistas da história não são descritos cultivando suas terras. Há poucas cenas em que os pés de cacau aparecem, tendo mais festas do que trabalho durante a história.

As várias festas ocorridas nos sítios são chamadas de “bailes”. O próprio narrador explica que “no Amazonas qualquer reunião em que se dança denomina-se vaidosamente baile”.³⁰⁶ No romance acontecem dois bailes importantes para o desenvolvimento da história: um na casa do Tenente Ribeiro e outro na casa de José Lopes. Há outras festas, como a festa do Padroeiro, a festa de Reis e o casamento de Rita.

Os bailes proporcionam encontros, conversas e “flertes” entre as personagens. Como eventos sociais, os bailes, estabelecidos na narrativa para funcionar como pontos de encontro, são característicos do discurso realista, segundo o qual “o personagem [...] raramente estará sozinho; terá amigos, encontrará, durante passeios, pessoas conhecidas, será mundano, será sociável (*inter-gentes*), etc.”.³⁰⁷ No caso da região amazônica retratada no romance, a sociabilidade se dá principalmente nessas festas rurais.

Outro processo do discurso realista que figura no romance é o *flash-back* e o *flash-forward*. O primeiro capítulo é composto de uma rememoração do passado, esclarecendo para os leitores a obsessão de Miguel e D. Ana por rebaixar o tenente Ribeiro. É estabelecida a origem de Miguel, com as características dos patriarcas da família. Também há eventos organizados em ciclo. D. Ana não se casa com o tenente Ribeiro por ele ser mulato e pobre; da mesma forma, anos depois, Rita recusa Miguel, por ele ser matuto. Fato que pode ser atestado pela conversa entre a moça e Benedita:

— [...] Que diferença da dança dele para o do Miguel.

— Aí vamos...! deixa lá, Rita, eu gosto mais do Miguel. Sempre é um menino que a gente conhece.

— Mas é matuto.³⁰⁸

³⁰⁵ SOUSA, *op. cit.*, p. 35.

³⁰⁶ SOUSA, *op. cit.*, p. 65.

³⁰⁷ HAMON, *op. cit.*, p. 150.

³⁰⁸ SOUSA, *op. cit.*, p. 104.

Como exemplo do *flash-forward* temos o presságio representado pelo canto agourento do acauã. O fato acontece após a chegada de Miguel em sua fazenda. O moço chega nervoso, por causa dos acontecimentos malogrados em sua visita à fazenda do tenente Ribeiro. Não consegue conversar com Rita e ainda se indispõe com o pai da moça. Na cena, D. Ana acode o filho:

— Gertrudes, traze água para o teu senhor-moço! Depressa, rapariguinha!
Mas o filho repeliu indignado a cuia que lhe apresentava a mulatinha, e foi se deitar na rede do seu quarto...
Neste momento o acauã voava por cima da casa, e cantava agoureiramente: Acauã! Acauã! D. Ana estremeceu, e unindo as mãos rezou.³⁰⁹

O canto do pássaro prenuncia o fim da história. Miguel não conseguirá nem sua amada, nem o terreno pelo qual lutava, o Uricurizal.

Em toda narrativa logo após a menção de um personagem, segue-se uma informação esclarecedora, método característico do discurso realista. A apresentação de D. Ana no início do romance é um exemplo. O narrador, ao introduzir a personagem no romance, expõe as suas características físicas e morais:

A dona da fazenda S. Miguel poderia ter na época em que começa a nossa história 44 a 45 anos, e era de estatura regular fornida de carnes; as mulheres do lugar invejavam-lhe a alva tez e as delicadas mãos que nunca trabalho algum tinha estragado. Lia-se-lhe no semblante uma serenidade admirável, serenidade de matrona, consciência da sua importância, e a voz doce, meiga, com que falava a todos dava-lhe um atrativo poderoso sobre os que a ouviam.
Jamais uma mulher, ainda mesmo no Amazonas, terra de madraços, levou vida mais despida de fadigas do que a respeitável viúva de João Faria; a regularidade dos seus hábitos, a placidez, a monotonia com que decorriam os dias no sítio de D. Ana, só eram quebradas de ano em ano pela chegada do mano padre que vinha dizer a missa do Natal, ou festejar o Dia de Reis na fazenda, e votar à morte as galinhas e capados da mana.³¹⁰

A mesma técnica é usada para apresentar outras personagens importantes da história, como Miguel, Tenente Ribeiro, Rita, padre José Fernandes e Capucho. Ao serem introduzidas na narrativa, seguem-se suas respectivas descrições. Esse procedimento do discurso realista é apontado por Inglês de Sousa em seu artigo

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 164.

³¹⁰ *Ibidem.*, p. 31.

“Erckmann-Chatrian” ao apreciar as obras dos escritores franceses: “os tipos aparecem com toda a decência e com prévia apresentação, e não bruscamente como em alguns romances, dando assim ao leitor a calma e o tempo de apreciá-los”.

A contenda central da história, a questão do Uricurizal, iniciada no capítulo II, após o leitor ter sido situado sobre a origem de Miguel, torna-se apenas um pretexto narrativo para que ocorram as intrigas entre Miguel e Ribeiro, um jogo de interesses e vaidades, visto que o terreno tem pouco valor.

A demanda confirma a tendência da literatura realista defendida por Inglês de Sousa no artigo “A questão de escola em literatura”, no qual se afirma que os “dramas obscuros, mas comoventes da vida comum, são dignos de estudos”. Ou mesmo, quando uma simples “demanda” consegue ser suporte para uma história completa, como demonstra no artigo “Erckmann-Chatrian” ao analisar os pontos interessantes da obra de Balzac.

Há outros traços do Realismo que aparecem n’*O cacauleta*, como um dos temas abordados na narrativa: o casamento por interesse. O primeiro enlace acontece entre D. Ana e João Faria, fruto de uma extensão dos acordos comerciais, vantajosos para o pai da moça:

Foi nas suas frequentes viagens ao Paraná-Mirim de Cima que Faria travou relações de amizade com o capitão Miguel Fernandes, possuidor de um cacauale de três mil pés e dois ou três escravos, pequena propriedade que o capitão qualificava orgulhosamente de Fazenda de São Miguel.

Em breve pôde Fernandes apreciar o caráter e inteligência de João Faria, e não tardou em propor-lhe sociedade no sítio, que o proprietário, por andar sempre ocupado com a política, não podia administrar devidamente; um ano depois o português obtinha a mão da filha do seu sócio.³¹¹

Nesse trecho, o narrador deixa nas entrelinhas que o matrimônio entre João Faria e Ana é por interesse, e não consequência do amor entre os dois. A moça é uma mulher passiva, que levava a vida “despida de fadigas”, sempre prezando seu “sossego de espírito” – quando o filho está em Óbidos não vai visitá-lo por causa da viagem –; e seu casamento é praticamente um negócio entre o pai da moça e João Faria. No capítulo II, confirma-se que para a união se cogita sobre as vantagens, já que o pedido do tenente

³¹¹ *Ibidem*, p. 30.

Ribeiro é recusado pelo pai de Ana “em razão dos seus poucos haveres e da sua origem, e pela filha em razão talvez da cor”.³¹²

Nesse trecho revela-se o preconceito de Ana em relação ao tenente. Rejeita-o por ele ser mulato. Mas por causa do orgulho ferido, depois de desprezado, o tenente Ribeiro, que é um homem “sagaz e inteligente”, tentou enriquecer por “todos os meios lícitos”. Consegue uma posição importante na comarca e é “temido e respeitado” por todos.

O segundo casamento por interesse apresentado na narrativa é o de Rita com o alferes Moreira. Na narrativa se pressupõe que D. Ana recusa o tenente Ribeiro por ele ser mulato, mas Rita despreza Miguel por ser matuto, um homem da terra que nunca a levaria para a cidade, ao contrário de Moreira. O casamento por conveniência e ascensão social é sugerido pelo narrador no capítulo XIX:

Moreira por sua parte procurava todas as ocasiões de achar-se só com ela; o rapaz parecia decidido a fazer-se genro do tenente. Qual fosse o verdadeiro motivo por que ele, um moço do Pará, por cujas estrelas tanto se entusiasma os oficiais da nossa armada, se mostrava apaixonado por uma roceira sem educação, isso não poderíamos dizê-lo; o que é certo é que, ou o amor o surpreendesse, ou os trinta mil pés de cacaueiros, as seis léguas da terra e os escravos do tenente lhe dançassem na cabeça, os três dias passados no sítio depois da festa do José Lopes foram suficientes para determinar o triunfo completo de Rita.³¹³

O mesmo assunto é retomado no dia do casamento de Rita com Moreira. Um grupo de homens formado pelas pessoas mais importantes da cidade de Óbidos comenta o enlace e o verdadeiro interesse do moço:

— Disque ele é pobre, - dizia o capitão Matias – por isso é até uma felicidade.
 — E o que tem isso? Perguntava com o ar descontente o boticário Anselmo - e o que tem isso, se ela não é de boa família?
 — Estes homens de fora são assim, observou o escrivão Ferreira.
 — Quais! replicou o primeiro – me parece que quem ganha não é o Ribeiro. O que é verdade é que a rapariguinha há de ter um dia mais de trinta mil pés de cacaueiro, seis léguas de terra, casa, escravos, e por este tempo em que ninguém sabe como há de viver, não é para se dizer; fum!
 — Mas um homem deve saber prezar-se! tornava o intransigente boticário – Não é só de dinheiro que se vive!

³¹² *Ibidem*, p. 38-9.

³¹³ *Ibidem*, p. 153-4.

— Diga lá o que quiser, compadre, mas a isca não é para desprezar...³¹⁴

Nessa cena, o narrador, ao invés de narrar o fato, transfere a palavra às personagens, e estas expõem suas conjecturas. Nota-se que o interesse de Moreira, como discutem os coscuvilheiros da cidade, é pela herança de Rita e, portanto o casamento dos dois não é fruto de um amor. Rita também vê nesse enlace uma forma de ascensão social, já que sairia do sítio do pai e moraria na cidade, casada, como ela mesma afirma, com um “moço cidadão”. De toda forma, o tenente Ribeiro tem grande interesse no casamento:

Em breve sentiu o cacaulista toda a importância que lhe viria do fato de casar a filha natural, a afilhada, com um moço da classe de Moreira, protegido do chefe do partido político a que pertencia, e pesadas bem todas as consequências de um tal fato, começou a obrar conforme os seus planos. Entendido como era, em vez de declarar-se a este respeito, deixou que os dois jovens fizessem tudo por si, contando com a impressão que Moreira faria infalivelmente sobre o coração de Rita, e com a importância dos seus haveres, que não duvidava que influíssem no ânimo de um moço pobre.³¹⁵

As pessoas não aceitam a união de forma consensual. O boticário de Óbidos, no dia do casamento, expõe para pessoas importantes da cidade, sua opinião sobre Moreira, afirmando que por tratar-se de “um moço branco deve saber prezar-se, e não comportar-se como qualquer negro”. Jean-Yves Mérian afirma que o casamento de Rita com Moreira “é a consagração da ascensão social do mulato novo-rico, numa sociedade decadente onde a necessidade é que dita a lei”.³¹⁶

A escolha de Rita pelo alferes Moreira e o seu comportamento destoam do modelo romântico de personagem feminina; ela não segue “o padrão das idealizadas heroínas românticas: ingênuas, abnegadas, singelas e puras”.³¹⁷ D. Ana, mãe de Miguel, apesar de sua passividade, similarmente também escolhe, ou mesmo aceita, o parceiro pela razão e não pelo coração. A intenção de Sousa é mostrar as mulheres pelo prisma do real.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 173-4.

³¹⁵ *Ibidem*, p. 93-4.

³¹⁶ MÉRIAN, Jean Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988. p. 215.

³¹⁷ BARRETO, *op.cit.*, p. 51.

O autor paraense sustenta, no artigo “Jacina, a Marabá”, uma literatura nacional, que abrangesse o “caráter próprio” e a “personalidade” do povo brasileiro. Nesse sentido, *O cacaulista* traz informações sobre as características que definem os habitantes da Amazônia. Sousa ainda defende que para se formar uma literatura “verdadeira e completa” é necessário estudar os “aventureiros portugueses” e os “brasileiros”, escrevendo sobre eles, respectivamente, romances históricos e romances de costumes da atualidade.

No artigo em questão, Sousa cita temas fundamentais para a literatura brasileira; dentre esses, está o “tapuia semicivilizado das províncias ribeirinhas do Amazonas”. Segundo o autor, ao trabalhar com esse assunto, o escritor deve mostrar os costumes “originais e estranhos”. Em *O cacaulista*, o autor tenta seguir seu programa realista apresentado no jornal *A Autoridade*. Além de ser um típico romance de costumes da atualidade, a narrativa traz o tapuia que quer mostrar civilidade — nota-se que Miguel, apesar de ser branco e dono de terras, é um matuto que não quer parecer selvagem aos olhos do tenente Ribeiro. A escolha de Rita é efetivada “através de uma estratégia de exclusão”, que se processa no “campo semântico” dos “polos matutice e civilidade”. Assim sendo, “o modo diferenciado como dança Miguel, em comparação com o de Moreira, e as calças de casimira deste, são para Rita índices de civilidade em oposição à matutice de Miguel”.³¹⁸

Inglês de Sousa também tenta realizar críticas à sociedade, mas adota um tom panfletário, como convencionou chamar Lúcia Miguel Pereira ao analisar os contos e *História de um pescador*. Em *O cacaulista*, o autor paraense afirma que Óbidos “devia morrer em breve pela negligência do governo e má gerência dos diretores”³¹⁹. Em outro momento, na conversa entre Miguel e padre José Fernandes, aborda-se a situação do Pará:

— Sim, creio que desta vez o Ribeiro não poderá fazer o que tem feito com os outros...

— Tudo por não ter encontrado quem o impeça; sabes que é uma influência política, e que no momento em que quiser tem cem ou duzentos caboclos a sua disposição; aqui no Amazonas, tudo é ter um bocadinho de dinheiro no fundo do baú... pois se a maior parte da gente morre de fome, como não há de ser assim. Depois, ou porque o governo não se importa conosco ou porque não há quem queira vir

³¹⁸ LEITE, Marcus Vinnicius Cavalcante. *Cenas da vida amazônica: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa*. Belém: UNAMA, 2002. p. 106.

³¹⁹ SOUSA, *op. cit.*, p. 29.

para cá, o que é verdade é que esta falta de juízes letrados, que nós sentimos, é um grande mal.

— Ora qual, tio José, pois nós lá precisamos de estrangeiros...³²⁰

A abordagem de assuntos sociais também revela a relação do romance com o programa realista empreendido por Sousa. Em “Erckmann-Chatrian”, o autor mostra a importância do “princípio de utilidade”, usado pelos escritores “que têm sabido compreender a missão da literatura”. Com o romance em questão, o autor pretende expor os problemas sociais da Amazônia. O engajamento do autor é constatado por Vianna Barreto, que afirma:

Já em sua primeira obra, *O Cacauleta*, aparece uma breve referência crítica, articulada na fala do padre José Fernandes, ao poder de aliciação dos grandes latifundiários sobre a população: os fazendeiros, lastreados por sua posição econômica e política, aproveitam-se do descaso do governo central para com a região e da situação de miséria e ignorância em que viviam os tapuios para exercerem um indiscutível domínio sobre os ribeirinhos [...]. Outras formas de injustiça social são também ligeiramente evocadas: como evitar o suborno se o povo vivia a morrer de fome? [...]; como se livrar da tutela dos grandes fazendeiros usurários se a falta de dinheiro na região era crônica? se até criadores de gado e donos de escravos ficavam a dever-lhes?³²¹

Alguns pressupostos do discurso realista não são utilizados por Inglês de Sousa, nem mesmo descritos em seus textos críticos, como a “escrita transparente”, em que o narrador somente transmite a informação. O narrador sempre vai além da mera narração dos fatos, emitindo opiniões e julgando o comportamento dos personagens. De toda forma, Inglês de Sousa não trabalha com as temáticas da descrição de locais idílicos, cenas de amor, cenas tocantes de família, êxtases passionais, mortes espetaculares e crises passionais,³²² características do Romantismo.

Apesar da inserção relativa do romance na literatura realista, é preciso pôr em evidência que os traços dessa estética estão presentes na obra de forma consciente, já que o autor conhece as características da nova escola, como se estuda no segundo capítulo desta tese. O discurso e os temas realistas estão presentes no romance, escrito antes da consolidação do Realismo no Brasil. É claro que ainda as características são apresentadas de forma tênue e não de forma plena, como nos romances realistas e naturalistas posteriores, escritos por autores que seguiram abertamente a estética.

³²⁰ *Ibidem*, p. 83.

³²¹ BARRETO, *op. cit.* p. 53.

³²² HAMON, *op. cit.* p. 164.

3 – *História de um pescador*: um romance marcado pela violência

O romance *História de um pescador* foi publicado em outubro de 1876, nas páginas do jornal paulista *Tribuna Liberal* e, em dezembro do mesmo ano, sai em volume, pela tipografia do *Diário de Santos*. No prefácio, intitulado “Ao leitor” e datado de 12 de dezembro de 1876, Inglês de Sousa esclarece que o livro é um “episódio das CENAS DA VIDA DO AMAZONAS”, uma “coleção de romances escritos e por escrever”, além de destacar as falhas e a relação do romance com outros da série.

O livro tem 28 capítulos nomeados e é dividido em três partes, sendo que as duas primeiras partes têm 10 capítulos cada uma e a última, 8. Em suma, narra-se a história de José Marques, um pobre tapuio que, após a morte de seu pai, é obrigado a pagar ao capitão Fabrício uma suposta dívida herdada. Mas, mesmo trabalhando dia e noite, continua devendo cada vez mais. Um dia, apaixona-se pela mameluca Joaninha, e logo lhe propõe casamento. A moça é cobiçada pelo capitão, que se apossa dela por meio de um rapto. Após ter-se recuperado de uma tentativa de assassinato, enquanto tentava resgatar Joaninha pela segunda vez, o rapaz descobre que sua amada está na casa de seu inimigo. Ao pedir explicações a Joaninha, descobre que a moça está lá por sua própria vontade. Revoltado, José atira no capitão Fabrício.

A imprensa da época recebe com grande entusiasmo o romance assinado pelo pseudônimo Luiz Dolzani. Destaca-se a apreciação publicada no jornal *Correio Paulistano*, em fevereiro de 1877, divulgando a obra recém-lançada:

Esse belo trabalho do ilustre escritor brasileiro que sob o pseudônimo de Luiz Dolzani vai enriquecendo com preciosas joias literárias a literatura pátria, acaba de sair à luz da publicidade em nítido volume de mais de 300 páginas, havendo sido anteriormente publicado em folhetim na *Tribuna Liberal*.

[...]

A *História de um pescador*, como *O cacaulista* que a antecedeu, prima especialmente pela fidelidade na descrição dos costumes e da vida íntima dos habitantes das margens do grande rio brasileiro.

Incontestavelmente Luiz Dolzani tem um verdadeiro talento para esse gênero escrito.

Recomendando o novo livro à apreciação pública, agradecemos o exemplar com que fomos brindados.³²³

³²³ HISTÓRIA de um pescador. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2, 8 fev. 1877.

No dia seguinte, o *Diário de São Paulo* também recomenda a “belíssima produção”, principalmente pela “fidelidade e naturalidade com que são descritos os costumes dos habitantes daqueles lugares”, além de descrever em “linguagem singela e amena o caráter de cada um dos personagens”.³²⁴ No Rio de Janeiro, a obra é citada no “Boletim Bibliográfico” da revista *Ilustração Brasileira*, afirmando que seu autor é um “escritor nacional justamente apreciado”, e que *História de um pescador*:

É uma obra de inquestionável merecimento, e que confirma a boa opinião que a imprensa tem formado do vigor, imaginação e sentimento com que Luiz Dolzani trata, sob a forma amena do romance, das coisas do norte do Brasil.³²⁵

O jornal carioca *O Apóstolo* também publica nota, em 4 de março de 1877, sobre a publicação do romance, em que afirma que “o livro foi bem recebido pela imprensa, que exaltou os méritos do autor em semelhante gênero de literatura”.³²⁶ Apesar das recomendações entusiastas nos jornais paulistas e cariocas, *História de um pescador* não causou alvoroço no meio literário. As notas na imprensa são apenas singelas apreciações críticas caracterizadas por enaltecer o romance, com a intenção principal de divulgá-lo.

A divulgação se estendeu até o final de 1879, época em que Inglês de Sousa tinha participação ativa na imprensa santista, principalmente no jornal *Tribuna Liberal*. Neste, anunciava a venda tanto de *História de um pescador*, como de *O cacaulista*, pelo valor de 2.000 réis o exemplar.³²⁷ Depois dessa data, o livro tornou-se uma “raridade bibliográfica”, como o próprio Inglês de Sousa atestou em vida.³²⁸

Como já se obervou no primeiro capítulo, a crítica inglesiana silencia em relação aos primeiros romances do autor. Coube a Lúcia Miguel Pereira, no século XX, escrever sobre esses romances. A estudiosa considera *História de um pescador* como um romance inferior ao *Missionário* e, nos seguintes termos, tece sua apreciação sobre o romance em questão:

³²⁴ HISTÓRIA de um pescador. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 9 fev. 1877.

³²⁵ BOLETIM bibliográfico. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 247, 15 fev. 1877.

³²⁶ IMPRENSA. *O apóstolo*, Rio de Janeiro, p. 3, 4 mar. 1877.

³²⁷ A informação sobre os anúncios foi retirada do jornal *Correio Paulistano*, que divulgava os anúncios e outras informações do jornal *Tribuna Liberal*. (A TRIBUNA. *Correio Paulistano*, p. 1, 14 dez. 1879. Os exemplares da *Tribuna* pertencentes à Biblioteca Nacional estão deteriorados, mesmo assim, ainda é possível encontrar o anúncio dos romances, no entanto, sem precisar a data.

³²⁸ Paulo Inglês de Sousa, filho de Inglês de Sousa, relata o fato em *Retratos de família*. (SOUSA, Paulo Inglês de. Inglês de Sousa. I: Barbosa, F. de Assis. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968. p. 118).

Em *História de um pescador*, a mais fraca de suas obras, sente-se entretanto como em nenhuma outra o desvalimento do homem nessa região quase deserta, onde imperava a lei do mais forte. O tapuio José só é vencido pelo Capitão Fabrício, que lhe rouba a noiva e o sítio, porque léguas e léguas de caminhos aquáticos ou terrestres igualmente perigosos o separavam da civilização – e esta mesma era a que chegava à pobre vila de Óbidos. Nesse livro, ainda preso ao romantismo, o que interessa é a denúncia da escravidão do povo aos chefetes locais, na longínqua Amazônia de antes do surto da borracha, cuja cultura era o cacau. Denúncia que assume por vezes um tom de panfleto deslocado na ficção. Literariamente *História de um pescador* é falso, com personagens convencionais – o tapuio fala e pensa como um herói romântico – e só possui de verdadeiro justamente essa intervenção da natureza no drama humano.³²⁹

Lúcia Miguel Pereira descreve a obra, mostrando que apresenta características românticas, além de se incomodar com o tom de “panfleto deslocado na ficção”. A crítica “custa a crer que *O cacaulista* lhe seja anterior, tão mais seguro de si se mostra nele Inglês de Sousa”.³³⁰ Seguindo sua crítica, ainda afirma que em *O cacaulista*, Inglês de Sousa se mostra como um escritor, um romancista, e que em *História de um pescador* é apenas um observador.

As peripécias vividas por José e o amor que sente por Joaninha, provavelmente, pesaram na análise crítica de Lúcia Miguel Pereira, ao considerar o romance como “literariamente falso” e com “personagens convencionais”. Todavia, o falar e o pensar de José como um “herói romântico” é, de certa forma, justificado na obra pela educação recebida, como se verá adiante. Apesar de a estudiosa filiar a obra ao Romantismo, já é possível perceber as características da estética realista sendo experimentadas no romance.

De fato, *História de um pescador* não é um dos melhores exemplos da prosa literária inglesiana, carecendo de uma revisão pelo próprio autor, como aconteceu com alguns contos estudados aqui. De toda forma, Inglês de Sousa ao retratar o cotidiano dos tapuios na Amazônia do século XIX de uma forma tão peculiar, não idealizada, aproxima a obra da representação da realidade, com uma descida de tom própria do Realismo. Destoa ao usar a panfletagem deslocada, quando faz crítica ao governo, percorrendo sobre a situação da gente do Amazonas, mas captura flagrantes impactantes ao narrar a violência física e moral contra o tapuio.

³²⁹ PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 158-9.

³³⁰ *Ibidem*, p. 159.

Rosa Assis, no “Glossário” de *História de um pescador*, define o tapuio como um “índio manso, já meio civilizado, que vive entre a população sertaneja”.³³¹ Este é caracterizado durante o romance, permitindo ao leitor construir imagens daqueles tempos. O narrador apresenta um tapuio que tem uma “coragem indiferente”, mas que é explorado pelo homem branco de todas as formas.

A educação escolar era vista pelos tapuios como a “vitória ganha” pelas pessoas da cidade. Por isso, a fuga, realizada por José no primeiro capítulo do romance, é considerada como uma “represália”, uma “desforra tirada por estes”. Da “vida em comunhão”, José conhecia a “palmatória” e o “estudo forçado”, “que não eram coisas que o fizessem amar a cidade”. O estudo não fizera com que a personagem mudasse de vida, nem de opinião sobre a vida de matuto, já que era forçado a estudar à base de violência. De toda forma, aos que não tinham a mesma oportunidade que José, representados na narrativa por Martinho, Bernardo e Pedro, agregados do capitão Fabrício, eram espancados por não conseguirem realizar uma tarefa. Ou seja, estudando ou não, os tapuios eram alvo de violência.

Não são apenas os agregados do capitão que são agredidos. Nhá Chica, tapuia que trabalha para Manoel de Andrade, um mulato, que possui um pequeno sítio, após receber uma ordem de seu patrão de forma agressiva, apenas retira-se do recinto “sem responder, como habituada àquela linguagem”.³³² Essas pequenas cenas revelam a situação do tapuio na Amazônia.

O narrador afirma que os tapuios são “sempre injustamente acusados” de “indolentes”, “preguiçosos” e “pouco regrado(s)”, não sabendo “aproveitar dos vastíssimos recursos que lhes oferece a natureza”. E que o “mal” não está neles, que são “ignorante(s) e desprevenido(s) como uma criança”, mas sim nos homens vis e infames que se “locupletam com o sangue alheio”.³³³

O narrador também revela o comportamento dos tapuios quando não estão perto de seus “amos”, trabalhando com “incúria” e “descuido notáveis”.³³⁴ Além disso, também há a comparação dos sítios cuidados por um tapuio e um português. Após descrever as qualidades do sítio “Santa Maria”, arrendado por Gonçalo Bastos, o narrador conclui:

³³¹ ASSIS, Rosa. Glossário de *História de um pescador*. I: SOUSA, H. Inglês de (Herculano Inglês). *História de um pescador*: (Cenas da vida do Amazonas). Belém: EDUFPA, 2007. p. 256.

³³² SOUSA, H. Inglês de (Herculano Inglês). *História de um pescador*: (Cenas da vida do Amazonas). Belém: EDUFPA, 2007. p. 141

³³³ *Ibidem*, p. 67.

³³⁴ *Ibidem*, p. 141.

Tudo isto denotava que o sítio não era tratado por algum tapuio indolente e pouco amestrado. A casa, pequena mas caiada e limpa, oferecia certos *cômodos*, de que não cuida a gente do Amazonas.³³⁵

Inglês de Sousa tenta trazer, em sua obra, a representação de como os tapuios viviam e o que as pessoas pensavam sobre eles no século XIX. A personagem José é mostrada por outro ângulo, configurada como um herói romântico, pois apresenta uma revolta, que não é mostrada nos outros tapuios, que obedecem irrefletidamente às ordens dadas.

A personagem José se configura no romance como um tapuio “educado nas estreitas ideias dos tapuios paraenses”, apresentando todos os seus defeitos e suas virtudes. Estudou quatro anos em um colégio de Óbidos, que soffream o gênio, mas não sufocaram totalmente as qualidades dos tapuios que haviam nele. Ao voltar para o sítio, idealizava a vida de matuto, mas quando o capitão o chama para uma conversa, tem ciência de uma dívida deixada por seu pai. Nesse momento, ele reflete sobre sua “independência” ora abalada, pois tinha “grande repugnância pela posição de *agregado*”.³³⁶

Não é possível discordar da afirmação de Lúcia Miguel Pereira sobre as falas e os pensamentos de José serem de um herói romântico. Mas, de certa forma, esse ponto é justificado pela educação escolar recebida no colégio, a qual alterou a vida do matuto, que passa a pensar sobre a sua condição. A educação recebida “facilitava o salvar-se das astúcias habituais dos *regatões*”. O tempo do colégio habituou o garoto a uma “tal ou qual igualdade” entre as pessoas, mas não esquecia dos ensinamentos dos pais de que se devia “respeitar os brancos”. Esse “respeito” exacerbado, faz com que José se submeta aos mandos e desmandos do capitão. A conclusão a que se chega é a de que, pelo tempo vivido na cidade grande, é possível que muitos dos pensamentos de José, que se revoltava mentalmente com a situação exposta pelo capitão, não sejam característicos de apenas um herói romântico.

Outras características de José como herói romântico são suas peripécias. José fica em meio a uma tempestade, depois no outro dia consegue chegar a um sítio onde recebe abrigo; salva Joanhina das mãos dos agregados do capitão Fabrício; recebe um tiro, cai na água e é salvo por plantas aquáticas que o deixam próximo do sítio de

³³⁵ *Ibidem*, p. 179.

³³⁶ *Ibidem*, p. 51-2.

Gonçalo Bastos, que o recolhe. Além das peripécias, também há as coincidências, a principal é o aparecimento do dr. Benevides na casa do português, justamente quando José está praticamente agonizando no leito de morte.

Como toda história romântica, não há um herói sem um vilão, que nesse caso é o capitão Fabrício. Logo nos primeiros capítulos do romance, expõem-se as características do temível capitão. Apresentam-se as características físicas da personagem - ele era um “homem alto e corpulento, de pequeninos olhos pardos, de nariz achatado e boca enorme. Os cabelos de um louro desmaiado, as orelhas pequenas e afastadas do crânio, o queixo fino e pontiagudo, os dentes raros e negros”- e outras atribuições, revelando o modo como se apresentava, com “cínica ferocidade” de “fisionomia hedionda”, com um “asqueroso sorriso e horripilante, que o capitão forcejava por tornar amável; é a fatuidade, a hipocrisia, a astúcia baixa que liam naquelas feições, tornadas mais horríveis pelo predomínio de vis e imperiosas paixões”.³³⁷ Fabrício era um homem rico e sempre recebia o apoio do governo, era capitão da Guarda Nacional, e já tinha sido subdelegado, inspetor do seu quartelão e recrutador em tempo de guerra. Era conhecido principalmente por seus “ferozes instintos, pela vida desregrada que levava, pela grande avareza, e pelo desdém enorme que mostrava à gente de cor, e crueldade com que a tratava”.³³⁸

Entre os momentos de crueldade narrados, destacam-se o dia em que o capitão estava no meio do terreiro, assistindo “impassível” ao castigo de um escravo e, quando ordena a sentença de cem palmatoadas nos pés dos tapuios, seus agregados, por não conseguirem executar o serviço, no caso, o primeiro rapto de Joaninha.

Além de explorar o trabalho do tapuio José, o capitão também o pressionava psicologicamente, dizendo que a recusa em pagar a dívida, tornava-o um “mau filho”. O capitão também agride o rapaz com palavras, chamando-o de vadio, corja e preguiçoso. Mas José, apesar de sua “energia de caráter”, “sentia-se pequeno diante de Fabrício”. O narrador explica aos leitores, de onde vem esse sentimento de inferioridade:

Todos os prejuízos de educação, todas as ideias recebidas se acordavam em considerá-lo inferior ao fazendeiro, e o filho de Anselmo, sofrendo mais do que outro qualquer as ofensas recebidas, não se atrevia a desafrontar-se. O capitão era *branco*, e ele era *tapuio*. Havia, segundo o que lhe diziam todos, uma grande diferença,

³³⁷ *Ibidem*, p. 94.

³³⁸ *Ibidem*, p. 156.

diferença incalculável, entre estas duas espécies de homens, quase a diferença entre o senhor e o escravo.

José, embora o tempo passado no colégio o tivesse habituado a uma tal ou qual igualdade, não esquecera o que lhe ensinara o pai, isto é, a respeitar os brancos.³³⁹

Apesar de toda a humilhação, José responde ao capitão, “sim, senhor”. O moço ainda tenta reagir às injustiças do capitão, esquecendo-se de “todas as conveniências” e “ideias impostas”, dando ouvidos a sua “dignidade ofendida”; mas o capitão age rapidamente, sempre o pressionando moralmente e o acusando de não querer quitar a dívida do pai

Após o rapto de Joaquina, José conversa com sua mãe, Benedita, mostrando sua visão, afirmando que “os brancos entendem que os tapuios não servem para coisa alguma”, e o que o capitão Fabrício faz com ele “não se faz com um negro”. Mostrando indignação, revela: “depois digam que os tapuios são maus e perversos, que têm raiva dos brancos, e não sei mais o que... eles mesmos são os primeiros que atacam”.³⁴⁰ O desabafo da personagem é uma denúncia das ações dos brancos contra os tapuios, que os exploram e humilham, deixando-os à beira da marginalização.

O sofrimento de José em relação a sua condição de tapuio resvala também em sua relação com Joaquina. A moça, que é mameluca, aceita as investidas do capitão Fabrício, em uma festa, aos olhos de seu noivo. Ao pedir explicações de suas atitudes, José argumenta com sua noiva, que há pessoas “que pensam que um branco vale mais do que um tapuio... mas não veem que os brancos só querem caçar delas”. No ponto alto da discussão entre os dois, Joaquina revela: “pois se eu agradei ao sr. capitão... agradei, aqui está. E ele é um homem muito bonito... pois se eu até gosto muito dele! É um homem branco. Eu sou mameluca, e gosto dos brancos!”³⁴¹

Após a afirmação de Joaquina, dando preferência ao homem branco, José sente-se ferido. A opção da moça é confirmada posteriormente, no segundo rapto, em que o capitão obtém sucesso, ao se conformar com a sua situação, sendo conquistada com presentes. Ser amásia do capitão significava, para a mameluca, uma ascensão social no seu meio. A revolta de José reflete em sua atitude final, ao matar Fabrício.

O narrador expõe sobre as atitudes dos tapuios, mostrando que são bons de índole, mas que se tornam maus pelas circunstâncias. No caso de José, revela que ele era um homem “bom”, e que “uma ideia má dificilmente lhe passava pela cabeça. Foi

³³⁹ *Ibidem*, p. 55-6.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 148-9.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 90.

preciso que sofresse muito para se tornar cruel e desapiedado”.³⁴² Esse sofrimento, veio de toda exploração, rebaixamento moral e humilhação recebidos do capitão Fabrício, a quem obedecia, por se sentir, principalmente, inferior.

História de um pescador tenta, por meio da ficção, mostrar a situação dos tapuios naquela época. Com José, revela que todo o fruto do árduo trabalho que executa fica nas mãos do branco, no caso, o capitão Fabrício. O rapaz fica preso às ordens do capitão, por causa de uma dívida, que não tem fim, já que adquire novas dívidas para executar as tarefas. De toda forma, há um ponto crucial nessa relação entre o branco e o tapuio, a sujeição desse último. José sente-se inferiorizado por ser tapuio e aprendeu com o pai que devia respeitar os brancos. Cavalcante Leite afirma que em *História de um pescador* a:

[...] politização étnica configura-se negativamente como elemento da *cultura subalterna*. Lembremos que José recuou de enfrentar Fabrício porque o pai devera ao “branco”. Esta é a marca distintiva de uma sociedade que não é só dividida entre proprietários e não-proprietários, mas, também, hierarquizada pela tez. Ou, como diz o narrador, havia “quase a diferença entre o senhor e o escravo”.³⁴³

A relação entre José e o capitão Fabrício pode ser considerada uma representação literária da real situação vivida pelos tapuios na região amazônica em meados do século XIX, marginalizados em suas próprias terras. Ao tratar da inferioridade e da sujeição étnica vivida por José, narradas com o âmago do desespero e da crueldade vividos pelos tapuios, Inglês de Sousa tenta fazer uma literatura engajada e realista, saindo dos moldes românticos. José e capitão Fabrício representam, respectivamente, o tapuio e o branco, mas também o bem e o mal, ponto que ainda liga o livro à estética romântica.

Entretanto, há pontos específicos que remetem à literatura realista. Sobressaem as cenas-tipo,³⁴⁴ com descrições da atividade profissional e da vida cotidiana. O próprio título aponta para uma atividade profissional;³⁴⁵ José é descrito na pescaria, em que, às

³⁴² *Ibidem*, p. 58.

³⁴³ *Ibidem*, p. 63.

³⁴⁴ Cf. HAMON, *op. cit.*

³⁴⁵ Apesar disso, o narrador afirma que no Amazonas todo mundo é pescador: “no Amazonas não há propriamente o que nós aqui chamamos *pescadores*, isto é, homens que vivam exclusivamente da pesca. Não, o geral dos tapuios que pescam ou têm um ofício são carpinteiros, pedreiros, ou possuem algum pedaço de terra, onde plantam a mandioca e o cacau. Em geral todo o mundo pesca no Amazonas, uns por necessidade, outros por prazer”. (SOUSA, 2007, *Op. cit.*, p. 111).

vezes, o “braço, cansado de estar sempre erguido segurando o arpão, caía sem forças”.³⁴⁶ Até mesmo o sistema de pescaria é descrito:

Dois são os sistemas de pescaria adotados pelos tapuios no *Lago*. Por um vai o pescador só na sua montaria com o olhar fixo n’água à espera de que boie o peixe, o qual vem rapidamente à superfície, desaparecendo logo, de forma que só o olhar amestrado do pescador pode conhecer a direção que toma a presa. O outro sistema consiste em irem muitos pescadores reunidos, postos em linha, percorrendo o lago na mesma direção; fazem então seguir a canoa, com a haste metida n’água, mas de forma que o arpão não toque no fundo, até que a haste esbarre no peixe; logo que o sentem recuam o arpão e arrojamo com força na direção que devia ter tomado a presa. A este sistema chamam de *fisga*.³⁴⁷

O narrador descreve o *Lago Grande*, lugar em que todos vão para pescar quando chega o verão, voltando quando começam as primeiras chuvas. Ao tratar desse costume, é descrito não apenas o que acontece nesse lugar, mas também como é a preparação para a viagem, como constroem as cabanas ao redor do lago para passar os meses vividos ali, os negociantes, que muitas vezes exploram os tapuios e as festas à noite, com muita cachaça. Sobre os acontecimentos no *Lago*, o narrador afirma:

Não podeis ajuizar do entusiasmo, do verdadeiro delírio da gente pobre do Amazonas pelo *Lago Grande*, e outros lugares de pesca. Não há ninguém que não queira ir. Até mulheres, famílias inteiras, partem, que nada lá têm que fazer, partem, abandonando o sítio. O tapuio do Amazonas deixa tudo, perde todas as vantagens, que lhe oferecerdes pela *salga*. Os três meses de verão são de verdadeira delícia para eles. Quem falta à pescaria no lago perde um ano.³⁴⁸

A temática do trabalho é pertinente a todo o romance *História de um pescador*, priorizando também no romance a descrição dos lugares em que eles viviam, como as casas nos sítios. A exemplo a casa de José:

O interior da pequena habitação estava então no mesmo estado em que José o deixara quatro anos antes. A pequena sala, em que dormiam Anselmo e Benedita, tinha ainda o seu *jirau* de caraná, os tipitis dependurados do teto, a grande arca em que se guardavam as roupas; e os registros dos santos, presentes anuais do padre Samuel, vigário de Alenquer, enchiam as paredes de barro batido.

³⁴⁶ SOUSA, 2007, *Op. cit.*, p. 57.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 112.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 110.

Na alcova em que dormia o rapazinho estava ainda o grande barco, com que o mimoseava o velho Inácio Mendes, e com o qual brincava em criança. Os seus arcos e flechas, de que se servia na caça e na pesca, bem como as linhas, os caniços e uma pequena espingarda continuavam pendurados na parede, como outrora.³⁴⁹

A simplicidade com que vivia o tapuio é sempre mostrada durante a história. O que comiam, o que bebiam e também, quando faltava o alimento, a fome que sentiam. Em uma cena, José pensa na fome que a mãe pode estar sentido, já que não consegue levar nenhum peixe naquele dia; em outra cena, ele mesmo sente a fome assombrá-lo:

Eram cinco horas da tarde, e José não tinha ainda pescado coisa que ao menos servisse de alimento para o dia seguinte. Havia saído segundo o seu costume ao alvorecer, sem comer coisa alguma, e achava-se tomado de um sofrimento indizível.³⁵⁰

O narrador deixa clara a condição de José e de sua mãe, revelando que conseguiram viver “sofrivelmente” com os produtos da caça, da pesca e da colheita, se não fosse terem que dar “mais da metade” ao capitão Fabrício. A falta de dinheiro para o alimento fazia com que mãe e filho vivessem da seguinte forma:

Em casa eles só faziam as despesas indispensáveis. Em lugar de café bebiam o chá feito das folhas de uns cafeeiros abandonados das terras do capitão. Por alimento o *pirarucu* seco, e quando este recurso dos pobres faltava, comiam papagaios e macacos que José caçava. Farinha nem sempre a tinham, e supriam o uso dela com bananas verdes assadas na brasa. Dias havia em que nada mais tendo alimentavam-se do vinho de cacau puro e simples. A miséria fizera com que Benedita abandonasse o tabaco de fumo e era talvez a privação que mais sentia.³⁵¹

Em tom panfletário, o narrador desabafa:

Sabeis o que é ser pobre no Amazonas? É ser escravo. É pior do que isso. O escravo tem seguro o alimento, e portanto a vida. O miserável tapuio nada tem de seguro no mundo. Numa terra em que não impera a lei, numa terra que o governo despreza, quando devia cuidar grandemente dela, quem tem a força tem razão e direito, quem tem certeza do pão quotidiano é um ente feliz.³⁵²

³⁴⁹ *Ibidem*, p. 49.

³⁵⁰ SOUSA, 2007, *Op. cit.*, p. 57.

³⁵¹ SOUSA, 2007, *Op. cit.*, p. 66.

³⁵² SOUSA, 2007, *Op. cit.*, p. 67.

A situação de fome e miséria dos povos da Amazônia aparece em diversas cenas, desde a falta de café no sítio de Manoel de Andrade, até os aspectos de pobreza que denotavam o sítio de dona Joana.

De certa forma, Inglês de Sousa descreve os mecanismos sociais e econômicos, além de desenvolver uma das características da descrição realista, a tendência a tudo explicar.³⁵³ Há explicações sobre o léxico e os termos usados na Amazônia, aparecendo várias vezes o verbo “chamar-se”. O narrador, seguindo a tendência dos primeiros contos, conta a história de José para alguém, posicionando-se fora daquele lugar. Esse fato pode ser atestado com a seguinte frase: “no Amazonas não há propriamente o que nós aqui chamamos *pescadores*, isto é, homens que vivam exclusivamente da pesca”.³⁵⁴ O advérbio de lugar “aqui” remete a um contexto exterior, que requer do narrador a explicação de diversos termos amazônicos na narrativa.

O real posicionamento do narrador não é revelado, tornando-se enigmático. Não se sabe de onde parte a sua fala. Sabe-se apenas que conversa com um boticário, mas sem sabermos onde ou quando. O boticário poderia ser Anselmo, que aparece em *O cacaulista* e em *O coronel Sangrado*, mas não é possível confirmar que seja essa personagem, pois não há outras menções a ela no romance. Esse narrador posiciona-se várias vezes perante o assunto, distanciando-se das características dos narradores realistas que apenas observam e descrevem sem se mostrarem.

Como participante da série “Cenas da vida do Amazonas”, o romance faz menção a personagens de outras histórias. Além do capitão Fabrício e do português Gonçalo Bastos, e da citação do nome do coronel Severino Paiva, aparece a personagem dr. Benevides que terá uma participação importante no romance *O coronel Sangrado*, que é o romance seguinte da série. O médico peruano ganha dois capítulos com seu nome em *História de um pescador*.

No primeiro capítulo é descrito como médico bem-humorado, vivo e agitado, que vivia no Brasil desde 1853 e percorria o Amazonas. Segundo o narrador, possuía várias qualidades:

Homem por excelência prático, conhecia perfeitamente os simples, a quem se aplicava com grande sabedoria; era de uma observação, uma perspicácia a toda prova, e nada lhe ocultavam que ele não soubesse. Conhecia muito bem a nossa gente e as nossas coisas, e gostava de

³⁵³ Cf. HAMON, *op. cit.*

³⁵⁴ SOUSA, 2007, *Op. cit.*, p. 111.

externar a sua opinião sobre isso. Por isso diziam que o seu único defeito era ser algum tanto falador; defeito este que lançavam à conta da sua nacionalidade.³⁵⁵

A descrição serve para constituir e referendar a personagem, que funciona como “fonte-garantia” na narrativa. O dr. Benevides não é apenas um médico, mas um conhecedor das pessoas da região e, por isso, pode falar com segurança e autoridade sobre a população. Em tom panfletário, o dr. Benevides profere sua opinião sobre a gente do Amazonas, em conversa com Gonçalo Bastos:

No Amazonas, meu caro amigo, há duas espécies de homens. Os que mandam, que são os capitães, tenentes-coronéis, subdelegados e até inspetores de quartirão, e os que são mandados, a população pobre e trabalhadora. São estes últimos que gastam as forças em um trabalho insano, são eles que fazem o pouco que vale o Amazonas; quanto à recompensa que recebem, o amigo tem um exemplo dela no desgraçado que caridosamente recolheu. O governo é o primeiro interessado em que dure esta ordem de coisas.³⁵⁶

A crítica ao governo e sua atuação na Amazônia é constantemente citada durante o romance. Inglês de Sousa ataca abertamente a forma como o governo conserva o seu poder e como dá autoridade a pessoas como o capitão Fabrício. A situação eleitoral será tratada com mais precisão em *O coronel Sangrado*.

Ainda em *História de um pescador*, Joanhina é uma personagem que se destaca na narrativa, por causa de seu comportamento. A moça está longe de ser uma heroína romântica, mas não deixa de ser uma personagem convencional. Durante a história deixa clara a sua condição de mameluca e a sua preferência pelos brancos. É levada pelas situações que a rodeiam, aceitando-as sem proferir sua opinião; sendo assim conforma-se rapidamente com seu “sequestro”, vivendo comodamente na casa do capitão. Cooperar com a situação os presentes recebidos:

Depois do almoço o capitão falou baixinho a uma escrava que saiu e voltou logo trazendo alguns vestidos de cassa que foram apresentados a Joanhina. A moça soltou um gritozinho de alegria.
O senhor da Jacaretuba sorriu e disse:
— *Ara* você ainda não viu nada.

³⁵⁵ *Ibidem*, p. 185.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 195.

Depois vieram pentes, colares, meias e sapatos. Tudo examinou Joaquinha com um sorriso de gratidão, e não equívocas mostras de prazer.³⁵⁷

No último capítulo, a moça afirma para José que está no sítio de Jacaretuba por sua vontade. A descrição de Joaquinha tenta mostrar seu caráter, pelo prisma da frivolidade. Ela era uma mameluca, tinha entre quinze e dezesseis anos, e não era “capaz de grandes paixões, tirando a paixão do luxo e da faceirice”, pois tinha uma:

[...] alma fraca, movida para todos os lados, como uma cata-vento, pelas mais fracas impressões do momento, a nada tinha apego que não à lisonja e à vaidade; este defeito, natural na filha do defunto Serapião, cresceu com a educação que teve, com o meio em que vivia. A mameluca, mistura do caboclo e do branco, participava naturalmente, e na maior parte, da índole vaidosa e inchada do tapuio, aumentada pela nobreza de caráter da gente do norte; as ideias pouco sãs que em matéria de moral recebe esta desgraçada classe de homens no berço, a grande distância que julgavam existir entre os tapuios e os brancos, a vida feliz que levam estes em relação àqueles, todos os preconceitos enfim de que na sua qualidade de mameluca estava Joaquinha eivada concorriam, como é de fácil intuição, para tornar mais maleável, mais inconstante, menos fiel, o caráter flexível da moça.³⁵⁸

Nesses termos explica-se a índole e o temperamento de Joaquinha tão volúvel, mostrando que seu caráter é moldado pelo meio em que vive. As descrições físicas da personagem durante o romance resvalam nas construções descritivas da estética realista. A moça é sempre descrita com lascívia:

De estatura mediana, mas baixa do que alta, como são em geral as mulheres do Amazonas, tinha o talhe bem formado, as formas acentuadas, mas de uma perfeição rara. O busto era admirável; os seios pequenos, mas rijos, de uma rijeza que se percebia pelo ondular do corpo. A cabeça pequena e bem formada tinha movimentos de rainha, embora os grandes olhos, negros e lânguidos, estivessem constantemente baixos. O nariz mostrava mistura de sangue branco, porque era pequeno e afilado. A boca era um primor, uma cravina, que abrindo-se deixava ver os alvos dentes, cortados em ponta com uma faceirice de encantar. Era o rosto oval desse moreno pálido, um tanto alvacentos, que caracteriza as mameucas e que exprime tanta coisa! [...] Acrescentai a isto a graça, a faceirice da mulata, o ar sério e melancólico da tapuia, e tereis um misto admirável, um todo sedutor, que tal era Joaquinha, a *mameluca*. Os simples vestidos que usava ainda lhe davam maior realce às graças.

³⁵⁷ *Ibidem*, p. 213.

³⁵⁸ *Ibidem*, p. 212.

Seria preciso ver para julgar do ar com que a filha de Serapião trazia a saia curta de riscado azul, e a camisinha de paninho, bordada de rendas, que lhe deixava entrevistas as admiráveis perfeições. Os braços tinha-os sempre nus, e o colo também, apenas ornado de um fino cordão de contas encarnadas que lhe ficavam a matar. Os cabelos caracolados, como os das mulatas, usava-os presos no alto da cabeça por um pequeno pente de borracha. Das mimosas orelhas pendiam brincos de coral falso.³⁵⁹

A sensualidade, marca própria dos romances naturalistas do século XIX, aparece timidamente em *História de um pescador* quando se remete à personagem Joaninha. Na festa no cacau Santo Antônio, do alferes Pinto, acontecem situações marcadas pela lubricidade. Joaninha trajava um vestido, que deixava sobressair suas “cadeiras tentadoras”, além disso “embalçava toda faceira o corpo”.³⁶⁰ Quando chegam à festa, Joana, José, Joaninha e seu irmão, encontram o capitão Fabrício, que chama Joaninha de “bonitinha”, depois acontece a seguinte cena, na frente de todos os presentes: “E o miserável, sob pretexto de apreciar os corais, passou lubricamente a mão pelo colo de Joaninha com um sorriso asqueroso de luxúria”.³⁶¹

Joaninha depois dança toda a festa com o capitão. No jantar, José perde Joaninha de vista. Ao chegar na varanda, vê sua noiva correndo e gritando, saindo de um dos quartos da senzala dos escravos. O capitão Fabrício tinha atentado contra a honra da moça, tendo a desfaçatez de falar que não iria fazer nada, e chama a moça de “apresentada”, ou seja, “descarada”.³⁶² Após a cena, José vai embora com a família da moça, e esta confirma que o capitão tinha tentado agarrá-la.

José também vê sua noiva com lascívia. No capítulo VII, da segunda parte, após o moço ter salvo a jovem da primeira tentativa de rapto, José, dirigindo sua embarcação,

[...] tinha os olhos constantemente voltados para a noiva. As roupas de Joaninha, unidas ao corpo pela água, desenhavam-lhe as formas, deixando mesmo aparecer em alguns lugares o moreno acetinado das carnes. Vendo que a moça tiritava de frio, a Benedita tirou de um balaio algumas roupas e cobriu-a com elas.³⁶³

O contato físico entre José e Joaninha também é descrito, com as atitudes sensuais da jovem. Sobressai primeiramente, quando José se declara à moça, na seguinte cena:

³⁵⁹ *Ibidem*, p. 72-3.

³⁶⁰ *Ibidem*, p. 80.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 82.

³⁶² Conforme Glossário da obra.

³⁶³ SOUSA, 2007, *Op. cit*, p. 147.

Vendo-o tão tímido e acanhado foi a rapariga cobrando ânimo, fez-se mais desembaraçada, e, aproximando-se dele, disse-lhe quase ao ouvido, com os cabelos tocando os do rapaz, e o hálito a beijar-lhe a face.

— E as moças não?

Correu pelo corpo de José um tremor nervoso. Uma sensação enorme de gozo inundou-lhe a alma, dobravam-se-lhe as pernas sob o peso do corpo.³⁶⁴

Após a conversa, que resulta num pedido de casamento, Joaquina sai correndo sem dar uma resposta com palavras, mas volta-se para atirar um beijo a José. A atitude da moça revela traços encontrados em personagens realistas. Em outro momento, temos novamente um encontro entre José e a moça, que resulta finalmente em um beijo. Depois do rapto, os dois brigam, porque Joaquina não quer que José se envolva com o capitão, no meio da discussão ocorre o seguinte:

E o rapaz enlaçava com os braços a delgada cintura da moça. Os seus lábios trêmulos chegavam-lhe às faces, os seus cabelos confundiam-se com os dela. Os seus grandes olhos negros, semicerrados, tinham um brilho amoroso.

José continuou:

— E em paga do que eu faço o que me darás, Joaquina? Um beijo...

E sem mais esperar colou os seus lábios aos purpurinos lábios da jovem.

Joaquina estremeceu; os seus olhos cerraram-se. Coloriram-se-lhe as faces. Desprendeceu-se dos braços do moço, e com uma voz em que se revelava profunda indignação murmurou:

— José!

O rapaz cambaleou. Estendeu os braços suplicantes à moça, e, como esta se retirasse dando-lhe as costas, o pescador endireitou-se e disse áspera e duramente:

— Adeus, Joaquina, eu vou à casa do capitão Fabrício!

A jovem voltou-se rápida, e lançou-se-lhe ao pescoço dizendo:

— José, pelo amor de Deus e pelo bem que me queres não vás brigar com o capitão. Tu não vês que eu gosto de ti? Tu não vês que me maltratas com essa raiva? Acredita que se não fosse uma coisa que não posso dizer-te, eu não me importava...

E sem acabar a frase beijou o rapaz na boca. José sentiu um estremecimento de gozo, vacilaram-lhe as pernas, e teve de apoiar-se em uma árvore para não cair.³⁶⁵

Joaquina dá um beijo em José para conseguir o que quer, convencendo-o de que ele não brigasse com o capitão Fabrício. A garota não explica seus reais motivos e o rapaz também não tem tempo para perguntar, principalmente depois do beijo dado pela

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 77.

³⁶⁵ *Ibidem*, p. 152-3.

menina. O contato físico de Joanhina com José e suas atitudes são marcas características da literatura realista.

Ainda existem os carapanãs, que também aparecem na história, atacando as personagens, dando um efeito de real, e a descrição de cidades como Alenquer e Óbidos, mostrando como eram no século XIX.

Dos primeiros romances de Inglês de Sousa, *História de um pescador* é o livro que mais se debruça sobre a paisagem amazônica, tendo momentos em que o narrador se detém para narrar a tempestade e os rios. Além disso, entra no interior das casas para mostrar o que há dentro delas e como os tapuios viviam. No entanto, a obra não é bem realizada, quando a analisamos esteticamente. Até como folhetim desliza, visto que nem todos os capítulos terminam em suspense, como é de praxe ocorrer nesse gênero literário. Dos livros de Inglês de Sousa, é o único marcado pela descrição da violência – exploração dos tapuios, agressão aos negros e tapuios, tentativa de estupro de Joanhina, tentativa de assassinato de José, assassinato do capitão Fabrício no final do romance. Neste livro, apesar da presença de características realistas, Sousa ainda se vale dos clichês do romance romântico, transformando seu livro em um dramalhão, com um herói romântico vivendo suas peripécias.

4 – O coronel Sangrado: o romance de edições malogradas

As primeiras notícias sobre a publicação em jornal de *O coronel Sangrado* datam de maio de 1876. Como atesta o *Correio Paulistano*, o romance estava sendo publicado na seção “Literatura” do jornal acadêmico *O Constitucional*, que naquele momento, é posto em destaque por defender em seu artigo de fundo o “partido conservador de acusações” injustas, tratando com aspereza o partido liberal.³⁶⁶ Nesse mesmo mês, o jornal que noticia a publicação traz um texto crítico-biográfico sobre Luiz Dolzani, escrito por Carlos Ferreira, apreciado no primeiro capítulo desta tese. As notícias na capital paulista sobre a publicação no *Constitucional* perduram até junho de 1876.

Em janeiro de 1877, com a derradeira publicação em volume de *O cacaulista*, o *Correio Paulistano* afirma que o *Coronel Sangrado*, “brevemente sairá a luz”,³⁶⁷ o que não acontece tão prontamente. Os jornais silenciam sobre o romance, quando finalmente em agosto de 1877 são anunciadas as novidades literárias do próximo volume da

³⁶⁶ CONSTITUCIONAL. *Correio Paulistano*, S. Paulo, 12 maio. 1876.

³⁶⁷ PUBLICAÇÕES. *Correio Paulistano*, S. Paulo, 14 jan. 1877.

Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras: a publicação do romance *O coronel Sangrado* e um estudo de Celso Magalhães sobre a poesia popular brasileira.³⁶⁸

Em outubro de 1877, a primeira parte do 2º volume da *Revista* é publicada com o romance anunciado no número anterior. Esse número do periódico é divulgado nos meses de novembro e dezembro, pelos seguintes periódicos: *Diário de São Paulo*, *Jornal da Tarde*, *Ilustração Brasileira*, *O Globo* e *Diário do Maranhão*, dentre outros.

Na seção “Publicações da quinzena”, da *Ilustração Brasileira*, Franklin Távora divulga o mais recente número da *Revista*, ressaltando que “não desdiz dos anteriores, nem sob o aspecto da forma literária nem sob o dos assuntos que nele vem a lume”. Depois, concentra-se em avaliar *O coronel Sangrado*:

No romance de costumes, intitulado – *O coronel Sangrado* –, oferecemos o Dr. Inglês de Sousa, seu autor, descrições fiéis e animadas da vida dos habitantes do Amazonas.

A natureza esplêndida desta grande região aparece sobriamente reproduzida, não sem graça e interesse, em alguns pontos do trabalho de que estamos tratando.

[...]

O Coronel Sangrado é um novo subsídio da literatura do norte.³⁶⁹

Nesse texto de divulgação da revista e principalmente do romance, Távora ainda transcreve excertos da obra, dando destaque às passagens em que a natureza é descrita, como a carta escrita pela personagem Miguel a bordo do vapor Madeira, em sua viagem de retorno a Óbidos.

Em março de 1878, os jornais já anunciam mais uma publicação para o 2º volume da *Revista Nacional*, editado por Inglês de Sousa e Pinto Ferraz, constando a publicação de *O coronel Sangrado*, que corresponde ao mês de dezembro de 1877. No segundo volume da *Revista Nacional*, Inglês de Sousa publicou os sete primeiros capítulos de *O coronel Sangrado*, cinco na primeira parte do segundo volume e dois na segunda parte. Depois da publicação desses números, não há menção nos jornais sobre outros números do periódico; foram, provavelmente, publicados na *Revista* apenas os primeiros capítulos do romance em questão. Depois disso, há um novo silêncio na imprensa sobre o romance, que é quebrado somente em janeiro de 1881, quando é anunciado pelo periódico paulista *Jornal da Tarde*, a publicação em volume de *O*

³⁶⁸ REVISTA nacional. *Correio Paulistano*, S. Paulo, 16 set. 1877.

³⁶⁹ TÁVORA, Franklin. Publicações da quinzena. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 181, 1º dez 1877.

coronel Sangrado, assinado por Luiz Dolzani, “pseudônimo de um [dos] mais aplaudidos romancistas brasileiros”.³⁷⁰

Não é possível confirmar que o romance foi publicado em livro neste ano, pois não há menção na imprensa sobre a publicação, salvo a nota do *Jornal da Tarde*. Sendo assim, a primeira edição em livro tornou-se uma raridade obscurecida pela falta de informações. No entanto, se o romance tivesse sido publicado em livro em data anterior, precisamente no ano de 1877, data a qual o romance ficou vinculado, a sua venda seria provavelmente anunciada nos jornais paulistas, como ocorreu com os romances *O cacaulista* e *História de um pescador*, divulgados até dezembro de 1879.³⁷¹ Outro fato é que na época não era comum publicar ao mesmo tempo um romance em periódico e em volume, assim sendo, o último número da *Revista* sai somente em 1878,³⁷² praticamente descartando a possibilidade de *O coronel Sangrado* ter sido publicado no ano anterior. Desperta estranheza tanto a ausência de propagandas para comercializar também *O coronel Sangrado*, em decorrência de sua publicação em volume, independente do ano em que foi publicado, como também a parcimoniosa menção ao romance feita por aqueles que se reportaram a Inglês de Sousa.

Franklin Távora, em *A Semana*, no ano de 1887, ao listar os escritores do Norte, refere-se ao romance em sua publicação na *Revista*, não mencionando nada sobre o volume: “Inglês de Sousa deu a lume na *Revista Nacional* o ‘Sineiro da matriz’ e *O coronel Sangrado*, em separado ‘O recruta’, primeiro de uma série intitulada ‘Contos do Amazonas’”.³⁷³ Importantes críticos literários contemporâneos a Sousa também não elucidam a questão. Sílvio Romero, apesar de citar Luiz Dolzani como romancista integrante da segunda fase da Escola de Recife, sendo um dos fundadores do “movimento espiritual” que espalhou “as novas ideias que modificaram a nossa velha intuição romântica,”³⁷⁴ não explicita sobre as obras do autor em seus livros de crítica. Araripe Júnior na análise de *O missionário*, nem ao menos cita as primeiras obras de Sousa. A mesma situação de Araripe é válida para José Veríssimo. Os necrológios de

³⁷⁰ O CORONEL SANGRADO. *Jornal da Tarde*, S. Paulo, 15 jan. 1881.

³⁷¹ Do *Correio Paulistano*: “em letras graúdas, destacam-se no noticiário da *Tribuna* os seguintes anúncios: *História de um pescador*, romance por Luiz Dolzani, vende-se nesta tipografia, a 2.000 o exemplar. *O cacaulista*, de Luiz Dolzani, vende-se nesta tipografia a 2.000 o exemplar”. (*Correio Paulistano*, p. 1, 11 dez. 1879.)

³⁷² Apesar do número corresponder a dezembro de 1877.

³⁷³ TÁVORA, Franklin. Escritores do Norte do Brasil. *A Semana*, 26 nov. 1887.

³⁷⁴ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888. p. 1187.

Sousa também não informam com precisão sobre seus primeiros romances, muitas vezes sem citá-los, pondo em destaque apenas *O missionário* e *Contos amazônicos*.

Somente Rodrigo Octávio, biógrafo do autor, ao resumir as notas bibliográficas de Inglês de Sousa esclarece que *O coronel Sangrado* foi publicado pela primeira vez na *Revista Nacional*, em 1877, e em volume, no ano de 1882, pela Tipografia do *Diário da Manhã*.³⁷⁵ Sem muitos detalhes e explicações, Cavalcante Leite em 2002, afirma que o romance foi “editado em 1882 – mas anunciado, para publicação em fascículos, no número dois da *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, de 1877”.³⁷⁶

Certamente, o romance que é lido hoje pelas edições da Universidade Federal do Pará – a primeira é de 1968 – é oriundo dessa edição rara de 1882, pois os capítulos publicados na *Revista Nacional* apresentam algumas diferenças destas, sendo a mais evidente delas, a nomeação dos capítulos. Quando Lúcia Miguel Pereira, em 1950, portanto antes das publicações da UFPA, levanta a bandeira da importância de Inglês de Sousa para a literatura brasileira, não afirma com exatidão sobre a edição utilizada em seus estudos sobre o autor. Na relação dos “Livros consultados”, encontra-se o seguinte esclarecimento: “faltando a folha de rosto do volume consultado não se podem precisar o lugar e a data da impressão, que *devem ser* São Paulo, 1877”.³⁷⁷

O ano de publicação de *O coronel Sangrado* que se fixou foi 1877. Portanto, a publicação na *Revista Nacional*, que tinha a opção de ser encadernada com requinte, o que provavelmente não ocorreu com a segunda edição, pela tipografia do *Diário da Manhã*, que deve ter sido impressa em brochura. De toda forma, é preciso ressaltar que, se considerarmos a publicação em periódico, o romance é de 1876, pela publicação também de alguns capítulos no jornal *O Constitucional*,³⁷⁸ mas se trata de um jornal efêmero, que não foi tão divulgado como a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*.

³⁷⁵ Nos arquivos consultados não encontramos nenhum exemplar do jornal, apenas notícias do mesmo na imprensa. Em março de 1881, os jornais anunciam a publicação do *Diário da Manhã*, que teria na redação Inglês de Sousa, junto com José Bonifácio, B. Gavião e Laurindo. Mas, o primeiro número do jornal sai somente em julho de 1881, sob a redação de Brazílio Machado. Neste momento, Sousa está em Sergipe, como presidente. A folha é ligada ao partido liberal, de propriedade J. J. Teixeira & Comp., mesma do *Diário de Santos* e da *Tribuna Liberal*. O *Diário* “apoia a situação, e com ela a atual administração provincial, sem que por isso seja em rigor uma folha oficial, sob a imediata inspiração do governo”. (*Diário da Manhã. Jornal da Tarde*, S. Paulo, 1 jul. 1881.)

³⁷⁶ LEITE, Marcus Vinnicius Cavalcante. *Cenas da vida amazônica*: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa. Belém: UNAMA, 2002. p. 106.

³⁷⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957. p. 321. (*grifo nosso*)

³⁷⁸ Deste jornal, também não encontramos nos arquivos consultados nenhum exemplar do jornal, apenas notícias do mesmo na imprensa. Assim sendo, não há como indicar com exatidão quantos capítulos foram publicados.

Nos anos de 1881 e 1882, não há propaganda nos principais jornais paulistas e cariocas divulgando a publicação do romance em volume. Nessa época, a vida de Inglês de Sousa é de grande agitação política. Indubitavelmente essa primeira edição em livro existiu e chegou até nossos dias. É provável que os poucos volumes impressos tenham sido entregues aos parentes e amigos do autor.

Destarte, não é possível falar em repercussão de *O coronel Sangrado*, devido às suas malogradas edições no século XIX. Os poucos comentários e citações da obra são em decorrência da publicação na *Revista Nacional*. Ademais, o romance é apenas lembrado em circunstâncias diversas, como na publicação de *O missionário* em 1891 e nas congratulações pelo aniversário do autor.³⁷⁹ Assim sendo, infere-se que o romance não foi lido por muitas pessoas naquela época, o que reflete também numa ausência de crítica propriamente dita. No século XX, Múcio Leão e Lúcia Miguel Pereira têm papel importante na renovação dos estudos sobre Inglês de Sousa. Como já visto, Múcio Leão reúne os artigos sobre o autor em “Autores e livros” e a estudiosa analisa com minudência o romance em questão.

Para Lúcia Miguel Pereira, Inglês de Sousa conseguiu captar a vida com seus sentidos aguçados e espírito livre em *O cacaulista* e *História de um pescador*, aprimorando essas qualidades em *O coronel Sangrado*, “onde a objetividade rigorosa, tão cara a Flaubert, deixou entretanto ao autor liberdade de movimentos, onde a vida política e social de uma pequena cidade provinciana é pintada com precisão”.³⁸⁰ Além disso, afirma que o livro é “premature; introduziu aqui os novos métodos antes do momento propício”.³⁸¹ Afirmções que podem ser questionadas na atual conjectura. É inquestionável que Sousa trabalha de forma bem mais realizada as características do Realismo nesse romance, chegando até mesmo a ousar em certos momentos, dando ares de Naturalismo, no entanto, o texto que ele escreveu em 1877 não é o mesmo texto de 1882.³⁸²

O coronel Sangrado é composto de 26 capítulos, sendo a continuação do romance *O cacaulista*. Em suma, no romance, a personagem Miguel volta para Óbidos e o coronel Sangrado, chefe local, convida-o por causa de sua rixa com o tenente Ribeiro, para participar de uma campanha política. Miguel não aceita e volta para o sítio

³⁷⁹ O MISSIONÁRIO. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1891./ É HOJE... *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1897.

³⁸⁰ PEREIRA, *op cit.*, p. 160.

³⁸¹ *Ibidem*, p. 160.

³⁸² Inferimos que o texto de 1882, edição rara que não encontramos, seja o mesmo de 1968, na edição da UFPA.

de sua mãe. Mas o coronel vê nele o futuro genro e seu sucessor; assim começa a preparar a carreira política do rapaz, primeiramente como vereador. Os membros do partido do coronel, não compactuando com as ideias dele, armam um golpe para que Miguel não seja eleito, mas a filha do coronel, Mariquinha, descobre tudo e conta para Miguel, no intuito de que ele tomasse alguma providência. Nesse meio tempo, Miguel descobre que sua amada Rita ficara viúva e vai atrás dela. Ao saber que Miguel não foi eleito, o coronel fica gravemente doente e, depois, quando sabe que Miguel estava de casamento marcado com a filha do tenente, tem um acesso de cólera e falece. Mariquinha acaba ficando sozinha.

Os sete capítulos publicados na *Revista Nacional* diferem, não com mudanças substanciais, dos mesmos publicados em livro.³⁸³ Primeiramente, os capítulos foram intitulados da seguinte forma: 1: Na botica, 2: O coronel Sangrado, 3: A bordo, 4: Mariquinha, 5: O recomendado do sr. tenente-coronel, 6: A ideia do coronel Sangrado e 7: No Paranamiri. Os títulos apenas remetem à situação ou à personagem em foco no capítulo. Além disso, o autor ora retira, ora muda algumas palavras, trocando por sinônimos; às vezes exclui frases inteiras, ou mesmo as reescreve. Mas, de toda forma, preserva-se o fio narrativo. As alterações são do mesmo estilo das realizadas pelo escritor na passagem dos contos para o livro, em virtude da publicação dos *Contos amazônicos*. No entanto, duas mudanças chamam a atenção.

A primeira delas é o uso do vocábulo “patológico”, no capítulo 2, que não aparece na primeira publicação, sendo acrescentado em livro. A palavra aparece quando se explica a aptidão do coronel Sangrado com as sangrias: “costuma também ele receitar muitas sangrias, e como sucedeu que em alguns casos **patológicos** não fez mais do que aliviar os males do doente”.³⁸⁴ A palavra é empregada na medicina e este acréscimo pode significar uma preocupação do autor com as novas ideias na literatura, sentidas e divulgadas com mais intensidade na década de 1880.

A segunda alteração também se trata de um acréscimo ocorrido no mesmo capítulo. É um parágrafo longo, abordando a atuação do coronel Sangrado nas eleições:

Tal era o homem na guarda nacional e nas eleições. Quando se tratava de levar votantes à urna, Severino de Paiva era o mesmo comandante de batalhão despótico e malcriado, cheio de iras e de arrotos de importância. Vinha isso de entender ele que em política partidária

³⁸³ Comparo com a segunda edição do livro publicada pela UFPA em 2003, que não difere da publicada em 1968 pela mesma editora.

³⁸⁴ SOUSA, Inglês de. *O coronel Sangrado: (cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EUDFPA, 2003.p. 36.

deviam reger as mesmas leis de disciplina militar que queria fazer prevalecer para a guarda nacional. Para ele, guarda era sinônimo de votante, e estava intimamente convencido de que se o governo lhe confiara o penacho de tenente-coronel comandante, fora para alinhar os votantes como alinhava os soldados, para fazer descarregar cédulas na urna como fazia descarregar as velhas e enferrujadas espingardas dos seus subordinados. O governo, no entender de Severino de Paiva, era uma entidade superior, infalível e toda-poderosa que distribuía patentes e arrecadava votos. Uma derrota eleitoral para o tenente-coronel seria como uma sedição entre os seus guardas, coisa que ele não podia acreditar que jamais acontecesse, porque seria ela uma negação de toda a ordem social, segundo as ideias do digno oficial. A guarda nacional e as eleições eram as duas coisas que mais o preocupavam, e que tinham o poder de mudá-lo completamente, transformar-lhe o caráter e alterar-lhe profundamente os sentimentos.³⁸⁵

As descrições feitas por Inglês de Sousa mostram o voto de cabresto, muito comum durante as eleições no Brasil Império. O coronel Sangrado se porta como um tirano, leva sua função ao extremo e acredita que o governo é uma “entidade superior”, que definia os postos que ocupavam e arrecadava votos. Cego por sua importância e autoridade, não acredita que possa acontecer uma derrota eleitoral, para ele isso seria um crime grave, como uma sedição. Esse parágrafo adicionado na publicação em livro pode revelar que ao reescrever *O coronel Sangrado* o autor se preocupou em retratar a política com mais precisão.

Entre 1877 e 1882, Inglês de Sousa se envolveu profundamente com a política, fundando e editando jornais que defendiam o partido liberal, candidatando-se à deputação e sendo nomeado para importantes cargos públicos. Provavelmente, essa vivência influenciou na reescrita do romance, em que ele incorpora cenas interessantes sobre a temática. Contudo, são apenas suposições, visto que, como não foram publicados os outros capítulos do romance em 1877, fazer afirmações com veemência seria imprudente.

De toda forma, a parte do romance publicada na *Revista* já revela a relação da obra com a estética realista, como nos romances anteriores, *O cacaulista* e *História de um pescador*. Inglês de Sousa corrige o que considerou defeituoso em *História de um pescador*, a descrição das personagens, que apareciam sem que se precedesse o “retrato físico e moral”.³⁸⁶ Em *O coronel Sangrado*, as personagens aparecem e logo são apresentadas, com informações tanto sobre os aspectos físicos quanto sobre os

³⁸⁵ SOUSA, 2003, *op. cit.*, p. 35.

³⁸⁶ Ao leitor. I: SOUSA, H. Inglês de (Herculano Inglês). *História de um pescador*: (Cenas da vida do Amazonas). Belém: EDUFPA, 2007. p. 41.

psicológicos. Percebe-se a apresentação não só das personagens principais, que têm constante atuação no romance, mas também das secundárias, que não têm muita participação na história, mas que se fazem importantes por representarem a região amazônica. A personagem coronel Sangrado é alvo de várias descrições, nas quais o narrador lhe atribui diversas características:

O tenente-coronel Severino (a personagem que acaba de entrar na botica do Anselmo) era um homem magro e comprido, de pequenos olhos pardos, de maçãs salientes e de nariz fenomenal. Em lugar de bochechas tinha concavidades escuras; a boca tinha-a grande e feia, de delgados e pálidos lábios, de dentes magros e enormes. O queixo pontiagudo parecia querer encontrar-se à força com o nariz, as orelhas afastadas do crânio tinham ares de abanos, e os cabelos de um louro ardente, engordurados e corredios, caíam-lhe desmazeladamente sobre a estreita fonte. Uns espessos bigodes da cor dos cabelos, e cortados em forma de escova, cobriam-lhe quase a boca, e um cavanhaque comprido e fino dava-lhe certo ar de petulância burlesca. Pés e mãos enormes. Quando andava sacudia desajeitado os braços e as pernas, e entesava o busto, atirando a cabeça para trás. Vestia quase sempre ampla sobrecasaca de brim branco, calças e colete de ganga amarela, e usava o clássico chapéu-de-manilha. Os enormes sapatos de enfiar trazia-os sempre lustrosos e limpos; em compensação a camisa não atestava muda frequente. As unhas grandes, a barba de três dias, a caixa de rapé e o lenço encarnado.³⁸⁷

A descrição é pertinente aos romances realistas, revelando o feio e o sujo. Mostra-se ao leitor um homem que beira o horror, como uma figura desajeitada e monstruosa, todo desalinhado fisicamente, até mesmo ao andar, sacudindo os braços e as pernas desajeitadamente. O desasseio também é parte dessas características, pois o capitão traz os cabelos “engordurados”, além de “unhas grandes” e “barba de três dias”. A filha do tenente, a Mariquinha, também é apresentada como feia, apesar do narrador mostrar os contrastes ligados à fisionomia da moça:

A filha do tenente-coronel não era uma rapariga bonita, e havia mesmo quem a dissesse feia. Nisto, porém, lhe faziam injustiça. Ela tinha magníficos cabelos castanhos que lhe caíam abundantemente sobre as espáduas, e uns olhos pardos, grandes e lânguidos, quase sempre ocultos por compridas e sedosas pestanas, mas que quando apareciam lançavam um olhar doce, meigo, acariciador. A tez alva e pálida de ordinário, finíssima a pele, o nariz sem graça e comum, grande a boca, mas completos e alvíssimos dentes. O pescoço um tanto comprido, mas bem feito, delgado e flexível o talhe, o busto de perfeição admirável. Os pés e as mãos nem pequenos nem grandes. Tinha quando andava movimentos, ondulações de cobra, requiebro

³⁸⁷ SOUSA, 2003, *op. cit.*, p. 33.

que despertavam o despeito das amigas, que alcunhavam-na de faceira.³⁸⁸

A moça era chamada de feia, feiarrona, velhita, alcunha dada por seu pai e pelas pessoas, quando se referiam a ela. Além disso, o ridículo ronda a moça, que se veste com um vestido, na ocasião em que recebe Miguel em sua casa, que seria como o “supra-sumo do ridículo no Pará”, mas que em Óbidos era a última moda.³⁸⁹ A sujeira e a feiura são características frequentes nas personagens do romance, revelando a descida de tom na literatura e ligando o romance ao Realismo, saindo do idealismo romântico.

Em dois momentos, Inglês de Sousa também deixa clara a influência do meio para a alteração da personalidade das personagens. O tempo passado em Belém muda as ideias de Miguel; no entanto “se a civilização lhe modificara as ideias, não havia tido grande influência sobre os seus sentimentos”:

Miguel, que viveu cinco anos na cidade de Belém, com a sociedade mais culta do Pará, tinha todos os exteriores do homem civilizado, mas ainda conservava muito do antigo pescador do Paraná-Mirim. A vida da cidade conseguira modificar-lhe o caráter e abrandar-lhe o gênio, mas não o curou radicalmente.

O rapaz, diferentemente de outros tempos, almejava agora a paz e a tranquilidade e queria esquecer as injúrias outrora recebidas, mas isto não era mais que uma vitória ganha pela cabeça sobre o coração. Homem ilustrado hoje, ele abjurava as mesquinhas ideias de outras eras, mas, mau grado seu, o coração ainda sentia o espinho de um ressentimento vago que Miguel não ousava confessar a si mesmo. O que dissera ao coronel Sangrado, o que fizera ver em  bidos era o que queria sentir, mas não era o que verdadeiramente sentia.³⁹⁰

O narrador descreve na figura de Miguel uma dualidade entre quem ele realmente era e o que aparentava ser, que também é mostrada em outra passagem, quando descreve o moço no vapor Madeira:

A cabeça constantemente erguida dava ao passageiro do Madeira um ar nobre e altivo, temperado pela placidez das feições. O corpo era elegante, não dessa elegância afetada dos nossos ridículos *gomeux*; mas de uma elegância natural, quase selvagem. Via-se que a vida das cidades dificilmente moldara   sua feição uma natureza virgem. Por vezes, pelos movimentos bruscos que como descuidadamente o assaltavam, via-se perfeitamente aparecer o filho do mato sob o invólucro mentiroso do cidadão. Um observador veria sob as vestes da moda bater o peito do matuto ing nuo e simples. Para os que o cercavam, porém, o passageiro do *Madeira* era um moço do tom que viera trazer da capital as últimas modas e as últimas notícias. Era um

³⁸⁸ *Ibidem*, p. 50.

³⁸⁹ *Ibidem*, p. 49.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 66.

objeto de inveja, porque decerto excitaria a imaginação de todas as moças da terra.³⁹¹

A relação entre o meio e a influência deste sobre a personalidade também é vista na descrição de Mariquinha. Deixa-se claro que, “educada como o fora, a sua incapacidade era real para as lutas do galanteio”. A menina apresentava uma excessiva timidez e um extraordinário acanhamento, mas quando estava com suas amigas íntimas era outra pessoa, existindo “em sua alma aquela contradição frequente nos espíritos que uma educação rigorosa e acauteladora tem enchido de timidez, fazendo-os retrair-se e concentrar-se, tolhendo-lhe as livres manifestações”. A moça se tornou assim por causa da educação recebida da mãe, uma mulher que “não sabia ler nem escrever, grosseira em excesso, de uma baixeza de linguagem e de sentimentos”, que a maltratava e pretendia ter “sobre a filha o direito do senhor sobre o escravo”. A menina, fraca e tímida de caráter, andava sempre com os olhos vermelhos, do “pranto frequentemente vertido”. A moça só não chegou às últimas consequências dessa educação repressora, porque foi levada para Santarém, aos cuidados de uma senhora portuguesa, que conseguiu desenvolver na menina os “dotes de espírito que a primeira educação tinha quase apagado”, adquirindo também “modéstia de maneiras”. De toda forma, a timidez e o acanhamento permaneceram e “as suas grandes virtudes ficavam como que ocultas sob aquele modesto invólucro, e só para quem a conhecesse bem, Mariquinha poderia revelar-se”.³⁹²

Nos capítulos publicados na *Revista* também há uma mudança de foco. Na conversa entre o capitão Matias e Emília, na botica, percebe-se que a pergunta recai sobre se Miguel gostava de Mariquinha, e em livro dá-se o contrário. Tudo isso é perceptível pela mudança de gênero na fala do capitão, de “o moço gosta dela?”, no primeiro texto, para “A moça gosta dele?”, em livro. No capítulo 6, “A ideia do coronel Sangrado”, o narrador já mostra que enquanto na cidade todos falavam do casamento entre Miguel e Mariquinha, o moço, que estava no Paraná-mirim, “ardia pela filha do tenente Ribeiro, e era presa de sentimentos contrários, de uma paixão viva”. Essa frase é retirada da versão em livro, não antecipando acontecimentos futuros e deixando a história se voltar para o amor que Mariquinha sente por Miguel e, no final, sua tristeza.

Emília, que aparece na botica, não tendo outras participações na história, é descrita com sensualidade. A moça, que tem entre 18 e 20 anos, é uma crioula faceira,

³⁹¹ *Ibidem*, p. 41-2.

³⁹² *Ibidem*, p. 56.

escrava do coronel Sangrado. Aliás, a palavra escrava aparece apenas na primeira versão, substituída por crioula. A descrição da moça, que recebe o epíteto de “chibante”, recai sobre seu vestido “extremamente decotado”, usando alecrim e manjerona atrás da orelha; sendo “faceira e dengosa, ria-se a todo o momento, deixando aparecer duas ordens de magníficos dentes, pequenos e afiados”. A descrição de Emília é muito parecida com a descrição de outra negra, encontrada em *O cacaulista*.

Na transposição desses primeiros capítulos para o livro, Inglês de Sousa também retirou uma remissão ao leitor do capítulo 2 – “imagine-a o leitor”-, alguns parênteses com explicações sobre a história (sobre Óbidos – “porque em Óbidos não há quintais murados”, sobre a botica do Anselmo, “como em todas as terras pequenas, era o centro das intrigas” e também sobre o Uricurizal, “não vale dez réis de mel coado”), e as notas de rodapé que informavam ao leitor as passagens que ligam o romance a *O cacaulista*.

A essência de *O coronel Sangrado* já está nos primeiros capítulos da *Revista*, revelando que o autor, como nos outros livros e contos publicados na mesma época, mostra-se filiado à estética realista, *da forma como ele a compreendeu*. No entanto, o título de inaugurador da estética naturalista, por antecipação ao romance *O mulato*, de Aluísio Azevedo, de 1881, dado por alguns estudiosos, é questionável, visto que não é possível afirmar que o romance que se lê hoje é o mesmo publicado em 1877. A versão publicada em livro pode ter sido reescrita, com alterações, exclusões e acréscimos, como se observou nos apontamentos feitos sobre os primeiros capítulos do romance publicados na *Revista*. Cabe ressaltar que Sousa também revisou seus contos para a edição de 1893 dos *Contos amazônicos*.

Nos outros 19 capítulos do livro — ou seja, menos de um terço do romance foi publicado na *Revista* —, há partes interessantes, onde as características do Realismo estão mais bem incorporadas do que nos primeiros romances. A descida de tom é ponto recorrente em diversos momentos da história. O velho Capuxo que conversa com a mãe de Miguel assoava o nariz e limpava na própria roupa. Por causa do calor, o suor escorre pelo rosto das personagens.³⁹³ As descrições dos lugares em que os votantes ficavam esperando o dia da votação, chamados de “viveiros de votantes”, causam asco:

Na sala de visitas e na varanda estavam postas grandes mesas, sobrecarregadas de pratos, de cuias de farinha, de facas, de assados, de peixe, de uma quantidade enorme de comidas; e a um canto um negro tirava de uma pipa copos de aguardente que oferecia aos convivas

³⁹³ *Ibidem*, p. 97 e 169.

deste festim original. Reinava uma alegria ruidosa, cheia de urros e contentamento bestial e de soluções de ébrios; o chão estava imundo, coberto de pedaços de carne, de espinhas de peixe, de grãos de farinha, de escarros nauseabundos e de aguardente derramada; a fumaça espessa dos cachimbos e dos cigarros de tauari enchia a sala, sobrecarregando a atmosfera e assaltando a garganta dos que entravam. Era um quadro curioso e ao mesmo tempo repugnante. Por toda a parte, em sujas e velhas redes de fios de algodão, viam-se estendidos preguiçosamente os votantes, brancos, negros e tapuios, com uma perna fora da rede a embalarem-se, e a outra sobre as cordas; a olhar bestialmente para o teto da casa ou a seguir o movimento dos guardas que passeavam de mãos atrás das costas, conversando com um e outro.

No centro das casas, a mesa com o cheiro de azedo das comidas já tocadas, e os tapuios em roda, uns com a boca cheia de farinha e lambuzada de caldo, outros fartos, estúpidos, sujos, deitados sobre os bancos em uma sonolência de carne satisfeita. Pelos cantos alguns, aborrecidos da rede, sentavam-se, recostando-se à parede, e, de pernas estendidas, cantarolavam com uma voz avinhada e rouca umas cantigas obscenas e sensaboronas; outros, de cócoras, assobiavam e arremedavam bichos. Por toda a parte a embriaguez, o cinismo, a satisfação animal, de envolta, com o cheiro penetrante, ativíssimo e repugnante do álcool, do tabaco e do peixe seco.³⁹⁴

Sobre a sujeira nas cidades e em defesa do processo civilizatório, a personagem Labareda também aponta para os problemas em Óbidos, aos quais os vereadores devem prestar atenção. Eis a fala de Labareda:

— Deus queira que os senhores tomem a peito o bem do município. Olhem que Óbidos já é uma cidade civilizada; é preciso que os nossos vereadores se lembrem disto. Que quer dizer o Manuel do Porto a soltar os cavalos no centro da cidade e o Justino deixar que os bois pastem na rua de São Francisco? Uma coisa que é preciso acabar é com o péssimo costume de criar porcos nos quintais; há de por força fazer mal à saúde. Eu pela minha parte estou disposto a cumprir honrosamente o meu dever, grite quem gritar. Olhem lá – continuou ele abaixando a voz –, não são só os pequenos que não se importam com as posturas. Que é do capitão Batista se mandou capinar a frente da casa? Nem nisso cuida, e, no entanto, ele é que devia dar o exemplo. Eu cá por mim não tenho considerações, grite quem gritar. As ruas estão péssimas, cheias de covões; os 157 lampiões apagam-se às nove horas... dizem que o Caetano compra querosene muito ordinário que o *Remexido* vende por uma ninharia. Ora, isto assim não pode continuar! Óbidos não há de ser toda a vida uma aldeia!

— É sina – observou o escrivão Ferreira.

— Veremos se é sina, eu cá por mim estou disposto a tudo, grite quem gritar. O Sr. Faria, que chegou da capital, deve saber como se governa uma cidade. Vão lá ver se no Pará o Antônio do Cabo cria galinhas no meio da rua.³⁹⁵

³⁹⁴ *Ibidem*, p. 176-7.

³⁹⁵ *Ibidem*, p. 156-7.

Criar galinhas e porcos na cidade e não limpar o mato da frente das casas rebaixam a cidade a uma aldeia. A personagem defende a mudança desses costumes, já que Óbidos é uma “cidade civilizada”. A questão dos atos civilizatórios relacionados à higiene e saúde está relacionada com as ideias científicas da época. Observa-se que no excerto Labareda também se refere à questão da saúde, outra preocupação da época, que resvala na mudança de costumes. Essas passagens que remetem às concepções da literatura realista propriamente dita podem ter sido acrescentadas na reescrita da obra.

O coronel Sangrado critica a ciência médica, mas quando adoece vale-se dela, procurando o famoso médico dr. Benevides, personagem que também aparece em outras histórias de Inglês de Sousa. Conferindo um aspecto de realidade ao romance, o autor opta por registrar as receitas médicas, com os nomes dos compostos químicos, posologia e modo de uso. Além disso, receita uma dieta especial e ordena alguns cuidados com o doente a Mariquinha. Nessa ocasião, as descrições do coronel causam forte impressão realista:

[...] deitado e despido, Severino oferecia um aspecto de magreza quase sinistra.[...] As pernas encolhidas deixavam transparecer os agudos joelhos, que pareciam querer furar as cobertas. O peito, a meio descoberto, oferecia à vista uns ossos longos e umas concavidades escuras. As mãos pendiam-lhe ao longo do corpo, umas mãos longas, ossudas, descarnadas, verdadeiras mãos de espectro. Visto assim, Severino quase inspirava horror; era verdadeiramente feio.³⁹⁶

Após a morte de Severino, é descrita a preparação do corpo para o velório. Fica a cargo da empreita, Perereca, que lava o cadáver com esmero, fazendo a barba do mesmo, penteando os cabelos, o bigode e o cavanhaque, além de vesti-lo com um “uniforme de grande gala”. Depois, explora-se a imagem do corpo no caixão:

Lá estava ele teso, rijo, com os braços pendentes e a bonita espada ao longo da perna esquerda, em atitude de soldado em forma. Os dois grandes pés excediam a capacidade do caixão e ofereciam logo às vistas umas biqueiras de verniz de uns sapatos enormes. O corpo todo parecia um montão de ossos envoltos em um saco de pano azul e ouro. O fino lenço de cambraia que lhe haviam posto sobre o rosto deixava entrever as feições acentuadas. As mãos inertes, cerradas, juntas sobre peito, tinham umas veias grossas e uma cor de cera da terra.³⁹⁷

³⁹⁶ *Ibidem*, p. 210.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 238.

As duas descrições do coronel Sangrado, doente e depois morto, revelam como Inglês de Sousa constrói cenas realistas, circunscrevendo seu romance dentro dessa estética literária. O cientificismo também está presente na obra quando Miguel compara Rita à vitória-régia. Para fazer a comparação o narrador faz uma incursão sobre os viajantes que encontraram e deram o nome à flor amazônica, assim cita os nomes do viajante inglês Thomas Bridges,³⁹⁸ do botânico Haenke³⁹⁹ e do missionário espanhol La Cueva.⁴⁰⁰ Só depois desse olhar científico, que é possível porque Miguel olha a flor e pensa em Rita, o narrador aborda a história da planta.

Nesse instante o amor de Miguel por Rita é renovado. Esse amor que agora não é mais romântico, como em *O cacaulista*, torna-se carnal, como é próprio da literatura realista. Miguel sente uma paixão ardente pela moça, que agora é mulher casada, com uma filha - “a mulher do alferes Moreira fazia-lhe nascer no peito uma tempestade de sentimentos ardentíssimos e de desejos arrebatados”. Observa-se como o narrador descreve os sentimentos de Miguel:

O amor de agora não tinha a sinceridade da afeição de outrora; não era tanto a admiração da pessoa amada que lhe cativava a alma, posto que essa admiração fosse grande; era antes a satisfação de uma vontade forte, um holocausto à vaidade, era um amor que se compunha em partes iguais de desejo, de orgulho e de ódio.⁴⁰¹

Rita não é mais a menina que despertava um amor romântico em Miguel, agora é uma mulher, que desperta uma “paixão abrasadora”. Após o reencontro dos dois, o moço já não dorme pensando nessa paixão, move-se como se estivesse em um “chão de brasas”, mordendo a rede “como se quisesse saciar uma fome incompreensível”. Em Miguel, “a sua natureza ardente e selvagem dificilmente se poderia conter ante o assalto de um bando de desejos de fogo e de raivas impotentes”.⁴⁰² O moço via em Rita somente o seu corpo voluptuoso:

³⁹⁸ Thomas Bridges (1842-1898), missionário inglês.

³⁹⁹ Thaddeus Peregrinus Haenke (1761-1817), naturalista, geólogo e botânico checo. Em *O coronel Sangrado*, o nome é grafado com “r”, Haerke.

⁴⁰⁰ Não encontramos informações biográficas sobre La Cueva, apenas a seguinte informação sobre a história da vitória-régia: “Father La Cueva and Haenke were together in a Pirogue upon the Rio Mamoré, of the great tributaries of the Amazon river, when they discovered in the marshes by the side of the stream, a plant wich was so surpassingly beautiful and extraordinary”. (CURTIS, Willian. *The Botanical Magazine: or flower garden displayed*, etc, v. 3, p. 9., London, 1847.

⁴⁰¹ SOUSA, 2003, *op. cit.*, p. 89.

⁴⁰² *Ibidem*, p. 123.

Aquelas formas potentes e provocadoras tinha-as agora o mancebo diante dos olhos. Os olhos, a boca, o riso de Rita transtornavam-lhe a cabeça. O andar, a graça do talhe, a voluptuosidade das formas despertavam nele umas sensações fortes, dominadoras e agudas. A sua voz meiga, trêmula, provocante, os seus lábios frescos, rosados, úmidos, as suas mãozinhas gordas e macias, o seu pé pequeno, a perna que se adivinhava pelo tornozelo, aqueles fortes e rijos seios ofegantes, tinha-os ele ali, vivos, claros, perceptíveis, tangíveis, e reconhecia a impotência da sua vontade e do seu orgulho diante daquela beleza física que positivamente o atordoava. Era um amor fatal e irresistível, na sua opinião. Uma questão de vida e de morte. Era-lhe preciso Rita, toda inteira, como o ar para respirar. Não podia prescindir dela, queria-a, queria-a a todo o transe. A morte, mesma, não o salvaria das torturas do desejo, porque este o havia de perseguir até no túmulo, tal era a intensidade com que se apoderara do seu corpo.⁴⁰³

Miguel deixou-se dominar por aquela “forte paixão”, que ele pensava ser uma “inspiração fatal e sobre-humana, mas que ao certo não era senão a rebelião tumultuosa de ardentes desejos comprimidos”. Para mudar o rumo da história, falece o marido de Rita, e Miguel tem a chance de ficar com sua amada. No entanto, há alguns impedimentos para esse casamento, como as “tradições de família, conveniências sociais, sentimentos pessoais, tudo”.⁴⁰⁴ O moço passa por cima de todas essas circunstâncias e resolve casar com a viúva; almeja para si uma “vida tranquila, mas cheia de satisfação de desejos por muito tempo nutridos e recalcados no fundo do peito”. Nesse ponto, Inglês de Sousa escreve uma frase voltada para o Naturalismo ao falar de Miguel: “os seus apetites, uns apetites selvagens, punham-se todos alerta, prontos a devorar, com a gana de um bando de cães esfaimados”. O homem aqui ficou reduzido à dominação animal, sobressaindo os desejos da carne mais do que a razão. Esta última impunha o casamento com Mariquinha e não com a viúva Rita.

A questão do amor carnal é um tema que foi abordado por Inglês de Sousa nos seus romances de forma crescente. Percebe-se que há volúpia na descrição de Joaninha em *História de um pescador*; em *O coronel Sangrado*, Miguel se rende ao amor carnal, o que acontecerá também com o padre Antônio em *O missionário*, que não resiste aos encantos de Clarinha. Miguel briga com seus sentimentos por causa das convenções sociais, mas o que prevalece é o animalesco, aspecto característico da literatura naturalista.

⁴⁰³ *Ibidem*, p. 190.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p. 190.

Todos os aspectos apresentados mostram as características da literatura inglesiana antes do livro *O missionário*, no qual hasteia definitivamente a bandeira do Naturalismo. Esses aspectos revelam como o autor tenta se adequar à literatura realista, até chegar à mudança total de postura com o seu último romance. É claro que nos seus primeiros romances e contos mostra-se como um autor mais livre, experimentando ideias e buscando nos romancistas, principalmente estrangeiros, novidades. Todo esse processo apresenta falhas, pois o autor não consegue realizar nessa fase de forma plena um romance de tese, mas consegue sair do convencionalismo romântico.

CONCLUSÃO

*Um bando de ideias novas esvoaçou sobre
nós de todos os pontos do horizonte.*
(Sílvio Romero)

A pesquisa em periódicos é reveladora e contribui para a reconstrução da trajetória de Inglês de Sousa, preenchendo lacunas deixadas pela biografia e bibliografia do escritor paraense. Os jornais pernambucanos trazem a lume não só a crítica literária, ainda desconhecida dos estudiosos do autor, mas também revelam que as ideias modernas fizeram parte do contexto social em que o jovem acadêmico estava inserido. Mesmo sendo esses textos publicados em jornais acadêmicos e efêmeros, são importantes para mostrar como o autor conceituava e entendia o novo movimento estético, o Realismo.

Em sua crítica, o autor resvala em dois escritores fundamentais: Balzac e Stendhal. Ambos são responsáveis por uma importante transformação na literatura, como explica Auerbach:

Quando Stendhal e Balzac tomaram personagens quaisquer da vida cotidiana no seu condicionamento às circunstâncias históricas e as transformaram em objetos de representação séria, problemática e até trágica, quebraram a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual a realidade cotidiana e prática só poderia ter seu lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável, leve, colorido e elegante. Completaram, assim, uma evolução que vinha se preparando fazia tempo (desde o romance de costumes e a *comédie larmoyante* do século XVIII e, mais nitidamente, desde o *Sturm und Drang* e o pré-romantismo) – e abriram caminho para o realismo moderno, que se desenvolveu desde então em formas cada vez mais ricas, correspondendo à realidade em constante mutação e ampliação da nossa vida.⁴⁰⁵

Percebe-se que Inglês de Sousa tenta se espelhar principalmente em Balzac, ao criar seu projeto literário, “Cenas da vida do Amazonas”. Neste traz à tona de forma objetiva o cotidiano da Amazônia, retratando os costumes daquela sociedade, mostrando como as pessoas viviam. As personagens circulam pelas diversas narrativas; como exemplo, temos a personagem doutor Silveira, que narra os contos “O recruta” e “O

⁴⁰⁵ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 499-500.

sineiro da matriz”, mas está presente como ouvinte nos contos “A feiticeira”⁴⁰⁶ e “O acauã”. Como este último refere-se a “Amor que mata”, constata-se que os quatro contos têm uma ligação e que as personagens estão sentadas em uma roda contando as histórias e lendas da Amazônia. Essa roda é composta pelo doutor Silveira, o velho Estevão e o procurador, mas há outras pessoas que escutam atentamente as interessantes narrativas.

Interessante notar que algumas inserções de narrador dos contos estudados poderiam ter sido conservadas pelo autor na publicação em livro para dar a ligação exata entre as histórias. O conto “A feiticeira”, por exemplo, começa com uma frase solta, indicativa do seu narrador, o velho Estevão, e termina da mesma maneira. O vínculo entre os quatro contos citados anteriormente só é claramente perceptível a partir da análise dos textos publicados nos periódicos, o que revelou também uma possível temática entre eles: o conflito entre a ciência e a tradição popular na Amazônia.

Em sua obra ficcional, caracterizada por tratar mais dos costumes da região amazônica do que da paisagem, Inglês de Sousa inclina-se para o viés regionalista. A tendência, concernente ao momento de sua escrita, em que os escritores do período buscavam “fugir do idealismo, obedecendo em geral mais às ideias de seu tempo do que ao seu temperamento”,⁴⁰⁷ é explicada por Lúcia Miguel Pereira:

O recurso regionalista de que se serviram, sem dúvida instintivamente, os que operaram a transição entre o romantismo e o naturalismo, se lhes foi muito útil como meio de libertação, representou por outro lado um desvio. Com efeito, forçando a apreciação da pessoa humana através das peculiaridades do grupo a que pertencia, conferiu a este o primeiro lugar. Depois do *brasileiro*, tivemos o *nortista*, o *gaúcho*, o *matuto* da zona central, como se só por etapas nos pudéssemos aproximar do homem visto em si mesmo, com seus traços pessoais.⁴⁰⁸

A estudiosa exemplifica seu apontamento citando as obras de cunho regionalista de Apolinário Porto Alegre, Taunay, Franklin Távora e Inglês de Sousa, com *O cacaulista* e *O coronel Sangrado*. Nesses autores e em suas obras escritas entre 1869 e 1877, aparecem também outro traço comum: o intuito de observar.⁴⁰⁹

⁴⁰⁶ Como não encontramos o conto nos jornais, apesar das notícias sobre a publicação no ano de 1877, fez-se a comparação pelo conto publicado em livro.

⁴⁰⁷ PEREIRA, *op cit.*, p. 27-8.

⁴⁰⁸ *Ibidem*, p. 36-7.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 37.

Távora é o escritor que levanta a bandeira do regionalismo, defendendo o “espaço regional” e os “valores telúricos”.⁴¹⁰ A defesa aparece no prefácio de *O cabeleira*, de 1876, em que o escritor argumenta a favor da literatura do Norte. Nesse texto explicita ao leitor as razões que o levam a escrever: instruir, moralizar, educar, com o objetivo de autojustificar o papel de romancista na construção do país.⁴¹¹

No programa realista de Inglês de Sousa, o autor defende a literatura nacional e mostra que esta deve estar pautada pelo “princípio de utilidade”, apontando uma questão pertinente à sociedade representada. Para o autor, os que inserem esse “princípio” compreenderam a “missão da literatura”. No que tange à utilidade, que incide no ponto “instruir” de Távora, o escritor não segue à risca seu programa, tenta apenas em algumas narrativas apresentar assuntos verdadeiros, como a Guerra do Paraguai, mostrando um lado da História. É claro que em alguns momentos utiliza a panfletagem, como meio de mostrar objetivamente os problemas da sociedade amazônica.

Ao atacar os folhetins franceses e a literatura rocambolesca, Sousa cita em sua crítica o ato de educar. Para o autor, a imprensa deveria “educar o vulgo”, tentando “desacostumá-lo [...] dos romances franceses”. Por essa afirmação, pode-se inferir que Inglês de Sousa eleva a imprensa como um meio de comunicação influenciador da educação das pessoas e acredita que a literatura já influenciava o povo de igual maneira. Não são os mesmos termos da defesa de Távora, mas refletem-se em sua proposição.

Ainda pela tendência regionalista, Inglês de Sousa concebe seu romance *O coronel Sangrado*, deslocando a narrativa do rural para a cidade. Não só por esse aspecto, mas também pelas características do Naturalismo que aparecem no romance, é que a obra é considerada por diversos críticos como a inauguradora do Naturalismo no Brasil. Em virtude desse tema, Lúcia Miguel Pereira explica os marcos literários da época:

Só quando o realismo se exagerou no naturalismo e ganhou aquela rigidez agressiva que facilitou o êxito retumbante de Zola em França e Eça de Queirós em Portugal, é que se instalou definitivamente aqui, com Aluísio Azevedo. O modelo concreto conseguiu o que não haviam obtido nem as alterações do meio, nem os esforços dos críticos, nem as preferências dos leitores.

⁴¹⁰ FARIA, Sonia Ramalho de. Vertentes regionalistas do nordeste: do regionalismo naturalista de fins do século XIX ao ideário armorial de Ariano Suassuna ou do regional como barbárie ao nacional como visão triunfalista do atraso. I: MACIEL, D. A. V. (org.) *Memórias da Borborema 2: internacionalização do regional*. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 97.

⁴¹¹ *Ibidem.*, p. 104.

As datas são concludentes. *O primo Basílio*, com Eça conquistou a sua nomeada, é de 1878; em 1880, Zola resume em *Le roman experimental* as suas teorias, e em 1881 sai *O mulato*.⁴¹²

Sodré, ao argumentar sobre a “prioridade naturalista”, coloca o “público” como chave fundamental, explicando que cabe a esse “a decisão de tais problemas, e os julgamentos soberanos e definitivos”. O crítico alega que há “muito mais traços naturalistas” em *O coronel Sangrado*, do que em *O mulato*, mas “Inglês de Sousa não conseguiu, entretanto, estabelecer o contato, a comunicação com o público, e permaneceu praticamente esquecido por longos anos, embora a crítica do tempo o tivesse considerado na medida de suas qualidades”.⁴¹³

A publicação dos capítulos de *O coronel Sangrado* na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras* não correspondendo *ipsis litteris* à publicação que temos atualmente, questiona novamente o título de inaugurador da estética naturalista dado ou explicado pelos críticos. Se as fontes apontam para o ano de 1882 como data de publicação em volume, então Inglês de Sousa já conhecia toda a polêmica levantada por *O primo Basílio*, a publicação de *O mulato* de Aluísio Azevedo, a divulgação dos livros de Eça de Queiroz, Flaubert, Zola, e mais perto dele, o livro de Sílvio Romero, *O naturalismo em literatura*. É provável que o argumento principal do romance já estivesse pronto, mas o toque naturalista de algumas cenas, principalmente na modificação do amor de Miguel por Rita, pode muito bem ter sido dado na reescrita. Isso explicaria os traços naturalistas do romance, que chamaram tanto a atenção dos críticos no século XX. Ainda não é possível pôr uma pedra na questão, em relação às modificações feitas pelo autor na reescrita da obra, pois somente com o manuscrito poder-se-ia se afirmar qual o verdadeiro estado da obra no ano de 1877. Pelas evidências levantadas, a disputa entre Inglês de Sousa e Aluísio Azevedo, pela primazia de inaugurador da estética naturalista, está abalada; no entanto, o autor paraense é um realista *avant la lettre* com *O cacaulista* e *História de um pescador*.

É fato que os primeiros romances de Inglês ficaram praticamente restritos a Santos e São Paulo, apesar de serem vendidos no Rio. No entanto, outros motivos podem ser elencados para justificar o pouco destaque dado às obras inglesianas quando foram publicadas, como a ausência de polêmica em torno dos romances. Naquele momento, isso não é um problema para Inglês de Sousa, uma vez que nos caminhos

⁴¹² PEREIRA, *op. cit.*, p. 121.

⁴¹³ SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992. p. 209.

seguidos para construir sua carreira política e jurídica sobram poucos espaços para a literatura, que é deixada em segundo plano. Percebe-se que há uma intensificação da atuação de Luiz Dolzani e, por conseguinte, dos escritos literários de Inglês de Sousa, nos anos de 1876 e 1877. Nesse período era, respectivamente, acadêmico de Direito e recém-formado. O uso do pseudônimo não é por acaso. Luiz Dolzani é o literato e responde pelos textos literários. As crônicas e outros textos de cunho “sério”, ou mesmo as publicações em edições esmeradas, são assinadas com Inglês de Sousa, ou mesmo com o seu nome completo. Mesmo a autoria sendo revelada nos jornais paulistas,⁴¹⁴ Sousa mantém o pseudônimo, indicando sua intenção de diferenciar o romancista do jurista.

O fato é que o autor só é realmente reconhecido por sua literatura com *O missionário*, quando se curva diante de Zola. Nesse livro, já não apresenta, ao “evocar a natureza amazônica”, a mesma “espontaneidade”, que se nota nas primeiras obras.⁴¹⁵ Afrânio Coutinho afirma que:

O excesso naturalista de pormenores torna-lhe a obra cansativa e tediosa. Homem de observação e de análise, só quando se liberta um pouco das regras rígidas do Naturalismo, esquecendo as leis da hereditariedade e do meio, é que se torna mais interessante, dando-lhe quadros palpitantes da vida social e humana das pequenas cidades do interior do Pará.⁴¹⁶

Com efeito, nos primeiros romances o autor paraense é mais livre no trato com a questão amazônica, não executa ideias incorporadas, apenas tenta experimentar em seus romances as características realistas *pelo modo que ele as compreendeu*, visto que seus modelos não são de autores que se consagraram dentro da estética, mas que empreenderam alguma mudança. É claro que em alguns momentos “desvia” da escola, voltando-se para as características da estética romântica, consideradas decadentes naquela época.

Inglês de Sousa tenta empreender uma mudança literária através de sua pena, mas essa é silenciosa. Em seus primeiros escritos percebe-se que o autor se utiliza das

⁴¹⁴ Paulo Inglês de Sousa relata uma passagem interessante envolvendo o uso do pseudônimo. Inglês de Sousa “procurava, num sebo, a sua *História de um pescador*, e ouviu do alfarrabista, velho conhecido seu, a informação de que o livro se havia tornado uma raridade bibliográfica: — Foi escrito por um médico italiano de São Paulo, um tal de Luís Dolzani- disse-lhe o homem./— E que fim levou esse Luís Dolzani?/ — Ah, já morreu há muito tempo...”. (SOUSA, Paulo Inglês de. Inglês de Sousa. I: Barbosa, F. de Assis. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968. p. 118).

⁴¹⁵ PEREIRA, *op. cit.*, p. 162.

⁴¹⁶ COUTINHO, *op. cit.*, p. 244.

teorias aprendidas e incorporadas durante sua passagem pela Faculdade de Direito do Recife e sua participação na “Escola do Recife”, recebendo influência de Sílvio Romero e Tobias Barreto. Mauro Vianna, ao analisar os primeiros romances de Inglês de Sousa, afirma sobre sua filiação estética que:

[...] classificá-los como românticos seria um erro, como naturalistas um exagero, uma apreciação serena julgaria que são mesmo realistas, mas de um realismo brando, documental e sem intenção de provar qualquer teoria científica vigente.⁴¹⁷

Inglês de Sousa tem consciência teórica sobre o Realismo, como se pretendeu mostrar nesta tese. De toda forma, parece evidente que a intenção do autor não é provar qualquer teoria existente, mas experimentar em seus contos e romances as leituras feitas.

⁴¹⁷ BARRETO, *op. cit.* p. 47.

REFERÊNCIAS

Periódicos:

Academia de São Paulo, A (1876)
Álbum, O (1893 – 1900)
Autoridade, A (1875)
Brasil Americano (1875)
Cidade do Rio (1887 – 1899)
Consciência, A (1876)
Constitucional (1875 -1886)
Correio Brasiliense (1874)
Correio Paulistano (1875 – 1899)
Diário de Minas (Ouro Preto, 1875)
Diário de Notícias (1885 – 1895)
Diário de Santos (1876 – 1890)
Diário de São Paulo (1876 – 1882)
Estado de São Paulo, O (1875 – 1899)
Folha do Norte (Belém, 1873)
Gazeta de Campinas (1876 – 1888)
Gazeta de Notícias (1876 – 1899)
Ilustração Paulista (1881)
Imprensa, A (1880 – 1899)
Jornal da Tarde (São Paulo, 1878 – 1881)
Jornal do Recife (1875)
Lábaro (Recife, 1873)
Liberal do Pará (Belém, 1877)
Lucta, A (Recife, 1875)
Mequetrefe, O (1876 – 1899)
Notícia, A (1895 – 1899)
Novidades (1887 – 1899)
Nueva Revista de Buenos Aires (Buenos Aires, 1882)
País, O (1884 – 1899)
Província, A (Recife, 1875)
Revista Brasileira (1879-1898)

Revista de Ciências e Letras (1876)

Revista Ilustrada (1876 – 1898)

Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras (1877)

Semana, A (1918)

Trabalho, O (1873)

Tribuna Liberal, A (1876 -1877)

Livros, contos e artigos de Inglês de Sousa

DOLZANI, L. [Inglês de Souza]. Amor que mata. *A Academia de São Paulo*, São Paulo, 8 maio. 1876. p. 1-2.

DOLZANI, L. [Inglês de Souza]. O baile do judeu. *Indicador Santista*, Santos, 1887. p. 173-178.

DOLZANI, L. [Inglês de Sousa]. Revista Teatral. *A Província*, Recife-PE, 7 out. 1875.

DOLZANI, L. [Inglês de Sousa]. O recruta. *A Academia de S. Paulo*, São Paulo, 2 de abr. 1876, p. 2-3.

DOLZANI, Luiz. [Inglês de Sousa]. O acauan. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, jan.-mar. 1880

H.M. [Inglês de Sousa]. A alma do outro mundo. *A Lucta*, Recife - PE, 30 de ago. 1875.)

H.M. [Inglês de Sousa]. Festa acadêmica. *A Lucta*, Recife - PE, 20 de jul. 1875, p. 4.

SOUSA, H. Inglês de (Herculano Inglês). *O cacaulista: (cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2004.

SOUSA, H. Inglez de (Herculano Inglez). *História de um pescador: (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2007.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. A condição dos índios no Brasil. *A Manhã*. Suplemento literário. Autores e livros. 7 set 1941.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. Iniciação. *Revista do Brasil*, São Paulo, maio-ago. 1916. V II, p. 244-247.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. O selvagem brasileiro. *A Manhã*. Suplemento literário. Autores e livros. 7 set 1941.

SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUSA, Inglês de. Inglês de Sousa. I: RIO, João do. *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Criar, 1994.

SOUSA, Inglês de. *O coronel Sangrado: (cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EUDFPA, 2003.

SOUSA, Inglês de. *O missionário*. São Paulo: Ática, 2001.

Sousa, Inglês. Crônica. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, Agosto 1877. Ano 1, Nº2.

Sousa, Inglês. Crônica. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, Jul-set 1877. Ano 1, Nº1.

Sousa, Inglês. O sineiro da matriz. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, ago 1877. Ano 1, Nº2.

SOUSA, Inglês; RIBEIRO, Antônio. UNIÃO e... *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos – SP, p.4, jul. de 1877.

SOUZA, H. Marcos. Erckmann-Chatrian. *A Autoridade*, Recife - PE, 29 de maio. 1875, p. 3.

SOUZA, H. Marcos. Jacina, A Marabá. *A Autoridade*, Recife - PE, 12 de jun. 1875, p. 4.

SOUZA, H. Marcos. A questão de escola em literatura. *A Autoridade*, Recife - PE, 24 de jul. 1875, p. 4.

Bibliografia

ALONSO, Angela. De positivismo e de positivistas: interpretações do positivismo brasileiro. *Revista Brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, Rio de Janeiro, n. 42, 2º sem 1996.

AMARAL, Pedro. Atualidades. *Revista de Ciências e Letras*, Recife, jun.-jul.1876. p. 149.

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1977.

ANDRADE, Oswald. Dois emancipados: Júlio Ribeiro e Inglês de Sousa. Holanda (org.) *O romance brasileiro (de 1752 a 1930)*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1952.

_____. O manifesto antropófago. I: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

ANDRADE, Romualdo de Souza Paes de. As enchentes do Amazonas. I: SOUZA, Francisco Bernardino de. *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*. Belém-PA: Tipografia do Futuro, 1873.

ARARIPE JÚNIOR. O romance brasileiro – O missionário. *Obra crítica de Araripe Jr. v. II*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Casa de Rui Barbosa, 1966.

_____. Movimento literário do ano de 1893. *Obra crítica de Araripe Jr.* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1966.

ARAÚJO, José Mourão de. *Literatura e história na recepção crítica do conto de Inglês de Sousa*. 2006. 126f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2006. UFPA.

ASPERTI, Clara Miguel. A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa da crônica”. *Contemporânea*, n. 7, 2006.2.

ASSIS, Rosa. Glossário de História de um pescador. I: SOUSA, H. Inglês de (Herculano Inglês). *História de um pescador: (Cenas da vida do Amazonas)*. Belém: EDUFPA, 2007.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Moderna, 2004.

_____. *O mulato*. Maranhão: Tipografia do País, 1881.

AZEVEDO, Ana Vicentini de. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

AZEVEDO, Arthur. *O Álbum*, Rio de Janeiro, abr 1893.

AZEVEDO, DUSILECK, CALLIPO (Org.). *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

AZEVEDO, Silvia Maria. *Brasil em imagens: um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

AZZI, Riolando. A concepção da ordem social segundo D. Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará (1860-1890). *Síntese: revista de filosofia*, v. 7, n. 20, 1980.

_____. D. Antônio de Macedo Costa e a posição da igreja do Brasil diante do advento da República em 1889. *Síntese: revista de filosofia*, v. 3, n. 8, 1976.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968.

BARBOSA, Sidney. Ensaio sobre as relações entre biografia e obra de um escritor: o caso singular de Honoré de Balzac (1799-1850). *Lettres françaises*, Araraquara, SP, UNESP, n. 4, 2001.

BARRETO, Mauro Vianna. *O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa*. Presidente Venceslau – SP: Letras à Margem, 2003.

BARRETO, Tobias. *Crítica de literatura e arte*. Rio de Janeiro: J. E. Solomon; Sergipe: Editora Diário Oficial, 2012.

BARTHES, Roland et alii. *Literatura e realidade* (que é realismo?). Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

BORNECQUE & COGNY. *Réalisme et Naturalisme*. Paris: Hachette, 1958.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2005.

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.

CAMPOS, Humberto de. *Carvalhos e roseiras: figuras políticas e literárias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

_____. *O método crítico de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARULA, Karoline. *As Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)*. 189P. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARVALHO, Adherbal de. *O naturalismo no Brasil*. Estudo sintético de literatura contemporânea. Maranhão: 1894.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Mitologia e processos identificatórios. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 39, 2007.

CHACON, Vamireh. *Formação das ciências sociais no Brasil: Da escola do Recife ao Código Civil*. Brasília: Paralelo 15; Brasília: LGE Editora; São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2008.

CORRÊA, Oscar Dias. Discurso do sr. Oscar Dias Corrêa. I: *Discursos acadêmicos*. 1981-1994. Tomo VI. Rio de Janeiro: ABL, 2010.

CORRÊA, Paulo Maués. *Inglês de Sousa em todas as letras*. Belém: Paka-tatu, 2004.

COSTA, Cristiane. *Penas de aluguel: escritores e jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 4. São Paulo: Global, 2004.

CRUZ, Elaine Ferreira de Oliveira. *Os romances da mocidade 'Cenas da vida do Amazonas' (um discurso narrativo da obra de Inglês de Souza)*. 2003. 98f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém, 2003. UFPA.

CURTIS, Willian. *The Botanical Magazine: or flower garden displayed, etc*, v. 3, London, 1847.

DINIZ, Júlio. *Inéditos e esparsos*. 2ª ed. Lisboa: A Editora, 1910.

DOTTO, Lucimeire Ferrari. *A personagem Miguel e o contraste matutice X civilidade em O coronel Sangrado de Inglês de Sousa*. 2008. Dissertação (Mestre). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – SP, 2008. PUC-SP.

DUARTE, Urbano. O naturalismo. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, jul.-set. 1880.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ERCKMANN-CHATRIAN. *O recruta de Napoleão*. São Paulo: Edição Saraiva, [s.d].

_____. *O amigo Fritz*. São Paulo: Edição Saraiva, 1958.

_____. *O ilustre dr. Mateus*. Rio de Janeiro, 1981.

ESTEVES, Rosa. *Dicionário do Romantismo Literário Português* (Coord. de Helena de Carvalhão Buescu). Lisboa: Editorial Caminho, 1997, pp. 23-24.

ESTRADA, Osório Duque. Contos amazônicos. *O País*, p.1, 23 maio. 1893.

FARIA, Sonia Ramalho de. Vertentes regionalistas do nordeste: do regionalismo naturalista de fins do século xix ao ideário armorial de Ariano Suassuna ou do regional como barbárie ao nacional como visão triunfalista do atraso. I:MACIEL, D. A. V. (org.) *Memórias da Borborema 2: internacionalização do regional*. Campina Grande: Abralic, 2014.

FERREIRA, Carlos Ferreira. Luiz Dolzani. *Correio Paulistano*, São Paulo, 28 maio 1876.

_____. O marido da doida. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 nov. 1877.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FREITAS, Afonso Antônio de. *A imprensa periódica de São Paulo: desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1915. p. 280.

GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1933.

HAMON, Philippe. Um discurso determinado. In: BARTHES, Roland et alii. *Literatura e realidade (que é realismo?)*. Trad. de Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. Prefácio. I: SOUSA, Inglês de. *O missionário*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1946.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Inglês de Sousa: “O missionário”. I: HOLLANDA, Aurélio Buarque. *O romance brasileiro* (De 1752 a 1930). Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOSEF, Bella. *Inglês de Sousa: textos escolhidos*. São Paulo: Agir, 1963.

JUNQUEIRO, Guerra. *A morte de D. João*. Disponível em: <<http://artes.ucp.pt/guerrajunqueiro/revisitardescobrir.html>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

LEITE, Marcus Vinnicius Cavalcante. *Cenas da vida amazônica: ensaio sobre a narrativa de Inglês de Sousa*. Belém: UNAMA, 2002.

LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro*. São Paulo: Itatiaia, 1987.

LOPES, Oscar. Inglês de Sousa. *Suplemento literário d'A manhã*, Rio de Janeiro, p. 53, 07 set. 1941.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MACHADO, Guacira Marcondes. Romantismo e realismo em Le Père Goriot. *Lettres françaises*, Araraquara, SP, UNESP, n. 4, 2001.

MAGALHÃES, Celso de. A poesia popular brasileira. *O Trabalho*, Recife –PE, 30 abr. 1873.

MARQUES, Xavier. Discurso do sr. Xavier Marques. I: *Discursos Acadêmicos*. Tomo II. Rio de Janeiro: ABL, 2006.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira: v 3: 1855-1877*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

_____. *História da inteligência brasileira: v 4: 1877-1896*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

_____. *História da inteligência brasileira: v 5: 1897-1914*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

MÉRIAN, Jean Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

M.F.B. [M. Fernandes de Barros]. Folhetim. *A Lucta*. Recife - PE, 10 set. 1875.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

_____. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MONTELLO, Josué. *Feição polêmica do naturalismo brasileiro apud* OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco*. (1821 – 1954). V. 5. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

NODARI, Alexandre. Modernismo obnubilado: Araripe Jr. precursor da Antropofagia. Disponível em: < <http://www.culturaebarbarie.org/NodariPUC.pdf>>.

OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955.

PACHECO, João. *O realismo* (1870 – 1900). São Paulo: Cultrix, 1971.

PAIM, Antônio. *A filosofia da escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. Introdução. I: SOUSA, Inglês de. *Contos amazônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957.

_____. Inglês de Sousa versus Luiz Dolzani. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1945.p. 1.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. São Paulo: Círculo do livro, [s.d.]

_____. *O primo Basílio*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

_____. Carta a Téofilo Braga. Disponível em: < <http://www.livros-digitais.com/eca-de-queiros/o-primo-basilio/413>> Acesso em: 02/07/2014.

REIS, Artur César Ferreira . *História de Óbidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979.

RIBEIRO, Cristina Betioli. *Um norte para o romance brasileiro: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RIBEIRO, Julio. *A carne*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional/ Departamento Nacional do Livro, 1994.

RISERIO, Antônio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Editora 34, 2007.

ROMERO, Sílvio. A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, out-dez 1879.

_____. *História da literatura brasileira*. (1830-1877). Tomo II. Rio de Janeiro, Garnier, 1888.

_____. *Zeuerissimações ineptas da crítica* (Repulsas e desabafos). Porto: Oficinas do Comércio do Porto, 1909.

_____. *A literatura brasileira e a crítica moderna*. Ensaio de generalização (1880). Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880.

_____. *O naturalismo em literatura*. São Paulo: Tipografia da Província de São Paulo, 1882.

SALDANHA, A. A arte e o realismo. *A luta*, Recife, 30 jun. 1875.

SALDANHA, Nelson. *A escola do Recife*. São Paulo: Convívio; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SALLES, Vicente. Introdução. SOUSA, Inglês de. *História de um pescador; cenas da vida do Amazonas*. Belém: Fundação Cultura do Pará Tancredo Neves/ Secretaria de Estado de Cultura, 1990.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMÕES JR, Álvaro S. Uma geração que sonhou viver de literatura. *Pós- História*, Assis, v.6. p. 87-100, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

SOUSA, José. *A narrativa curta em Inglês de Sousa: uma análise de 'A feiticeira'*. 2006. 104f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2006. UFPA.

SOUSA, Paulo Inglês de. Inglês de Sousa. I: Barbosa, F. de Assis. *Retratos de família*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1968.

SPERBER, Suzi Frankl. Joaquim Manoel de Macedo e a noção de liberdade. I: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 429-439, 1º sem. 2003. p. 435. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta12/Conteudo/N12_Parte04_art01.pdf. Acesso em: 13/02/2014.

STENDHAL. *A cartuxa de Parma*. São Paulo: Globo, 2004.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TAVORA, Franklin. La literatura brasileira – escritores del Norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires, Buenos Aires*, Ano II, Tomo V, Buenos Aires – Argentina, 1882. Ano II, Tomo V.

_____. *O cabeloira*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, [s.d.].

_____. Publicações da quinzena. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 181, 1º dez 1877.

_____. Escritores do Norte do Brasil. *A Semana*, 26 nov. 1887.

TRAVASSOS, Maria do Rosário; MAGALHÃES, Alex; LEVY, Elizabeth. Acauã, o lendário amazônico e suas interseções com a psicanálise. *Trilhas*, Belém, v. 11, n. 22, p. 43, jan./dez. 2009.

VERÍSSIMO, José. *Cenas da vida amazônica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. Um romance da vida amazônica. *Suplemento literário d'A manhã*, Rio de Janeiro, p. 52, 07 set. 1941.

ZOLA, Emile. *O romance experimental e o Naturalismo no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Do romance*: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. São Paulo: Editora Imaginário: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. *Thérèse Raquin*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *Nana*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

_____. Mes haines. In: BORNECQUE, J.H; COGNY, P. *Réalisme et naturalisme*. Paris: HACHETTE, 1958.

ANEXOS

Algumas páginas de periódicos

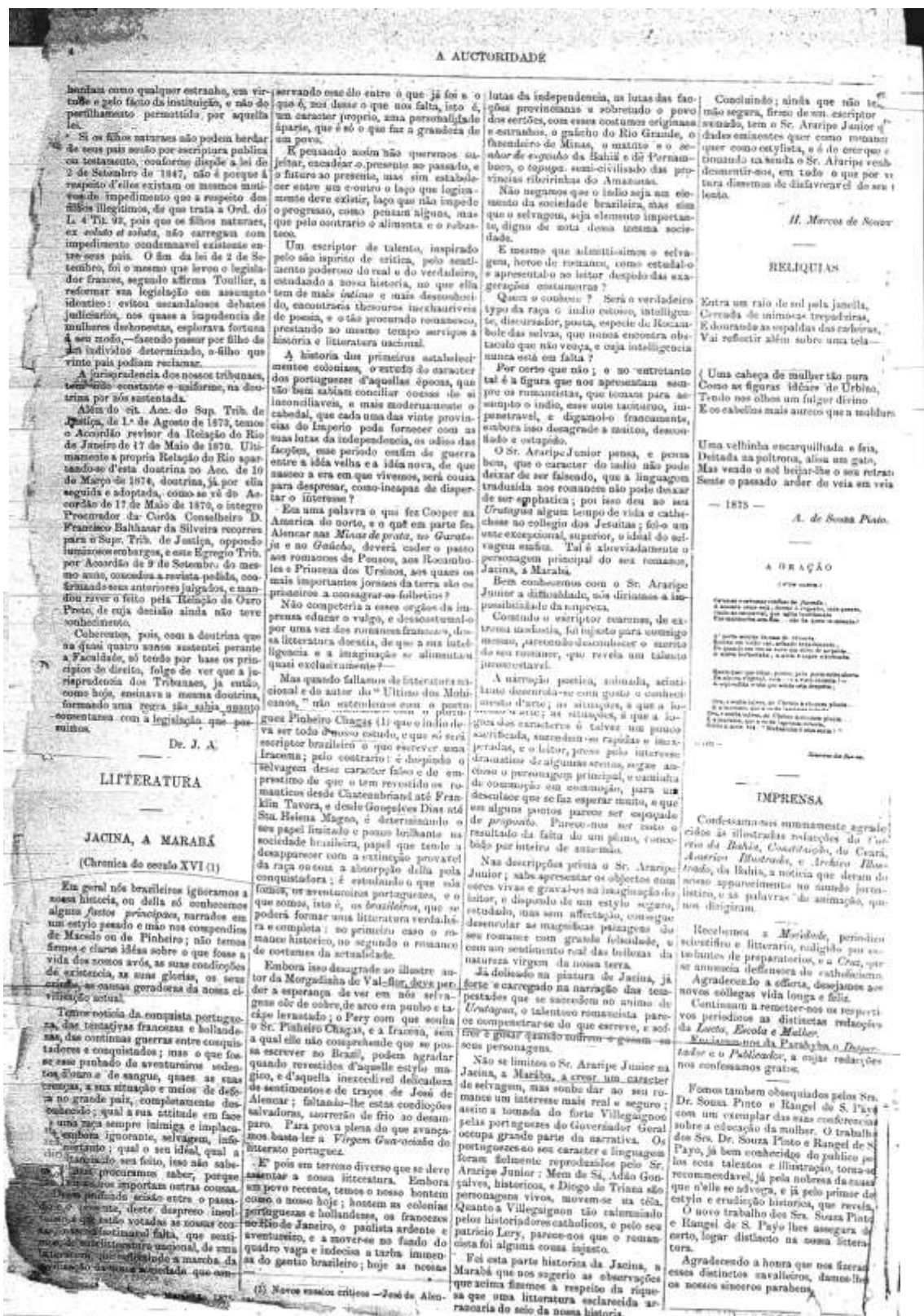


Figura 2: Publicação do artigo "Jacina, a Marabá" no jornal A Autoridade de Recife.
Fonte: A Autoridade, Recife-PE, p. 4, 12 jun. 1875.

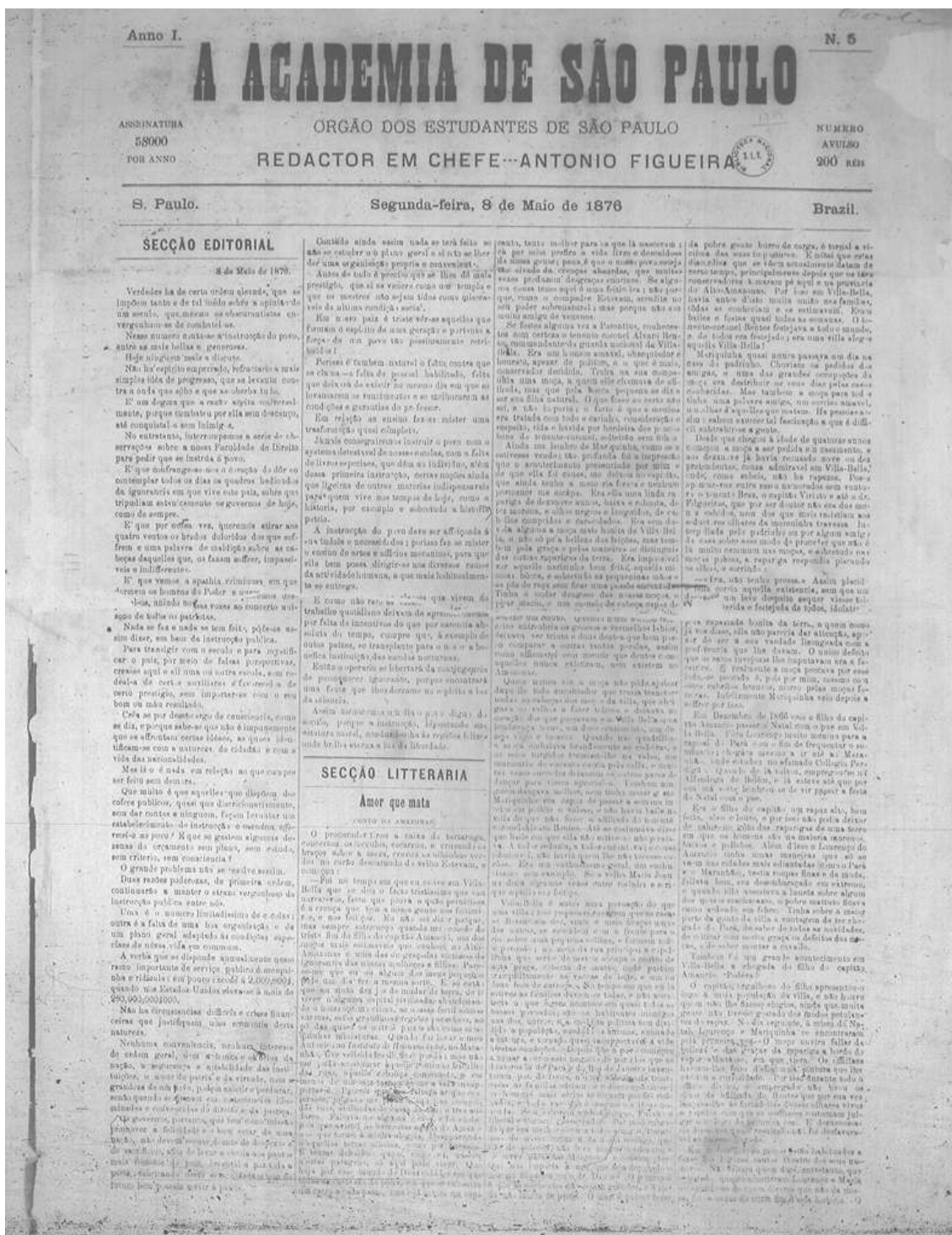


Figura 4: Publicação do conto “Amor que mata” no jornal A Academia de S. Paulo.
Fonte: A Academia de S. Paulo, São Paulo, 8 maio.1876.

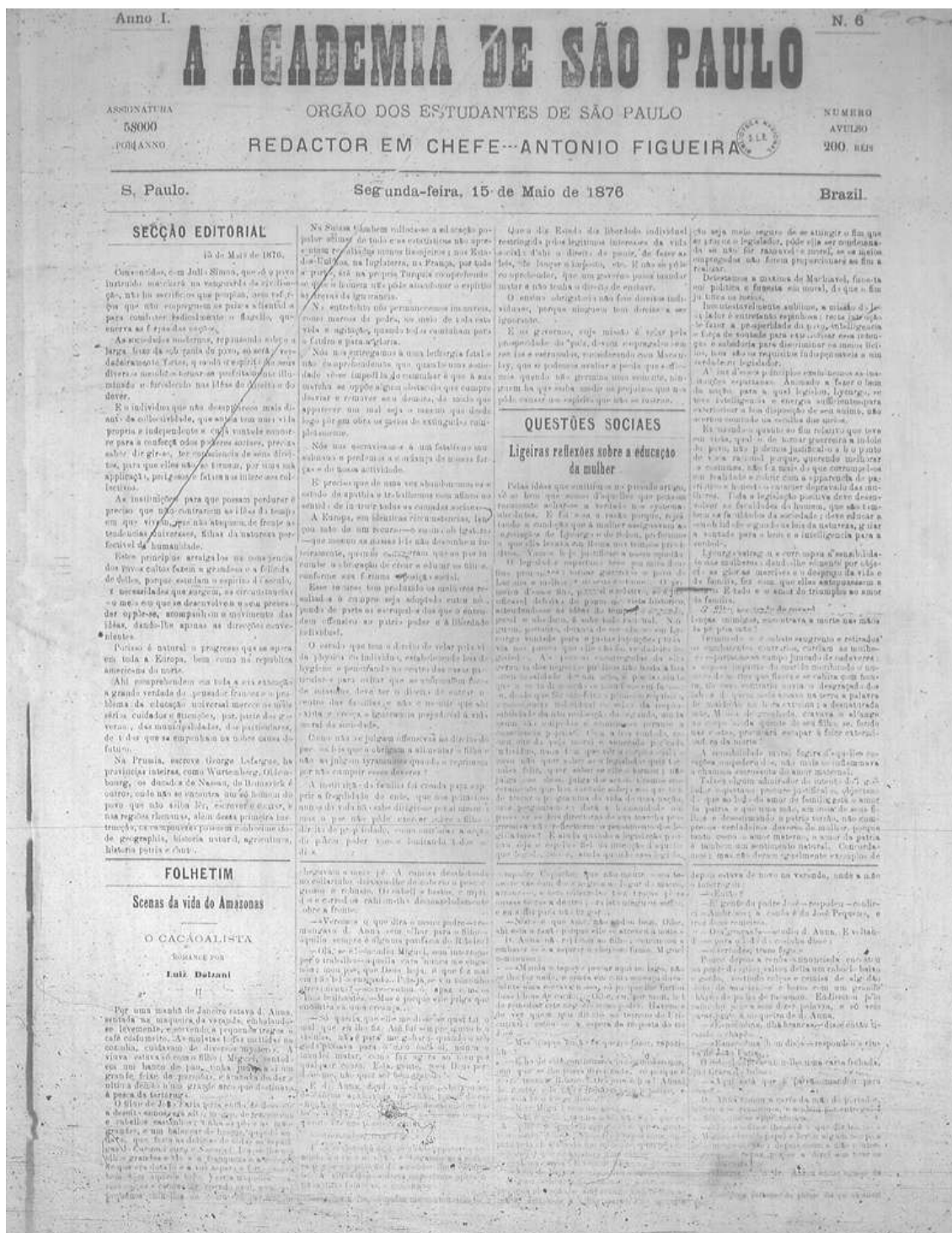


Figura 5: Publicação de *O cacauista* no jornal *A Academia de S. Paulo*.
Fonte: *A Academia de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio.1876.

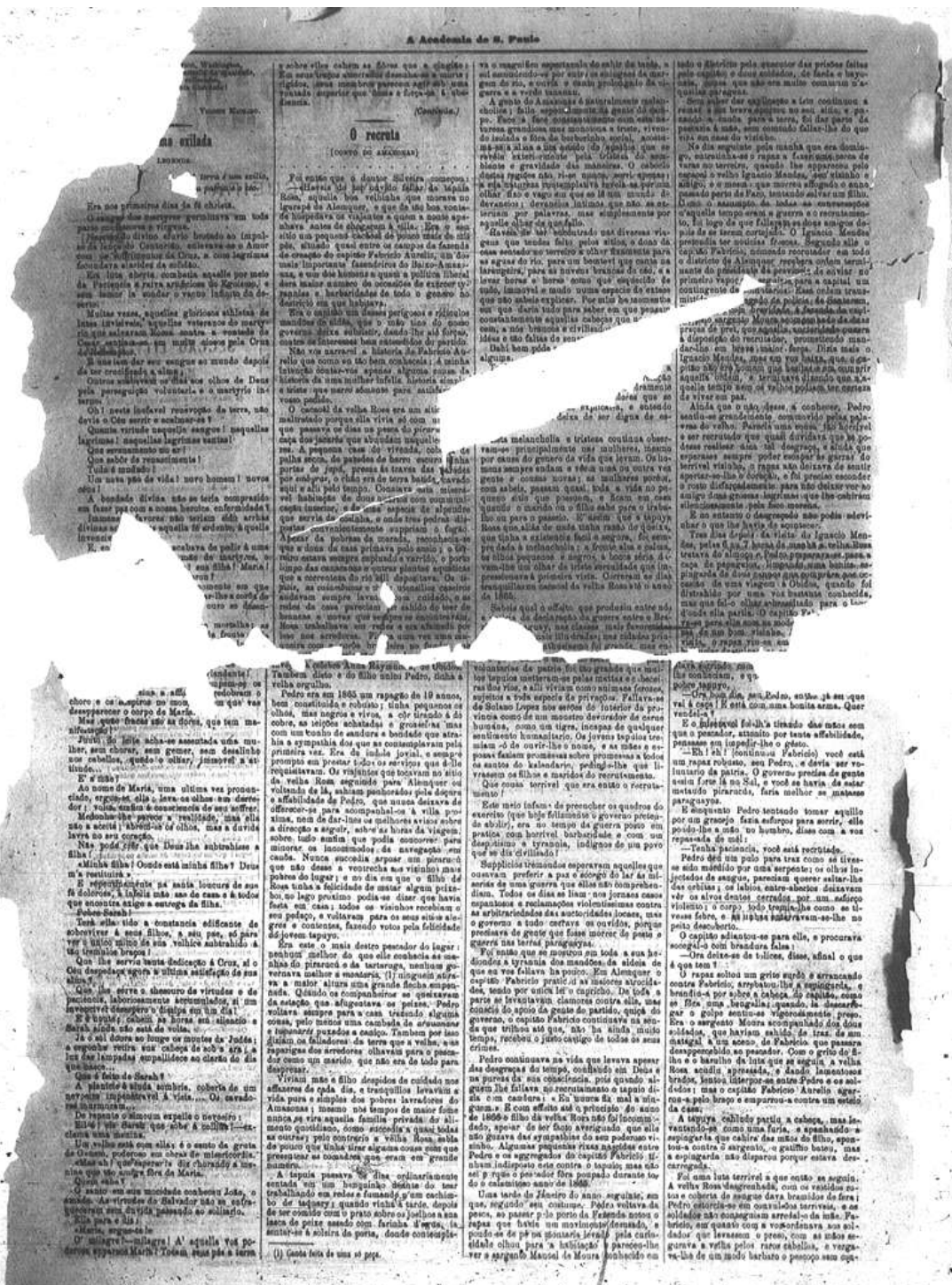


Figura 6: Publicação do conto “O recruta” no jornal A Academia de S. Paulo.
Fonte: A Academia de S. Paulo, São Paulo, 2 abr. 1876.

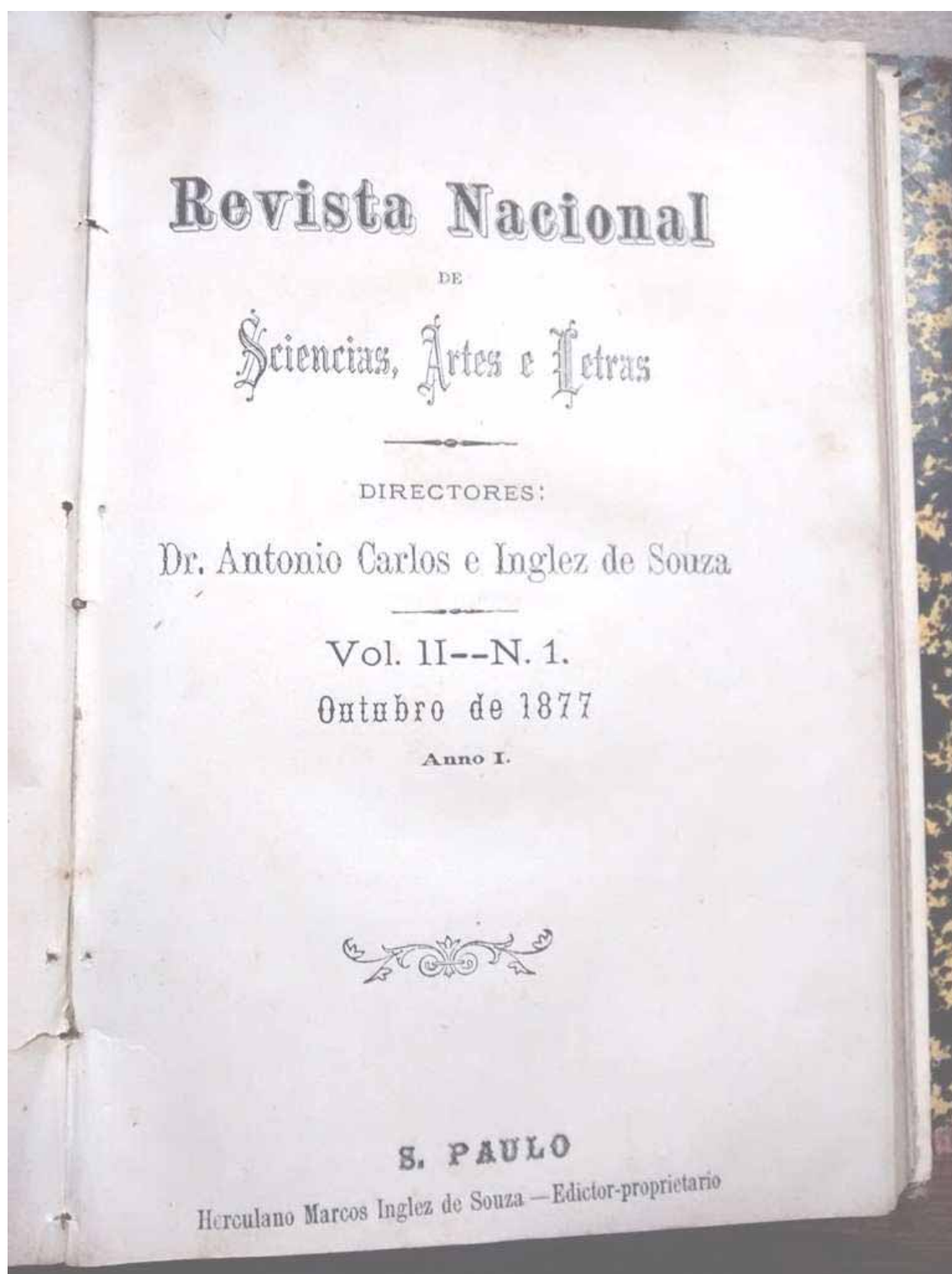


Figura 7: Capa da *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*.

Fonte: *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, São Paulo, out. 1877.

O CORONEL SANGRADO

I

NA BOTICA

Na manhã de um dos ultimos dias de Maio de 1870 trez pessoas de muita consideração em Obidos achavam-se reunidas na ante-sala da botica do sr. Anselmo Pereira, no largo da Cadeia : o escrivão Felix dos Santos Ferreira, o capitão Manoel Mathias e o dono da casa.

O boticario era um homenzinho magro de carão comprido e chupado, e de cabellos longos e raros. Era o jornal da terra, a chronica viva, pois a sua botica, como em todas as terras pequenas, era o centro das intrigas, o lugar escolhido para a palestra pelas pessoas mais importantes da cidade, conservadores e liberaes ; dizia claramente o Anselmo que não tinha politica, que tanto valia para elle o tenente-coronel, como outro qualquer chefe de partido. Na situação liberal o boticario recebera por diversas vezes cartas em que o Dr. B. ..., chefe do liberalismo paraense, lhe pedia a sua intervenção nas eleições municipaes. e depois que subira o partido conservador, por muitas vezes o procurara o tenente-coronel Severino, dizendo que estava authorisado a tratar com elle ; a tudo isto respondia sempre o nosso homem com evasivas e desculpas, procurando evitar a antipathia dos dous partidos, mas tambem sem resolver-se a servir-os. O capitão Mathias accusava-o de obrar assim por pusilanimidade e por interesse da botica, visto como muito soffreria de um dos partidos si se resolvesse a servir o outro ; o capitão jurava mesmo tel-o ouvido dizer uma vez que se julgava a sós com o escrivão Ferreira : «macaco velho não mette mão em combuca. »

Tinha-se o boticario na conta de imparcial porque fallava mal de todos, e não poupava pessoa alguma ; tambem o unico defeito que lhe podiam imputar era esse de maldizer, pois Anselmo levava uma vida regradissima, e possuia em grande escala o admiravel talento de occultar aos olhos de todos a sua vida intima, cousa difficilima n'uma pequena povoação, onde a maledicencia é a unica distracção, é uma cousa estabelecida, com que pessoa alguma se importa, mesmo por-

Figura 8: Publicação de *O coronel Sangrado* na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*

Fonte: *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, São Paulo, out. 1877.

O ACAUAN ⁽¹⁾

(CONTO PHANTASTICO)

Quando o procurador acabou de fallar grande silencio reinava na sala. Todos os corações pareciam oppressos pela compaixão ; a historia de Mariquinha produzira tal sensação que alguns tinham lagrimas nos olhos. O velho Estevam unico de todos os presentes parecia não se ter commovido com a narração do compadre, e encolhia os hombros em signal de indifferença e desprezo ; agitava-se, porém, no banco, e olhava para o Dr. Silveira, espichando o labio inferior. Depois, como si não pudesse resistir ao desejo de dizer algumas cousas que lhe estavam a fazer cocegas nos gorgomilos, começou :

— Isto de não acreditar nos feitiços, dizendo que são venenos, é historia velha. A incredulidade teimosa guerreia a mesma evidencia, adulterando os factos. Diz o dictado que o peor cêgo é o que não quer ver, e o peor surdo aquelle que não quer ouvir. O que admira é que o compadre, que sempre reputei homem de juizo e de religião, se faça orgam dos atheus e dos pedreiros livres. O compadre, que nasceu e criou-se aqui, devia ter presenciado muitos factos que provam a existencia dos feitiços e dos feiticeiros. O que prova a historia do filho do capitão Amancio? Prova, quando muito, ou que a

(1) O *acauan* é uma grande ave de cor pardacenta, que a gente do Amazonas diz ser agoureira. É a inimiga das cobras.
Tomo III.— 43 de fevereiro, 1880.

Figura 9: Publicação do conto “O acauã” na *Revista Brasileira*.
Fonte: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, jan-mar. 1880.

**Textos de Inglês de Sousa em diversos
periódicos**

NOTA SOBRE A TRANSCRIÇÃO DOS TEXTOS

Esta nova versão versa sobre alguns critérios adotados na transcrição dos textos para compor o presente anexo.

A ortografia foi atualizada, de acordo com as normas vigentes. Para respeitar a escrita de Inglês de Sousa, manteve-se a pontuação, mesmo que em alguns momentos o texto não pareça fluente para os leitores de hoje. O uso dos pronomes oblíquos foi conservado, sempre que possível.

As palavras grifadas pelo próprio autor foram mantidas em itálico, tanto as estrangeiras, como as destacadas para dar ênfase em algum momento. Os trechos ilegíveis foram marcados dentro do texto por [...].

Todas as alterações foram feitas tentando respeitar o texto original do autor.

ERCKMANN-CHATRIAN

Balzac foi o primeiro que deu um profundo golpe no romantismo, escola de [...]ssimo, mas efêmero brilho, estu[...] os seus contemporâneos, compreendeu o espírito da época, e a *Comédia humana* apresentou um mundo real e ani[...]ado. Os personagens tiveram uma existência íntima, a sociedade moderna espelhou-se ali com a sua poesia à parte, com tudo o que ela tem de bom ou de mau, e principalmente com a sua face [...]liente, a questão financeira. Em seus romances o tabelião tornou-se um ente mais interessantes que Antony ou Lelia, [...] contratos civis representaram um papel importantíssimo, a *demanda* assumiu as proporções de uma epopeia.

Se Balzac, criando os grandes caracteres, pintava a sociedade, Beyle ocupou-se mais particularmente do *homem*. Tomando por assunto a *alma*, o autor de *Rouge et noir* soube criar tipos, que por serem novos e grandemente originais, não deixaram de ser verdadeiros. De um estilo rápido, incisivo, despido de todas as flores de retórica, a constante preocupação de Beyle é a análise lógica do caráter dos seus personagens: ato por ato, ideia por ideia, sentimento por sentimento, tudo ele nota, tudo ele critica, de forma que não pode o leitor apontar neles a menor inconsequência.

“Os personagens de Stendhal, diz um escritor, vivem só da vida da alma; e é por isso que o romancista narra os maiores acontecimentos com a frieza do observador impassível, e parecendo descuidar-se deles procura somente verificar a impressão que produziram nos seus personagens.

Mas a obra de Balzac, aquela grandiosa concepção da “Comédia humana” ficou sem continuador. Beyle, colocado em terreno desigual limitara-se a mostrar, com o seu admirável talento de psicólogo, quanto era possível tentar fora da senda batida do romantismo.

Depois destes dois grandes vultos, que apesar do que possam dizer alguns críticos, são os verdadeiros fundadores da moderna escola realista em França, o *realismo* apresentou uma face nova, face que pouco a pouco se foi modificando até chegar ao estado em que está. Afastando-se do ponto de vista de Balzac, e circunscrevendo-se a um plano menos vasto, em vez de pintar grandes caracteres, e de encarnar os vícios e virtudes sociais como fizera o autor do *Père Goriot*, procuraram os sectários da nova escola retratar os costumes da sociedade em que vivem, a vida de um povo, as situações e cenas mais íntimas da família; e se nestas condições a literatura perdeu em elevação, ganhou incontestavelmente em verdade. Adolphe Bellot põe sob os

nossos olhos a podridão francesa, e Auguste Barbier riu acerbamente nos Iambos e nas Sátiras.

Os românticos declararam a nova seita incapaz de poesia; François Coppée desmentiu-os brilhantemente, e os *puros* rasgaram de[...]tados as páginas dos *Humildes*.

Guerra Junqueiro acabou a vitória do bom senso, cantando em versos riquíssimos a morte dos Antonys.

O princípio da utilidade foi em breve adotado por distintos escritores realistas; “A cabana de pai Thomaz” concorreu grandemente para a emancipação dos escravos nos Estados Unidos, e em “Minha mulher e eu” Beecher Stowe trabalha surdamente pela emancipação do seu sexo. Entre nós, Macedo, o romântico autor da *Moreninha* e do *Moço Loiro*, escreve as *Vítimas Algozes* palpitante de verdades amargas.

Entre os escritores que têm sabido compreender a missão da literatura nestes tempos, ocupam um lugar distinto os franceses Emilio Erckmann e Alexandre Chatrian.

Estes dois romancistas têm publicado há tempos a esta parte, um grande número de obras, todas têm o cunho da originalidade do que são dotados. Uma simplicidade de estilo, mas simplicidade verdadeira e não afetada, e que por isso mesmo revela todo o trabalho artístico que a produziu, sem que em parte alguma apareçam vestígios desse trabalho, eis um dos caracteres mais salientes dos livros desses autores.

Em todos eles transluz certa *bonhomia alleman*, certa inclinação para ver tudo pelo melhor lado que não desaparecem, nem mesmo nas cenas mais tristes e comoventes; os costumes são pintados com toda a verdade, os personagens têm uma frescura e viveza, que os gravam indelevelmente na imaginação do leitor. Com uma palavra exprimem Erckmann-Chatrian uma ideia precisa e clara.

Ao abrir um desses livros, sente-se logo o leitor à vontade: os tipos aparecem *com toda a decência* e com prévia apresentação, e não bruscamente como em alguns romances, dando assim ao leitor a calma e o tempo de apreciá-los. A narração corre ligeira, animada, interessante, sem que os autores poupem um pormenor, uma palavra que possa representar melhor um objeto. Os quadros têm um cunho de originalidade e um colorido que faz realçar as figuras: são quadros à Teniers. A *vis comica* é admirável, e a ironia muitas vezes fina como no “*Illustre Docteur Matheus*.”

Ninguém sente melhor as belezas da natureza do que Erckmann-Chatrian; as descrições que se encontram nos seus livros, são de um raro mérito; e não que a façam com muitas palavras e extensos pormenores: mas rapidamente e como de passagem aí as vão deixando cintilantes de poesia realista. No meio das maiores tribulações da vida

os personagens dos dois autores lançam um olhar furtivo para a montanha grandiosa ou para o florido prado, e parecem receber conforto destas coisas. Na *Histoire d'un sous-maitre* João Baptista, antes de sair da miserável água furtada em que habita, para entregar-se ao seu penoso lidar, e chamando impacientemente pelo mestre-escola, tem ainda tempo para abrir a trapeira e contemplar o sol a dardejar os raios sobre a encosta do monte.

Outra face saliente e digna de nota do caráter do talento de Erckmann-Chatrian é o interesse que sabem dar a entrecos vulgares por si, — completamente despidos de romanesco, e o que é mais, já conhecidos e tratados por homens como Shakespeare. É assim que *les Deux-freres*, romance cujo enredo é a rivalidade de duas famílias, sendo que o filho de uma delas ama perdidamente a filha da outra e é correspondido, excita e prende a atenção de um modo que envergonharia ao sublime trágico e a Walter Scott. A respeito deste livro, disse Alfredo Saldanha, parodiando o aforismo latino; “Nada é velho debaixo do sol.”

O *Ilustre Doutor Matheus* e o *Mestre Daniel Roch* são os dois romances mais antigos que conhecemos de Erckman-Chatrian.

Ali acham-se em gérmen as grandes qualidades destes autores, e *Daniel Roch* oferece mesmo todo o interesse de um romance de intriga, destacando-se entre os tipos as figuras do velho ferreiro e dos seus dois filhos; nas cenas da montanha e no caráter de Fuldrade, empregaram os dois escritores as tintas mágicas, que deviam mais tarde derramar com pro[...] os “contos fantásticos”. Vê-se com tudo facilmente que quando escreveram estes dois livros, Erckmann-Chatrian ainda não tinham bem percebido qual o lado forte de um talento como o seu.

- O *conscrito de 1813* e *Waterloo* são virulentas filípicas contra a monarquia guerreira de Napoleão Bonaparte; os males da guerra, descritos com um talento pouco vulgar, o desânimo, a miséria das populações pintadas com cores de co[...]o não carregadas, os *bulletins* das batalhas, se assim posso dizer, as lições de tática militar, tudo isso de permeio com aquele estilo que lhes é próprio, com aquela verdade admirável dos caracteres, situações e costumes, faz que consideremos estes dois romances como obras dignas de ser lidas por todos, e de tomar um lugar distinto na literatura destes últimos anos.

A *senhora Theresa*, encantador livrinho de uma poesia toda alemã, o *Bloqueio*, a *Guerra*, *Uma campanha na Kabília*, a *História do plebiscito*, de um ardor patriótico e de uma clareza de vistas que honram sobremaneira a Erckmann-Chatrian, as

Confidências de um tocador de clarineta, os Namorados de Catarina, o Bom tempo antigo, são romances cujo elogio já fizemos quando falamos do talento de seus autores.

A *Taverna do presunto de Mayença* é a epopeia da gastronomia: escrita com um vigor de expressão e um brilho extraordinário de tintas, é um quadro no gênero dos grandes mestres da escola flamenga.

O *Brigulier Frédéric*, que foi pela primeira vez publicado no *Rappel*, tem todas as belezas das outras obras de Erckman-Chatrian, levando vantagem a todas no sentimento. He pungente de verdade a história daquele velho, alsaciano, que depois de ter perdido a casa em que nasceu, depois de ter sido afrontosamente roubado pelos soldados alemães, lá se vai pelos montes cobertos de gelo e pelas extensas planícies em busca de um asilo que lhe negam os dominadores de sua pátria. Que indignação patriótica no livro dos dois escritores! que riqueza e força de expressão! que sentimento real, íntimo, profundo que o leitor mau grado seu partilha! O quadro da morte da filha única de Frederico é de mão de mestre. Aquela agonia lenta e oculta, que se revela no último momento, produz uma impressão fortíssima. Que os detratores da escola realista leiam o *Frederico*.

- Erckmann-Chatrian, republicanos de alma e de coração, escrevem para instruir o povo, porque pensam que a causa de todas as misérias da França é a ignorância das classes baixas; e é por isso que em todos os seus romances, ao alcance de qualquer, a par das belezas artísticas, se veem lições utilíssimas, que têm por fim abrir os olhos do povo sobre seus direitos e seus verdadeiros interesses.

A *Historie d'un sous-maitre*, em que se anatematiza a instrução religiosa nas escolas públicas, e se criticam os meios práticos do melhoramento da instrução primária, é um livro que devia ser traduzido entre nós. E não vão por aí pensar que o livro de Erckman-Chatrian é uma fria exposição ou árida *memória*; não, é um romance de muito interesse para o leitor qualquer que ele seja, como são todos os seus romances. Os *Anos do colégio*, livro que se ocupa da instrução secundária, está no mesmo caso.

Até aqui ainda não falamos dos “Contos” de Erckmann-Chatrian, e principalmente dos “Contos fantásticos”; de propósito deixamos para o fim.

São novos e grandemente originais os contos fantásticos de Erckmann-Chatrian.

Sem deixar o seu costumado estilo os dois escritores entram denodadamente pelo campo da imaginação e produzem *l'oeil invisible*, *Une nuit dans les bois* e *Hugues de loup*, contos ricos de [...] veia artística. *Hugues le loup* sobre [...] do prende a imaginação do leitor pe[...] estranheza medieval de suas cenas, pelo realce dos caracteres,

e pelas descrições espalhadas em todo o conto. Aquele bibliotecário corcunda, só, estudando constantemente no silêncio do gabinete, enquanto as mais espantosas cenas se passam no castelo, é uma felicíssima criação.

A ladra de crianças, conto realista de uma verdade horrível, destoa completamente do modo de escrever de Erckmann-Chatrian.

Entre todas as belezas que se descobrem nas suas obras, nota-se nos dois autores uma falta de variedade no assunto e até nos personagens dos seus romances; as histórias quase todas passadas na Alsacia, na Lorena ou nas províncias limítrofes da Alemanha, onde os costumes são os mesmos, parecem episódios da vida de um homem que existisse sempre na mesma sociedade. Por isso o “*caráter*” é o lado fraco de Erckmann-Chatrian. Os enredos dos romances pouco diferem uns dos outros, e em resumo o seu talento é mais descritivo do que inventivo, mas naquele gênero brilha. Eis a razão porque *Daniel Roch e a Guerra* são inferiores aos outros.

Mais e muito mais poderíamos dizer sobre estes dois escritores, mas o espaço não no-lo consente. Procuramos dizer o essencial, o mais resumidamente possível.

SOUZA, H. Marcos. Erckmann-Chatrian. *A Autoridade*, Recife - PE, 29 maio. 1875, p. 3.

JACINA, A MARABÁ
(Crônica do século XVI)

Em geral nós brasileiros ignoramos a nossa história, ou dela só conhecemos alguns *fatos principais*, narrados em um estilo pesado e mau nos compêndios de Macedo ou de Pinheiro; não temos firmes e claras ideias sobre o que fosse a vida dos nossos avós, as suas condições de existência, as suas glórias, os seus crimes, as causas geradoras da nossa civilização atual.

Temos notícia da conquista portuguesa, das tentativas francesas e holandesas, das contínuas guerras entre conquistadores e conquistados; mas o que fosse esse punhado de aventureiros sedentos d'ouro e de sangue, quais as suas crenças, a sua situação e meios de defesa no grande país, completamente desconhecido; qual a sua atitude em face de uma raça sempre inimiga e implacável, embora ignorante, selvagem, inferior portanto; qual o seu ideal, qual a importância do seu feito, isso não sabemos nem procuramos saber, porque muito mais nos importam outras coisas.

Dessa profunda cisão entre passado e o presente, deste desprezo insultuoso a que estão votadas as nossas coisas, nasce a lastimável falta, que sentimos, de uma literatura nacional, de uma literatura, que refletindo a marcha da civilização da nossa sociedade que conservando esse elo entre o que já foi e o que é, nos desse o que nos falta, isto é, um caráter próprio, uma personalidade à parte, que é só o que faz a grandeza de um povo.

E pensando assim não queremos sujeitar, encadear o presente ao passado, e o futuro ao presente, mas sim estabelecer entre um e outro o laço que logicamente deve existir, laço que não impede o progresso, como pensam alguns, mas que pelo contrário o alimenta e o robustece.

Um escritor de talento, inspirado pelo são espírito de crítica, pelo sentimento poderoso do real e do verdadeiro, estudando a nossa história, no que ela tem de mais *íntimo* e mais desconhecido, encontraria tesouros inexauríveis de poesia, e o tão procurado romanesco, prestando ao mesmo tempo serviços a história e a literatura nacional.

A história dos primeiros estabelecimentos coloniais, o estudo do caráter dos portugueses daquelas épocas, que tão bem sabiam conciliar coisas de si inconsoláveis, e mais modernamente o cabedal, que cada uma das vinte províncias do Império pode fornecer com as suas lutas da independência os ódios das facções, esse período enfim de

guerra entre a ideia velha e a ideia nova, de que nasceu a era em que vivemos, será coisa para desprezar, como incapaz de despertar o interesse?

Em uma palavra o que fez Cooper na América do Norte, e o que em parte fez Alencar nas *Minas de prata*, no *Garatuja* e no *Gaúcho*, deverá ceder o passo aos romances de Ponson, aos Rocamboles e Princesa dos Ursinos, aos quais os mais importantes jornais da terra são os primeiros a consagrar os folhetins?

Não competiria a esses órgãos da imprensa educar o vulgo, e desacostumá-lo por uma vez dos romances franceses, dessa literatura doentia, de que a sua inteligência e a imaginação se alimentam quase exclusivamente?

Mas quando falamos de literatura nacional e do autor do “Último dos Moicanos”, não entendemos com o português Pinheiro Chagas⁴¹⁸ que o índio deva ser todo o nosso estudo, e que só será escritor brasileiro o que escrever uma Iracema; pelo contrário: é despindo o selvagem desse caráter falso e de empréstimo de que o tem revestido os românticos desde Chateaubriand até Franklin Távora, e desde Gonçalves Dias até Sta. Helena Magno, é determinando o seu papel limitado e pouco brilhante na sociedade brasileira, papel que tende a desaparecer com a extinção provável da raça ou com a absorção dela pela conquistadora; é estudando o que nós fomos, os aventureiros portugueses, e o que somos, isto é, os *brasileiros*, que se poderá formar uma literatura verdadeira e completa: no primeiro caso o romance histórico, no segundo o romance de costumes da atualidade.

Embora isso desagrade ao ilustre autor da Morgadinha de Val-flor, de perder a esperança de ver em nós selvagens cor de cobre, de arco em punho e tacaie levantado; o Pery com que sonha o Sr. Pinheiro Chagas, e a Iracema, sem a qual ele não compreende que se possa escrever no Brasil, podem agradar quando revestidos daquele estilo mágico, e daquela inextinguível delicadeza de sentimentos e de traços de José de Alencar; faltando-lhe estas condições salvadoras, morrerão de frio ao desamparo. Para prova plena do que avançamos basta ler a *Virgem Guaraciaba* do literato português.

É pois em terreno diverso que se deve assentar a nossa literatura. Embora um povo recente, temos o nosso ontem como o nosso hoje; ontem as colônias portuguesas e holandesas, os franceses no Rio de Janeiro, o paulista ardente e aventureiro, e a mover-se no fundo do quadro vaga e indecisa a turba imensa do gentio brasileiro; hoje as nossas lutas de independência, as lutas das facções provincianas e sobretudo o povo dos

⁴¹⁸ Novos ensaios críticos – José de Alencar. (Nota do A.)

sertões, com esses costumes originais e estranhos, o gaúcho do Rio Grande, o fazendeiro de Minas, o matuto e o *senhor de engenho* da Bahia e de Pernambuco, o *tapuia* semicivilizado das províncias ribeirinhas do Amazonas.

Não negamos que o índio seja um elemento da sociedade brasileira, mas sim que o selvagem, seja elemento importante, digno de nota dessa mesma sociedade.

E mesmo que admitíssemos o selvagem, herói do romance, como estudá-lo e apresentá-lo ao leitor despidido das exagerações costumeiras?

Quem o conhece? Será o verdadeiro tipo da raça o índio estoico, inteligente, discursador, poeta, espécie de Rocambole das selvas, que nunca encontra obstáculo que não vença, e cuja inteligência nunca está em falta?

Por certo que não; e no entretanto tal é a figura que nos apresentam sempre os romancistas, que tomam para assunto o índio, esse ente taciturno, impenetrável, e digamo-lo francamente, embora isso desagrade a muitos, desconfiado e estúpido.

O Sr. Araripe Júnior pensa, e pensa bem, que o caráter do índio não pode deixar de ser falseado, que a linguagem traduzida nos romances não pode deixar de ser empática; por isso deu ao seu *Urutagua* algum tempo de vida e catequese no colégio dos Jesuítas, fê-lo um ente excepcional, superior, o ideal do selvagem enfim. Tal é abreviadamente o personagem principal do seu romance, Jacina, a Marabá.

Bem conhecemos com o Sr. Araripe Júnior a dificuldade, nós diríamos a impossibilidade da empresa.

Contudo o escritor cearense, de extrema modéstia, foi injusto para consigo mesmo, parecendo desconhecer o mérito do seu romance, que revela um talento incontestável.

A narração poética, animada, cintilante desenrola-se com gosto e conhecimento da arte; as situações, a que a lógica dos caracteres é talvez um pouco sacrificada, sucedem-se rápidas e inesperadas, e o leitor, preso pelo interesse dramático de algumas cenas, segue ansioso o personagem principal, e caminha de comoção em comoção, para um desenlace que se faz esperar muito, e que em alguns pontos parece ser espaçado de *propósito*. Parece-nos ser isto o resultado da falta de um plano, concebido por inteiro de antemão.

Nas descrições prima o Sr. Araripe Júnior; sabe apresentar os objetos com cores vivas e gravá-los na imaginação do leitor, e dispondo de um estilo seguro, estudado, mas sem afetação, consegue desenrolar as magníficas paisagens do seu romance com

grande facilidade, e com um sentimento real das belezas da natureza virgem da nossa terra.

Já delicado na pintura de Jacina, já forte e carregado na narração das tempestades que se sucedem no ânimo de *Urutagua*, o talentoso romancista parece compenetrar-se do que escreve, e sofrer e gozar quando sofrem e gozam os seus personagens.

Não se limitou o Sr. Araripe Júnior na Jacina, a Marabá, a criar um caráter de selvagem, mas soube dar ao seu romance um interesse mais real e seguro; assim a tomada do forte Villegaignon pelos portugueses do Governador Geral ocupa grande parte da narrativa. Os portugueses no seu caráter e linguagem foram fielmente reproduzidos pelo Sr. Araripe Júnior: Mem de Sá, Adão Gonçalves, históricos, e Diogo de Triana são personagens vivos, movem-se na tela. Quanto a Villegaignon tão caluniado pelos historiadores católicos, e pelo seu patrício Lery, parece-nos que o romancista foi alguma coisa injusto.

Foi esta parte histórica da Jacina, a Marabá que nos sugeriu as observações que acima fizemos a respeito da riqueza que uma literatura esclarecida arrancaria do seio da nossa história.

Concluindo; ainda que não tenha a mão segura, firme de um escritor consumado, tem o Sr. Araripe Júnior qualidades eminentes quer como romancista quer como estilista, e é de crer que, continuando na senda, o Sr. Araripe venha a desmentir-nos, em tudo o que porventura dissemos de desfavorável ao seu talento.

SOUZA, H. Marcos. Jacina, A Marabá. *A Autoridade*, Recife - PE, 12 de jun. 1875, p. 4.

A QUESTÃO DE ESCOLA EM LITERATURA

Temos visto ultimamente, entre nós, escrever-se muito sobre a questão de escola em arte, e ainda sobre o grande debate entre o romantismo e realismo com opiniões diversas, diversos modos de entender a arte, e de apreciar o espírito da literatura moderna.

Apesar de já ter passado o tempo da glória da escola romântica, de estar por assim dizer esquecida a contenda da geração de 1830, ainda se discute e se fala muito nela, e alguns parece-nos que têm mal compreendido o verdadeiro espírito daqueles que pugnam pela marcha da ideia literária, de acordo com o progresso científico e material que se realiza por toda a parte, daqueles que preferem a crítica sã da vida social às estéreis divagações de uma imaginação enferma.

São eles, os realistas, os acusados de quererem matar toda a inspiração, sepultar o ideal debaixo das ruínas da velha escola, matar com o frio positivismo a poesia, alheia às pequenas e prosaicas coisas da vida real. São eles, os realistas, os acusados de pretenderem banir inteiramente o ideal do domínio da arte.

Vejamos.

Num bem elaborado artigo, publicado no jornal, a *Escola*, o inteligente Sr. Altino de Araújo diz: “O real é o objeto fora de nós; o ideal é o objeto tal qual nós percebemo-lo e sentimo-lo... segundo o artista ou o poeta tender mais à pintura da realidade em si mesma, ou conforme a seus sentimentos, conforme ela aparece ao seu espírito, ele será realista ou idealista” E disto conclui que a questão entre realismo e idealismo é questão de mais ou de menos.

Achamos perfeitamente justa a diferença assim estabelecida entre as duas escolas, mas tiramos consequências contrárias às do ilustrado articulista, parecendo-nos ser enorme a diferença entre a pintura da realidade em si mesma, e a pintura conforme os sentimentos do artista, entre os dados da observação, e os da imaginação, entre o objetivismo e o subjetivismo, se assim nós podemos exprimir.

A escola crítica, pois, observando e estudando está a imensa distância da escola puramente idealista; e o artista da nova seita, aprofundando o modo de ser das sociedades, e tomando por fito o que existe, em oposição completa com o artista que, no dizer do Sr. Altino, pinta a realidade conforme os seus sentimentos. Qual das duas escolas deve sobrepujar a outra, qual dos dois artistas esteja mais de acordo com o progresso da arte, que o diga a vitória universal das ciências de observação sobre as

ciências de invenção, da ciência positiva sobre a metafísica, que o diga a tendência eminentemente crítica do século.

E se compararmos aqui a arte com a ciência, é porque entendemos que aquela não pode ficar estacionaria quando esta caminha, que arte não deve ficar envolta nas faixas do que é puramente ideal quando a ciência se liberta por uma vez delas. O resultado disso seria infalivelmente que o artista estaria em perfeito antagonismo com a sociedade em que vive, que a arte não seria mais do que uma vaga aspiração, deixaria de ser prática para ser absurda, incoerente, perigosa, e que teria inquestionavelmente razão o legislador que, imitando Platão, banisse o poeta da República.

A literatura, ainda que influa grandemente sobre os costumes, não deixa também de ser o espelho da vida e pensamento de uma época, de um povo. Por isso é que na infância dos povos, a poesia sobe ao grandioso vago, que exprime a aspiração para o desconhecido, e canta a grandeza dos deuses, o maravilhoso, na ausência da ciência dos conhecimentos práticos. Mas querer fazer vigorar o idealismo (notem a palavra) na mais prática das épocas, no mais crítico dos séculos!

Portanto entendemos que a literatura, especialmente, há de ser *sábia*, há de conhecer os meios de ação, as condições de existência dos homens, há de fazer um profundo estudo do coração humano, assim como da vida social. Há de ser principalmente verdadeira porque faltando-lhe esta condição perde a sua significação e a sua razão de ser; há de ser *realista*, porque o mundo não é exclusivamente habitado por poetas, porque, os dramas obscuros, mas comoventes da vida comum, são dignos de estudo, porque nunca se poderá formar ideia exata de um século, de um povo, somente pelo que está à flor deles, somente pelas grandes ideias, grandes sentimentos e caracteres, que entusiasmam o poeta, mas que não podem verdadeiramente representar esse século, esse povo.

Sem dúvida asoberba-nos a magnífica poesia de *Eviradnus*, mas não vemos que o cavaleiro andante seja a Idade Média, que *Eviradnus* seja o povo daqueles tempos. Para nós a melhor refutação do seu Werther deu-a Goethe no *Wilhelm Meister*.

“Vós banis o ideal do domínio da arte!”

Não; o idealismo não é o ideal; o primeiro é o abuso do segundo, assim como o sentimentalismo é o abuso do sentimento.

Que estudando a vida social, que aprofundando as chagas humanas, o escritor se eleve e encare a realidade de um ponto mais geral, deixando a exceção para seguir a regra, sendo assim mais verdadeiro; que dê mesmo o colorido ideal à sua obra, que

encarne os vícios e virtudes sociais, exagerando de leve as personagens, mas fazendo-as verdadeiras, profundas, vivas, que num tipo resuma uma época, uma sociedade, ou parte dela, admitimos, apreciamos. Será isto o que quer o Sr. Altino de Araújo? É preciso ver, porém, que não é isto o idealismo, que colocando-se fora da verdade, abusa do ideal, como já dissemos.

Mesmo assim entendemos que o *realismo*, no sentido em que comumente se toma esta palavra, não é incompatível com a arte. Pois não haverá na vida de todos os dias, na vida real, dramas que interessem ao leitor, caracteres dignos de estudo, situações cheias de vida e de interesse? Serão os costumes e relações sociais tão desprezíveis, que neles não se possa encontrar uma poesia vigorosa e sã, livre de exageros? E se encaramos a questão pelo lado prático e utilíssimo (que não façam careta os poetas) não será mais de desejar que a poesia deixasse a velha flor azul do sentimentalismo, na frase de Guerra Junqueiro, para cantar o sentimento íntimo e verdadeiro? Não seria preferível que a arte fosse mais deste mundo, que deixasse dormirem em paz os cavaleiros andantes, e se ocupasse do homem moderno, o homem do trabalho, estando assim mais de acordo com o século?

E quanto ao dizer-se que o realismo quer a ciência e não o belo, e que não será artista o escritor que só cuidar em *copiar*... Julgarão talvez que o artista que conseguir reproduzir na tela a verdade com cores vivas e profundas nada terá feito?

Julgarão que o escritor realista é alheio à inspiração?

Que na escolha dos caracteres, das situações, do enlace, na contextura, em tudo enfim, não se possa revelar o que convencionou-se chamar inspiração?

É erro que evidentemente demonstraram Coppée, Beecher-Stowe, Erckmann-Chatrian, Macedo e Alencar algumas vezes, Bernardo Guimarães, Generino dos Santos também algumas vezes, Delaberge, Theodore Rousseau, Leleux, além de outros sem falar de Balzac e dos grandes mestres da Escola Flamenga.

Algumas pessoas, porém, querem que apreciemos más poesias e maus romances, admirando-se da nossa má vontade, porque dizem eles:

“Olhe que é realista.” Tínhamos seriamente desejo de dar-lhes a ler o *Cascabulho louro* de A. Holanda, as poesias da Senhora Tiburtina ou quejandas, dizendo: “Não gostam? É romantismo puro!”

Mas somos generosos.

Em resumo se em uma balança se colocassem os *Mártires* o *Atala*, o *Renato* de Chateaubriand; a *Corina* e a *Delfina*, de Mme. Stael; o *Raphael* de Lamartine; as obras

completas de Dumas Pai, e em outra a *Comédia humana*, para nós é certo que a balança que contivesse as obras de Balzac pesaria mais.

A propósito de Balzac, diz um articulista da *Lucta*:⁴¹⁹

“Balzac é quase sempre interessante; mas a curiosidade com que acompanhamos muitas das suas profundas análises é antes a avidez científica de um investigador do que o inefável arroubo do coração que sente e admira.”

Não; não é isto o que nos sucede com a leitura de Balzac. Ainda que seja uma das suas virtudes incontestáveis, talvez a sua maior glória, a análise lógica dos caracteres, contudo ele é também artista, e para nós a cena de agonia do *Père Goriot* é um dos quadros mais artísticos e mais comoventes que temos encontrado. *A Moça dos olhos de ouro*, a *Duquesa de Langeais* e a maior parte dos romances de Balzac possuem cenas que em nada cedem as dos maiores artistas; e a prova de que o interesse que ele desperta não é, como diz o colega, a avidez científica de um investigador é que muito antes de ser compreendido no seu país o autor de *Eugenia Grandet* era imensamente lido.

SOUZA, H. Marcos. A questão de escola em literatura. *A Autoridade*, Recife - PE, 24 de jul. 1875, p. 4.

⁴¹⁹ Falta nota. O jornal põe a indicação de uma nota, mas não a publica.

FOLHETIM

FESTA ACADÊMICA

Muito tempo havia que não se festejava o dia 11 de agosto.

Esquecimento imperdoável dos que se alimentam do sol benéfico desse dia feliz.

Nestes últimos anos porém tem havido festas alegres e animadas em honra desse aniversário.

Este ano, em vez do espetáculo no carunchoso Santo Antônio, tivemos a partida do clube no palacete da Câmara.

A passeata esteve entusiástica e brilhante. Aquela multidão compacta e festiva a desfilar em ondas pelas ruas, doidamente alegre como um bando de andorinhas que anuncia a primavera...

O jardim, aquele antigo *campo* das Princesas, esteve no dia 10 um verdadeiro jardim de fadas, fadas-rainhas que lá não havia princesas.

Às 8 horas estava todo iluminado e repleto de moças.

Era o som vago das harmonias da música, e o chilro mavioso daquelas avezinhas... a lua vaporosa a balouçar risonha lá do azul, e um aroma sutil que se escapava leve daqueles seios.

Feliz ideia teve o Sr. Junqueira.

**

Depois a partida.

Eram dez horas quando entramos.

A recepção estava concluída, ia-se dançar.

Enquanto a orquestra preludiava a primeira valsa, e os cavalheiros curvavam-se para pedir quadrilhas, deixei-me ficar junto da porta de uma sala a examinar com a vista aquele acervo de luxo e de beleza.

Ali estava tudo – a aristocracia com a sua gentileza, a elegância com o seu aprumo, e a beleza com o seu esplendor... luzes, perfumes, joias e enfeites.

Nesse momento saiam do *toilette* duas meninas que haviam entrado poucos minutos antes. A uma delas, dirigiu-se um cavalheiro:

—Não posso merecer uma quadrinha de V. Ex.^a, minha Sra.?

— Já estou comprometida para todas, sinto muito.

— Nem ao menos o galope?

— Não sei dançar galope alemão, disse ela rindo com malícia.

— V. Ex.^a refere-se ao programa, queira desculpar, aquilo é simplesmente luxo de linguística da diretoria.

*

As modistas esmeraram-se nas belas produções das suas agulhas, e a imaginação dos cabeleireiros também andou feliz.

*

Na segunda quadrilha notei um lindo vestuário que dançava junto de mim, era de *gros-de-Naples* amarelo enfeitado de rendas brancas e trepadeiras com rosas, um elegante *panache* e outro enfeite de rosas na gola do corpete ao lado direito. Era um dos mais luxuosos.

O sexo feio estava parte encasacado e parte abotoado no *croisé*.

— Nós devíamos ter também o nosso *toilette*, disse-me um *leão*, quero pentear-me e não posso.

Este *leão* usava de pastinhas.

*

Não sei porque, mas há entre as três principais idades da nossa existência um antagonismo natural. Observei muito distintamente isto naquela noite do *soirée*. Uma senhora elegante dizia a um cavalheiro que se queixava de encontrar somente meninas e quarentonas; - “Escolha antes uma menina;” ao passo que perto de mim ouvi dizer a uma matrona: - “não sei para que dançam com estes *vigésimos*”...

Só as moças é que reinam absolutamente. Tem até o direito de prometer e faltar.

Três espirituosas meninas que eu lá vi, passaram de comum acordo três espirituosas forquilhas num mesmo indivíduo. Sem isto, disseram-me elas, não nos teríamos divertido hoje.

Vá que seja.

*

Tenho falado da elegância, sem ter dado um espécime, sendo tão fácil.

Escolho de preferência uma senhora que trajava um *toilette* de linho, bordado a crivo, e enfeitado de finíssimas rendas e laços azuis. Nem um brilhante, nem um pedacinho de ouro. Simplesmente a beleza real, e o gosto apurado e fino... aquela beleza firme e incontestável, que não é casualmente adquirida por um ou outro traço favorável; mas a beleza de raça, a beleza hereditária. Era um vulto simpático e atraente, capaz de inspirar Castro Alves, e de quem Mostesquieu podia dizer:

Mortels qui la voyez, dites-lui qui elle est belle.

Tinha sobre tudo o realce da modéstia.

Além desse, havia ali um vestidinho alvo de tarlatana com folhos, que parecia uma borboleta branca a espanejar-se naquele mar de luzes quando o cavalheiro arrebatou-a na valsa, que a flauta trinava como um gorjeio de ave.

Quis saber quem era, não mo disseram.

*

Até muito tarde prolongou-se a partida. Por fim, notava-se o quebrantamento e a fadiga naqueles corpos frágeis.

Até a luz tinha cansado, o calor daqueles corpos tinha embaciado o cristal dos espelhos, e murchado as flores dos *consoles*. Aquelas mimosas fronte pendiam em leve desfalecimento, e os vestidos arrastavam-se incompletos sobre o tapete em que se tinham partido.

Não gosto de assistir o terminar das festas, há sempre um desgosto que nos[...], um sentimento vago que produz saudade e tristeza.

Não quero dizer que houvesse desânimo ou frieza, ao contrário a última valsa foi um delírio... as caudas batiam-se de encontro umas às outras, e as *silphides* voavam como eu imagino que o faziam as gregas nas suas licenciosas danças das *auletridas*.

Até a orquestra parecia saudosa de despedir-se: terminou o galope final aos poucos, num doce *sforzando* que morreu de tudo numas notas sentidas e mórbidas.

Retirei-me. Ao descer, ouvi um segredinho:

— Lá vai ele...

— Olhei para ver de quem falavam.

— Papai, não vês? repetiu a menina que dera com o meu movimento.
Não era do *papai* que falavam, talvez fosse d'algum primo.

H.M.

H.M. Festa acadêmica. *A lucta*, Recife - PE, 20 de ag. 1875, p. 4.

FOLHETIM

A alma do outro mundo

Há no mundo selvagem das nossas florestas do norte uma lenda *tapuia*, que quase todo o brasileiro conhece. Uma criação fantástica e brilhante da imaginação poética e inspirada desses inteligentes filhos da natureza... uma mulher formosa e deslumbrante que surge dentre as águas claras do *igarapé*, banhada em um místico fulgor de beleza e de volúpia, que tem uma voz sublime e comovente como o cantar da *sururina*, que seduz e que fascina quem a ouve até precipitar-se-lhe nos braços para com ela penetrar no seio da corrente em cujo leito profundo jaz o rico palácio das *yaras* que o não deixam mais voltar.

É este o poema lindo que foi criado por aquelas cabeças rudes e por aqueles corações puros e sinceros... é o seu poema simbólico de tentação do amor personificado naquele vulto de mulher belíssima.

Hoje costuma-se chamar a isso – um prejuízo selvagem.

Poderá ser um prejuízo, um preconceito, o que quiserem; porém um prejuízo digno de produzir a crença de uma religião sublime, a religião da forma, que é a religião da arte. E nestas circunstâncias nenhuma das leitoras deixaria de pretender ser uma dessas deusas.

*

Nós porém, os civilizados, temos as nossas crenças mais cristãs. Temos, por exemplo, *a alma do outro mundo*.

Qual é das nossas patrícias a única talvez que nunca aninhou-se no cérebro franzino a delicada superstição da alma do purgatório que vem fazer contrição e pedir missas neste mundo?

Talvez que muitas.

Uma, porém, sei eu que acreditava.

Custa-me referir, mas posso fazê-lo por que ela não me poderá mais recriminar, a mim que não creio na volta dos espíritos... já está morta.

Era uma noite de reunião em sua casa: fazia ela dezesseis anos e festejava-se tão feliz aniversário. A menina tinha ido ao seu quarto buscar um trecho de música de piano para uma amiga executar.

Poucos minutos depois ouviu-se um grito forte e doloroso, e a família acudira.

Foram encontrá-la desmaiada sobre o tapete.

Quando voltou a si disse que ao revolver algumas músicas impressas tinha apagado a vela do toucador e parecera sentir-se presa do pulso forte dum fantasma que tinha visto avançar para si. Riram-se, mas as risadas cessaram desde que uma das companheiras observou que poderia ser muito bem alguma alma do outro mundo.

*

Agora cumpre-me dizer por que falei nisto.

Foi o livro de Guimarães Júnior, volume dos *Contos sem pretensão*, que pela terceira vez caiu-nos sob os olhos. O livro, ainda que pouco vulgarizado é suficientemente conhecido; e o autor é o poeta das *Filagranas*, o sentimentalista dos *Corimbos*.

Com a elegância e faceirice da sua espirituosa pena traçou ele aquele mimoso drama que se passa no Jordão, tão perto aqui do Recife.

Descreveu as dores lancinantes de Rosinha a estúpida superstição de José Paz e a grande alma do namorado da menina, que perdoou ao assassino sem conseguir que nenhum leitor chegue a imitá-lo.

Não é porém aquele tiro, narrado com lindas frases num romance ligeiro e brincalhão, que há de apagar do senso comum do povo do Jordão o preconceito pernicioso.

Não, o povo não se costuma aconselhar com os folhetinistas.

A alma do outro mundo há de continuar a ser vista, e tolo será o que bem se não encomendar para que ela não o procure. Costuma a fazer certas incumbências difíceis de executar-se.

*

Além de tudo, quisera fazer um pedido às leitoras.

Que leiam aquela brochura.

Guimarães Junior é o poeta, que vós conheceis, o poeta que vazou a alma quase toda naqueles versos inspirados aqui por entre vós, naquela poesia suave e delicada “*como o soluço duma ave, uma pétala que cai*”.

Ler Guimarães Júnior, é quase ler Alencar. Um é poeta dos *Noturnos*, o outro é o poeta do *Guarani* e da *Iracema*.

Cada um no seu gênero, ambos na mesma escola – o sentimentalismo, o segredo do coração humano, o estudo dessa profundidade maravilhosa como o antigo labirinto.

Deixai por um pouco as *semanas* passadas em *balão*, e a viagem da terra à lua por meio de um tiro de canhão.

Acostumai-vos a ler a poesia que deleita no romance que vos educa.

Eles vos agradeceram e eu a eles.

H.M.

H.M. A alma do outro mundo. *A lucta*, Recife - PE, 30 de ago. 1875.

REVISTA TEATRAL

Sumário: A estreia da companhia Vicente. O viveiro de Frei Anselmo. Vaz Telles & C. A estátua de carne. Um protesto. O paralítico. O ator Bahia.

Como os leitores já sabem, de volta da excursão que fez à Bahia e à Corte, achasse de novo entre nós a companhia Vicente. Os amantes da arte dramática suspiravam há muito pela sua vinda, e desde a partida da infeliz companhia Boldrini, meteram-se com unhas e dentes nas mágicas de todas as espécies, presépios e concertos que choveram durante o tão lastimado interregno.

Por isso na noite de quinta-feira (23 do passado) os espectadores apinhavam-se nas portas da barraca do Coimbra, com o fim de assistirem à representação da opereta do maestro Colás, o *Viveiro de Frei Anselmo*, e da comédia *Vaz, Telles & C.* que Augusto de Castro verteu para nossa língua da peça francesa *Gavaud, Minard & C.* do repertório do Alcazar.

O *Viveiro de Frei Anselmo* correu sofrivelmente apesar dos poucos recursos vocais da companhia; a comédia em si nada vale: nem caracteres, nem costumes, nem intrigas; mas salvou-se a música do Sr. Colás, que é viva, ligeira, às vezes apaixonada, sempre excelente. O *tercerto* e o *grande tango final* são dignos de nota: um revela um estudo adiantado das regras da composição, e bom gosto; o outro uma facilidade de concepção e uma viveza que agradam.

Vaz, Telles & C. é puro Augusto de Castro; tem graça e é impossível conservar o sério diante daquelas cenas recheadas de situações cômicas, encadeadas por um enredo de quebrar a cabeça, e rica da pobreza habitual de Augusto de Castro: os calembourgs.

De resto nenhuma crítica séria, alguma *frescura* nos pormenores, e até pouca verossimilhança. A companhia Vicente deu-lhe um excelente desempenho. O sr. Bahia este admirável. O sr. Vicente é sempre o gracioso que conhecemos; os outros artistas trabalharam regularmente, e o Sr. Camara com muita graça.

Da *Estátua de carne* que subiu a cena no sábado (25) diremos pouco visto ser já muito conhecida do público desta capital. A propósito deste drama não deixaremos passar despercebido um artigo do nosso inteligente colega Stenio publicado na *Província* de 30 do passado, em que avançou três proposições, entre outras, contra as quais não podemos deixar de erguer um protesto.

Stenio declarou-se entusiasta do trágico Alfieri, e disse, segundo um escritor que não nomeia, que se *alguém conseguir ir mais longe do que o italiano*, não será senão seguindo-lhe os passos. Segundo Stenio, pois, as tragédias de Alfieri, são o non plus

ultra da arte dramática. Protestamos contra isto. Alfieri, mesmo na escola a que pertence, não ocupa o primeiro lugar. As suas melhores tragédias, o *Orestes* e o *Philippe*, não podem rivalizar com a *Athalie* e *Phedra* de Racine, e ainda menos com o *Cid*, o *Horacio* e o *Polyenete* de Corneille. Sem dúvida Alfieri é um bonito talento, mas não passa de um clássico de segunda ordem; quando muito comparável a Crebillon e ao pálido Ducis, e para nós visivelmente inferior a Voltaire. O que será então se o compararmos com os deuses do romantismo, com o divino Shakespeare, com o imortal Hugo, com Schiller e mesmo com Garret?

Augusto Vacquerie, comparando em uma poesia célebre Racine e Shakespeare, escreveu este verso, cheio de verdade artística:

“Shakespeare est un chene, et Racine est un pieu!”

O que diremos nós se fizemos o paralelo entre Alfieri e o trágico inglês?

As tragédias clássicas do ilustre italiano ressentem-se em geral de uma falta de plano e de largueza de ação, e de uma má combinação de cenas bastantes sensíveis; o seu verso é sonoro, cheio, retumbante, mas muitas vezes despido de nobreza e de força. Admira-nos verdadeiramente que Stenio, que não tem por desculpa o ser clássico (pois é réu convicto de romantismo) o colocasse a frente de todos os gênios, cujos nomes citamos.

A segunda proposição que contestamos é que o drama *Estátua de carne*, que tem defeitos de forma, tenha belezas de pensamento e de estilo que superem esses senões.

Para nós a *Estátua de carne* vale pouco quer como concepção, quer como execução. Parece-nos de pouco mérito mesmo na escola a que se filia. Aquela ideia de discutir questões filosóficas em cena, aquele caráter falso e sem razão de ser do conde Paulo, a ideia velha da regeneração da mulher pelo amor, aquele brinde a morte, a linguagem pedantesca e guindada, parece-nos muita coisa junta, e isto sem falar de falta de verossimilhança de algumas cenas, dos maus diálogos e de mil coisas mais.

A terceira proposição de Stenio é o juízo que deu sobre o talento da sra. D. Manuela, que viu representar na *Estátua de carne*.

Pelo que disse Stenio pode-se tirar a conclusão de que a sra. D. Manuela nada tem de artista; mas parece-nos que quem viu a atriz da *Mendiga*, na *Cigana de Paris*, na *Morgadinha de Val-flor*, papéis completamente diferentes, e em muitos dramas, sem falar da *Estátua de carne*, em que teve pedaços excelentes, como no prólogo e no 2º e 3º atos, não ousaria avançar semelhante proposição.

Esperamos que Stenio terá paciência, e que em breve, ratificará seu juízo.

Dito isto por atenção ao talento perigoso do nosso adversário, passemos a tratar do *Paralítico*, drama em cinco atos de Cresafulle, que subiu a cena pela primeira vez na noite de terça-feira (29) e que foi repetido na noite de 31.

O marquês d'Olegance, parisiense nobre e rico, educa por caridade uma sobrinha órfã, que desde a mais tenra idade dá mostras de uma caráter altivo, de um coração seco e ingrato, e uma cabeça excessivamente romanesca. O tio esforça-se por moderar-lhe os maus instintos, mas apenas tem entrado na vida mundana, a moça recompensa os benefícios do marquês, fugindo-lhe de casa por causa de um estudante de medicina, Luiz, que num baile, lhe dissera algumas banalidades amorosas. O rapaz porém que não lhe tem amor, e não quer acarretar a responsabilidade de um rapto, escreve ao sr. d'Olegance, declarando-se perfeitamente alheio ao passo que dera Fanny; tal é o nome da moça.

Desesperada por isto, Fanny consente em desposar um homem da escolha do tio, Jeronimo Peyrat, provinciano rico e honesto, que a levará para longe de Paris, onde segundo as palavras d'Olegance, os seus maus instintos poderiam perdê-la. O primeiro ato do drama passa-se num escritório de agência de casamentos onde se resolve a união de Fanny com Peyrat.

Até aqui tem o dramaturgo preparado habilmente o espectador para o que se tem de passar. Atirada do turbilhão da vida parisiense à tranquila habitação do seu marido; cercada de criaturas que não a compreendem; obrigada a fingir sentimentos que não tem, ferida nas suas pequenas susceptibilidades de mulher elegante e fina com o contato cotidiano de seus novos parentes, longe de tornar-se melhor, a moça vai ficando de dia em dia mais egoísta, o seu caráter se azeda, a sua cabeça se exalta, e quando lhe ferem o amor próprio, torna-se capaz de tudo. É aqui principalmente que se percebe o conhecimento que tem o autor do coração humano; as torturas daquela alma advinha-as o espectador uma a uma.

Luiz, o estudante, agora médico, é filho do Casca-grossa, amigo íntimo de Jerônimo. A moça pretende reatar o fio das relações interrompidas pela fatal carta, mas Luiz ama a filha natural do sr. Peyrat, e o seu casamento deve realizar-se em breve. Furiosa, Fanny consegue por meio da calúnia que o Casca-grossa e o filho sejam expulsos da casa de seu marido, e abusando do amor insensato que este lhe tem, resolve libertar-se por uma vez daquela vida, propinando-lhe veneno. Sentindo-se porém gravemente enfermo, Peyrat, que não pensa senão nos seus velhos amigos, aproveita-se

da partida da mulher para Paris para reconciliar-se com eles, e é então que Luiz descobre a causa da enfermidade do velho.

A revelação do atentado agita horivelmente o ânimo de Jerônimo, que vê-se no transe de duvidar da mulher ou da filha, únicas pessoas que lhe preparam o xarope que costuma tomar.

Ainda aqui Cresafulle revelou-se hábil psicólogo. O velho Peyrat apaixonado pela mulher, ainda que adore a filha, duvida mais facilmente desta do que daquela. Um hábil estratagema do médico fá-lo descobrir a verdade, depois de algumas cenas de um dramático pungente, e de grande beleza.

Eis resumidamente o que é o drama, o *Paralítico*. O 2º ato é excelente; o 4º é magistral.

A cena do tanque, no 2º ato, e o final do 4º ato são felicíssimas. Os caracteres são vivos e animados, ainda que de leve cobertos com uma tinta romanesca, que não desagrada. O tipo do Casca-grossa é feliz; o de Jerônimo Peyrat verdadeiro quase sempre, um pouco exagerado nos sentimentos bons.

O *Paralítico* tem defeitos, e aliás graves. Em primeiro lugar o título é impróprio, visto que a paralisia de Peyrat é um incidente do 5º ato; depois o primeiro ato é inverossímil; como admitir que o marquês que quer casar a sobrinha levasse-a em pessoa à casa de um casamenteiro? Acresce que a ação decai e perde a força no 5º ato, e que algumas cenas deixam a desejar no que toca a novidade.

O trabalho do Sr. Bahia foi soberbo. Nunca vimos o Sr. Bahia trabalhar com tanto talento, o notamos com prazer que o festejado artista fez progressos admiráveis durante o tempo que esteve longe de nós.

Alguns defeitos de escolha que lhe poderíamos notar dantes desapareceram agora, e o jogo de fisionomia tornou-se admirável.

Por um momento no 4º ato o sr. Bahia suspendeu o fôlego dos espectadores. A cena última deste ato é soberbamente desempenhada. Aquele espanto e confusão que Jerônimo sente quando, quase certo do crime da filha, vê-la chegar-se a ele risonha e tranquila, trazendo-lhes flores, aquele olhar que fixa nessa ocasião no médico, são de um trabalho completo. Nossos parabéns ao Sr. Bahia.

O desempenho por parte dos outros artistas foi regular. O sr. Santos Silva (o Casca-grossa) trabalhou com alguma felicidade e surpreendeu-nos agradavelmente.

Recife, 1 de outubro de 1875.

L. Dolzani.

DOLZANI, L. [Inglês de Sousa] Revista Theatral. *A Província*, Recife, 7 out. 1875.

O recruta

(Conto do Amazonas)

Foi então que o doutor Silveira começou:

— Haveis de ter ouvido falar da tapuia Rosa, aquela boa velhinha que morava no Igarapé de Alenquer, e que de tão boa vontade hospedava os viajantes a quem a noite apanhava antes de chegarem à vila. Era o seu sítio um pequeno cacauzal de pouco mais de mil pés, situado quase entre os campos da fazenda de criação do capitão Fabrício Aurelio, um dos mais importantes fazendeiros do Baixo-Amazonas, e um dos homens a quem a política liberal dera maior número de ocasiões de exercer tiranias e barbaridades de todo o gênero no distrito em que habitava.

Era o capitão um desses perigosos e ridículos mandões de aldeia, que o mau tino do nosso governo deixa subsistir, dando-lhe até forças, contra os interesses bem entendidos do partido.

Não vos narrarei a história de Fabrício Aurelio que como eu tão bem conheceis: é minha intenção contar-vos apenas alguma coisa da história de uma mulher infeliz, história simples e triste que narro somente para satisfazer [...] vosso pedido.

O cacauzal da velha Rosa era um sítio [...] maltratado porque ela vivia só com [...] que passava os dias na pesca do pirarucu [...] caça dos jacarés que abundam naqueles lugares. A pequena casa de vivenda, coberta de palha seca, de paredes de barro escuro tinha portas de *japá*, presas às traves das paredes por *embiras*, o chão era de terra batida, cavado aqui e ali pelo tempo. Constava esta miserável habitação de dois quartos com comunicação interior, e de uma espécie de alpendre que servia de cozinha, e onde três pedras dispostas convenientemente supriam o fogão. Apesar da pobreza da morada, reconhecia-se que a dona da casa primava pelo asseio; o terreiro estava sempre capinado e varrido, o porto limpo das canaranas e outras plantas aquáticas que a correnteza do rio ali depositava. Os *tipitis*, as *cuiambucas* e mais utensílios caseiros andavam sempre lavadas com cuidado, e as redes da casa pareciam ter saído do tear de brancas e novas que sempre se encontravam, Rosa trabalhava em redes e era afamada por isso nos arredores. [...] uma vez uma maqueira com a coroa brasileira no fundo [...] invejava a célebre Ana Raimunda, de Óbidos. Também disto e do filho único Pedro, tinha a velha orgulho.

Pedro era em 1865 um rapagão de 19 anos, bem constituído e robusto; tinha pequenos os olhos, mas negros e vivos, a cor tirando à do cobre, as feições achatadas e

grosseiras mas com um cunho de sandura e bondade que atraía a simpatia dos que contemplavam pela primeira vez. Era de índole jovial, e sempre pronto em prestar todos os serviços que dele requisitavam. Os viajantes que tocavam no sítio da velha Rosa seguindo para Alenquer ou voltando de lá, saíam penhorados pela doçura e afabilidade de Pedro, que nunca deixava de oferecer-se para acompanhá-los à vila próxima, nem de dar-lhes os melhores avisos sobre a direção a seguir, sobre as horas de viagem, sobre tudo enfim que podia concorrer para minorar os incômodos da navegação em canoa. Nunca sucedia arpoar um pirarucu que não desse a ventrecha aos vizinhos mais pobres do lugar; e no dia em que o filho de Rosa tinha a felicidade de matar algum peixe-boi no lago próximo podia-se dizer que havia festa em casa; todos os vizinhos recebiam o seu pedaço, e voltavam para os seus sítios alegres e contentes, fazendo votos pela felicidade do jovem tapuio.

Era este o mais destro pescador do lugar: nenhum melhor do que ele conhecia as manhas do pirarucu e da tartaruga, nenhum governava melhor a *montaria*,⁴²⁰ ninguém atirava a maior altura uma grande flecha empenada. Quando os companheiros se queixavam da estação que afugentava os peixes, Pedro voltava sempre para a casa trazendo alguma coisa, pelo menos uma cambada de *arauanans* e *tucunarés* puxados a caniço. Também por isso diziam os faladores da terra que a velha, e as raparigas dos arredores olhavam para o pescador como um marido que não era de todo para desprezar.

Viviam mãe e filho despidos de cuidado nos afazeres de cada dia, e tranquilos levavam a vida pura e simples dos pobres lavradores do Amazonas; mesmo nos tempos de maior fome nunca se vira aquela família privada do alimento cotidiano, como sucedia a quase todas as outras; pelo contrário a velha Rosa sabia do pouco que tinha tirar alguma coisa com que presentear as comadres que eram em grande número.

A tapuia passava os dias ordinariamente sentada em um banquinho diante do tear trabalhando em redes e fumando num cachimbo de taquari; quando vinha à tarde, depois de ter comido com o prato sobre os joelhos a sua lasca de peixe assado com farinha d'água, ia sentar-se à soleira da porta, donde contemplava o magnífico espetáculo do cair da tarde, o sol escondendo-se por entre os aningais da margem do rio, e ouvia o canto prolongado da cigarra e a verde tananá.

A gente do Amazonas é naturalmente melancólica; falo especialmente da gente do campo. Face a face constantemente com esta natureza grandiosa mas monótona e

⁴²⁰ Canoa feita de uma só peça. (Nota do A.)

triste, vivendo isolada e fora do burburinho social, acostuma-se a alma a um estado de apatia que se revela exteriormente pela tristeza do semblante e gravidade das maneiras. O caboclo destas regiões não ri-se nunca, sorri apenas; a sua natureza contemplativa revela-se por um olhar fixo e vago em que se lê um mundo de devaneios; devaneios íntimos que não se extenuam por palavras, mas simplesmente por aquele olhar de que falo.

Haveis de ter encontrado nas diversas viagens que tendes feito pelos sítios, o dono da casa sentado no terreiro a olhar fixamente para as águas do rio, para um bem-te-vi que canta na laranjeira, para as nuvens brancas do céu, e a levar horas e horas como que esquecido de tudo, imóvel e mudo numa espécie de êxtase que não sabeis explicar. Por mim há momentos em que daria tudo para saber que pensam constantemente aquelas cabeças que [...]cem, a nós brancos e civilizados [...] ideias e tão faltas de senso [...]

Daí bem pode [...] alguma.

[...]

Esta melancolia e tristeza contínua observam-se principalmente nas mulheres, mesmo por causa do gênero de vida que levam. Os homens sempre andam e veem uma ou outra vez gente e coisas novas; as mulheres porém, como sabeis, passam quase toda a vida no pequeno sítio que possuem, e ficam em casa quando o marido ou o filho sai para o trabalho ou para o passeio. É assim que a tapuia Rosa que, aliás de nada tinha razão de queixa, que tinha a existência fácil e segura, foi sempre dada à melancolia; a fronte alta e calma, os olhos pequenos e negros, a boca séria davam-lhe um olhar de triste serenidade que impressionava à primeira vista. Correram os dias tranquilos no cacauá da velha Rosa até o ano de 1865.

Sabeis qual o efeito que produziu entre nós a notícia da declaração da guerra entre o Brasil e o Paraguai, nas classes mais favorecidas [...] mais ilustradas; nas cidades principais [...] entusiasmo foi grande, mas [...] voluntários da pátria foi tão grande que muitos tapuios meteram-se pelas matas e cabeceiras dos rios, e ali viviam como animais ferozes, sujeitos a toda espécie de privações. Falava-se de Solano Lopez nos serões do interior da província como de um monstro devorador de carne humana, como um tigre, incapaz de qualquer sentimento humanitário. Os jovens tapuios tremiam só de ouvir-lhe o nome, e as mães e esposas faziam promessas sobre promessas a todos os santos do calendário, pedindo-lhe que livrassem os filhos e maridos do recrutamento.

Que coisa terrível que era então o recrutamento!

Este meio infame de preencher os quadros do exército (que hoje felizmente o governo pretende abolir), era no tempo da guerra posto em prática com horrível barbaridade e com um despotismo e tirania, indignos de um povo que se diz civilizado!

Suplícios tremendos esperavam aqueles que ousavam preferir a paz e o sossego do lar às misérias de uma guerra que eles não compreendiam. Todos os dias se liam nos jornais casos espantosos e reclamações violentíssimas contra as arbitrariedades das autoridades locais, mas o governo a tudo cerrava os ouvidos, porque precisava de gente que fosse morrer de peste e guerra nas terras paraguaias.

Foi então que se mostrou em toda a sua hediondez a tirania dos mandões de aldeia de que eu vos falava há pouco. Em Alenquer o capitão Fabrício praticou as maiores atrocidades, tendo por única lei o capricho. De toda a parte se levantavam clamores contra ele, mas cômico do apoio da gente do partido, quiçá do governo, o capitão Fabrício continuava na senda que trilhou até que, não há ainda muito tempo, recebeu o justo castigo de todos os seus crimes.

Pedro continuava na vida que levava apesar das desgraças do tempo, confiando em Deus e na pureza da sua consciência, pois quando alguém lhe falava no recrutamento o tapuio dizia com candura: “Eu nunca fiz mal a ninguém”. E com efeito até o princípio do ano de 1866 o filho da velha Rosa não foi incomodado, apesar de ser fato averiguado que ele não gozava das simpatias do seu poderoso vizinho. Algumas pequenas rixas nascidas entre Pedro e os agregados do capitão Fabrício tinham indisposto este contra o tapuio; mas não sei porque o pescador fora poupado durante todo o calamitoso ano de 1865.

Uma tarde de janeiro do ano seguinte, em que, segundo seu costume, Pedro voltava da pesca, ao passar pelo porto da Fazenda notou o rapaz que havia um movimento desusado, e pondo-se de pé na montaria, levado pela curiosidade olhou para a habitação e pareceu-lhe ver o sargento Manoel de Moura (conhecido em todo o distrito pelo executor das prisões feitas pelo capitão) e dois soldados, de farda e baioneta, coisa que não era muito comum naquelas paragens.

Sem saber dar explicação a isto continuou a remar e em breve aportou no seu sítio, e puxando a canoa para a terra, foi dar parte da pescaria à mãe, sem contudo falar-lhe do que viram em casa do vizinho.

No dia seguinte pela manhã que era domingo, entretinha-se o rapaz a fazer uma cerca de varas no terreiro, quando lhe apareceu pelo cacaua o velho Ignácio Mendes, seu vizinho e amigo, é o mesmo que morreu afogado o ano passado perto de Faro,

tentando salvar um filho. Como o assunto de todas as conversações naquele tempo eram a guerra e o recrutamento, foi logo de que falaram os dois amigos depois de se terem cortejado. O Ignácio Mendes pretendia ter notícias frescas. Segundo ele, o capitão Fabrício, nomeado recrutador em todo o distrito de Alenquer recebera ordem terminante do presidente da província de enviar no primeiro vapor que seguisse para a capital um contingente de voluntários. Essa ordem transmitida [...] de polícia de Santarém, [...] com brevidade à fazenda do capitão pelo sargento Moura acompanhado de duas praças de pret, que aquela autoridade pusera à disposição do recrutador, prometendo mandar-lhe em breve maior força. Dizia mais o Ignácio Mendes, mas em voz baixa, que o capitão não era homem que hesitasse em cumprir aquela ordem, e terminava dizendo que naquele tempo nem os velhos podiam ter certeza de viver em paz.

Ainda que o não desse a conhecer, Pedro sentiu-se grandemente comovido pelas palavras do velho. Parecia uma coisa tão horrível o ser recrutado que quase duvidava que se pudesse realizar uma tal desgraça, e ainda que esperasse sempre poder escapar as garras do terrível vizinho, o rapaz não deixava de sentir apertar-se-lhe o coração, e foi preciso esconder o rosto disfarçadamente para não deixar ver ao amigo duas grossas lágrimas que lhe caíram silenciosamente pela face morena.

E no entanto o desgraçado não podia adivinhar o que lhe havia de acontecer.

Três dias depois da visita do Ignácio Mendes, pelas 6 ou 7 horas da manhã, a velha Rosa tratava do almoço e Pedro preparava-se para caça de papagaios, limpando uma bonita espingarda de dois canos que comprara por ocasião de uma viagem a Óbidos, quando foi distraído por uma voz bastante conhecida, mas que fê-lo olhar sobressaltado para o lugar donde ela partia. O capitão Fabrício [...]va-se para ela com as mode[...] de um bom vizinho. [...] visita, o rapaz viu-se em [...]plava sorrindo com [...] lhe conheciam, e [...] pobre tapuio.

— Ora bom dia, seu Pedro, então já sei que vai a caça! E está com uma bonita arma. Quer vendê-la?

E o miserável foi lha tirando das mãos sem que o pescador, atônito por tanta afabilidade, pensasse em impedir-lhe o gesto.

— Eh! eh! (continuou Fabrício) você está um rapaz robusto, seu Pedro, e devia ser voluntário da pátria. O governo precisa de gente assim forte lá no Sul, e você se havia de estar matando pirarucus, faria melhor se matasse paraguaios.

E enquanto Pedro tentando tomar aquilo por um gracejo fazia esforços para sorrir, ele pondo-lhe a mão no ombro, disse com a voz repassada de mel:

— Tenha paciência, você está recrutado.

Pedro deu um pulo para trás como se tivesse sido mordido por uma serpente; os olhos injetados de sangue, pareciam querer saltar-lhe das órbitas; os lábios entreabertos deixavam ver os alvos dentes cerrados por um esforço violento; o corpo todo tremia-lhe como se tivesse febre, e as unhas enterravam-se lhe no peito descoberto.

O capitão adiantou-se para ele, e procurava sossegá-lo com brandura falsa:

— Ora deixe-se de tolices, disse, afinal o que é que tem?

O rapaz soltou um grito surdo e arrancando contra Fabrício, arrebatou-lhe a espingarda, e brandiu-a por sobre a cabeça do capitão, como se fora uma bengala; quando ia descarregar o golpe sentiu-se vigorosamente preso. Era o sargento Moura acompanhado dos dois soldados, que haviam saído de trás de um matagal a um aceno de Fabrício que passara despercebido ao pescador. Com o grito do filho e o barulho da luta que se seguia a velha Rosa acudiu apressada, e dando lamentosos brados, tentou interpor-se entre Pedro e os soldados; mas o capitão Fabrício Aurelio agarrou-a pelo braço e empurrou-a contra um esteio da casa.

A tapuia caindo partiu a cabeça, mas levantando-se com uma fúria, e apanhando a espingarda que caíra das mãos do filho, apontou-a contra o sargento, o gatilho bateu, mas a espingarda não disparou porque estava descarregada.

Foi uma luta terrível a que então se seguiu. A velha Rosa desgrenhada, com os vestidos rotos e coberta de sangue dava bramidos de fera; Pedro estorcia-se em convulsões terríveis, e os soldados não conseguiam arredá-lo da mãe. Fabrício, enquanto com a voz ordenava aos soldados que levassem o preso, com as mãos segurava a velha pelos raros cabelos, e vergava-lhe de um modo bárbaro o pescoço sem conseguir que ela soltasse as roupas do filho. Os soldados haviam desembainhado os reféns e espancavam as duas infelizes criaturas, animados pela voz e pelo exemplo do sargento Moura, ainda pálido do susto que sofrera, quando a velha tentava assassiná-lo.

Ninguém sabe até quando teria durado isto se não tivessem chegado, atraídos pelo barulho alguns vaqueiros do capitão que ajudaram a deitar por terra o pescador e a mãe, e a atar-lhes mãos e pés com as cordas que traziam.

Extenuados pela luta Pedro e Rosa arfavam de modo horrível, mas não gritavam mais nem ofereciam resistência séria; os vaqueiros e os soldados carregaram facilmente o rapaz e foram depositá-lo no fundo de uma grande montaria que o capitão mandara buscar à fazenda. Quando o preso, o sargento e os dois soldados se achavam dentro da canoa, Fabrício ordenou a dois dos vaqueiros que tomassem o banco da frente e

remassem para Alenquer; depois tomou com o resto da sua gente o caminho da fazenda sem mais prestar atenção à velha Rosa, que ficara amarrada de pés e mãos no meio do terreiro.

A tapuia desmaiara, e não dava acordo de si quando o sol adiantando-se na carreira vieram os seus raios ferir-lhe em cheio nos olhos, tornou a si, olhou em roda, e recordando-se então de tudo que se passara, começou a agitar-se como uma endemoninhada e a dar gritos que ecoavam lugubrememente na floresta. A velha forcejava por por-se em pé, mas não o conseguia; as cordas que a prendiam eram sólidas, cordas de laçar bois, e os nós eram apertadíssimos. É impossível descrever-vos, meus amigos, com palavras expressivas esta horrorosa cena.

Só, abandonada, atada de pés e mãos, e estendida no meio do terreiro aos ardentes raios do sol que tanto mais queimavam quanto mais se adiantava o dia, a velha Rosa só podia esperar do céu algum socorro, porque quantas horas de horrendo suplício não se passariam antes que ali aparecesse alguma pessoa?

Só pelas três ou quatro horas da tarde é que o acaso ou antes a Providência levou ali o velho Mendes, que tendo visto passar a canoa que conduzia Pedro viera, logo que teve tempo, [...] procura da comadre para consolá-la. Vós [...]beis em que estado a encontrou. Mendes desatou-lhe as mãos e os pés, lavou-lhe o rosto [...] vinagre, e foi preciso empregar a força [...] obriga-la a deitar-se, pois ardia em febre. [...] que a viu sossegada correu à casa em [...] da mulher para fazer companhia naquel [...] e enquanto Mendes ficou [...], a mulher passa [...] pé da rede da velha, [...] e quando acor [...] entrava pelas frestas da [...] A rede da velha Rosa estava vazia. A mulher de Mendes correu ao porto e verificou que não estava mais lá a montaria de pesca de Pedro, que vira quando chegara, e correu a dizer ao marido que a comadre se tinha ido embora.

Eu estava nesse tempo em Santarém. Resolvido a viajar o Tapajós, preparava-me para partir com direção à Itaituba, quando passando uma vez que saíra do banho nas magníficas praias daquela cidade, vi errar por ali uma mulher idosa que me pareceu conhecida.

Aproximei-me e reconheci a velha Rosa, em cuja casa eu pedira agasalho por mais de uma vez nas minhas frequentes viagens pelo Igarapé de Alenquer.

Rosa não parecia a mesma mulher; tinha fronte pendida sobre o peito, os cabelos completamente brancos e olhar fixo do atacado de demência; falava em voz baixa e calma, os seus movimentos eram regulares, e parecia viver maquinalmente.

Contou-me brevemente e como se fosse uma história alheia o que a trouxera a Santarém, dizendo ter chegado na véspera, e finalizou tirando do seio um pequeno embrulho que continha dinheiro, (cem ou duzentos mil réis, toda a sua fortuna) que pôs à minha disposição pedindo-me que lhe salvasse o filho.

É escusado dizer-vos, senhores, a dedicação com que trabalhei neste negócio; não podia ver a infeliz mulher sem que se me apertasse o coração. Infelizmente porém a justiça da causa que eu defendia, e todo o meu valimento de nada serviram contra o partido tomado pela gente poderosa da terra de mandar no paquete próximo seguir o número de voluntários que pedira o presidente da província. Fui no dia em que encontrei Rosa ver o filho na prisão. O tapuio estava mergulhado num silêncio apático, de que nada o fazia sair. Ou não me conheceu ou não quis falar-me; o certo é que não lhe pude arrancar palavra.

Requeri *habeas corpus* para o tapuio, e tinha as melhores esperanças de obtê-lo, visto ser Pedro filho único, e como tivera a palavra do delegado de que o rapaz não partiria no primeiro vapor, fui a algumas léguas da cidade visitar o filho de um amigo meu que se achava gravemente enfermo. Demorei-me por lá três dias e quando voltei fui logo à casa do juiz que assim que me viu, disse-me com um sorriso triste:

— “É escusado tentar, o homem já embarcou”.

E como eu ficasse sem ânimo de dar palavra, acrescentou sacudindo a cabeça.

— “Manda quem pode.”

Ainda hoje se fordes a Santarém haveis de ver vagando pela cidade uma pobre doida; encontrá-la-ei rondando a casa dos correios ou percorrendo as praias com o olhar perdido no horizonte, e murmurando de espaço a espaço com voz trêmula e desenxabida:

Meu anel de diamantes

Caiu n’água, foi ao fundo

Me responderam de lá

Viva D. Pedro Segundo!

L. Dolzani.

S. Paulo, 28 de março de 1876.

DOLZANI, L. [Inglês de Sousa]. O recruta. *A Academia de S. Paulo*, São Paulo, 2 de abr. 1876, p. 2-3.)

Amor que mata
(Conto do Amazonas)

O procurador tirou a caixa de tartaruga, consertou os óculos, escarrou, e cruzando os braços sobre a mesa, cravou os olhinhos verdes no carão descarnado do velho Estevão, e começou:

— Foi no tempo em que estive em Vila Bela que se deu o fato tristíssimo que vou narrar-vos, fato que prova o quão pernicioso é a crença que tem a nossa gente nos feiticeiros, e nos feitiços. Eu não sei dizer porque, mas sempre estremeço quando me recordo do triste fim do filho do capitão Amâncio, um dos moços mais estimáveis que conheci no Alto Amazonas e uma das desgraçadas vítimas da ignorância das nossas mulheres e filhas. Parece-me que eu ou algum dos meus pequenos pode um dia ter a mesma sorte. E só então que eu sinto desejos de mudar de terra, de ir viver n'alguma capital civilizada, abandonando o nosso ótimo clima, as nossas fertilíssimas várzeas, estas grandiosas regiões paraenses ao pé das quais os outros po[....] como mesquinhas criaturas. Quando fui levar o meu Antonico ao *Instituto de Humanidades*, no Maranhão, tive veleidades de ficar por lá; mas não pude acostumar àquele contínuo barulho das ruas, àquele reboiço constante, e em menos de um mês tornou-se me a vida insuportável. Parecia que me faltava ar que respirasse, julgava-me preso àquelas compridas ruas, atulhadas de casas de dois e três andares. Faltava-me alguma coisa e foi só depois que avistei as barrentas águas do Amazonas que tornei à minha alegria, desaparecida naquelas terras alheias, como por ca[...]. E tentar debaldes que, como [...] nestas paisagens, só aqui pode viver. Que haja por esse mundo Deus [...] em que todas as casas[...] um carro a cada [...] canto, tanto melhor para os que lá nasceram; cá por mim prefiro a vida livre e descuidosa da nossa gente; pena é que o nosso povo esteja tão eivado das crenças absurdas, que muitas vezes produzem desgraças enormes. Se alguma causa temo aqui é uma feiticeira; não porque, como o compadre Estevão, acredite no seu poder sobrenatural; mas porque não sou muito amigo de venenos.

Se fostes alguma vez a Parintins, conhecestes certeza o tenente coronel Alvaro Bento, comandante da guarda nacional de Vila Bela. Era um homem amável, obsequiador e honesto, apesar de político, e o que é mais, conservador decidido. Tinha na sua companhia uma moça, a quem ele chamava de afilhada, mas que pela boca pequena se dizia ser sua filha natural. O que fosse ao certo não sei, e não importa; o fato

é que a menina era tratada com todo carinho, consideração e respeito, tida e havida por herdeira dos poucos bens do tenente-coronel, solteirão sem filhos.

Ainda me lembro de Mariquinha, como se a estivesse vendo; tão profunda foi a impressão que o acontecimento presenciado por mim e de que ela foi causa, me deixou no espírito que ainda tenho a memória fresca e nenhum pormenor me escapa. Era ela uma linda rapariga de dezenove anos, baixa e robusta, de tez morena e olhos negros e languídos, de cabelos compridos e caracolados. Era sem dúvida alguma a moça mais bonita de Vila Bela, e não só pela beleza das feições, mas também pela graça e pelas maneiras se distinguia das outras raparigas da terra. Era impossível ver aquele narizinho bem feito, aquela mimosa boca, e sobretudo as pequeninas mãos e os pés de raça sem ficar uma pessoa encantada. Tinha o andar dengoso das nossas moças, o pisar macio e um maneio de cabeça capaz de [...] seduzir um Santo. Quando num sorriso faceiro entreabria os grossos e vermelhos lábios, deixava ver trinta e dois dentes que bem posso comparar a outras tantas pérolas, assim como afirmarei sem mentir que dentes como aqueles nunca existiram, nem existem no Amazonas.

Quem nunca viu a moça não pode ajuizar daquele todo encantador que trazia transtornadas as cabeças dos moços da vila, que obrigava os velhos a fazer tolices e deixava no coração dos que passavam em Vila Bela uma lembrança terna, um doce sentimento, um desejo vago e incerto. Quando nas quadrilhas a moça embalava brandamente as cadeiras, e os seios túrgidos tremiam-lhe na valsa, um murmúrio de encanto corria pela sala, e muitas vezes sucedia deixarem os outros pares de dançar para virem apreciá-la. Também ninguém dançava melhor, nem tinha maior gosto. Mariquinha era capaz de passar a semana inteira em polcas e valsas, e não havia baile na vila de que não fosse a afilhada do tenente-coronel Alvaro Bentes. Até se acostumava dizer que baile em que ela não estivesse não prestava. A todos seduzia, a todos encantava; e coisa admirável, não havia quem lhe não tecesse coroas. Era um entusiasmo geral, um entusiasmo sem exemplo. Só a velha Maria Joana dizia algumas vezes entre risonha e séria que aquilo era feitiço.

Vila Bela é antes uma povoação do que uma vila; três pequenas ruas, em que as casas se distanciam dez, vinte e mais braças umas das outras, se estendem com a frente para o rio sobre uma pequena colina, e forma todo o povoado; no meio da rua principal a capelinha que serve de ma[...] ocupa o centro de uma praça, coberta de mato, onde pastam tranquilamente as vacas de leite, e um ou dois bois de carroça. No tempo em que eu lá estive as famílias davam-se todas, e não acontecia o que agora acontece em quase

todos os nossos povoados; são os habitantes inimigos uns dos outros, e a maldita política tem dividido a população, azedado os ânimos, animado a intriga, e tornado quase insuportável a vida nestas condições. Depois que o povo começou a tornar a[...] este negócio de partidos que os [...] lá do Pará e do Rio de Janeiro inventaram por de fastio, numa [...] de trinta casas as famílias odeiam – e a descompõem-se; os homens mais sérios se tornam patifes refinados, e tudo vai que é mesmo um Deus nos acuda. Sem saberem ambos porque Fulano é liberal e beltrano conservador. Por mim entendo que era melhor sermos todos amigos, tratarmos do nosso [...] e só serve para dar desgosto e [...] nos importa a nós quem será deputado [...] Siqueira ou o dr [...] O principal é que as [...] não morra de peste. [...] fazer da pobre gente burro de carga, é torná-la vítima das suas imposturas. E notai que estas discórdias que se veem atualmente datam de certo tempo, principalmente depois que os tais conservadores tomaram pé aqui e na província do Alto-Amazonas. Por isso em Vila Bela, havia antes disto muita união nas famílias, todas se conheciam e se estimavam. Eram bailes e festas quase todas as semanas. O tenente-coronel Bentes festejava a todo o mundo, e de todos era festejado; era uma vila alegre aquela Vila Bela!

Mariquinha quase nunca passava um dia na casa do padrinho. Choviam os pedidos das amigas, e uma das grandes ocupações da moça era distribuir os seus dias pelas casas conhecidas. Mas também a moça tinha uma palavra amiga, um sorriso amável, um olhar daqueles que matam. Há pessoas assim: sabem exercer tal fascinação a que é difícil subtrair-se gente.

Desde que chegou à idade de catorze anos começou a moça a ser pedida em casamento, e aos dezenove já havia recusado nove ou dez pretendentes, coisa admirável em Vila Bela, onde, como sabeis, não há rapazes. Posso apontar-vos entre esses namorados sem ventura o tenente Braz, o capitão Viriato e até o dr. Figueiras, que por ser doutor não era dos menos caídos, nem dos que mais resistiam aos sedutores olhares da moreninha travessa. Interpelada pelo padrinho ou por algum amigo da casa sobre esse modo de proceder que não é lá muito comum nas moças, e sobretudo nas moças pobres, a rapariga respondia piscando os olhos e sorrindo:

—“Ora, não tenho pressa”. Assim plácida e feliz corria aquela existência, sem que um [...] um leve despeito sequer viesse [...] terida e festejada de todos, idolatra [...] rapaziada bonita da terra, a quem como já vos disse, ela não parecia dar atenção, apesar de ser a sua vaidade lisonjeada com preferência que lhe davam. O único defeito que os raros invejosos lhe imputavam era a faceirice. E realmente a moça pecava por esse lado,

se pecado é, pois por mim, mesmo com estes cabelos brancos, morro pelas moças faceiras. Infelizmente Mariquinha veio depois a sofrer por isso.

Em dezembro de 1866 veio o filho do capitão Amâncio passar o Natal com o pai em Vila Bela. Fora Lourenço muito menino para a capital do Pará com o fim de frequentar o seminário; chegara mesmo a ir até o Maranhão, onde estudou no afamado Colégio Perdigão. Quando de lá voltou, empregou-se na Alfândega de Belém, e lá esteve até que por sua má sorte lembrou-se de vir passar a festa do Natal com o pai.

Era o filho do capitão, um rapaz alto, bem feito, alvo e loiro, e por isso não podia deixar de cair no gosto das raparigas de uma terra em que os homens são na maioria morenos, baixos e pálidos. Além disso o Lourenço do Amâncio tinha umas maneiras que só se veem nas cidades mais adiantadas (como o Pará e o Maranhão), vestia roupas finas e da moda, falava bem, era desembaraçado em extremo, e quando ele assestava a luneta sobre algum dos nossos machacazes, o pobre matuto ficava como ardendo em febre. Tinha sobre a maior parte da gente da vila a vantagem de ter chegado do Pará, de saber de todas as novidades, de criticar com muita graça os defeitos da moças, e de saber montar o cavalo.

Também foi um grande acontecimento em Vila Bela a chegada do filho do capitão Amâncio. Pudera!

O capitão, orgulhoso do filho, apresentou-o logo a meia população da vila, e não houve quem não lhe fizesse elogios, ainda que muita gente, não tivesse gostado dos modos petulantes do rapaz. No dia seguinte, à missa do Natal, Lourenço e Mariquinha se encontraram pela primeira vez. O moço ouvira falar da beleza e das graças da rapariga à bordo do vapor “Manaus”, em que viera. Os oficiais haviam-lhe feito dela uma pintura que lhe excitava a curiosidade. Por isso durante todo o ofício divino, o empregado não tirou os olhos da afilhada do Bentes que por sua vez lançava-lhes às furtadelas desses olhares vivos e [...] com que as mulheres costumam julgar-nos logo da primeira vez. É desnecessário dizer-vos que o resultado não foi desfavorável ao recém-chegado.

Em nossos dias os moços estão habituados a fazer dos lugares santos teatro dos seus namoros. Não faltará quem diga, entretanto, que o pecado que cometeram Lourenço e Maria [...] de coisa diversa que não da missa, [...] do triste fim desta história. O que é certo é que os dois jovens não cuidavam do triste fim dos seus amores.

Quatro dias depois da missa do Natal a afilhada do tenente-coronel e o filho do capitão encontravam-se de novo em um passeio que deram as duas famílias e mais algumas pessoas gradas do lugar ao lago do Macuranim.

Eram do bando além da gente do Bentes e do Amâncio, o dr. Filgueira, o juiz municipal, a filha e duas sobrinhas, e o padre vigário.

Eram dez horas da manhã quando a companhia atravessou a linda campina que se estende diante do cemitério, e internou-se nas matas que cercam a pitoresca Vila-Bela. O caminho para Macuranim é uma estreita vereda toda por baixo de árvores, porque os moradores do lugar, ainda não se lembraram de fazer estrada. E talvez obrem assim melhor porque ao menos tem-se sombra e frescura. Os araçazeiros, as altas sumaúmas entrelaçando os galhos formavam uma abóbada de verdura, as folhas secas que lastravam o chão estalavam sob os pés dos que passavam, e os bem-te-vis, os titipururus, os alegres japins encantavam o ouvido com as suas várias melodias. De quando em quando o leve murmúrio de algum córrego formado pelas primeiras águas de dezembro confunde-se com as diversas vozes da floresta, e ao longo o assovio agudo do urutaí domina os ruídos confusos. A maritaca solta a sua gargalhada zombeteira, e a juruti chora tristemente na mangueira.

Os companheiros do capitão Amâncio iam alegremente o seu caminho; as moças corriam aqui e ali à caça dos maracujás que comiam entre risos e falsos amú[...],s, e o vigário espantava com o lenço os bois pacíficos que repousavam perto. Amâncio Ferreira agarrara o dr. Filgueira e contava-lhe as maravilhas do Pará, que ouvira pouco antes do filho. Este caminhava na frente procurando sempre falar a Mariquinha, que por faceirice lhe fugia, ora escondendo-se atrás de um matagal, ora trepando com agilidade de macaco nas goiabeiras, entre risadas gostosas. A filha do juiz observando os manejos da amiga, dizia de vez em quando entre dentes:

— “Esta Cotinha... mas que faceirice...”

Afinal depois de uma hora de caminho o Macuranim apresentou-se-lhes à vista. O pequeno lago deste nome, formado por águas do Amazonas, é, como sabeis, cercado de muitas palhoças de pescadores, com seu teto de pindoba e as suas paredes de barro escuro. As aningas das margens deixam cair sobre ele as folhas de diversas cores, e em alguns lugares cobrem-no completamente; as brancas flores de batatarana, e as outras flores silvestres de cores variegadas vão aqui e ali à tona d’água, e de vez em quando o peixe-boi bota fora dos [...]inzaes da beira a sua cabeça e [...] pescadas, os tucunarés boiam mansamente, enrugando a superfície lisa e calma do Macuranim.

Foi aí, numa dessas cabanas da beira do lago que o capitão Amâncio e seus amigos passaram aquele dia, que devia ser tão fatal à tranquilidade da faceira Mariquinha. Os galanteios, as maneiras delicadas que só sabia ter Lourenço, a influência – que exerce a novidade nos ânimos das mulheres, a vaidade excitada, tudo isto concorreu para paixão que de súbito dominou o coração da afilhada do Bentes. Ela até então sempre vencedora e altiva, foi desta vez vencida. Desde o passeio ao Macuranim, a moça conheceu que a sua tranquilidade desaparecera de uma vez; sentiu confranger-se-lhe o coração, um sentimento íntimo, desconhecido mas profundo, apoderou-se dela, e inundou-lhe a alma de vagas inquietações. A primeira mudança que sentiu em si, foi o despeito que se despertou com algumas palavras amáveis que o moço empregado dirigiu à filha do Juiz Municipal, petulante trigueira de dezoito anos de idade. Na volta para vila Mariquinha não pode ocultar a tristeza; já não corria atrás das borboletas, nem trepava nas goiabeiras do caminho; vinha séria, ao lado do padrinho, mas não tirava os olhos de Lourenço e da filha do Juiz que vinha atrás de todos conversando e rindo, correndo aqui e ali como duas verdadeiras crianças. À afilhada do tenente-coronel causou doloroso espanto a inconstância de Lourenço, e não sabia explicá-la. Momentos antes ainda, o moço se mostrara apaixonado dela, e agora ria-se e conversava em voz baixa com a Lucinda, na opinião de Mariquinha a moça mais *guessa* de Vila Bela. Era forçoso crer agora na volubilidade natural dos moços da cidade, coisa em que ela nunca quisera acreditar, apesar de lho afirmar sempre a Margarida, sua ama de leite. Impressionada por estas ideias e outras semelhantes, ferida imensamente, e pela primeira vez, no seu amor próprio de moça bonita, caminhava a rapariga sem dizer palavra; até que chegaram à vila, e despediram-se uns dos outros à porta do tenente-coronel. Lourenço ainda continuou a caminhar na companhia do Juiz, e Mariquinha seguir com o olhar o grupo em que ele ia, até vê-lo dobrar a esquina e perder-se por trás da igreja. Quando a moça voltou-se para entrar em casa, notou que o padrinho a observava; e corou. O tenente-coronel perguntou-lhe com a voz um tanto zangada:

— Ora vamos, Maria, então o que é isso?

— Nada, não senhor – tornou ela, e penetrando na habitação, correu direto ao seu quarto. Lá pode a sua vontade deixar correr as lágrimas que lhe marcavam os olhos, lágrimas aquelas de vergonha, de despeito, de vaidade amesquinhada, de amor próprio ofendido.

Desde então não houve quem não notasse em Vila Bela a mudança rápida que se operava em Mariquinha. A moça vivia triste e aflita, vítima de uma dessas paixões que

tem tanto de rápidas como de profundas, duma dessas paixões que se leem nas novelas, mas que também se veem na vida.

Vós que conheceis tão bem como eu as nossas mulheres sabeis quão impressionáveis são elas, e não vos admirareis de certo do que vos conto, o que além disso vos afianço que é verdade, porque muito vi, e muito ouvi das pessoas mais respeitáveis da terra. As nossas moças, de uma educação descuidadíssima, e por isso de uma imaginação desenfreada, impressionam-se por qualquer fato que lhe parece extraordinário, por uma qualidade que elas reputam acima das outras, por uma pretensa vantagem pessoal, e impressionam-se profundamente. Pensai no que não produziria Lourenço, bonito, airoso, bem falante, vivo, e sobretudo recém-chegado da capital do Pará nas cabecinhas cheias de vento das moças de Vila Bela! E quando ele era o primeiro a dar o desmentido à gente da terra a respeito dos atrativos de Mariquinha, imaginai o que não devia sofrer com isto a pobre moça!

O filho do capitão Amâncio era um desses moços que julgam ser-lhes tudo permitido por serem moços e bonitos. Acostumado àquela vida fácil dos namoros do Pará, julgava que podia aqui continuar a mesma forma, sem refletir que as nossas raparigas não são como as das cidades que estão acostumadas a tudo ouvir sem fazer caso. As daqui tudo tomam a sério, em tudo acreditam, e daí esses amores não correspondidos que fazem as suas desgraças.

Mariquinha amou a Lourenço com uma pessoa que não sabia o que era amor; passava os dias sem comer, as noites sem dormir, e quando alguma nova proeza do moço lhe vinha matar ainda alguma esperança, a rapariga como último recurso, chorava, mas chorava no seio de uma amiga, da velha Margarida.

Lourenço, esse continuava alegre, namorando as moças do lugar, e gozando das suas férias.

Uma vez, entretanto, Mariquinha julgou que a sorte lhe sorria, e que Lourenço havia de modificar o seu volúvel gênio, em favor dela. Foi por uma linda tarde de janeiro, no dia de Reis, quando se encontraram na Prainha. Tinham ido algumas famílias a tomar banho ali, e Mariquinha, que fora mau grado seu, sentiu íntima alegria por não ver ali a sua rival mais temível, a filha do Juiz Municipal. Naquela tarde esteve Lourenço de maneiras encantadoras, e a afilhada do Bentes pode contar um dia de felicidade entre tantos de amargura que tivera. O empregado indagou com ternura da causa da tristeza que todos lhes notavam, lamentou a sua ausência dos bailes e dos passeios, teceu-lhe mil coroas, colocando-a acima de todas as moças da terra, mesmo

Lucinda. Disse-lhe que pasmara de encontrar em Vila Bela uma moça como poucas ou nenhuma havia no Pará, que a sua graça, a sua beleza, as suas maneiras eram dignas de figurar nas capitais, e acabou por declarar-lhe a grande paixão que lhe ia n'alma, com aquelas palavras mentidas, que tão bem sabem usar os moços da cidade. Mariquinha sentia a felicidade inundar-lhe a alma, o seu coração abria-se de novo à esperança, os seus olhos brilhavam com um fulgor extraordinário, e os seios arfavam-lhe, apertados no corpinho de chita. Todos os seus pesares desvaneceram-se de súbito, as noites de insônias, e os dias de amargura foram esquecidos, o carmim tingiu-lhe as faces decoradas, e um sorriso de anjo, sorriso de ventura, iluminou-lhe o moreno rosto. Passeavam nas praias que se estendem naquele lugar, e foi ali que trocaram o primeiro e o último beijo.

No dia seguinte Mariquinha amanheceu cantando, o que surpreendeu a todos de casa, exceto a velha Margarida, que durante a noite ouvira a história do passeio à Prainha. Passou a moça o dia alegre e contente, mas a noite preparava-lhe uma decepção horrível. Reunidas em casa do capitão Amâncio para um jogo de prendas, de que eram as principais famílias. Mariquinha e Lucinda acharam-se frente a frente. Mais uma vez a afilhada do tenente-coronel foi vencida. Lourenço foi todo desvelos, atenções, cuidados e galanteios para com Lucinda. Trocaram os dois abraços e beijos à vista de todos, riram-se, foram aplaudidos, enquanto que a triste moça ralava-se de ciúmes e raiva, obrigada a ouvir os insulsos galanteios do doutor Filgueiras. Retirou-se cedo, e ao chegar em casa foi vítima de uma grande crise nervosa, uma ataque que lhe durou três horas. Quando tornou a si, a moça achou-se a sós com a sua boa Margarida, e derramou um torrente de lágrimas. Foi então que a velha teve a ideia de ensinar um remédio que vencesse a inconstância de Lourenço; infeliz ideia, que com a melhor intenção do mundo deu horrorosos resultados.

Segundo a Margarida, certo *tajá* produzia efeitos infalíveis aplicado em certas doses; vira-se Fulana, depois de prová-lo, morrer de amores pelo capitão Amâncio, vira-se o grave e sisudo tenente-coronel, o próprio Alvaro Bento, apaixonar-se doidamente pela velha Ignácia. Enfim, eram tantos e tão numerosos os casos do valor do *tajá* nesta sorte de coisas; que era, segundo ainda a velha, preciso ser herege para não acreditar nele. A inexperiente e apaixonada Mariquinha recebeu as palavras da velha como verdades caídas do céu; tanto mais quanto Margarida, pessoa autorizada e acostumada a ser ouvida pela menina, dizia com convicção profunda;

-“É experimentar... basta de choradeiras. Arê, minha gente...”

Havia então perto da Prainha, na beira do lago da Francesa, (assim chamado por ter outrora pertencido à mulher do velho Dolzani), uma tapuia velha, afamada em feitiços e em curas.

Foi a ela que se dirigiu a Margarida para obter o *tajá* desejado, com as indicações que deviam ensinar [...] dele. Uma porção ralada, misturada no café, devia ser dada a beber à pessoa, em quem se queria fazer nascer o amor mais violento, e mais profundo. Se a primeira dose não produzisse o efeito necessário, devia ser repetida.

Munida destas informações e do *tajá*, Margarida voltou a ter com a Mariquinha. Esta esperava ansiosa, e apoderando-se da planta, foi logo ralá-la numa língua de pirarucu.

Parece que a Providência resolvera que uma horrível desgraça acontecesse. Nesse mesmo dia, pelas duas horas da tarde, Lourenço visitava o tenente-coronel Alvaro Bentes. Convidado para tomar café na varanda, o rapaz penetrou sorrindo.

Mariquinha apresentou-lhe uma xícara daquele líquido. A menina mau grado seu tremia: um pressentimento terrível apertava-lhe o coração; bagos de suor corriam-lhe pela frente, mas ela procurou sorrir, oferecendo o café a Lourenço.

Este tomou a xícara, e levando-a à boca, sorveu de um trago metade do líquido que ela continha.

Custa-me, meus amigos, acabar de contar-lhe esta tristíssima história. Já adivinhastes sem dúvida quais foram os efeitos do feitiço de Mariquinha. O *tajá* que absorveu Lourenço é um dos mais terríveis venenos que jamais conheci. O moço sentiu fogo vivo abrasar-lhe o peito, e deitou-se a correr pelas ruas como um doido. O rosto tornou-se-lhe roxo, os olhos injetados de sangue, o corpo cobriu-se-lhe de chagas hediondas. No meio de um suplício horroroso, supliciou sem exemplo, que enchia de indizível pavor os que o viam, ora tentando subir pelas paredes do quarto em que o prenderam, ora mordendo as carnes com uma voracidade de fera, soltando gemidos que se ouviam em toda a vila, penava Lourenço Amâncio. O senhor compadeceu-se dele, e chamou-o a si, depois de duas longas horas de inauditos sofrimentos. O seu belo corpo, tornado hediondo pelas chagas, foi sepultado no mesmo dia no pequeno cemitério da vila.

O que mais vos direi?

Mariquinha desapareceu de Vila Bela, e ninguém sabe dizer até hoje para onde foi. A última vez que a viram, foi vagando pelas praias do lugar chamado Prainha. Hoje

dos seus infaustos amores só resta como lembrança em Vila Bela o nome de *amor de Maria*, dando ao terrível veneno que matou o filho do capitão Amâncio.

S. Paulo, 1º de Maio de 1876.

L. Dolzani.

DOLZANI, L. [Inglês de Souza]. Amor que mata. *A academia de São Paulo*, São Paulo, 8 maio. 1876. p. 1-2.

Carta dos editores da *Revista Nacional de Ciências, Artes de Letras* – Abertura da
revista 1ª página

União e progresso.

É inteiramente despida de pretensões que aparece a REVISTA NACIONAL DE CIÊNCIAS, ARTES E LETRAS.

Proporcionar uma arena aos escritores do nosso país, àqueles poucos que se ainda não deixaram assoberbar pela onda da política e dos negócios, e acreditam na possibilidade de uma regeneração para as nossas letras; agrupar os talentos espalhados por todos o Brasil, reunindo os seus escritos sem distinção de ideias políticas, mas somente com distinção do mérito em uma publicação mensal; eis o programa modestíssimo da nossa *Revista*, programa que contém todo no seu título.

Não temos, pois, a vaidade de vir preencher uma lacuna no nosso mesquinho mundo literário, nem de vir arrancar o público ao indiferentismo em que vive a respeito do que mais importa a um povo que quer ser civilizado. Outros têm tentando a mesma coisa, e se o Brasil não possui atualmente, além das especialistas, alguma publicação do gênero da *Revista Nacional*, de uma duração satisfatória, é isto devido a outras causas que não à falta de talento dos seus diretores e colaboradores.

Líquida como está para nós a questão de que a massa do nosso público é perfeitamente alheia aos tentamens literários, satisfeitíssimos ficaremos se conseguirmos merecer a simpatia desses poucos a que nos referimos. É a estes que nos dirigimos.

Não nos são desconhecidas as dificuldades com que havemos de lutar. No entretanto não pouparemos esforços para elevar a *REVISTA NACIONAL* a uma altura digna da parte mais ilustrada dos leitores do Brasil. Se nos falta aptidão, sobra-nos vontade.

O primeiro número de uma folha não pode realizar todas as promessas feitas, nem tudo o que se deve esperar da importância do fim proposto. Cada número da *REVISTA* será um passo dado para seu progresso.

É o compromisso que tomamos.

SOUSA, Inglês; CARLOS, Antônio. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, p. 1, jul-set 1877. Ano 1, nº1.

CRÔNICA

No meio da conflagração iminente de quase toda a Europa, quando os povos agitados pelas questões políticas têm a atenção completamente voltada para o Oriente, donde parece dever sair a resolução do grande problema do equilíbrio europeu, um sábio isola-se no seu gabinete e, face à face com a natureza, estuda os fenômenos biológicos, sondando com a calma e a inteligência do filósofo os mistérios do mundo científico, alheio inteiramente ao tumulto de mil paixões desenfreadas. Enquanto em torno dele fervem os ânimos receosos dos resultados de uma política mesquinha, Darwin, o imortal propagador do transformismo, tem os olhos fixos nos fenômenos do Mundo Vegetal, desse mundo variado e grandioso, misterioso e complicado, e que é como um vasto resumo do universo animado. Fruto de mais de dez anos de experiências, e experiências como as sabe fazer o autor da *Origem das espécies*, a última obra de Darwin (*Efeitos do cruzamento e fertilização própria do Reino Vegetal*), ocupa-se, como o mostra o título, dos fenômenos da geração espontânea das plantas, e envolve a grande questão da influência que pode ter o cruzamento sexual dos indivíduos afins sobre a sua descendência comum. É fácil de ver a importância da questão estudada. E como não temos a pretensão de criticar uma obra de Darwin, abriremos espaço a algumas observações feitas em um bom artigo bibliográfico publicado por um dos jornais da província, de certo escrito por pessoa competente.

“De todos os seres orgânicos que habitam certa espécie dada, podemos afirmar, diz o autor do artigo expondo as doutrinas do livro, que estão em relações mais ou menos íntimas, e que cada espécie se acomoda pelo correr do tempo não só à sua residência, mas também aos outros seres viventes, que habitam a mesma província geográfica. Deste ponto de vista não tomaram nota os naturalistas ou estudaram-no insuficientemente, quando Darwin estriba suas conclusões na maior parte nesta ideia principal. Assim explica-se o fato, por si maravilhoso, da fecundação das flores pela assistência de insetos. É isto um dos mais admiráveis casos de adaptação recíproca e uma prova evidente da verdade fundamental do Darwinismo. Os insetos efetuam naturalmente com mais certeza do que o vento, o encruzamento entre diversos indivíduos da mesma espécie. O proveito que resulta de um encruzamento semelhante para com a descendência, consiste segundo as experiências de Darwin com *Ipomoea purpurea* e *Digitalis* na robustez, nas proporções avantajadas dos indivíduos gerados

pela fecundação encruzada. A utilidade do encruzamento ressalta tanto mais quanto foram diversas as condições vitais (solo, clima, influências químicas) às quais estiveram expostos os progenitores dos indivíduos em questão. A estirpe principal encruza-se portanto vantajosamente com uma variedade. Darwin demonstra este fato do modo seguinte: As pequenas modificações interiores e exteriores, que experimenta uma espécie de plantas expondo-a por muito tempo a outras influências diversas das que sofrera até então, manifestam-se nos para a produção de uma prole robusta. A espécie e o grau desta diferença precisa para influir beneficemente no encruzamento sexual, na verdade ainda não o sabemos. O que pode dizer-se é: que muitas flores são provavelmente estéreis com seu próprio pólen, porque este não diverge devidamente do estigma, e que uma espécie certa – órgãos sexuais, respectivamente elementos genitais, e uma certa diferença entre esses elementos é condição indispensavelmente não se fecunda com outra, porque os elementos genitais são diferentes demais. Encruzamento tem por fim juntar indivíduos com órgãos sexuais de diferenças correspondências para assim concorrer para a formação de novos seres mais robustos. Não depende portanto do ato de encruzamento como tal, mas sim do ajuntamento de indivíduos suficientemente diferenciados em seus órgãos sexuais, para chamar à vida uma prole robusta, pela mescla dos elementos sexuais. Ao ato do encruzamento mesmo não assistem forças místicas, em certos casos podem indivíduos, mesmo consanguíneos, estar mais diferenciados a respeito dos elementos genitais do que indivíduos inteiramente estranhos. Portanto deveríamos proceder com cautela ao tratarmos da utilidade ou da nocividade de matrimônios, entre entes humanos relacionados pela consanguinidade”.

— Também no meio das circunstâncias dolorosas porque atravessa a pátria, Victor Hugo, esse grande coração patriota, canta as ingênuas felicidades da família, as carícias infantis, e a “Arte de ser avô” desperta a corda adormecida no coração dos povos. A França, a Europa, o mundo inteiro ouviu deliciosamente encantado as estrofes desses simples diálogos entre um velho e seus netinhos, estrofes impregnadas de tudo o que a poesia tem de mais elevado e ao mesmo tempo de mais tocante: o balbuciar indeciso da criança. A “arte de ser avô” forma um perfeito contraste com a “Legenda dos séculos” penúltima obra do grande poeta. Na “Legenda dos Séculos”, diz o Sr. Gustavo Frédèrix, todas as épocas resumidas em alguns dos seus aspectos ou dos personagens mais salientes, as civilizações, os grandes crimes, as brilhantes ações dos tempos sucessivos, reproduzidos em quadros maravilhosos. Na “Arte de ser avô” um

grupo único, quase sempre uma mesma cena, uma só emoção, o esquecimento voluntário dos grandes tumultos, dos momentos tormentosos, das figuras ou dos acontecimentos gigantescos. A oposição é absoluta: encontrá-la-emos nos pensamentos, na linguagem e no assunto. A facilidade maravilhosa com que dispõe Victor Hugo na língua francesa afirmou-se ainda mais uma vez e de um modo brilhante nesta sua última obra, com os primeiros e incertos voos do pensamento, com as mais ingênuas invenções. O coração do poeta, a sua ternura de pai e ao mesmo tempo a razão de ser da obra de que falamos encontram-se todos nos seguintes versos que reproduzimos em original para não deturpá-los:

Je ne suis pas de ceux qu'effraie un ciel en deuil,
 Et qui, n'osant sonder les styx et les avernes,
 Tremblent devant la bouche obscure des cavernes ;
 Quand les tyrans lançaient sur nous, du haut des airs,
 Leur noir tonnerre ayant des crimes pour éclairs,
 J'ai jeté mon vers sombre à ces passants sinistres ;
 J'ai traîné tous les rois avec tous leurs ministres,
 Tous les faux dieux avec tous les principes faux,
 Tous les trônes liés à tous les échafauds,
 L'erreur, le glaive infâme et le sceptre sublime,
 J'ai traîné tout cela pêle-mêle à l'abîme ;
 J'ai devant les césars, les princes, les géants
 De la force debout sur l'amas des néants,
 Devant tous ceux que l'homme adore, exècre, encense,
 Devant les Jupiters de la toute-puissance,
 Été quarante ans fier, indompté, triomphant ;
 Et me voilà vaincu par un petit enfant.

Com a leitura destes magníficos versos, que mostram no velho de setenta e cinco anos o mesmo vigor de pensamento e o mesmo poder de concepção do autor dos “Chatiments” e da “Legenda dos Séculos”, já se vê que a “Arte de ser avô” não é um tratado que contenha em bonitos versos fórmulas para educação mundana dos meninos: é a história de tudo o que viu e sentiu o poeta diante dos quadros da vida infantil, e que cada um de nós verá e sentirá por nossa vez. “Esta “arte de ser avô”, diz o Sr. Frédèrix,

que já uma vez citamos, esta “Arte de ser avô”, cuja forma é tão pura, cuja execução tem tanto vigor quanto delicadeza, deixa-nos apenas entrever o trabalho da confecção dos versos: é uma obra de facilidade e de ternura. Não se sente a necessidade de admirar-lhe alguma coisa, porque nela tudo encanta.” O grande poeta ciclópico, que escalava os céus e percorria o mundo com uma frase, transfigurou-se e ele próprio o diz:

Que mènent les enfants, je réglerai ma marche
 Sur le temps que prendront leurs jeux et leurs repas,
 Et sur la petitesse aimable de leurs pas.

Eis como se faz essa transformação:

En moi, désirs, projets, les choses insensées,
 Les choses sages, tout, à leur tendre lueur,
 Tombe, et je ne suis plus qu'un bonhomme rêveur.
 Je ne sens plus la trouble et secrète secousse
 Du mal qui nous attire et du sort qui nous pousse.
 Les enfants chancelants sont nos meilleurs appuis.
 Je les regarde, et puis je les écoute, et puis
 Je suis bon, et mon cœur s'apaise en leur présence ;
 J'accepte les conseils sacrés de l'innocence,
 Je fus toute ma vie ainsi ; je n'ai jamais
 Rien connu, dans les deuils comme sur les sommets,
 De plus doux que l'oubli qui nous envahit l'âme
 Devant les êtres purs d'où monte une humble flamme ;
 Je contemple, en nos temps souvent noirs et ternis,
 Ce point du jour qui sort des berceaux et des nids.

Aqueles que dizem que Victor Hugo foi um grande poeta, hão de confessar, lendo a “Arte de ser avô” que ele é ainda o maior poeta contemporâneo.

— Entre nós a história pátria tem um decidido e inteligente cultor no sr. Dr. Moreira de Azevedo. O seu livro, “O Rio de Janeiro, sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades”, cuja segunda parte acaba de ser publicada pela casa

Garnier, da Corte, é um brilhante atestado do que dissemos. Tudo o que pode produzir a aturada investigação dos fatos, o exame detalhado e inteligente dos velhos documentos, a boa crítica dos monumentos escritos e não escritos que nos deixaram os nossos antepassados, grande cópia dos quais está inteiramente perdida pela nossa proverbial incúria a respeito dessas coisas, tudo foi bem aproveitado pelo sr. Moreira de Azevedo, que no meio da indiferença geral, acha sabor em estudos desta ordem, e tem bastante dedicação para prestar serviços que poucos apreciam. “O Rio de Janeiro” é uma obra que devia estar em todas as estantes.

— Emílio Erckmann e Alexandre Chatrian, os dois originalíssimos romancistas franceses que produziam “Madame Therèse, le Brigadier Frédéric, Contes de la Montagne e Hugue-le-loup”, verdadeiras maravilhas de graça e simplicidade, acabam de publicar um novo livro “Maitre Garpar Fix”, livro que como quase todos desses eminentes escritores ocupa-se de incutir no ânimo popular as suas sãs ideias sobre as coisas pátrias. É possível que no número seguinte nos ocupemos mais detalhadamente desta produção.

— O ilustre jurisconsulto nosso Lafayette Rodrigues Pereira acaba de dar à luz o “Direito das Coisas”, complemento da sua primeira obra – “Direitos da família” – que tantos aplausos mereceu. Falta-nos, porém, espaço para dizer alguma coisa sobre o novo livro de jurisprudência como sobre outras publicações de interesse.

Julho 1877

Inglês de Sousa

Sousa, Inglês de. Crônica. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, jul-set 1877. Ano 1, N°1. p. 60 – 64.

O SINEIRO DA MATRIZ

Conto do Amazonas

I

“Se é verdade, disse o Dr. Silveira, que o nível dos caracteres tende a baixar cada vez mais à medida que progride a corrupção geral, também é fora de dúvida que ainda se encontram de tempos em tempos almas de uma tempera rigidíssima, que passariam para os espíritos desprevenidos e superficiais por criação de alguma imaginação doentia, produto das faculdades excitadas d’algum poeta romântico. Nos nossos dias é tal a vileza dos caracteres que o ceticismo entronizou-se com aparências de razão, e que a descrença absoluta dos homens e das coisas apodera-se da mocidade logo ao sair da escola, e a conduz por entre as mil vicissitudes da vida até o túmulo sem abandoná-la jamais. A antiga energia, aquela força, que sem dúvida para os nossos netos será incrível pois já é prodigiosa para nós, desapareceram na quase totalidade em meio da confusão geral produzida por uma civilização bastarda como a nossa, em que o poder de dominar as próprias paixões é o mais difícil e raro dos privilégios do homem; mas não devemos fazer as coisas piores do que verdadeiramente são: há ainda pelos recantos na sociedade brasileira um ou outro caráter, uma ou outra alma capaz de resistir a todas as desgraças, aos embates do mundo externo como aos do mundo interno, aos homens como ao próprio coração.

Esta grande virtude de saber vencer-se a si mesmo, e de pautar todos os atos da vida por uma norma invariável, às vezes uma ideia fixa, uma obrigação imposta à cabeça, com quem nem sempre o coração pactua, este esquecimento de si que fazem os grandes homens e os grandes bandidos, são pelos poetas decantados como o grande ideal da humanidade, e pelos filósofos declarados pura e simplesmente uma doença: eu limito-me a admirá-los, extremamente impressionável que sou por tudo o que é belo e por tudo o que sobressai às vulgaridades. Não distribuo a caracteres dessa ordem nem o louvor nem a censura. Não sou moralista. Aprecio simplesmente os fenômenos da natureza humana, e embora esta minha confissão possa parecer-vos pelo menos singular, amo tudo o que é grande e belo.

Conheci Paulo da Rocha em Vila Bela em 1832; eu não passava então de um curumim⁴²¹ de onze anos, curioso e vadio como todos os rapazes dessa idade; Paulo da Rocha orçava já pelos sessenta anos, e era interessante de ver a amizade que nos ligava a ambos. O velho, ríspido e severo para os demais, era extremamente bondoso para comigo. Não sei que imã oculto me atraía para aquele homem de cabeça branca de quem meus pais não gostavam, e pelo qual sentia geralmente a melhor gente da terra uma antipatia mesclada de horror. A causa desse afastamento da sociedade vila-belense pelo velho do outro mundo, como o chamavam ali, eram duas principalmente, sem falar do gênio taciturno e sombrio do homem: Paulo era Pernambucano, e fora um dos rebeldes de 1817, um soldado fiel de Domingos Teotonio e de Martins. A fértil imaginação do Amazonense fizera logo do velho revolucionário um personagem misterioso, fatal e perigoso, de cuja alma já estava de posse o diabo, ainda em vida do corpo. Emprestava-lhe o vulgo uma quantidade enorme de crimes horrorosos, e diziam as velhas mexeriqueiras que ao bater da meia noite, via-se vagar pelas ruas a alma do Pernambucano, que purgava as suas culpas. As crianças fugiam à vista dele, e os roceiros benziam-se quando o viam passar curvado sob o peso dos anos e da meditação constante, arrimado no seu bastão de maçaranduba, com o crânio despido exposto aos raios do sol.

Toda a gente séria calava-se se ele aparecia, e fitava-o curiosa; as mães de família faziam aos filhos a inútil recomendação de fugir as vizinhanças da casa do Rocha. O seu nome era o espantinho das crianças malcriadas, e a ameaça de dá-lo de presente ao velho do outro mundo fazia do menino mais travesso um manso cordeirinho. Apesar disto ou talvez por causa disto mesmo, a simpatia que eu votava a mestre Paulo era imensa. Desde a mais tenra infância vivi sempre em contradição de sentimentos com os que me cercavam; gostava do que os outros odiavam, e o melhor título que poderia ter um homem ou uma coisa à minha afeição era o desprezo geral. Eu não podia ver um cão leproso que todos enxotavam com asco de junto de si, que não corresse a dar-lhe um pedaço da minha merenda. Depois a minha imaginação exaltava-se por qualquer coisa ao mesmo tempo que uma curiosidade imensa apoderava-se de mim; gostava do maravilhoso, e queria saber-lhe a última palavra: uma feiticeira encantava-se; sentia um desejo ardente de ver um lobisomem, e estremecia todo de medo e de prazer quando ouvia piar em cima do telhado a agoureira coruja. Foi isso o

⁴²¹ Menino. (Nota do A.)

que primeiro senti à vista de Paulo da Rocha; mas em breve transformou-se esse sentimento numa simpatia ardente, numa amizade entranhável que para mim estava acima de tudo. Não sei que secreto pressentimento me mostrava naquele pobre velho um herói das antigas lendas que a minha avó me contava à luz mortíça da lamparina de azeite, um homem como eu sonhava nos meus devaneios infantis. Tudo no velho do outro mundo contribuía para aumentar o que eu sentia a seu respeito. A sua grande cabeça calva, o seu nariz adunco, os grandes olhos vivos, uns olhos de ave de rapina, a boca enorme, ornada de dentes magníficos, cuja deslumbrante alvura era realçada por um perpétuo sorriso sério e pensativo, que sabia ser de uma bondade de Cristo; a fala rápida, rouca e ríspida, mas de uma rispidez franca, serena, boa, uma voz que me ia direto ao coração; o porte alto, e até aquelas rugas severas do rosto cor de cobre; o seu indiferentismo diante das vicissitudes comezinhas da vida; o nenhum caso que fazia das intrigas da terra, tudo me fazia ver no Pernambucano um personagem ideal e fantástico, um homem como eu imaginava os meus heróis.

Enquanto os meus companheiros fugiam espavoridos só ao ouvir o nome de Paulo, toda a minha ocupação era descobrir um novo expediente para visitá-lo sem acordar a desconfiança de minha mãe. Nas horas da sesta meu pai, depois de me ter feito sentar em uma cadeira da sala, e de me ter posto a *Arte latina* aberta nas mãos, retirava-se para o seu quarto, e momentos depois ressonava; minha mãe andava ainda a dar uns giros pela casa, mas acabava por fazer o mesmo que o marido; a casa ficava em silêncio; as escravas agrupavam-se na cozinha e cochilavam conversando em voz baixa; só de vez em quando algum galo invadia a varanda e cortava bruscamente o silêncio acompanhado com o seu canto barulhento as monótonas badaladas do grande relógio de parede. Era então que descalço, e andando pé ante pé, eu abria o portão do quintal e deitava a correr pelo caminho do cemitério até chegar à casinha de Paulo da Rocha, que é ainda hoje a mesma em que mora o tenente-coronel. Eu encontrava sempre o Pernambucano sentado em um tosco banco de pau na sala de visitas, encostado a uma mesa e lendo n'algum alfarrábio curioso.

Divertíamos-nos então conversando sobre o tempo antigo ou lendo as histórias extraordinárias que haviam sucedido em Pernambuco e que Paulo se gabava de ter presenciado. Ele gostava de excitar a minha juvenil imaginação com a narração desses feitos gloriosos, que me faziam estremecer de alegria e seguir com os olhos brilhantes e as faces incendidas em entusiasmo as palavras do velho, que parecia animar-se.

Paulo da Rocha era viúvo e tinha uma única filha, rapariguinha gentil de quinze e dezesseis anos de idade, mas já séria e pensativa como o pai. A vida que levava em Vila Bela a pobre criança era o que a fazia assim. Desprezada de todos, vivendo isolada, entregue unicamente aos cuidados de um pai velho e triste, a interessante Júlia conhecera desde os mais tenros anos a desgraça, e parecia acostumada a ela. Aquele velho e aquela menina compreendiam-se perfeitamente. Não ouvi nunca um gesto sequer de desagrado de mestre Paulo nem um sinal de desgosto de Júlia que denotassem uma contradição de vontades. A pequena parecia adivinhar os desejos do pai que por sua vez era todo ternura e carinhos para com a filha, embora não saísse dos limites da sua severidade natural. Essa severidade, porém, encobria mal o amor que lavrava naquele coração de pai. Júlia governava o velho rebelde, que parecia sujeitar-se àquele doce império com prazer. A menina conhecia-lhe todos os gostos e as mais insignificantes predileções: parecia adivinhar quando é que Paulo gostava de estar só, entregue aos seus pensamentos, e quando gostava de ouvi-la cantar uma modinha de sua província que ele mesmo lhe ensinara, ou de ouvir sem escutar o agradável chilrear de criança. Às vezes era Júlia quem nos fazia a leitura. Sentada ao pé da mesa com o livro ou jornal na mão, ela repetia com voz argentina aquelas histórias já muito nossas conhecidas. O velho com o queixo apoiado nas mãos estas no bastão, seguia atentamente o movimento labial da jovem como se ouvisse alguma coisa de novo; eu repartia a minha atenção com imparcialidade entre o velho, a história e a menina.

Oh! como eram agradáveis esses momentos de suave intimidade, e como duravam pouco!

Era com o maior pesar que eu via aproximar-se receosa até uma distância respeitável uma crioula da minha família que vinha chamar-me para o jantar. Ao chegar em casa não raras vezes fui castigado por meus pais, que me declaravam incorrigível; mas não era por isso que eu ficava triste durante a refeição: era porque me parecia ter ainda diante dos olhos aquele grupo encantador do velho e da menina, e ouvia a voz maviosa de Júlia a ler as proclamações incendiárias dos rebeldes Pernambucanos!

II

Júlia era uma excelente dona de casa. Ela e o pai viviam sós naquela casinha, hoje renovada, que vós todos conheceis. Eram muito pobres para ter escravos, e de certo criados livres não poderiam encontrar em uma terra onde só o nome do patrão causava horror. Mas não havia em toda vila mulher que mais asseada e arranjada trouxesse uma

casa do que Júlia. A menina era admirável de providência e economia. Mas as únicas pessoas que podiam apreciar estas virtudes caseiras, porque eram as únicas que tinham ingresso na habitação, éramos nós, o Padre Vigário e eu.

Por uma singularidade que até hoje ninguém pode explicar satisfatoriamente, o Vigário era entusiasta do velho do outro mundo. Apesar dos conselhos dos amigos sensatos e dos murmúrios das beatas o Padre João frequentava a casinha de Paulo, passava largas horas a conversar com ele, e levava mesmo o seu amor ao Pernambucano a ponto de fazê-lo seu sacristão e de nomeá-lo sineiro da matriz com grande escândalo das almas piedosas do lugar. Ninguém podia perdoar o Vigário esta amizade estranha que o ligava a um homem geralmente temido e mal considerado, e alguns entendidos explicavam-na dizendo que o Padre estava enfeitiçado pelo sacristão. Eu porém hoje quero crer que o Padre João era dotado de um espírito superior e elevado, incapaz de se deixar dominar pelas idiotas opiniões das beatas; e digo isto pelo que ouvi das suas conversações com o mulato, e pelo que me resta na memória das suas relações com o meu velho amigo; o que pois é verdade, e o que constituía um fato ao qual a melhor gente da terra não podia acostumar-se, é que Paulo da Rocha era sacristão e sineiro da matriz, e apesar da animadversão geral desempenhava os deveres do seu cargo com o maior escrúpulo e exatidão, não dando ocasião às censuras nos detalhes do serviço.

Ao amanhecer, quando uma ou outra porta estava aberta, e apenas se via nas ruas os raros tapuios que se dirigiam espreguiçando-se para o serviço, Paulo sai de casa e atravessava silencioso a vila em direção à igreja. Era ele quem tocava o sinal para a missa matutina, e quem preparava o templo. Enfiava depois a sua velha opa e punha-se à espera do Vigário que não tardava em chegar, saudando os transeuntes com um sorriso afável. Pouco a pouco se foram rarefazendo os frequentadores da missa da manhã, fato este que se atribuía a Paulo, de cuja presença fugiam os devotos o maior número de vezes que podiam. O Padre, porém, parecia não dar por isso, e continuava a sacrificar todos os dias, tendo muitas vezes por único ouvinte o seu sacristão.

Afinal foi-se o povo de Vila Bela acostumando à presença do Pernambucano, que era suportado como uma calamidade inevitável. As velhas continuavam a dizer que o único defeito do Padre Vigário era a sua amizade pelo velho do outro mundo, mas afora o afastamento que todos sentiam pela sua pessoa, Paulo pouco a pouco foi-se sentindo mais à larga naquela sociedade ferrenha e despótica, e pode viver descansado. O tempo tudo pode.

O que contribuiu para isso, além do prestígio do Padre, foi a agitação que reinava nos espíritos com as primeiras notícias da cabanagem que assolava a província do Pará, e que pouco a pouco se aproximava do Amazonas.

Mil boatos contraditórios começavam então a correr em Vila Bela, e o pânico era geral. Ora dizia-se que os cabanos vinham tomar de assalto a Vila e queimar vivos os habitantes, ora que eles haviam sido completamente batidos pelas tropas legais antes de chegarem a Santarém. Não se falava em outra coisa e o pobre rebelde de 1817 era completamente esquecido pelos rebeldes de então. Todos os dias viam-se tapuios desertarem o serviço dos patrões e fugirem, descendo o rio com o fim de reunir-se aos “brasileiros”. A Vila ia pouco a pouco ficando deserta à medida que os terríveis inimigos dos portugueses e dos maçons se aproximavam de Óbidos: os cacaulistas retiravam-se para os seus sítios, aqueles que tinham alguns bens em alfaías ou dinheiros tratavam de escondê-los, a desconfiança mútua era geral, o pai não se fiava no filho, o irmão não confiava os seus segredos ao irmão. Terríveis efeitos da guerra fraticida!

Durante esse tempo a vida na casinha de Paulo da Rocha continuava serena e inalterável como d’antes. Parecia que nada havia de novo, e que a atmosfera não dava sinais de tormenta.

A leitura dos jornais e livros velhos era a nossa distração favorita, e pouco se nos dava a agitação que reinava em toda a vila.

Esta paz interior não devia durar muito tempo.

Uma tarde, não me recordo em que data, uma tarde em que lograra mais uma vez escapar à vigilância de minha mãe, eu dava parte aos meus pobres amigos da resolução que tomara nesse dia meu pai de enviar-me para o seminário do Pará (que era então o colégio de maior fama), quando vi entrar o Padre João com o semblante sério, o que não lhe era habitual.

O Vigário sentou-se depois de ter saudado o velho, e de ter-nos abençoado, a mim e a Júlia, e disse, fitando os olhinhos vivos no rosto descarnado do mulato:

— Os rebeldes acabam de entrar em Óbidos.

Paulo recebeu a notícia com a maior indiferença. Depois de uma pausa breve, disse, esboçando um sorriso:

— E então?

— E então? tornou o Padre, descrevendo com a ponta da bengala uns rabiscos no chão. E então? É que os habitantes de Óbidos fiaram-se nas promessas que eles lhe fizeram, e caíram na tolice de abrir-lhe as portas... De que lhes serviu terem cercado

toda a Vila de estacas embarreadas? Entregaram-se como carneiros ao morticínio. Os cabanos mataram na noite de anteontem mais de cem pessoas. É o que me acabou de contar o José Cavalheiro que chegou ainda pouco de lá. A Vila toda está assustada. Não para ninguém em casa; está toda a gente reunida na igreja, apesar de não se saber a verdade. O que há de fazer? Se em Óbidos, onde todos estavam prevenidos, não se pode resistir, o que havemos de fazer aqui?

— Descansar em Deus Nosso Senhor, murmurou Paulo da Rocha com acento grave.

— Sem dúvida, responder o Padre com ligeira impaciência; mas Deus disse: ajuda-te que eu te ajudarei. Não podemos ficar de braços cruzados. Receio mais por Vila Bela do que por outra qualquer povoação do Amazonas. A resistência aqui é impossível, e além disso por desgraça deste povo deu-lhe Deus um pastor que pela sua condição não faz senão agravar-lhe os males; sabem os cabanos que eu sou português, e por isso está tudo perdido; de nada me serve ser ministro do Senhor, para esses fanáticos sanguinários a minha nacionalidade é um crime sem perdão possível. Oh! — continuou o Padre vivamente, e como se temesse que as suas palavras fossem mal interpretadas -, Deus é testemunha de que não é da minha sorte que me arreio; somente estremeço pelos meus pobres irmãos que hão de ser vítimas da minha involuntária culpa.

E o Padre deixando escapar um triste suspiro, pôs-se a meditar com os olhos pregados no chão.

Paulo não dizia palavra. Júlia e eu presenciávamos mudos e vagamente temerosos esta cena cuja gravidade, apesar dos nossos poucos anos, compreendíamos perfeitamente.

Depois de longa pausa o Padre ergueu vivamente a cabeça e disse:

— Mestre Paulo, só você nos pode salvar.

O velho olhou-o admirado, e interrogou:

— Eu, Padre Mestre? E como?

— Eu mesmo não o sei, meu amigo, mas sou um homem de pressentimento e tenho um pressentimento de que só você nos poderá salvar. Você é homem capaz de inspirar confiança aos cabanos pelos seus antecedentes...

— E quem me assegura a confiança dos brancos? disse amargamente o Pernambucano.

O Padre hesitou como quem não esperava por esta saída e depois disse:

— Você há de fazer direito à confiança de todos os Vilabelenses como já tem direito à minha. No fim de contas esta gente é boa e há de reformar o juízo que faz a seu respeito, principalmente quando o vir, já velho e cansado pôr-se à frente de nós todos para bater os cabanos.

— Bater os cabanos! exclamou Paulo erguendo-se e fixando a vista brilhante nos olhos do Padre, bater os cabanos, Padre Mestre! e quem lhe disse que eu não sou cabano?

O Padre fez um involuntário movimento de horror e afastou o banco em que estava sentado. Júlia ergueu-se para o pai admirada a vista como se pela primeira vez o desconhecesse. Eu mal me pude ter de pé, tanto me tremiam as pernas ouvindo aquela pergunta que me parecia uma horrível revelação; se eu pudesse teria fugido, tal era o horror que eu sentia, apesar das minhas ideias românticas por aqueles homens que juravam a morte de meu pai por ser português.

O Pernambucano não pareceu dar pelo nosso espanto, e continuou com a voz alterada como se lhe ficasse presa na garganta:

— Bater os cabanos! Uns pobres diabos que a miséria levou à rebelião! Uns pobres homens cansados de viver sob o despotismo duro e cru de uma raça desapiedada! Uns desgraçados que não sabem ler e que não têm pão! E quem lhe disse que eu era capaz de pegar em armas contra eles? Sr. Padre João, eu só lavei as mãos em sangue quando o fiz no sangue dos inimigos da minha pátria, porque esse era o meu dever. E eles eram fortes e poderosos, nós éramos fracos e pobres; a justiça da causa santificou os meios; fui vencido, mataram-me a mulher, a minha pobre Margarida que nenhuma culpa tinha do que eu fizera; obrigaram-me a fugir... a fugir! entendeu, Sr. Padre? Obrigaram-me a fugir com uma recém-nascida nos braços, e foi por amor dela que eu, o velho Paulo da Rocha, fugi! Desde então sou sempre pelos fracos contra os fortes, pelos oprimidos contra os opressores. A causa dos infelizes é a minha causa, Sr. Vigário de Vila Bela!

Paulo da Rocha parecia transfigurado. O seu crânio despido refletia os raios do sol cadente com um brilho estranho. As rugas do seu rosto pareciam ter desaparecido. A sua fisionomia tinha uma vida extraordinária. Lia-se lhe a exaltação nos olhos.

— Eu não sou nenhum fazendeiro rico, continuou ele, nem negociante afreguesado, nem cacaalista abastado para arreçar-me dos cabanos. Sou pobre como eles, desprezado como eles o foram. Por que então hei de tomar a defesa dos outros

contra eles? Não terá porventura o governo forças bastantes para combatê-los? Onde está a soberba e a superioridade do branco?

Paulo olhou em redor de si, e vendo-nos mudos, atônitos por aquelas palavras que não esperávamos ouvir da sua boca, acalmou-se subitamente, e sentando-se de novo, disse, pausadamente:

— Senhor Padre João, certamente eu estou longe de aprovar os morticínios e saques que têm feito os “brasileiros” por toda a parte. Sem dúvida eles obram mal. Embora pense assim, não estou porém disposto a pegar em armas contra eles. Estou velho, continuou com voz fatigada, estou velho e cansado, tenho uma filha de quem sou o único arrimo, e sinto que não devo, não posso, não quero merecer a confiança dos brancos de Vila Bela.

III

Desde logo as minhas relações com o velho do outro mundo sofreram uma modificação considerável. Contra a minha vontade eu comecei também por minha vez a ter-lhe medo. É preciso que saibais que naquele tempo a coisa que mais aterrorizava a melhor gente do Amazonas era a cabanagem; dizia-se que os cabanos, inimigos encarniçados dos portugueses e dos maçons levavam por toda parte o morticínio e o roubo, não respeitando nem velhos, nem crianças e nem mulheres. As façanhas sanguinolentas desses fanáticos caboclos eram narradas à meia voz pelos viajantes, que aportavam em Vila Bela, de uma maneira tão exagerada que horrorizava os mais fortes e destemidos. Falava-se de pessoas queimadas vivas, de mulheres esfoladas, e sobretudo do terrível “correio”, que era um meio de suplício inventado pelos atrozinhos rebeldes. Consistia ele em mutilar os membros da vítima e embarcá-la com uma pedra ao pescoço em uma canoa, que depois de alguns minutos de viagem abria água em pleno rio. Apesar de todo o meu entusiasmo por Paulo da Rocha, o diálogo que eu ouvira entre ele e o Padre tinha-me feito fugir-lhe quase com horror. Toda a gente da terra sabia do juramento que os cabanos haviam feito em Vila França de matar toda a família de Guilherme da Silveira, o “marinheiro”, como eles chamavam meu pai. Dera motivo a esse ódio extraordinário o ser meu pai um capitalista abastado, e ter em algum tempo exercido o lugar de Juiz de Paz em Óbidos e Santarém, onde desenvolvera grande atividade contra os movimentos populares dos tempos de independência. À vista disso deveis imaginar como podia eu olhar para o Pernambucano, que agora me parecia dever ser quem primeiro indicasse aos rebeldes o asilo de minha família.

Paulo da Rocha também tinha modificado os seus modos comigo; olhava-me desconfiado, parecendo arrependido de ter tão francamente manifestado a sua opinião na minha presença. Mesmo com a filha o Pernambucano já não era o mesmo. Mostrava-lhe uma severidade desusada. No dia seguinte pela manhã tendo visto sair o velho, eu fora curioso espiar pela cerca do quintal o interior da casinha; pareceu-me que Júlia tinha os olhos vermelhos como quem havia chorado muito; eu não soube então explicar que tristeza era aquela que me ia no coração, vendo os sinais do desgosto da menina.

Vila Bela⁴²² estava muito longe de ser naqueles tempos calamitosos o que foi depois e o que ainda é hoje. Meia dúzia de casas de palha e duas ou três de telha, pequenas, feias e não caiadas, eis o que formava toda a povoação. Sem meio algum de defesa contra um inimigo embora fraco, pode-se facilmente imaginar qual o temor que se apoderou de toda a população quando a notícia de que os cabanos haviam entrado em Óbidos espalhou-se na vila, o que só aconteceu dois dias depois, porque o Padre quisera ocultar o triste acontecimento. As pessoas mais gradas da terra, o Tenente-Coronel, o Juiz de Paz, meu pai, o Presidente da Câmara achavam-se reunidos em casa do vigário e todos, com a fronte banhada em suor frio e os olhos úmidos, forcejavam por achar uma medida qualquer de salvação. Algumas mulheres, sentadas na soleira da porta e com os filhinhos nos braços pareciam esperar, com um ar sombrio e triste, a sorte que lhes coubesse em partilha. Todas as casas estavam fechadas, um grande silêncio reinava na vila. No porto viam-se muitas pessoas que preparavam apressadamente as canoas, e reunindo tudo o que podiam levar consigo, tratavam de seguir viagem em busca de um asilo seguro; uns subiam o rio sem uma direção determinada, outros internavam-se pelo “igarapés” e “furos” julgando poder assim escapar ao ódio dos cabanos. Quando chegou a noite nem uma luz sequer se via brilhar em toda a povoação que parecia deserta. Até os cães, como se compreendessem a gravidade das circunstâncias, estavam calados e tristes.

Em caso do vigário, onde se deliberava sobre as medidas a tomar, todos os pareceres eram pela fuga imediata. Só o padre parecia hesitar um pouco, talvez por honra da firma. O Juiz de Paz propunha que se retirassem todos para a freguesia do Anderá, e aí se fortificassem como lhes fosse possível. A opinião do meu pai era que cada um fugisse para onde lhe aprouvesse, mas para vários lugares, a fim de distrair a atenção dos “brasileiros”. Não chegavam porém a um acordo porque ninguém prestava

⁴²² No tempo em que se passa a história chamava-se Vila Nova da Rainha. (Nota do A.)

atenção ao que se dizia, mas somente tinha o ouvido à escuta, como se o ruído dos remos dos cabanos já se fizesse ouvir. A ansiedade era geral. Eram dez horas da noite quando se separaram os amigos do Padre, e tomou cada qual o caminho da sua casa, com o passo incerto, o coração agitado, e disposto a tomar o expediente que o acaso ou a Providência lhe deparasse.

Ao despedi-los o Padre João disse-lhes sorrindo, e com uma voz que se esforçava por fazer firme:

— Estejam descansados que ainda não há de ser para esta noite. Os cabanos têm muito que fazer em Óbidos, e só para o fim da semana nos hão de vir visitar.

— Permita Nossa Senhora do Carmo, nossa padroeira, que V. Revdm.^a tenha razão, murmurou o Juiz de Paz, acalentando uma esperança. E um sorriso esboçou-se nos lábios de todos os presentes. Era o sorriso daquilo que não morre nem na hora extrema; era o sorriso da esperança!

No entretanto os acontecimentos daquela noite lamentável deviam desmentir as esperanças da gente de Vila Bela.

Ao entrarmos em casa, eu e meu pai, vimos um vulto sentado a nossa porta. Era Paulo da Rocha que ergueu-se a nossa chegada, saudou nos e retirou-se a passos lentos. Meu pai entrou com o coração a anunciar-lhe uma grande desgraça; para ele a saudação do velho do outro mundo era um presságio sinistro; nunca o Pernambucano lhe fizera o mínimo cumprimento, e meu pai costumava desviar a vista do velho, murmurando:

— Maldito!

Assim aquela saudação inexplicável, e o fato de encontrar o velho naquele lugar, fê-lo cismar tristemente, e ouvi-lo dizer a minha mãe:

— Achei a desgraça sentada a minha porta; Mariquinha manda acender as velas do oratório.

Eram doze horas quando nos recolhemos aos quartos. É provável que meus pais levassem a noite toda a rezar ou a meditar no futuro; eu, porém, cansado de todas as emoções do dia, adormeci logo.

Havia já muito tempo que eu dormia, quando despertei com um grande arruído. Ao abrir os olhos conheci que o meu quarto estava às escuras contra o costume, e logo uns gritos de socorro, socorro! chegaram-me ao ouvidos. Fiquei trêmulo e frio sem ousar mover-me na rede. Os meus cabelos estavam duros como estacas, e um suor lívido corria-me ao longo da espinha dorsal.

Eu pus o ouvido à escuta. Pálido, com os olhos grandemente abertos, e feito todo ouvidos, eu assistia com a imaginação a um drama horroroso, ao passo que meus olhos nada viam e os meus ouvidos só ouviam aqueles gritos de socorro.

De repente, dentro de casa, e quase à porta do meu quarto, eu ouvi um brado horrível, um brado de desespero, de ânsia, de morte, um grito que me penetrou até o fundo d'alma, e me fez ficar estúpido de medo. Eu conhecera a voz de minha mãe:

— Os cabanos!

E logo na rua eu ouvi também a voz de meu pai bradar cheia de susto:

— Aqui del Rei! Os cabanos!

Depois uns latidos de cães, um grande barulho de passos, de vozes, e de armas, de portas que se fechavam e que se abriam, e depois um triste silêncio, seguido de um gemido longo, profundo, horrível.

Como se fosse movido por mola de aço, dei um pulo da rede, e atirei-me em direção à porta que estava fechada. Abria-a e precipitei-me no corredor que se achava às escuras, e deitei depois a correr pela casa como um doido. A nossa habitação estava deserta, ao menos isso me parecia. Nenhuma luz se divisava a não ser a claridade das estrelas que penetrava pelas portas e janelas escancaradas. Reinava grande desordem dos móveis, tanto quanto pude perceber com a escuridão. Não podeis fazer uma ideia de como triste e sombria era aquela casa, assim aberta e abandonada, e em que tudo parecia atestar uma grande luta recente!

Exausto de forças, cansado das fortíssimas emoções que sofrera nessa noite tormentosa, fui sentar-me em um banco da varanda, e pus-me a chorar. Era um pranto amargo, o primeiro pranto que a consciência de uma grande desgraça me fazia derramar! Confrangia-se me o coração dolorosamente ao ver-me ali só, abandonado, esquecido por meus pais que eu imaginava fugidos à fúria dos rebeldes. Por vezes o sentimento de uma grande infelicidade pesava-me, e eu deixava de chorar, mas logo as impressões daquela noite horrível afirmavam-se mais na minha memória, e eu soluçava amargamente.

Estive assim por algum tempo, com o rosto oculto nas mãos e as lágrimas corriam-me por entre os dedos. Súbito ergui a cabeça porque parecera me ouvir passos, e vi uma pequena luz, a luz de um fósforo, na direção da porta da rua. Não passou muito tempo que não ouvisse a voz rude do sineiro da matriz, do próprio Paulo da Rocha, que me perguntou.

— Quem é que chora aí?

Tentei fugir à vista do velho do outro mundo; ele, como se apercebesse disso, abeirou-se de mim, e bateu-me o ombro dizendo:

— É você, Luiz? Então tem medo de mim?

— Sim, murmurei em pranto, você matou meu pai.

O velho esteve calado algum tempo, e depois retorquiu com a voz pausada, e grave, e repassada de uma leve tristeza.

— Deus há de permitir, pobre menino, que ele se tenha livrado são e salvo do furor dos “brasileiros”. Tua mãe, Luiz, está em lugar seguro, ao passar aqui pelo canto da rua vi-a estendida no chão e desmaiada. Carreguei nestes ombros e fui deixá-la em lugar ignorado dos cabanos. Agora como vi as portas abertas quero saber o que sucedeu.

Mau grado meu o antigo ascendente que sobre mim tinha o sineiro da matriz, foi-se apoderando de novo do meu espírito, e uma tranquilidade maior, uma confiança extraordinária me foram entrando no coração. Foi já com a voz segura, ainda que muito triste, que narrei ao Pernambucano o que tinha visto e ouvido, e também o que imaginava ter acontecido. Ele não me respondeu coisa alguma, mas pôs-se a afagar-me docemente com a sua mão grande e calosa, e a murmurar umas vozes inteligíveis, mas repassadas de ternura.

Nisto ouvimos ruídos de passos na rua, e logo fechar-se com estrondo a porta exterior da nossa casa. Em seguida um homem que parecia agitadíssimo chegou-se ao banco em que estávamos sentados. Paulo da Rocha riscou um segundo fósforo e acendendo um rolo de cera que tirara do bolso levou-o ao rosto do noturno visitante. À luz do morrão podemos ver o rosto horivelmente pálido de meu pai. Reparamos que as suas roupas estavam numa desordem que atestava uma luta recente; a cara, o pescoço e as mãos tinham pequenas escoriações que brilhavam como rubis. Ao reconhecer Paulo da Rocha, meu pai recuou espavorido e alçou um terçado que trazia na mão. O Pernambucano porém, depôs tranquilamente o rolo de cera sobre a mesa de jantar, e caminhou para ele, sorrindo com aquele sorriso de Cristo que o velho rebelde sabia ter nas grandes ocasiões.

— Sr. Guilherme da Silveira, disse ele pausadamente, é tempo de fugir.

E como se o velho adivinhasse, ouvimos grandes pancadas na porta da rua, e um confuso esvozear de gente.

— Sr. Guilherme, tornou Paulo da Rocha, não se admire de me ouvir aconselhar-lhe a fuga; mais tarde poderá julgar-me; o que urge agora é obrar e obrar com presteza; não ouve como estão enfurecidos os cabanos?

E redobravam as pancadas na porta, e ouvimos distintamente o horrível brado de guerra dos cabanos:

— Mata o marinheiro, mata, mata!

Meu pai deixou cair o terçado, e escondendo o rosto nas mãos caiu sobre o banco soltando um doloroso suspiro.

Fora redobrava a gritaria, e as folhas da porta estremeciam nos gonzos.

— Mata, mata! era o grito que se ouvia.

De repente Paulo da Rocha correu à sala de visitas, e com uma agilidade de que o julgaríamos incapaz fechou as janelas que tinham ficado abertas, e voltou sereno e tranquilo para junto de nós.

— Sr. Guilherme da Silveira, repetiu ele, o tempo urge, fuja quanto antes!

Mas Guilherme da Silveira não parecia ouvi-lo; o pobre homem estava aniquilado depois de tantas emoções violentas; parecia alheio a tudo o que se passava em torno de si.

As folhas da porta agitaram-se com maior violência, e o rumor dos gritos aumentou consideravelmente. Era uma algazarra infernal, um misto de gritos de animais e de vozes de gente que metia horror. Dominando esse tumulto ouvimos uma voz alta e rude, que denotava a superioridade do seu dono, uma voz que me penetrou até os ossos, quando a ouvi distintamente dizer:

— Vamos, rapazes, é preciso dar cabo desta raça de “pés de chumbo”!⁴²³ Cerquem a casa enquanto é tempo, não deixem escapar pessoa alguma desta família maldita. Enforcuem o “juiz de paz!”

Ao ouvir estas horríveis palavras meu pai ergueu-se bruscamente como se fosse impelido por oculta mola; o seu rosto tinha a perfeita expressão da mais horrenda raiva, as suas feições contraídas por um furor indescritível tinham a ferocidade da onça que vê roubarem-lhe os filhos. Com as mãos crispadas, os dentes cerrados, e os olhos em fogo a transbordarem o ódio que lhe ia n’alma, meu pai murmurou com uma expressão indizível:

— O brasileiro! Oh! raiva!

Mathias Paxiúba, cognominado o “brasileiro” pelo extraordinário ódio que votava aos portugueses, era o maior inimigo de meu pai, e ambos se haviam jurado um ódio eterno. Naqueles tempos de fortes paixões em que todos os sentimentos tinham

⁴²³ Alcinha que se dá aos portugueses em algumas províncias do Norte. (Nota do A.)

uma força e uma pureza extraordinárias, e eram levados ao extremo, um ódio imenso assim como uma amizade entranhável era muito comum de ver-se, muito diferentemente do que sucede nestes nossos tempos de apatia moral. Mathias Paxiúba e Guilherme da Silveira tinham sempre se encontrado inimigos, desde a primeira vez que se viram; parecia que todo o ódio que se votavam as duas raças, a conquistadora e a indígena, se tinha personificado naqueles dois homens, cujos nomes eram no Amazonas o brado de guerra de cada um dos partidos. Meu pai era a civilização, a ordem, a luz, a abastança. Mathias Paxiúba era a ignorância, a significação da rebelião constante do pobre contra o rico, era o longo sofrimento da plebe sempre esmagada e sempre rebelde, era como um protesto contra a civilização egoísta e interesseira dos brancos, era a miséria popular com todo o seu cortejo de vícios hediondos e de crimes heroicos.

Qual fora a primeira ocasião de manifestar-se esse ódio recíproco, não sei; sei somente que quando meu pai fora juiz de paz em Óbidos escapara por vezes do bacamarte homicida de Mathias Paxiúba, e que muitas vezes também o “brasileiro” ressentira os efeitos da cólera de Guilherme da Silveira. Foi assim que somente a voz do seu capital inimigo pude arrancar meu pai da prostração em que se achava, e armá-lo de uma resolução inabalável. Ele que a princípio parecia indiferente a tudo, estava disposto agora a vender cara a sua vida. Tudo isto, porém, que eu acabo de descrever passou num relance; mal o brasileiro acabava de pronunciar as suas últimas palavras, meu pai encaminhou-se para a porta, armado do terçado. Ao chegar porém ao corredor viu-me e como se a minha presença lhe abrandasse subitamente o furor, eu o vi abaixar a cabeça comovido e com duas lágrimas a brilharem nos cantos dos olhos dirigir-se a Paulo da Rocha, e dizer-lhe com a voz sumida:

— Mestre Paulo, eu fui injusto, perdoe-me, perdoe a um homem que vai morrer; salve-me o Luiz, eu lhe peço pelos santos mártires Pernambucanos!

— Sr. Guilherme, respondeu Paulo da Rocha, muito comovido e admirado da invocação de meu pai, a vida do seu filho está segura. Juro-lhe pela vida de minha filha! E porque não foge o senhor?

— Não, disse Guilherme, a minha companhia causaria a perda de meu filho.

Neste solene momento, a porta da rua voou em mil pedaços, e muitas pessoas penetraram violentamente e com grande algazarra no corredor. Meu pai fechou a porta que dava do corredor para a varanda e encostando-se a ela esperou. Ah! se a porta da rua, que era de madeira fortíssima e chapeada de ferro, não resistira muito, como havia de resistir esta segunda porta?

Paulo da Rocha porém não quis assistir à abertura dela, e carregando-me ao ombro com um vigor extraordinário, pôs-se a correr para o quintal, donde em breve saímos pelo portão, apesar das minhas lágrimas e dos esforços que fazia para soltar-me. Eu bem compreendia que era a última vez que via o autor dos meus dias, e doía me ter de abandoná-lo naquele supremo momento!

Durante algum tempo andou Paulo da Rocha dando algumas voltas comigo, até que chegamos ao porto. Na extremidade da vila, em uma pequena enseada, estava uma canoa, e nessa canoa se achavam três pessoas: o Padre João, minha mãe e Júlia.

Caí nos braços de minha mãe que me recebeu soluçando e cobrindo-me de beijos. Estivemos abraçados muito tempo sem dizer palavra. Afinal ela perguntou-me:

— E teu pai?

As lágrimas foram a minha única resposta. Querendo fazer uma diversão a esta triste cena, o Pernambucano, empurrou a canoa, saltou dentro dela, e armando-se do mará disse em voz que procurou tornar alegre:

— Agora, fujamos!

Depois, tirando do fundo da embarcação três pequenos remos redondos deu-os a mim e ao Padre, ficando com um para si.

— O Padre Mestre, o Luiz e eu remamos, disse ele, Júlia esgota a água da canoa.

E sentando-se no banco da popa, deu uma remada vigorosa, e impeliu a canoa para o largo.

O Padre e eu tomamos dos nossos remos e procuramos ajudar o mulato. De repente porém o Vigário ergueu-se dando um grito, e lívido, lento, estendeu o braço para a vila e murmurou:

—Ali, ali!

Nem que eu viva cem anos me esquecerei jamais do espetáculo a que assistimos então.

No centro da vila uma grande chama escarlate erguia-se do telhado de uma casa e o fumo subia em espirais para o céu. Quase toda a povoação estava iluminada por aquele enorme clarão. Umbras estranhas moviam-se no meio das chamas, e dançavam em roda da casa. Na vila só se ouvia o crepitar do incêndio e de quando em quando o ruído de alguma trave que desabava. Vós não podeis imaginar o efeito que produziu aquele incêndio, no meio do silêncio da madrugada, quando já as estrelas do céu começavam de empalidecer, e nos sítios vizinhos cantavam dolorosamente os

solitários galos! Nós estávamos estáticos, de pé na canoa, que parecia nadar em um mar de fogo, pela reverberação do clarão do incêndio na superfície do rio.

Minha mãe foi quem primeiro percebeu que o incêndio era na nossa casa. A pobre mulher, deixou-se cair no fundo da canoa, soltando um grito de angústia.

O Padre Vigário também comovido, escondendo o rosto nas mãos, murmurou com a voz sumida:

— Oh! meu Deus! que indigno pastor que sou!

IV

Tristes e silenciosos remamos essa madrugada, e no dia seguinte à tardinha chegamos a um pequeno sítio de cacau em um dos igarapés do Andirá. Pertencia o sítio a uma pobre velha, comadre do Vigário, e por estar colocado em lugar quase desconhecido e desabitado, Paulo da Rocha o escolhera para nosso refúgio.

Estes acontecimentos da minha infância ficaram de tal sorte gravados na minha memória, que ainda tudo tenho presente, até as menores coisas. É assim que sou capaz de descrever-vos o cacau da velha Rosa em todas as particularidades, exatamente como se o tivesse visitado ontem. Compunha-se a pequena propriedade de uma miserável casinha de palha apenas com dois quartos, e de pouco mais de mil pés de cacauzeiros. À esquerda da casa ficava o velho e grosseiro tendal, e à direita uma pequena horta, em que a velha plantava o tabaco, o café e algumas verduras. O terreno era grande, largo, bem plantado de magníficas laranjeiras e mangueiras, e estava sempre limpo de mato bravo. Visto do rio tinha o sítio um aspecto pitoresco, e a pobreza que se denotava em tudo tinha alguma coisa de distinto e elevado, que inspirava imediata simpatia pelo lugar e pela moradora. Vós que conheceis perfeitamente os nossos costumes dispensar-me-eis de dizer minuciosamente a vida da velha Rosa. Tendo viuvado ainda moça de um antigo negociante de Vila Bela, ela retirara-se para aquele sítio, que com duas escravas eram os únicos vestígios da riqueza do seu marido. Ali pois vivia havia já muitos anos a pobre mulher, esquecida do mundo, e entregue toda à vida contemplativa que soem levar os povos do Amazonas. Ali a fomos encontrar sentada à porta da casinha, com o cachimbo na boca e o olhar perdido na imensidade do céu azul.

Aquele sítio tão solitário, tão esquecido, e onde parecia reinar a mais profunda paz, fazia um perfeito contraste com os nossos corações tão agitados pelos tremendos acontecimentos da véspera. E como se esse contraste nos agravasse os males, nós não pudemos ocultar a grande tristeza que nos dominava. Minha mãe entrecortava de

suspiros e ais o constante pranto, que lhe corria dos olhos; o Padre João ia cabisbaixo e mudo; só Paulo da Rocha parecia indiferente a tudo, e fazia os gastos de uma conversação, sustentada somente para disfarçar as dores.

A velha Rosa recebeu-nos com a lhana hospitalidade da gente do Amazonas. Inteirada do motivo que nos levava a procurar abrigo sob seu teto, mostrou compartilhar da nossa desgraça, e suspirou tristemente, ouvindo-nos contar a história de meu pai que não sabíamos se teria escapado à fúria dos cabanos, ou se teria sucumbido naquela luta desigual.

Acomodamos-nos na casinha da velha Rosa, da melhor maneira que nos foi possível. Minha mãe, ela, Júlia e as duas escravas tomaram conta de um dos quartos, e o Padre João, Paulo e eu aboletamos-nos no outro.

Tive então ocasião de apreciar melhor o estranho caráter do sineiro da Matriz. Ao passo que o Vigário passava as noites em barulhentas lamentações, o velho do outro mundo guardava uma serenidade admirável, e sempre de sorriso nos lábios parecia do alto da majestade da sua sublime alma, velar tutelarmente por nós. Bem se notava que de vez em quando surpreendia-o uma perturbação profunda, mas que passava rápida e fugitiva, para dar lugar de novo àquela tranquilidade de espírito que para nós era verdadeiramente fenomenal.

Ente incompreensível aquele!

Às vezes, quando se falava na cabanagem, Paulo da Rocha nos espantava pelas suas expressões de simpatia por uma causa que em nosso ânimo era perfeitamente insustentável. Ao mesmo tempo o seu modo de obrar tão em contradição com as ideias que lhe aprazia emitir, fazia-nos cismar, vagamente receosos. É verdade; se fossemos naquele tempo obrigados a falar com franqueza, nós confessaríamos que não confiávamos muito no velho do outro mundo, apesar de tudo o que ele havia feito por nós. Vão lá explicar isto. Minha mãe, principalmente, não se soubera despir dos antigos receios, e não podia olhar com segurança para o mulato. Tal é a força do preconceito. Foi preciso que a abnegação de Paulo da Rocha chegasse até o mais inaudito dos sacrifícios para que esta grande alma tivesse nos nossos corações e na nossa memória o altar a que tinha direito.

Era tal a nossa injustiça que uma vez (ainda me lembro perfeitamente disto), estávamos todos sentados no terreiro, admirando o cair da tarde, que na nossa terra é de uma sublimidade única, quando veio-se a falar nos cabanos. Paulo da Rocha tomou a palavra e dissertou longamente sobre as causas da cabanagem, a miséria originária das

populações inferiores, as crueldades dos brancos para com os tapuios, os inqualificáveis abusos praticados por aqueles, a paciência continua deste, paciência que afinal tivera um limite, e sobre as medidas que se deviam tomar para fazer cessar este estado de coisas. À medida que o velho falava com o entusiasmo concentrado que lhe era habitual, a princípio uma vaga surpresa, e logo depois o medo foi se avivando no rosto de minha mãe, da velha Rosa e do Padre João. Depois foi o mulato bruscamente interrompido por minha mãe que lhe disse em um tom cruel:

— Isso dizem os cabanos para esconder os seus torpes motivos. Eles o que querem é matar e roubar. Quem sabe se nós não seremos vítimas de uma traição bem arranjada?

O velho abaixou tristemente a cabeça e calou-se. Duas grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces morenas, mas logo enxugou-as com as costas da mão e um sorriso de divina resignação iluminou-lhe o semblante.

O Padre João e eu curvamos a cabeça envergonhados e arrependidos de uma crueldade intencional; nós pensávamos com minha mãe, e ao mesmo tempo o olhar e o sorriso do velho subjugava-nos o coração. Júlia lançou sobre minha mãe um olhar de amarga censura. Minha mãe corou fortemente e calou-se, abaixando a vista.

Afinal separamos-nos para evitar o cruel acanhamento que se seguiu àquela cena. Desde esse dia, porém, fugiu a franqueza das nossas relações. Falávamos pouco uns com os outros, andávamos todos mais tristes do que nunca, e o próprio Paulo da Rocha já não provocava a conversação e limitava-se às poucas palavras exigidas pela cortesia. Um mal-estar indefinível apoderou-se de nós. Júlia já não era tanto minha amiga como dantes, e o Padre João cada dia mais se exprobase a si mesmo de ter fugido de Vila Bela.

Vivemos assim três semanas, aquela vida monótona e desassossegada, desalenta e triste, alheios a tudo o que se passava a poucas léguas da nossa habitação. Durante todo esse tempo nem uma canoa passou pelo porto do sítio, nenhum sinal apareceu de que não estávamos em uma terra deserta.

Um dia, ao acordar vi um tapuio a conversar em voz baixa com Paulo da Rocha, debaixo de uma das laranjeiras do terreiro. Escondi-me para espreitar, e vi o desconhecido dirigir-se depois de algum tempo para o porto, embarcar em uma canoa que ali estava, e seguir viagem.

Corri a contar a minha mãe o que vira. A pobre mulher quase enlouqueceu de medo. Só depois de muito trabalho pode o Padre Vigário dissuadi-la do projeto de fuga, a que ela estava aferrada.

As razões do Padre não deixavam de ter fundamento.

— De que nos serve fugir? dizia ele. Estávamos completamente em poder do sineiro. Por mar não podemos escapar porque não sabemos para onde dirigir-nos e nem conhecemos estes lugares; por terra sucede a mesma coisa, sendo que iríamos morrer de fome por esses matos, ou cair nas garras das onças. O melhor é esperar o perigo de pé firme, se é verdade que este homem é tão bárbaro como a sra. pensa. Entreguemos-nos à Divina Providência, que é o melhor amparo dos que padecem.

Assim apesar de tudo nós acreditávamos na traição de Paulo da Rocha. Acreditávamos nela, mas não tanto que nos resolvêssemos a tentar a fuga. O nosso espírito era a presa da incerteza mais dolorosa e mais cruel que se pode imaginar. A desconfiança roia-nos a alma, e o que era mais terrível, era uma desconfiança para a qual nós mesmos não achávamos base alguma sólida, e que nós mesmos combatíamos nos momentos de reflexão. Será possível, pensávamos, que este homem nos engane, e nos tivesse arrancado ao poder dos brasileiros para depois atraiçoar-nos? Mas se assim não é, o que significam as suas horríveis palavras, o mistério com que se envolve, e sobretudo aquele tapuio desconhecido com quem falou às ocultas?

Compreendeis como era terrível a nossa situação?

Compreendeis tudo o que havia de horrível naquela ânsia de saber a verdade?

Porém o que de mais terrível ainda havia nisto tudo é que nós nos sentíamos incapazes de romper essa dúvida constante, não tínhamos bastante coragem para encarar a realidade face a face!

V

Um dia eram duas horas da tarde e eu me banhava no porto quando julguei ouvir barulho de remos e sons de vozes estranhas. Surpreendido, pus-me atento, e conheci que alguma canoa se aproximava do porto. Com efeito não tardou muito que eu não visse, tomado de espanto, dobrarem a ponta de uma ilha vizinha algumas canoas, eram três ou quatro, cheias de gente, mas de uma gente esquisita, desconhecida, alguma coisa de fantástico e de estranho que eu via pela primeira vez. A primeira ideia que me assaltou a mente foi que eram aquelas pessoas que ali vinham os nossos terríveis inimigos.

— Os cabanos, os cabanos! gritei eu, correndo para a casa, louco de terror.

Minha mãe, o Padre Vigário, a velha Rosa e Júlia, que conversavam na sala, ergueram-se automaticamente, e puseram-se a olhar para o rio, com o olhar desvairado e ansioso.

— Os cabanos! repeti eu, agarrando-me à batina do Padre, e banhado em pranto.

— Estás doido, menino? disse-me o Vigário rudemente. Andas aqui a meter medo a gente! Onde viste os cabanos?

— Ali, ali! respondi apontando para a ilha que no meio do rio, separava-o em duas partes iguais. Ali, atrás da ilha!

O Padre João ainda quis replicar, mas nesse momento as canoas apareceram de novo e desta vez ninguém pode deixar de vê-las.

Vinham cheias de gente, como a princípio me parecera. Cada uma delas trazia à popa uma espécie de pequeno mastro, em cujo topo tremulava uma bandeirinha encarnada.

— São eles! murmurou o Padre com a voz sumida.

— Deus meu! soluçou minha mãe, deixando-se cair de joelhos, e cobrindo o rosto com as mãos.

A velha Rosa parecia estúpida diante daquele espetáculo. Eu tremia todo de medo agarrado ao Padre. Só Júlia parecia menos comovida.

— O que será de nós? balbuciou o Vigário de Vila Bela, arrancando um pequeno Crucifixo do seio, e beijando-o repetidas vezes.

Neste momento Paulo da Rocha apareceu, saindo de um dos quartos. O velho sineiro da matriz estava pálido, mas sereno; somente o movimento das narinas denotavam a grande agitação que lhe ia dentro d'alma. Quando o vimos aparecer quase sem ser pressentido recuamos instintivamente todos nós com exceção de Júlia. Ele porém como se não tivesse reparado naquele nosso injurioso movimento, disse-nos com a voz firme e forte, com um tom de franqueza rude, que produzia sempre em nossos corações o desejado efeito:

— Não tenham medo. Vamos, entrem, e fechem-se dentro do quarto. Nada temam; Padre Mestre não se acobarde tão facilmente... você está a dar um mau exemplo a esta gente, que diabo! Veja se reanima a coragem desta gente.

E juntando o gesto à voz o velho obrigou-nos a entrar em um dos quartos. O seu gesto inspirava tanta confiança, o seu porte tinha tanta majestade, o seu olhar brilhava tanto que, mau grado nosso, uma esperança insensata começou de invadir-nos o peito. Deixando-nos no quarto, o velho sineiro adiantou-se sozinho para o terreiro. As canoas

se aproximavam, e ouvia-se já distintamente às vozes dos cabanos. As escravas que andavam no cacaol chegaram nesse momento, gritando:

— Os cabanos, os cabanos!

Minha mãe ajoelhada perto da porta orava fervorosamente. Júlia parecia mais curiosa do que amedrontada. O Padre e a velha, sentados nas redes estavam mais mortos do que vivos, e as duas escravas choravam barulhentemente.

As canoas abeiraram, e encostaram no cedro que servia de ponte.

Então todas as minhas ideias românticas reapareceram no meu espírito mais fortes do que nunca. Naquela hora tremenda a minha imaginação exaltou-se desmedidamente, e uma curiosidade infernal, uma curiosidade irresistível apoderou-se de mim, fazendo-me esquecer o medo. Eu queria a todo o custo ver o que se ia passar. Pressentia alguma cena grandiosa, e toda a minha admiração pelo velho do outro mundo, aquela louca admiração que fizera o desespero de meus pais, e que o medo conseguira adormecer, despertou mais forte, mais poderosa, exigente, terrível. O fogo da curiosidade devorava-me a alma. Abri a porta, e deitei a correr para o terreiro, sem que as pessoas que estavam comigo dessem por isso.

O que vi, senhores, era realmente digno de ver-se!

Quando cheguei a alguns passos de distância de Paulo, sem que ele me visse, vali-me da agilidade que possuía, e trepei em uma das mangueiras do terreiro. Uma centena de pessoas, homens, mulheres e crianças, caboclos na maior parte, desembarcavam nesse momento com grande arruído. Os homens trajavam calça e camisa de algodão tinto em murixi vermelho, cobriam-se de grandes chapéus de palha, em cuja copa se divisava uma grande cruz de pano de duas cores, escarlate e preto. No peito da camisa divisava-se um distintivo igual, e traziam preso à cintura um horroroso troféu; uma porção de orelhas humanas, enfiadas em uma embira, orelhas cortadas aos inimigos mortos. As mulheres vestiam também saia e camisa de algodão vermelho, e também usavam a cruz escarlate e negra, que era o distintivo de todos os cabanos. Aqueles homens e aquelas mulheres tinham fisionomias ferozes. Homens e mulheres vinham armados de espingardas, terçados, chuços e espadas. Riam, gritavam, praguejavam, cantavam, entoavam ladainhas, e nos gestos desordenados se notava o feroz instinto do bruto, de envolta com os efeitos da aguardente e de um entusiasmo, digno de melhor causa. Desembarcaram pois, e dirigiam-se para a habitação em grande tumulto, quando lhes saiu à frente o sineiro da matriz.

— Então, canalha! bradou o mulato com uma voz retumbante e áspera, então canalha! É assim que se invade o domicílio de um cidadão brasileiro?

Ao ouvir estas palavras quase desmaiei de susto, e foi preciso agarrar-me aos ramos da árvore para não cair. Fiquei pasmo de tanta audácia, ou antes de tanta insensatez. Eu contava ver os cabanos caírem sobre o velho e massacrá-lo imediatamente; imaginai qual foi o espanto que se apoderou de mim, quando vi aquela infrene multidão estacar surpresa e muda.

Paulo da Rocha continuou no mesmo tom de voz:

— Se vindes como patrícios e amigos, terei muito gosto em receber a todos. Eu sou brasileiro, entendeis, tapuios ruins? E se alguém há entre vós que não seja meu patrício, que o declare se for capaz!

Paulo da Rocha era belo falando assim! O seu olhar dominava. A sua fronte erguida tinha a majestade augusta da fronte dos reis, o seu crânio despido brilhava aos raios do sol, e o gesto alto e imponente, parecia capaz de governar o mundo.

Ele continuou:

— Ninguém se atreve a declarar? Como é pois que se entra em casa de um brasileiro de uma maneira semelhante? Quem foi que vos mandou aqui? O que quereis?

Senhores, o que se passou então foi uma coisa tão estupenda e inaudita que temo não me acrediteis. Eu vi aquela multidão, ainda havia tão pouco barulhenta e feroz, humilhar-se diante do vulto sobrenatural do velho sineiro. Eu vi, senhores, com estes olhos, os cabanos, os terríveis cabanos que nada respeitavam, os homens que por toda a parte levavam a devastação e a morte, tremerem diante daquele velho, alquebrado pelos anos, e murmurarem desculpas.

— Patrício, balbuciou um que parecia chefe, nós chegamos como amigos.

— Sede bem vindos, respondeu o mulato, abrandando a rudeza da voz; entrai e recebei a hospitalidade do pobre.

E Paulo da Rocha encaminhou-se para a casa, seguido da multidão dos cabanos, que parecia ter recuperado a livre ação, e caminhava gesticulando, gritando e entoando umas canções estranhas.

Estupefato, desci da árvore e segui o bando. Quando chegamos à casa, ela parecia deserta.

Paulo da Rocha voltou-se para os cabanos e disse-lhes em tom de amigável superioridade:

— Patrícios, à vontade! Mas que ninguém estrague o que lhe não pertence!

Imediatamente a multidão dispersou-se pelo sítio. Uns correram para o Cacaual, outros para a horta, outros para o tendal. Aqui uma velha nojenta fazia vinho de cacau nos “tipitis” e nos alguidares, ali uma chusma de crianças quebrava os galhos das árvores para colher-lhe os frutos. No terreiro algumas mulheres improvisavam um fogão com três pedras dispostas em triângulo, e cozinhavam o peixe furtado ao paiol da velha Rosa. Na cozinha um grande círculo discutia e berrava, dançando umas danças nunca vistas. Por toda a parte reinava a desordem. Três ou quatro dos chefes estavam na varanda, onde Paulo lhes servia aguardente, peixe, farinha e tabaco, e conversavam com o mulato.

Paulo da Rocha falava-lhes com arrogância, e a cada uma das suas palavras, eu esperava ver os tapuios erguerem-se furiosos e matá-lo. Mas parecia que o sineiro da matriz possuía algum condão maravilhoso. Os cabanos longe de se zangarem com os seus modos, pareciam moderar-se à medida que o velho se alterava. Era realmente extraordinário o que eu via, eu julgava estar sonhando. Paulo da Rocha interpelava-os sobre os seus projetos, e lançava-lhes em rosto as mortes e os roubos que praticavam em toda a parte.

— Nós batalhamos por ordem de Deus, disse um tapuio velho que parecia ser o mais autorizado; queremos dar cabo de todos os “marinheiros”,⁴²⁴ porque são maçons, e inimigos dos Santos.

— E o que significa esta cruz que trazes ao peito e no chapéu?

— Isto é um sinal bento. Todos os brasileiros hão de trazer a cruz para se livrarem das tentações do “inimigo”.⁴²⁵ É a religião que nos manda usá-la, porque é o sinal da nossa redenção.

— E o sinal da redenção é coisa que se traga no chapéu, que anda por toda a parte, e rola pelo chão? disse Paulo da Rocha, arrancando o chapéu do tapuio e atirando-o por terra. É assim que se é temente a Deus, quando se brinca com a cruz em que morreu. Nosso Senhor? Então o sinal da graça é coisa que possa andar pelos lugares mais imundos?

O tapuio levantou tranquilamente o chapéu, e sorriu alvarmente, olhando para os companheiros. Um deles murmurou, com uma risada levemente sarcástica:

— E no entanto dizem que você já foi rebelde no outro tempo, mestre Paulo...

⁴²⁴ Portugueses. (Nota do A.)

⁴²⁵ Diabo. (Nota do A.)

— Eu fui rebelde, exclamou Paulo da Rocha erguendo altivamente a cabeça, mas a minha causa era grande e nobre. Nós em Pernambuco rebelamo-nos por uma ideia grandiosa, ideia que ficou afogada em sangue, mas não morreu, há de vingar mais tarde ou mais cedo. Os cabanos matam e roubam pelo simples prazer do crime, ou antes porque têm inveja da prosperidade dos brancos. Nós não matávamos os velhos e as crianças, nem roubávamos os bens alheios; se derramamos sangue foi em combate, expondo a nossa vida, sempre em número inferior ao dos legais. E os cabanos o que fazem, o que querem? Dizem que são brasileiros, e roubam e matam os brasileiros, dizem que são religiosos e tementes a Deus, e matam os padres, as mulheres e as crianças. E querem comparar conosco? Acaso a onça traiçoeira pode comparar-se ao cão que só ataca frente a frente? O que viestes buscar aqui? Não sou eu tão bom brasileiro como qualquer dos cabanos? E no entretanto viestes em grande número para atacar o sítio de uma pobre velha que nunca vos fez mal! Assim é a valentia dos cabanos!

— Mestre Paulo, você está enganado, disse o mais velho dos tapuios, nós não vimos atacar o sítio, nós aqui estamos para visitá-lo, pedir-lhe um pouco de pólvora e chumbo, e dizer-lhe que Mathias Paxiúba quer falar lhe.

— Onde está ele?

— Acha-se agora nas proximidades do Lago da Francesa.

— Pois diga-lhe que irei ter lá o mais breve possível.

— Ele mandou dizer que não faltasse, para dar uma prova de que é bom brasileiro. Se você não for, ele diz que você é pelos marinheiros.

— Hei de provar a Mathias Paxiúba que sou tão brasileiro como ele.

— Nós não duvidamos, mestre Paulo, mas é que já outro dia o camarada que veio chamá-lo voltou dizendo que você tinha prometido ir, e até agora você não aparecia. Foi por isso que nós remamos para cá.

— Não pude ir tão cedo como queria, mas isso não é motivo para se duvidar de mim.

— Agora então vai?

— Sem falta. Vou acabar de fazer um serviço urgente e sigo logo. Podeis ir descansados.

— Viva mestre Paulo! bradou o mais velho dos cabanos agitando o chapéu no ar.

— Viva! repetiram os outros em coro.

Nesse momento um dos rebeldes viu-me, e batendo-me no ombro, perguntou ao mulato:

— Quem é este “curumim”?

— É um brasileirinho às direitas, é um afilhado meu.

A cor trigueira do meu rosto valeu-me nessa ocasião. Se eu fosse claro, estava perdido, porque teria excitado a desconfiança dos tapuios. Acrescia que depois que estávamos no sítio eu gozava da mais completa liberdade; andava mal vestido, descalço, levava o dia inteiro ao sol, e os meus cabelos não viam pente desde a nossa fuga; as angustiosas preocupações da vida que levávamos não davam tempo a minha mãe para cuidar destas particularidades. Assim os cabanos acreditaram facilmente no que lhes dissera o sineiro, e um deles disse sorrindo para mim:

— Pois é preciso meter esta criança nas calças e camisas de “murixi”, mestre. Os patrícios devem todos andar vestidos da mesma forma.

Tive ímpetos de protestar com o juízo que faziam de mim, mas o medo foi mais forte do que o orgulho; calei-me.

Os cabanos demoraram-se ainda algumas horas no sítio; depois de terem carregado as canoas de cacaús, fumo, aguardente e tudo mais puderam haver à mão, despediram-se calorosamente de Paulo da Rocha, recomendando-lhe mil vez que não deixasse de ir ver o chefe, e seguiram viagem. Paulo seguiu-os algum tempo com a vista, e foi depois abrir a porta do quarto em que se haviam refugiado os nossos companheiros.

Todos eles pareciam mais mortos do que vivos. Paulo contou-lhes rapidamente o que se passara, e que eles não tinham podido ver, porque o medo não lhes permitira. Minha mãe, reconhecendo então que fora demasiado injusta com um homem cujo sangue frio acabava de salvar-nos, pediu-lhe perdão das suas passadas desconfianças e prometeu que teria desde já a fé mais cega no caráter do velho do outro mundo. O Padre João, ainda trêmulo de susto, agarrou na mão do mulato, e sacudiu-lha com força, dizendo:

— Muito bem, meu amigo, muito bem; você é um homem às direitas, um homem extraordinário mesmo. Creia que todos nós lhe somos muito agradecidos; devemos-lhe a vida. Um dia Deus há de recompensá-lo.

Todos pareciam querer a troco de afagos e agradecimentos fazer esquecer ao sineiro as antigas injustiças. A alegria era geral. A gente abraçava-se e beijava-se como

se tivesse escapado a um perigo certo. Paulo estava comovido. Júlia, triunfante, olhava para nós, como querendo dizer:

— Eu logo vi que ele havia de salvá-los!

Fomos jantar, porque os acontecimentos desse dia nos tinham feito esquecer as necessidades do corpo. A refeição constou simplesmente de uma lasca de pirarucu seco assado e de um bocado de farinha; ninguém tinha apetite.

No fim do jantar Paulo da Rocha disse-nos:

— Meus amigos, até aqui tudo tem ido muito bem; falta porém agora atravessar a crise principal, isto é o encontro com Paxiúba. Como há de ser? Paxiúba é um homem feroz e sanguinário, nem há de se deixar dominar tão facilmente como estes pobres diabos que vieram hoje aqui. Se eu não for falar-lhe é muito capaz de vir ele e então estamos irremediavelmente perdidos. Se for, não sei se será prudente deixar-vos sós aqui. Estas paragens andam infestadas de cabanos, e um dia podem, agora que conhecem o sítio, pregar-lhes alguma peça na minha ausência. Padre-mestre, o que diz V. Revm.^a?

Até alta noite levou-se a discutir sobre o expediente a tomar, sobre o que se havia de fazer. Cada um dava um alvitre, que era combatido pelos outros; e assim só a muito custo se chegou a um acordo. Convencionou-se por fim que no dia seguinte partiríamos todos do sítio, e nos internaríamos pelo igarapé adentro com direção ao lago do Anuassú, pequena lagoa de pesca, muito pouco conhecida, em cuja margem direita devia existir ainda uma cabana construída no ano anterior para pesca do pirarucu por um compadre da velha Rosa, pobre escravo fugido que fora levado preso para a povoação poucos dias antes da nossa chegada; por fortuna uma das escravas da velha conhecia a cabana, que ficava a duas léguas do rio, por lá ter estado muitas vezes, que lá ficaríamos nós, e que o sineiro iria apresentar-se ao Paxiúba, levando em sua companhia a filha, para que o feroz rebelde não concebesse desconfiança alguma sobre o nosso abrigo; e que seria muito fácil se ele não visse Júlia porque suporia logo que esta ficara em companhia de alguém, e queria saber quem era esse alguém. Convencionou-se finalmente que logo que Paulo da Rocha pudesse sem perigo escapar aos cabanos viria juntar-se conosco, e dali procuraríamos um meio de chegarmos a Manaus, pondo-nos sob a proteção dos legais. Até a sua volta porém devíamos permanecer no Anuassú. O Padre João disse então alegremente:

— Não tem dúvida, meus filhos, eu encarrego-me de dirigir a casa, de caçar e pescar para nós todos. Com o auxílio da Providência e do Luiz tudo há de ir às mil maravilhas!

Como não havia tempo a perder, tratou-se dos preparativos da viagem. As mulheres ajuntaram toda a roupa, fizeram um balaio de todas as provisões que haviam escapado às fúrias dos cabanos, limparam os utensílios de cozinha, prenderam as poucas galinhas que restavam e foram arrumar tudo na canoa; eu e o Padre examinamos os anzóis que felizmente eram em número suficiente, preparamos as linhas, consertamos as flechas e os arcos, e enchemos um grande pote de vinho de cacau. Paulo visitou a canoa e os remos, e preparou às pressas uma tolda falsa de japá para abrigar os gêneros na viagem. Esta noite toda não dormimos, e mal rompeu o dia, embarcávamos na canoa, deixando aquele sítio que nos dera hospitaleiro abrigo por algum tempo, e que a velha Rosa não pode abandonar sem lágrimas.

Em poucas horas chegamos ao Anuassú, e logo depois abeiramos no porto da cabana do pescador. Era uma miserável palhoça que mal poderia acomodar duas pessoas; uma dessas casinhas que os pescadores costumam construir à beira dos lagos de pesca, no verão, para nelas se abrigarem da chuva e agasalharem o peixe. Acomodamos-nos como nos foi possível no miserável casebre. Como constava a nossa nova habitação de uma só peça, tratamos logo de fazer uma separação com estacas e palha, formando assim dois quartos, um para os homens e outro para as mulheres; arranjou-se também uma coberta para servir de cozinha, e ficamos desde logo instalados no nosso refúgio quase tão bem como se estivéramos nas nossas casas de Vila Bela. O Padre parecia satisfeitíssimo, e exclamava a cada momento:

— Magnífico! Soberbo! Ora digam que Deus não sabe prover às necessidades das suas criaturas!

No dia seguinte Paulo e Júlia seguiram de torna viagem em direção ao Lago da Francesa. Nós não podemos ver partir o velho sineiro sem grande inquietação. Pela minha parte senti muito a ausência de Júlia; fui sentar-me à beira do lago, e chorei quase todo o dia.

Passaram-se alguns dias depois da partida dos dois Pernambucanos: a nossa vida era simples e monótona. Pela manhã o Padre João e eu íamos à pesca ou à caça, e voltávamos ao meio dia para o almoço. Depois passava-se o resto do dia em palestra, até às seis horas quando se jantava, fechando-se logo as portas e soprando a luz por causa dos carapanãs, tratava cada um então de dormir até o dia seguinte.

Uma manhã fomos acordados por Paulo da Rocha. O sineiro vinha só e estava muito triste. Brilhava-lhe porém o olhar, e tinha como que um sorriso de orgulho. Perguntamos-lhe por Júlia, e respondeu-nos que os cabanos, desconfiando dele, tinham exigido que ficasse a menina com eles enquanto Paulo vinha tratar de uns negócios urgentes. Que ele se aproveitava da ocasião para acompanhar-nos a Serpa, donde poderíamos seguir facilmente para Manaus, enquanto ele voltaria a ver a filha. Conquanto nos parecesse esta história estranha e inacreditável a aceitamos, e fingimos acreditar no que nos contara o velho. Cada um de nós porém, nadava em um mar de conjecturas sobre a sorte de Júlia.

Eu não posso, senhores, recordar-me destes fatos sem que os meus olhos se encham de lágrimas e o meu coração transborde de reconhecimento por aquele homem extraordinário que foi para mim um pai, e cuja alma era dotada de uma sublimidade inaudita. Outro homem como Paulo da Rocha, senhores, eu nunca mais verei!

O que se passara em referência a Júlia foi coisa muito diversa do que nos contou o velho; só depois conheci a verdade por uma testemunha ocular.

Quando Paulo da Rocha chegou com a filha à presença do feroz Paxiúba, este sabia que o sineiro havia nos salvado, a mim e a minha mãe, de seu furor, e que nos escondera em lugar só do velho conhecido. A primeira coisa que disse pois o cabano ao Pernambucano foi que era preciso, era urgente que ele entregasse os marinheiros à justa vingança dos brasileiros.

— O filho dessa raça maldita, disse o tapuio com ar resoluto e cruel, o filho de Guilherme da Silveira não pode viver!

Paulo da Rocha foi sublime diante da exigência do chefe. Ergueu a cabeça altivo, e fitando os seus olhos de águia no rosto horrendo do cabano disse em voz sonora e breve estas nobres palavras:

— Paxiúba, um Pernambucano põe acima de tudo as leis da honra. Eu jurei pela vida da minha filha salvar e proteger o filho de Guilherme da Silveira, e à custa da vida de Júlia hei de salvá-lo.

— Tu és um traidor! bradou com voz de trovão o cabano, pondo-se em pé, e ameaçando-o com os punhos. Tu és um traidor, mestre Paulo, tu te vendeste vilmente aos marinheiros e aos maçons! Há muito tempo que eu desconfiava de ti! Mas toma cuidado! Ninguém se atreve a encarar face a face com Mathias Paxiúba o brasileiro! O filho do marinheiro há de morrer para que se extinga a memória daquela família

maldita, e para vingar os nossos irmãos assassinados por ordem do “juiz de paz”. Tu hás de entregá-lo ou te arrependerás!

— Paxiúba, respondeu o sineiro, quando se chega à minha idade, não se teme o insulto nem a ameaça em se tratando do cumprimento do dever. Tu és o mais forte, podes fazer o que quiseres, mas tem certeza de que não entregarei por coisa alguma o filho do “juiz de paz”.

Paxiúba quis lançar-se sobre o velho, mas a atitude calma, serena, majestosa de Paulo impôs-lhe respeito. Ele moderou o tom da voz, mas foi com um furor concentrado que disse ao velho, lentamente, para que cada uma das suas palavras o ferisse no coração:

— Mestre Paulo, tu vás partir em busca do menino, e hás de trazê-lo à minha presença em companhia da mãe e do tal Padre. Tua filha fica comigo; e por Nossa Senhora te juro que Júlia pagará pelo filho do marinheiro; cada dia que demorares a viagem será um dia de tormento para ela. Vai, e pensa bem. Não queiras que se diga que Paulo da Rocha sacrificou a carne da sua carne para salvar um inimigo dos seus patrícios, o descendente dos tiranos do Brasil... não queiras que se diga que o Pernambucano não merecia ser pai, e que Deus errou quando lhe deu uma filha. Vai!

Paulo curvou a cabeça abatido; mas súbito ergueu-a, e com o olhar em fogo, a fronte altiva, e um divino sorriso a iluminar-lhe o semblante, encaminhou-se para o porto sem dizer palavra e sem despedir-se da filha.

VI

Senhores, vou resumir o mais possível o resto da minha história; a cabeça se me perturba, o coração agita-se no peito e a voz corta-se-me de lágrimas quando recordo estas coisas; desculpai pois este desalinho de frases e de ideias, e consenti que eu abrevie.

No dia seguinte ao da volta de Paulo, seguimos todos para Serpa. Levamos muitos dias de viagem, porque foi-nos forçoso procurar os caminhos mais longos, dar voltas enormes, andar constantemente pelos furos mais estreitos e algumas vezes até arrastando a canoa, para escaparmos às vistas dos cabanos que infestavam aqueles lugares. Quanto tinha de doloroso e horrível aquela fuga não vo-lo direi. Todos nós íamos sobressaltados e Paulo era por vezes preso de uma profundíssima tristeza. Afinal chegamos à Vila, e no mesmo dia deixou-nos o sineiro para ir, como ele nos disse, em busca da filha, mas na realidade para simplesmente aproximar-se dela e tentar algum

meio de salvação. Nós estávamos em segurança e o mulato podia partir descansado sobre a nossa sorte.

Passamos muitos dias em Serpa, em casa de um português, antigo amigo de meu pai, e lá soubemos a desastrosa morte de Guilherme da Silveira, que fora vítima dos cabanos na sua própria casa. Minha mãe esteve à morte por muitos dias e no seu desespero arrancava os cabelos e maldizia os brasileiros. Eu apesar da minha idade senti bastante a morte do meu querido pai; entretanto as minhas impressões dolorosas duraram pouco tempo, ainda que fossem vivas. Um dia ouvimos dizer que o acampamento dos rebeldes no Lago da Francesa fora atacado pelas tropas do governo, que os cabanos tinham logrado fugir na quase totalidade, lançando-se ao rio e nadando toda a noite, que os legais se apercebendo disso tinham lançado fogo às palhoças, morrendo assim um pequeno número de mulheres e crianças que não se tinham podido salvar a tempo, e em cujo número estava Júlia; e finalmente que Paulo da Rocha fora preso na ocasião em que procurava extinguir o incêndio de uma das palhoças, e levado para Vila Bela como cabano, apesar de duas ou três pessoas afirmarem ter visto o mulato chegar ao acampamento apenas um quarto de hora antes dos legais, como querendo aproveitar-se do combate para furtar a filha.

Choramos muito pela morte de Júlia, e o Padre prometeu empregar todos os esforços para tirar o sineiro das garras da justiça. Naquele tempo porém a simples suspeita de cabanismo era um crime horroroso, e o governo estava disposto a agir com rigor contra os perturbadores da ordem. Além disso Paulo da Rocha tinha má reputação em Vila Bela, e o fato da sua filha estar com os cabanos no momento do ataque e de ele se achar ali também na ocasião, foi suficiente para que todos o vissem com prazer ser levado para a cadeia. De nada valeram ao velho do outro mundo os rogos e os protestos do Padre João; julgado e condenado foi remetido para Óbidos e recolhido à fortaleza com grilhões aos pés.

Durante todo esse tempo eu não ouvi falar do meu velho amigo. Nós seguíramos para Manaus para a casa do meu tio Lourenço que no fim de alguns meses mandou-me para o seminário do Pará e de lá para Olinda, donde voltei ao Amazonas no fim de alguns anos.

Nesse intervalo meu tio mudara a sua residência para Óbidos, e minha mãe viera viver em sua companhia. Para aqui vim também depois de formado, e então vi o sineiro da matriz. À primeira vista não o reconheci; foi preciso que me afirmassem a sua identidade para que eu acreditasse nela. Paulo parecia ser centenário. Rugas

profundíssimas cortavam-lhe o rosto em todos os sentidos, a cabeça pendia-lhe sobre o côncavo peito, o corpo era de uma magreza extrema, as mãos tinham grossas veias azuis, o olhar já não tinha luz, o semblante não tinha mais vida. Mas nos seus lábios descorados e moles estava estereotipado aquele divino sorriso de resignação e bondade, o sorriso com que Cristo sorriu do alto da cruz aos seus algozes, e que era a única coisa que restava do velho sineiro.

Paulo quase não saía à rua; o seu estado valetudinário não lho permitia, e o comandante do forte tinha-o, a rogos do meu tio, dispensado de todo o trabalho. Mas quando ele andava o lúgubre tinir dos ferros contrastava de um modo tocante com aquele crânio feito para ser venerado como o de um herói, e com aquele sorriso eterno, que era a revelação de uma grande alma!

Depois de um ano de esforços inauditos conseguimos eu e meu tio o perdão de Paulo da Rocha. A cabanagem havia já terminado, e o Imperador estava disposto à clemência.

O velho sineiro porém não viveu muito tempo. Apenas pode-se tirá-lo da fortaleza, conduzi-o para a nossa casa, onde dois dias depois expirou nos meus braços. Voou aquela sublime alma para o céu sem murmurar uma palavra sequer de censura aos seus algozes. A sua memória porém vive no meu coração!

Luiz Dolzani

DOLZANI, Luiz [Inglês de Sousa]. O sineiro da matriz. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, Agosto 1877. Ano 1, Nº2. p. 65 – 93.

CRÔNICA

O diminuto espaço de que podemos dispor deste número obriga-nos a considerações muito ligeiras, e a deixar mesmo de falar em todos os acontecimentos literários e científicos mais notáveis, que chegaram ao nosso conhecimento durante o mês de Agosto. No próximo número da “Revista” (o último do primeiro volume) relataremos mais devagar os diversos sucessos, porque poderemos dispor de maior número de páginas.

Agitou-se ultimamente nos círculos científicos da Europa a questão de saber se as tempestades e ventanias vindas da América, e cuja próxima chegada era anunciada aos jornais europeus pelos meteorologistas dos Estados Unidos, são subordinadas a algum grande fenômeno físico, tal como o “gulf-stream”, considerado pelos marinheiros como o “pai dos furacões”, ou em outras palavras, se o “gulf-stream” representa algum papel na produção ou na direção dos ventos que vão da América à Europa. M. Faye, em uma nota comunicada à Academia das ciências de Paris, repele toda e qualquer relação de causa e efeito entre o “gulf-stream”, e a formação das tempestades, e segundo ele, não há entre a linha trajetória dos ventos e a direção das ramificações da grande corrente oceânica, senão uma coincidência pura. Foi, diz ainda este erudito, foi pelo estudo da marcha dos ventos no seu país, e pela aplicação aos fatos observados e às leis gerais que regem as tempestades, que os meteorologistas americanos chegaram a poder marcar de antemão o momento em que as ventanias se fariam sentir na Europa. Há meio século que estão descobertas as leis das tempestades, e há meio século também se sabe que as ventanias percorrem trajetórias geométricas, semelhantes todas entre si, pelo menos nas regiões intertropicais e em grande parte das zonas temperadas. As trajetórias das tempestades, diz ainda o dr.Faye, não dependem do que se passa ao rés do chão, nem mesmo das camadas inferiores da atmosfera, mas sim dependem das correntes que se produzem em regiões elevadas, onde os movimentos do ar se operam livremente por sobre os continentes e os mares, e mesmo por sobre alguns ventos inferiores. Com a circulação oceânica acontece porém coisa diversa; as correntes do mar seguem geralmente as costas das terras ou se refletem por assim dizer sobre elas. Temos pois o direito de afirmar que a extensão recente dos avisos meteorológicos por sobre o nosso oceano nada tem que ver com o preconceito que faz nascerem e caminharem as tempestades no trajeto do “gulf-stream”.

Outro trabalho sobre meteorologia, porém trabalho muito mais importante que o precedente, é o que foi apresentado ao Instituto pelo almirante Paris em nome do sr.

Brault, e consiste em uma série de mapas relativos ao Atlântico Sul, contendo mais de duzentas mil observações. Estes mapas marcam a direção e a intensidade dos ventos. Compreende-se perfeitamente à vista disto o grande alcance prático que tem o trabalho do sr. Brault; os mapas fornecem aos navegantes os dois elementos principais da travessia; a direção e a força do vento em um lugar e em um tempo dados. Além disso estão cheios de importantes observações de um alcance puramente científico.

- Dos livros nacionais que nos foram obsequiosamente enviados, dois sobressaem aos outros pela importância do assunto, pelo másculo vigor do estilo, e sobretudo pelas ideias que pregam; intitulam-se estes livros – “Pequenos ensaios positivistas” – “A alma e o cérebro”. Os srs. Miguel Lemos e Teixeira de Souza são dois jovens e ferventes adeptos da grande escola positivista, e os dignos corifeus dessa plêiade brilhante de moços que acabam de sacudir o ferrenho jugo da tradição e do prejuízo, e de proclamar que as velhas instituições caem em ruína, que é preciso inocular sangue novo nas veias dos povos, e emancipar a humana inteligência das peias que lhe tem posto o espírito teocrático. Folgamos em ter de registrar nestas páginas o importante esforço dos srs. Lemos e Teixeira de Souza e julgamo-nos dispensado de fazer-lhes os merecidos elogios com que a imprensa do império unanimemente os recebeu. Os “Pequenos ensaios” são artigos de jornais, contendo o estudo de diversas teses positivistas, tratadas aqui com um critério e um conhecimento de causa realmente superiores à idade do autor; se ainda alguma incerteza do raciocínio, e um ligeiro tom declamatório se notam no primeiro dos artigos – o que se intitula – O nosso ideal político - e em poucos pontos de alguns outros, o livro revela um escritor de talento e um filósofo ilustrado, “A alma e o cérebro” foram publicados na “Reforma”, do Rio de Janeiro. São artigos bibliográficos sobre a obra daquele título – do Visconde de Araguaia.

Agosto de 1877.

Sousa, Inglês. Crônica. *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. Santos- SP, Vl. 1, Agosto 1877. Ano 1, Nº2. p. 127 – 128.

O ACAUÃ⁴²⁶
(Conto fantástico)

Quando o procurador acabou de falar grande silêncio reinava na sala. Todos os corações pareciam oprimidos pela compaixão; a história de Mariquinha produzira tal sensação que alguns tinham lágrimas nos olhos. O velho Estevão único de todos os presentes parecia não se ter comovido com a narração do compadre, e encolhia os ombros em sinal de indiferença e desprezo; agitava-se, porém, no banco, e olhava para o Dr. Silveira, espichando o lábio inferior. Depois, como se não pudesse resistir ao desejo de dizer algumas coisas que lhe estavam a fazer cócegas nos gorgomilos, começou:

— Isto de não acreditar nos feitiços, dizendo que são venenos, é história velha. A incredulidade teimosa guerreia a mesma evidência, adulterando os fatos. Diz o ditado que o pior cego é o que não quer ver, e o pior surdo aquele que não quer ouvir. O que admira é que o compadre, que sempre reputei homem de juízo e de religião, se faça órgão dos ateus e dos pedreiros livres. O compadre, que nasceu e criou-se aqui, devia ter presenciado muitos fatos que provam a existência dos feitiços e dos feiticeiros. O que prova a história do filho do capitão Amâncio? Prova, quando muito, ou que a tapuia velha do Lago da Francesa não era feiticeira ou que Mariquinha enganou-se no *tajá* que deu a beber ao namorado. Isto nada tem que ver com os mistérios que não sabemos explicar, e que devem merecer o nosso respeito.

Acreditai que é com verdadeiro pesar que eu vejo as santas crenças dos nossos avós caírem uma a uma sob os ataques dos maçons e *espíritos fortes*, perseguidores do nosso santo bispo, o pai de nós todos, D. Antônio de Macedo Costa. Queira Deus que por isso não sejamos castigados, e pague o justo pelo pecador, como está sucedendo na terra do Xico Ceará, por haverem deitado ao mar o Nosso Senhor Bom Jesus dos Aflitos!

Embora tenhais de rir, hei de continuar a sustentar as minhas ideias, porque foram as que bebi no berço, estou convencido da verdade delas, e lamento profundamente o erro em que viveis. E se mereço alguma fé, ouvi o que vos vou contar; quero saber a vossa opinião sobre um fato extraordinário, que eu mesmo presenciei. Sempre quero ver como me explicarei isso! E desde já vos declaro, com a mão na consciência e a fé de um verdadeiro cristão nas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus

⁴²⁶ O *acauã* é uma grande ave de cor pardacenta, que a gente do Amazonas diz ser agoureira. É a inimiga das cobras. (nota do A.)

Cristo, que a minha história é a pura expressão da verdade nos seus pormenores todos. Não há um só desses pormenores que tenha sido inventado por mim. Foi há coisa de trinta anos, que se deu o fato estranho, para que chamo a vossa atenção.

Numa das melhores casas da antiga vila de S. João Batista de Faro vivia um homem abastado, uma das pessoas mais importantes do lugar, o capitão Jerônimo Ferreira, de quem por força haveis de ter ouvido falar, ao menos pelo primo, o nosso escrivão do Júri. Jerônimo enviuvara muito cedo e ficara só com uma filha de dois anos, Aninhas, que o capitão amava loucamente. A criança prometia vir a ser uma bela e jovial rapariga, tanto quanto se podia julgar pelo que mostrava naquela tenra idade. Era a menina o encanto de quantos a viam, o delírio de todos os habitantes de Faro, que não cessavam de elogiar-lhe a robustez, as lindas cores do rosto, os anelados cabelos castanhos, finos e sedosos, o puríssimo azul dos grandes olhos, ternos e lânguidos. A filha do capitão Ferreira tinha, pois, por amigas todas as velhas e moças da vila, e nunca nenhuma criança foi alvo de melhores desejos e de predições mais prometedoras. A menina andava de mão em mão, e todos queriam tê-la em casa alguns dias. Ela não estranhava pessoa alguma, dava-se com todos, sorria para uns e outros, não chorava nunca. Era uma criança deliciosa.

O pai dizia, porém, algumas vezes com a voz repassada de tristeza:

— Não sei por quê.... Mas não gosto de criança que não chora.

Apesar disto era o capitão Jerônimo o primeiro que satisfazia todos os desejos infantis da filha para evitar-lhe a mais leve tristeza. Amava-a, como já vos disse, loucamente, e impensadamente contribuía o infeliz para esse fato que se notava, que corria de boca em boca, com pasmo, e que era por algumas raras pessoas de juízo comentando com tristeza e com uma vaga previsão de um futuro infausto. Era este: — Aninhas nunca chorara! Nunca, desde que abrisse os olhos à luz do dia, se vira uma lágrima, uma sequer, deslizar pelo rosto alvo e macio da infante! De toda a gente da vila só duas ou três pessoas incomodavam-se mais seriamente com este fato estranho e triste; entre essas, o capitão Jerônimo e eu. O capitão, como contei, entristecia-se às vezes ao pensar nisso, e murmurava:

— Não gosto de criança que não chora...

E abaixava a cabeça, sem ânimo de dizer tudo o que pensava.

Quanto a mim, não me passava despercebido um episódio da vida de Aninhas.

No dia do seu nascimento, apenas o compadre anunciou que viera à luz uma criança, foi invadido o quarto da mulher do capitão pela chusma dos amigos que vinham

felicité-la pelo bom sucesso; eu fui do número. Ao entrar em casa de Jerônimo, notei que o tempo, que aliás estivera magnífico todo o dia, mudara de repente, e que uma nuvem negra vinha debaixo, impelida por uma forte viração; bando de gaivotas e de garças esvoaçavam aqui e ali; as árvores da beira do rio dobravam gemendo sob o peso do vento, e, ao transpor eu o limiar, uma laranjeira velha, que ninguém em Faro se lembrava de ter visto nascer, caiu de repente, e sem barulho. Com o entusiasmo da festa, não deu pessoa alguma por este fato, que notei cuidadosamente. A recém-nascida estava deitada em uma rede na sala de visitas; ali todos a foram contemplar e desejar-lhe felicidade. O vigário foi o primeiro que adiantou-se para ela, e, fazendo-lhe com o polegar o sinal da cruz na testa, murmurou:

— Deus te faça boa.

Seguiu-se o futuro padrinho, que era o mestre-escola. Abençoou-a com a mão, dizendo-lhe:

— Deus te faça uma santa.

Assim se foram sucedendo na cerimônia todas as pessoas presentes, e ouvia-se constantemente:

— Deus te faça boa filha.

— Deus te faça boa dona de casa.

— Deus te livre da onça e do jacaré.

Tendo ouvido a expressão daqueles desejos, e conhecendo que faltava um essencial, um que não podia ser omitido, principalmente em Faro, terra dos prodígios infaustos, adiantei-me, e ia falar, quando uma velhinha magra, descarnada e suja, empurrou-me para trás com uma força descomunal, e, antes que eu tivesse tempo de tornar a mim e de impedir-lhe o feitiço, disse com a voz trêmula e sibilante:

— Tupã não te dê lágrima, e a cobra grande seja tua amiga.

Dei um grito, e tentei agarrar-me à velha, mas ela já havia desaparecido. Juraram-me todos os presentes não a terem visto, e somente ter eu dito:

— Deus te faça feliz.

Fiquei abatido. Eu sabia perfeitamente que a feiticeira havia estado ali; tinha feito o seu funesto dom; sabia-o, porque a vira, como vos vejo agora. O feitiço lançado pela velha sobre a inocente filha do capitão Jerônimo Ferreira é um dos mais terríveis malefícios que eu conheço. Os seus efeitos são desastrosos em extremo. Sem dúvida todos vós sabeis o que seja a *cobra grande*, a imensa sucuriju, e a perniciosa influência que exerce sobre os organismos nervosos e delicados das mulheres enfeitiçadas, postas

em relação com ela, como fora a filha do capitão pela imprecação da velha. Uma vez lançado o feitiço, estabelece-se entre a cobra, o pássaro acauã e a padecente uma infernal relação, que produz os efeitos misteriosos e estranhos que vereis. Quem poderá sondar um tal mistério? Que o digam os *espíritos fortes*!

Imaginaí como não fiquei eu, que era amigo de Jerônimo, e que tinha verdadeira compaixão da pobre inocentinha! Retirei-me triste e aflito. Na casa era uma festa imensa. A alegria andava por toda a parte. Eis o que eu recordava quando vinha Aninhas, já na idade de dois anos, contente e feliz, sem nunca ter derramado uma lágrima.

A habitação de Ferreira era uma pequena casa, sita a alguma distância do centro da vila, à margem do Nhamundá, um dos mais belos cursos d'água, que eu conheço. Compunha-se simplesmente de uma sala, duas alcovas, a varanda e o quintal. Era coberta de palha, mas limpa e bem caiada. O capitão era homem que se prezava. Se já estivestes em Faro, ou mesmo se ainda não estivestes, mas se atentardes para o geral das nossas vilas, notareis o aspecto de triste solidão que reina em todas. Em Faro este aspecto ainda se torna mais notável pela ausência de vapores, que, como aqui em Óbidos, venham trazer a vida ao porto. É por isso esta vila o lugar mais deserto e abandonado, que eu conheço, de todas as nossas povoações mais importantes.

Parece que um fado mau pesa sobre Faro, e a torna inabitável, já pelos malefícios, que ali constantemente tem lugar, já pelo abandono em que caiu. A menos que não seja um dia de grande festa, em que a gente das fazendas mais vizinhas vem à vila, quase que não se encontra viva alma nas ruas.

Se isto é hoje assim, era ainda muito pior há trinta anos, quando o Amazonas não tinha feito os progressos que faz todos os dias, e ainda não se conheciam vapores, nem outras novas. Cada um vivia em sua casa, sabia de seus negócios, não cuidava da vida alheia. Mas se Faro é deserta de dia, à noite é muito pior. Depois, como não há lampiões públicos como os nossos, a escuridão é grande nas noites, em que a lua não aparece. Então, às sete horas da noite, só se ouve na vila o piar agoureiro do *morucututu*, ou o lúgubre choro de algum cão leproso, acompanhando o rumor das águas do rio. Fecham todos as suas portas e vão-se deitar, não sem um terror vago, incerto, a abalar-lhes os corações, e sem murmurarem de espaço a espaço:

— Jesus, Maria, José!

Também não há povo nenhum que guarde tão santamente as tradições dos nossos avós e os ditames da religião de Cristo, como o povo de Faro. Eu posso falar assim, porque lá estive muito tempo.

Por uma noite de inverno, uma dessas terríveis noites do Amazonas, em que o céu parece ameaçar a terra com todo o furor da sua cólera divina, o capitão Ferreira voltava de uma caçada, que fora imprudentemente fazer, para distrair-se dos pesares que tivera por morte da mulher; perdera-se, só conseguindo chegar à vila à noite.

Tudo o que se pode dizer de horrível não pode exprimir todo o imenso horror daquela noite infernal.

Nenhuma voz humana se fazia ouvir em toda a vila; nenhuma luz brilhava, que indicasse que alguém, entregue a rezas ou a trabalhos, velasse por ali; nada: a vila parecia morta.

Trovões furibundos atroavam os ares; relâmpagos inundavam a luz, de quando em quando, os matos que cercam a vila; os raios, caindo com fragor enorme, iam prostrar os grandes cedros, velhos de mais de um século. Mas isto não era nada. Do fundo do rio, da profundidade das águas da lagoa, formada pelo Nhamundá, e onde está sita Faro, levantava-se um ruído grande, horrível, insano, como uma voz sem nome, semelhante ao grito de todos os demônios reunidos. Era um clamor que dominava todos os ruídos da tempestade, era um clamor que eu só poderia comparar ao brado imenso que hão de soltar os condenados no grande dia do Juízo Final!

Os cabelos do capitão Ferreira estavam de pé e duros como estacas.

Ele bem sabia o que aquilo queria dizer. Aquela voz era a voz da cobra grande, que reside no fundo dos rios e dos lagos.

O capitão levou a mão à testa para benzer-se, mas os seus dedos, trêmulos de medo, não conseguiram fazer o sinal da cruz. Invocando, porém, todos os santos da corte do céu, e principalmente o seu patrono S. Jerônimo, deitou a correr para a casa.

À medida que se aproximava dela, ouvia a terrível voz aumentar de volume. Cresceu tanto afinal que zumbiram-lhe os ouvidos, tremeram-lhe as pernas, e caiu na ocasião em que tocava no limiar da porta.

Com a queda espantou um grande pássaro escuro, que ali estava, e que voou, cantando:

— Acauã! Acauã!

Muito tempo esteve o capitão Jerônimo Ferreira caído sem sentidos, e ele não poderia determinar quantas horas gastou naquele estado. Quando tornou a si, a cena

estava mudada. A noite estava ainda escura, mas a tempestade tinha cessado. Um silêncio tumular reinava na vila; nenhum cão ladrava, nenhum galo cantava. Jerônimo olhou para a lagoa e notou com grande admiração que a superfície das águas tinha um brilho singular, como se estivesse untada de fósforo. Deixou errar vagamente o olhar por sobre a toalha do rio, e então um objeto estranho, afetando a forma de uma canoa, chamou-lhe a atenção. O objeto vinha, impelido por uma força desconhecida, em direção à praia, exatamente para o lado onde se achava o capitão. Este, tomado de uma curiosidade, que ele mesmo não saberia explicar, adiantou-se, meteu-se n'água, e agarrando o objeto, puxou-o para a beira. Era com efeito uma canoa, e dentro dela estava deitada uma criança que parecia dormir, como em um leito de rosas. Nesse momento rompeu o sol por entre os aningais de um ilha próxima, cantaram todos os galos da vila, ladraram os cães, correu rápido o rio, deixando morrer o brilho desusado, e abriram-se algumas portas. Amanhecia.

No dia seguinte toda a vila de Faro dizia que o capitão Jerônimo Ferreira tomara para si uma linda criança, que achara à beira do rio, e que se dispunha a criá-la como filha própria. Só a mim me contou o pai de Aninhas os acontecimentos da terrível noite, e isso mesmo quando lhe sobreveio a catástrofe.

Tratada em casa de Ferreira como filha, crescia a estranha criança, que foi batizada com o nome de Vitória, nome impróprio e que parecia desafiar o destino. Educada da mesma forma que Aninhas, participava da mesma mesa, dos mesmos carinhos e afagos do capitão, que parecia esquecido do que se passara, e da gente de Faro, que estremecia ambas.

Embora fossem linda moças, tinham Ana e Vitória aos catorze anos tipos muito diferentes.

Ana, que fora a princípio robusta, era agora uma jovem franzina e pálida. Os seus anelados cabelos castanhos caíam-lhe em ondas sobre as alvas e magras espáduas, os olhos tinham uma languidez doentia, a boca andava sempre contraída, como se a rapariga tivesse sempre vontade de chorar, e raras rugas divisavam-se lhe nos cantos da boca e na fronte baixa, algum tanto cavada. Sem que nunca a tivessem visto verter uma lágrima, Aninhas tinha um ar doentio e triste, que a todos impressionava e que se ia tornando cada dia mais visível. A filha do capitão Ferreira era meiga para com a companheira, mas vista experimentada do observador percebia-lhe um certo acanhamento quando se achava perto de Vitória; uma espécie de sofrimento, de

repulsão, alguma coisa de um terror vago, quando a outra nela fixava os seus grandes olhos negros.

Na vila dizia toda a gente:

— Como está magra e triste a Aninhas, que prometia ser robusta e alegre!

Vitória, porém, era alta e magra, mas dessa magreza robusta que revela músculos de ferro. A tez era morena, quase escura; as sobrancelhas negras e grandemente arqueadas; o queixo fino e pontiagudo; as narinas dilatadas; os olhos negros, rasgados, tinham um brilho estranho. Vitória, apesar de sua beleza, tinha não sei que de repulsivo nas feições e nos modos. A boca ornada de magníficos dentes; um sorriso tão frio como o aço. Fitava com arrogância a vista nos que a olhavam, até obrigá-los a baixar os olhos.

As duas companheiras afetavam a maior amizade e ternura. Mas eu via que Aninhas fugia, sempre que lhe era possível, de estar à beira de Vitória; esta, pelo contrário, não a deixava, apegava-se a ela, como se fora a sua sombra.

A filha do capitão, como já vos disse, deixava ver nas relações com a outra uma certa timidez, medo ou receoso acanhamento; a estranha, diferentemente, um espírito de contradição, uma certa sobranceira, quando falava a Aninhas. A voz da filha da casa era mal segura e trêmula; a de Vitória era áspera e dura. Quando se achavam a sós, a filha de Jerônimo parecia a escrava, e a moça estranha parecia a senhora. Observei isso uma vez em que as pude ver sem delas ser visto, o que fiz, não por curiosidade, pecado de que Deus me defenda, mas por natural solicitude pela filha do meu amigo.

Tudo, porém, correu sem maior novidade até o dia em que as moças completaram quinze anos. Desse dia em diante notou Ferreira que a sua protegida ausentava-se da casa frequentes vezes em horas impróprias e suspeitas, sem nunca dizer para onde ia. Ao mesmo tempo Aninhas ficava mais fraca e abatida, não falava, já não sorria, e o seu pálido rosto andava constantemente envolto em um véu de negra melancolia. Quando o pai carinhosamente lhe perguntava o que tinha, respondia com a voz cortada de soluços, e olhando a furto para todos os lados:

— Nada, papai.

A outra, quando o dono da casa a repreendia pelas suas ausências inexplicáveis, dizia com altivez e pronunciando desdém:

— E o que tem vmc. com isso?

Em junho desse mesmo ano foi Aninhas pedida em casamento pelo filho de um fazendeiro do lugar, o alferes Ignácio da Beira do Lago, que depois foi para Manaus

onde morreu feito agente de Correio. Pai e filha anuíram, e ambos pareciam contentes. Um vago sorriso iluminava as feições da jovem. Mas de repente, sem que pessoa alguma pudesse explicar tão súbita mudança, a moça apareceu ainda mais triste do que de costume, e toda trêmula e sofrente foi dizer ao pai que não queria mais casar com o filho do fazendeiro, que não simpatizava com ele, que tinha a certeza de que seria infeliz, que tinha sonhado com essa infelicidade, disse enfim tudo o que podia dizer para destruir pela base o projetado enlace. Depois de ter por muito tempo procurado dissuadi-la dessa resolução sem nada conseguir, o capitão decidiu-se a fazer a vontade à filha estremecida, rompeu o casamento e malquistou-se assim para toda a vida com a importante família Beira do Lago.

Na vila não se falou em outra coisa durante muito tempo, sem que pessoa alguma deixasse de censurar a inconstância de Aninhas. Só Vitória não dizia palavra. Nesse ínterim a desconhecida moléstia de Aninhas se agravava, e o capitão começou a inquietar-se seriamente com isso.

No ano seguinte, novo projeto de casamento com o coletor de Faro, o Fernando Montelea, que ainda vive; nova alegria momentânea no rosto da moça, nova tristeza súbita, e novo pedido ao pai para que rompesse o casamento.

Mas desta vez o capitão quis por força saber a causa do estranho modo de proceder da filha, e, como ela teimasse em responder que nada tinha, que não podia dizer o que tinha, o capitão, homem impaciente e colérico, despeitado além disso com as recusas inexplicáveis da filha querida, e receoso de um futuro próximo, disse-lhe terminantemente:

— Pois agora há de casar, que eu quero.

Ouvindo esta resolução do pai, a jovem retirou-se e encerrou-se no seu quarto até o dia da cerimônia, sem que pedidos e ameaças a fizessem sair de lá.

Nesse entretanto a agitação de Vitória era extrema. Andava com o rosto descomposto, entrava e saía mil vezes por hora do quarto da companheira, ausentava-se por longas horas de casa, metendo-se pelos matos circunvizinhos, dava gargalhadas que se metiam medo. Tudo isto confirmou as terríveis suspeitas que eu tinha, e que infelizmente não eram infundadas.

Tudo preparou-se para o casamento com a decência que a posição do capitão Jerônimo exigia, porque naquele ano fora eleito juiz de paz, e era um dos principais personagens da terra. O noivo apressava os preparativos com impaciência, e o capitão ajudava-o com o mesmo sentimento. Parecia que o pobre homem tinha o pressentimento

de uma grande desgraça, e queria evitá-la com o casamento. Como religioso que era, pensava ele que o sagrado laço não podia deixar de produzir um efeito benéfico sobre Aninhas. Tudo se fez sem que nem a noiva, nem a sua companheira interviessem em coisa alguma. Chegou finalmente o dia, e os noivos, acompanhados dos pais, dos padrinhos e de quase toda a gente da vila, dirigiram-se para a igreja.

Com grande admiração de todos, Vitória desaparecera; por mais que fizessem, não a podiam encontrar.

Foi viva a agitação a que isto deu lugar. Os convidados não podiam compreender a ausência, em uma ocasião daquelas, da moça que fora criada pelo capitão, que era quase a irmã da noiva. Eram perguntas sobre perguntas:

— Onde estará ela?

— Onde estará Vitória?

O capitão franzia o sobrolho. Aninhas não podia esconder um íntimo contentamento; olhava para todos os lados, tendo nos olhos escrita a esperança de não ver a terrível amiga.

Como se fazia tarde e Vitória não aparecia, nem dela havia notícia, entraram na matriz e deu-se começo à cerimônia.

Mas eis que, na ocasião em que o vigário lhe fazia as perguntas do estilo, a noiva pôs-se a tremer como varas verdes, com o olhar fixo em um ponto da porta da sacristia. Acompanhei a direção daquele olhar, e dir-vos-ei que ainda que eu viva cem anos não me esquecerei do que então vi.

De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com os cabelos transformados em horrendas cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória fixava em Aninhas um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio, que parecia querer pregá-la imóvel no chão. A boca entreaberta deixava aparecer uma língua fina, partida em duas, como a língua das serpentes. Uma ligeira fumaça azulada saía-lhe da boca e subia até o teto da igreja.

Era um espetáculo sem nome!

Aninhas soltou um grito, como se fosse morrer e caiu como estrondo sobre os degraus do altar. A confusão foi grande entre os presentes. Todos queriam acudir-lhe, e não sabiam o que haviam de fazer; eu entretanto, não podia despregar a vista da horrenda figura de Vitória, até que esta, dando um horrível brado, desapareceu sem eu saber como.

Voltei-me para Aninhas, e fui tomado de uma compaixão dolorosa ao vê-la imóvel no chão, hirta e pálida; dois grandes fios de lágrima corriam-lhe pela face.

— Lágrimas! disse o capitão ajoelhando-se ao pé da filha.

— Lágrimas! bradou a multidão tomada de espanto.

Então, convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninhas. Retorcia-se a pobre criança como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes, cerrados com uma força sobre-humana, rangiam furiosamente; as mãos arrancavam os lindos cabelos e espatifavam os enfeites do belo vestido de noivado; os olhos reviravam-se lhe nas órbitas, os pés batiam no solo. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente.

De repente a moça pareceu sossegar um pouco, mas isto não foi senão o princípio de uma nova crise. Endireitou-se toda e ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os, e, como se fossem asas, bateu com eles repetidas vezes de encontro às ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito, que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:

— Acauã!

— Jesus! bradamos todos, caindo de joelhos.

E a moça, cerrando os olhos, como em êxtase, com o corpo imóvel, à exceção dos braços, continuou aquele canto lúgubre:

— Acauã! Acauã!

Por cima do teto uma voz respondeu à de Aninhas, e cantou:

— Acauã! Acauã!

Um silêncio tumular reinou entre os assistentes.

Com o coração confrangido nós compreendíamos toda a horrível desgraça:

— Era o Acauã!

Luiz Dolzani.

DOLZANI, Luiz. [Inglês de Sousa] O acauã. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, jan-mar. 1880.

Iniciação

O Honório de Miranda fora um dos talentos de maior reputação na Faculdade do Recife, não tanto pela ilustração jurídica, em que o excedia muito o Bulhões Carvalho, vindo de S. Paulo; mas pela fama de pertencer ao número dos adiantados, de acompanhar o movimento filosófico e literário da época, conhecendo as doutrinas que, através dos vulgarizadores alemães e dos tradutores franceses, vinham dos grandes trabalhos científicos da segunda metade do século. Mas nem por poupar o Honório as pestanas do estudo do Digesto e das Institutas e os passos no caminho do casarão da rua do Hospício, onde funcionava a Faculdade, deixaram o nome, que ganhou, e a educação que refez, de custar lutas e dores íntimas recalcadas bem para o fundo do coração para que ninguém as percebesse.

Chegara ao Recife ainda bisonho, com uma boa dose de gramática e da literatura do Sotero na cabeça, alguma latinidade e muita curiosidade de saber, e fora morar, lá para as bandas da rua Velha, com uns rapazes que nadavam em plena filosofia negativista, e que, parte por amor às novidades, parte pelo gosto de contradizer a opinião geral, encharcavam-se de Renan, de Taine e de Littré e misturavam as noções fornecidas pelos vulgarizadores Büchner e Moleschott com as doutrinas socialistas de Proudhon e Louis Blanc.

Logo no primeiro dia, Honório ouviu, com pasmo, as verdades que o Simões, o Fernandes e o Caetano proferiam com inabalável segurança, à mesa do almoço, palitando os dentes; proposições atiradas ao vento, que o entonteceram como uma ducha fria, forte demais. Trazia da província os seus princípios filosóficos, políticos, religiosos e literários perfeitamente arrumados, com método, nos escaninhos do encéfalo.

Achava o Barbe profundo, venerava S. Tomaz por tradição, Lamartine era o seu poeta, o seu político, o seu historiador: rezava todas as noites à Mãe Santíssima, e considerava o republicanismo o *nec plus ultra* das ousadias, hesitando em conciliá-lo com a religião católica. Mas logo de uma assentada ficou sabendo, graças aos esclarecimentos do Simões, que a divindade de Cristo era uma balela indigna de homens sensatos, a pureza de Maria uma enormidade anticientífica, e que o mundo só endireitaria quando se enforcasse o último rei nas tripas do último frade.

À noite rezou a sua oração e teve febre. Vinham-lhe visões de papas em pândegas com freiras, e de monarcas guilhotinados. A cabeça andava-lhe à roda, não

sabia bem se por efeito da viagem de mar, se porque as coisas que ouvira chocavam-se no cérebro com as que lá moravam.

Nos dias seguintes continuou a ouvi-las em silêncio, sem compreender bem, duvidando da seriedade dos destemperos do Simões, mas deixando-se impressionar pelo tom calmo, convicto e frio das afirmativas do Fernandes. Pouco a pouco o desejo de não parecer tolo, de não passar por ignorante, foi-lhe combatendo a timidez, desfazendo o aturdimento, e aventou algumas palavras em defesa das ideias que bebera em São Luiz. Mas o calouro não podia estar em melhores mãos para a tarefa necessária da raspagem do cérebro. O Fernandes e o Caetano riram, às gargalhadas, do Barbe e mais do Lamartine, e o Simões exaltando-se, declarou que quem não pensava como ele, Simões, pensava, era burro ou tratante. Honório meteu a viola no saco para não ser nem uma nem outra coisa. Demais aquelas ideias, ou, pelo menos, a aparência de erudição que envolviam, começavam a fasciná-lo. Vivo, inteligente, vaidoso, encontrara alimento novo naquelas teorias extraordinárias que davam certo lustre, na Academia, aos propagandistas. Oh! o Fernandes era muito considerado, um dos maiores talentos daquela geração; o Caetano passava por um espírito superior e o Simões tinha os seus admiradores, ainda que outros o chamassem maluco. Honório ia-se habituando, já se não rebelava contra as opiniões dos colegas.

Até lhe parecia vergonhoso ignorar tudo aquilo. E quando os companheiros enchiam a boca com Voltaire, Rousseau, d'Alembert, Diderot, Volney, citavam antropologias e paleontologias, o homem quaternário, as habitações lacustres e outras coisas sábias. Honório sentia-se amesquinhado e infeliz na consciência de sua inferioridade. Mas ao mesmo tempo dava parabéns à fortuna, por lhe arranjar para companheiros de casa o Fernandes, o Simões e o Caetano que, encafuados na rede ou espichados no sofá da sala, discutiam, em ceroulas, fumando cigarros, árduas questões de metafísica e de arte.

Todos três eram espíritos fortes e ilustrados. O Fernandes, o mais velho, era discípulo de Littré, o S. Paulo do positivismo. Não discutia a existência de Deus, porque como Laplace, não tinha necessidade dessa hipótese. Votava desdém a padres e reis e, em arte, era grego. Um dia escreveu que Cristo era dos humildes e Sócrates dos dignos. O Caetano era voltaireano impenitente, descreia de tudo, ria de tudo, queria o reinado da Razão, a Razão única, poderosa e criadora, capaz de regenerar o mundo. O mais adiantado de todos era o Simões. O Evangelho deste era a Força e Matéria do vulgarizador Büchner, que ele tratava de grande sábio e eminentíssimo filósofo. Para o

Simões só havia as leis da matéria, o mundo físico. O homem era um macaco aperfeiçoado, segundo Lamarck e Darwin o demonstravam até à saciedade. A lei natural devia reger as sociedades humanas como regia os brutos.

Em resumo o seu sistema filosófico-político era ateu e anarquista à maneira de Proudhon, com um requinte: a liberdade do amor. A sua doutrina era exaltada, irritadiça e intolerante, nem admitia contemplações e meios termos. Todos os escritores católicos, protestantes, e mesmo os simples deístas não passavam de reverendas bestas, bípedes por abuso, ou de refinados hipócritas, dignos de força.

Tinha as suas teorias de arte e literatura consoante as filosóficas. Admirava a nudez da arte grega, e, entre os modernos, os pessimistas, os desesperados, os que diziam mal do homem e do mundo, Byron, Musset, Baudelaire, Swift; perseguia as pieguices onde as encontrava, julgava lacônica e soberanamente, com uma convicção que impunha, os escritores citados na conversa. Descartes? Atrasadão. S. Thomaz? Ora, S. Thomaz! que diabo queriam que escrevesse um santo? Santo Agostinho era um frade debochado. Chateaubriand, tentando ressuscitar o cristianismo no século XIX! Besta! Luiz Veuillot, canalha, Victor Hugo, corcunda, canalha e besta! A bília revolucionária e ateu nada respeitava; as proposições eram absolutas e gerais: todos os padres eram ladrões, todas as rainhas meretrizes, todos os estadistas lacaios agaloados.

Em Economia Política era socialista, e, mais do que isso, comunista. Detestava Thiers, o assassino, endeusava Rochefort e Felyx Pyat.

Achava clara e evidente a máxima de Proudhon – a propriedade é um roubo, e idealizava a sociedade do futuro, uma vasta Anarquia, em que tudo era permitido a todos, em que bens, gozos, direitos, mulheres, tudo era comum.

Nessa sociedade ideal não haveria crimes nem pecados, porque ela não teria leis nem religião; seria absoluta a igualdade das fortunas; e o homem, liberto afinal das cadeias seculares da superstição e do direito, caminharia impávido e contente para o seu pleno desenvolvimento individual.

As ideias do Simões enchiam o espírito do Honório de pavor e o coração de sobressaltos. No íntimo de sua consciência o moço reconhecia que aquilo era lógico, achava-o rigorosamente contido nas premissas que os da república aceitavam. Mas um sentimento de orgulho, as delicadezas de certos gostos aristocráticos o repeliam, sobretudo quando lhe vinham à lembrança a Mãe e as irmãs. O Fernandes e o Caetano achavam o Simões um pouco exagerado, sorriam benevolmente, dizendo: - Isso não; até aí não vou. Decididamente o que mais agradava ao Honório era o racionalismo do

Caetano. A Razão! A palavra mágica apoderou-se logo de sua inteligência. Que é que distingue o homem do bruto? A Razão. Era, pois, o princípio, o fim, e o guia, o critério para medir todas as coisas. Tal doutrina estava de acordo com a Razão, era uma verdade, tal outra era repelida pela Razão, estava condenada. Era um critério abstrato e indefinível, maleável, capaz de adaptar-se a todas as inteligências, mas por isso mesmo satisfazia a sua vaidade, a erudição fácil bebida nos vulgarizadores. Rapidamente, embora em duros combates íntimos, Honório assimilava as ideias que o Caetano espargia, e passava do teologismo temperado para o racionalismo puro; e no dia em que julgou perfeitamente senhor da doutrina, achou-se mais nobre e mais digno.

Foi assim que o Honório de Miranda se iniciou na Filosofia.

H. Inglez de Souza.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. Iniciação. *Revista do Brasil*, São Paulo, maio-ago. 1916. V II, p. 244-247.

A condição dos índios no Brasil

A escravidão dos índios é mal antigo que parece, só se extinguirá quando lhe faltar o alimento e do território nacional houver desaparecido o último aborígene. A história do Brasil colonial, em grande parte consiste na luta entre os colonos, agindo em nome das necessidades da lavoura, e os jesuítas, protetores dos índios em nome da humanidade e da religião, tal como nos últimos anos do 2º reinado se travou o combate entre os grandes fazendeiros de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro e a falange abolicionista que forçou a promulgação da lei de 13 de maio. Menos felizes, porém, do que os seus companheiros e substitutos no trabalho servil, os índios não encontraram o seu Euzébio de Queiroz, o seu Paranhos, o seu Joaquim Nabuco; não tiveram parceiros como Luiz Gama e José do Patrocínio, um contrabandista audaz da liberdade como Antônio Bento, nem para eles as jangadas, deslizando sobre os verdes mares, abriram as grandes velas como lábaros libertadores. Ao passo que a luta pela alforria do negro foi rápida, brilhante, decisiva, terminando por uma simples lei votada, sancionada e promulgada entre aplausos, flores, abraços e alegrias, a situação dos caboclos permaneceu inalterável diante da geral indiferença, erguendo-se apenas, de longe em longe, alguma voz isolada, logo acoimada e fantasista e romanesca para lamentar a sorte dos infelizes abandonados à exploração e à cobiça dos brancos, sujeitos a duros trabalhos incompatíveis com as suas aptidões naturais ou deixados à degradação do embrutecimento.

Por que da analogia da situação das duas raças inferiores, uma que os conquistadores encontraram dominando a terra, e outra que os piratas negreiros aqui despejaram nasceu essa diversidade de tratamento e de interesse em detrimento daquela gente que a poesia de preferência idealizou? Talvez porque os negros povoaram a costa ou as zonas próximas, aos olhos do estrangeiro que gostamos de lisonjear, ao passo que vagando pelos sertões ou nas cabeceiras dos rios interiores, os índios só despertavam a curiosidade científica de algum explorador europeu ou americano; ou, quem sabe, porque a escravidão do negro estava escrita na lei e a dos índios é costume e fato, e a nossa hipocrisia se contenta com o invocar o direito para honra da civilização, pouco valendo que a lei se execute ou cesse por desuso. Dir-se-á que se trata de uma raça inferior, indigna de interesse e que deve ser esmagada na concorrência vital, segundo a teoria darwiniana que Von Ihering, o jurisconsulto imperialista, pretendeu implantar no terreno do direito?

Entre os primeiros colonizadores foi grande questão se o selvagem brasileiro devia ser tratado como homem ou como besta. Segundo o padre Simão de Vasconcelos [...] só os idiotas como os letrados chegaram a ter para si que os índios da América não eram verdadeiramente homens racionais nem indivíduos da verdadeira espécie humana, pelo que cada qual [...] tomá-los para si e servir-se deles da mesma maneira que de um camelo, de um cavalo ou de um boi, feri-los, maltratá-los, matá-los sem injúria alguma, restituição ou pecado.

Tão arraigada andava essa convicção no ânimo dos novos senhores da terra sul-americana que nada menos foi preciso para abalá-la do que uma bula do Papa expedida a 9 de junho de 1537 depois de larga discussão no Tribunal do Sumo Pontífice, ouvidas as informações de uma e outra parte, e na qual se determinava que os índios eram homens racionais e livres da natureza. Mas da sentença pontifícia, se tirou o pretexto a uma ignorância visivelmente afetada por incompatível com as luzes do século do Renascimento, não impediu que os nossos avós se aferrassem à escravidão dos índios opondo uma resistência tenaz e invencível aos esforços dos Padres da Companhia e de alguns estadistas, que afinal cediam à grita levantada pelos colonos, dando-nos esse espetáculo de atos de sucessiva contradição e antagonismo, em que ora se atendia aos clamores dos jesuítas, ora, a bem da colonização e da agricultura se autorizava a guerra, a destruição e a escravidão dos índios, como ainda no princípio do século XIX as cartas régias de 13 de maio – ironia das datas! - 5 de novembro e 2 de dezembro de 1808 e de 1 de abril de 1809 mandavam declarar guerra aos botocudos de Minas Gerais e aos bugres de S. Paulo e levantar bandeiras contra os habitantes do sertão, visto que não havia meio algum de civilizar povos bárbaros senão ligando-os a uma escola severa que os faça conhecer os bens da sociedade. “Que todo o miliciano ou qualquer morador que segurar alguns desses índios poderá considerá-lo por 15 anos como prisioneiro de guerra destinando-os ao serviço que mais lhe convier”.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. A condição dos índios no Brasil. *A manhã*. Suplemento literário. Autores e livros. 7 set 1941.

O selvagem brasileiro

Não é um tipo antropológico inferior o selvagem brasileiro.

Descendente direto dos mongoloides americanos que fizeram a civilização americana, peruana e amazônica. Percorrendo as gravuras, que ornaram a obra de August Hamilton sobre a Coreia, encontram-se fotografia de crianças do povo que dão a ilusão perfeita de curumins brasileiros, e retratos antigos do Marechal Itamagata e do Marques Hirobumi tlo do belo livro de viagens de Felix Regamey, mostram a identidade dos caracteres de raça em homens principais desse povo que assombrou o ocidente europeu pela sua inteligência e pela sua energia.

Quer na contribuição que o índio brasileiro deu pela mestiçagem para a formação de alguns indivíduos contados entre os mais inteligentes e moralizados da nossa sociedade, quer no esforço direto que alguns têm posto ao serviço de certas indústrias, se demonstra quanto e de que valor será o prudente e avisado aproveitamento de um tal elemento na economia da Nação, além de por fim ao espetáculo degradante do aviltamento de uma raça em nome da ciência e da civilização.

Para isso se tem mostrado impróprios e inservíveis os antigos processos, e catequese pelo aldeamento obrigatório, religioso ou civil, dirigido por padres capuchinhos ou por tenentes-coronéis de índios, vistosamente fardados e notoriamente incompetentes, inconscientes mesmo da importância da sua missão. A passagem do estado nômade para aldeamento fixo não se pode operar facilmente, sem o estímulo de vantagens apreciáveis de pronto, e menos ainda com sujeição ao regime de escola ou de quartel que equivale para o selvagem a uma escravidão odiosa. Para permanecer num sítio e estabelecer moradia efetiva, o selvagem precisa de ser atraído por alguma coisa que lhe fale ao gosto aventureiro, que as ladainhas da missão, a regularidade, a monotonia das ocupações impostas contrariam, assim como o despotismo, as injustiças e os maus tratos do administrador repelem dos centros da civilização esses homens simples e acostumados à liberdade e à independência. Do modo de entender a catequese nas missões e aldeamento não provem missões a desproporções entre o resultado obtido e os sacrifícios de dinheiro, de tempo, de trabalho, mas um grande⁴²⁷ mal que é o aumento da antipatia do selvagem à catequese, sentimento que o transforma em hostilidade ao branco e ao mesmo índio aldeado.

⁴²⁷ No jornal está “prande”, provavelmente erro de composição.

O dr. Antônio Pitanga, no seu excelente trabalho com que sob o aspecto americano comemorou há cerca de 11 anos o centenário da Descoberta do Brasil, condenando o sistema até agora seguido pelo Governo na catequese e civilização de índios, e mostrando inexequível o projeto positivista de federação empírica das hordas fetichistas esparsas pelo território da República, indica algumas medidas que lhe parecem fáceis de por em prática senão para a solução completa do problema, ao menos para criar um “modus vivendi” com que se possa operar a civilização gradual do selvagem. A primeira medida a adotar é o reconhecimento legal do território necessário à existência dos índios pela delimitação de sesmarias correspondentes às terras por eles atualmente ocupadas, respeitando-se lhes a posse e o uso e gozo das riquezas naturais ali existentes; esta tarefa incumbe aos Estados, pois que lhes pertencem as terras chamadas devolutas e as das extintas aldeias que já a lei de 20 de outubro de 1887 transferiu às províncias. Mas logo se decretam penas contra as invasões a mão armada das sesmarias indígenas quer para hostilizar o selvagem quer mesmo para exploração dos produtos naturais e se declaram aplicáveis os artigos do Código Penal às violências cometidas contra a vida, a liberdade, a honra e a propriedade do índio, ainda que isso pareça à primeira vista escusado, porque a verdade é que ele até agora tem sido considerado fora da lei. Aconselha ainda o dr. Pitanga a criação de escolas de línguas indígenas e tabas ou aldeias livres, aldeamentos voluntários, em que se acolhem de preferência os velhos, os inválidos, as crianças e os adolescentes pacificamente chamados, e que virão a ser centros de atração e aproximação das tabas circunvizinhas, desde que o respeito severo da vida, da liberdade e da propriedade do selvagem tenha feito desaparecer a desconfiança oriunda de perseguições tradicionais.

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de. O selvagem brasileiro. *A manhã*. Suplemento literário. Autores e livros. 7 set 1941.